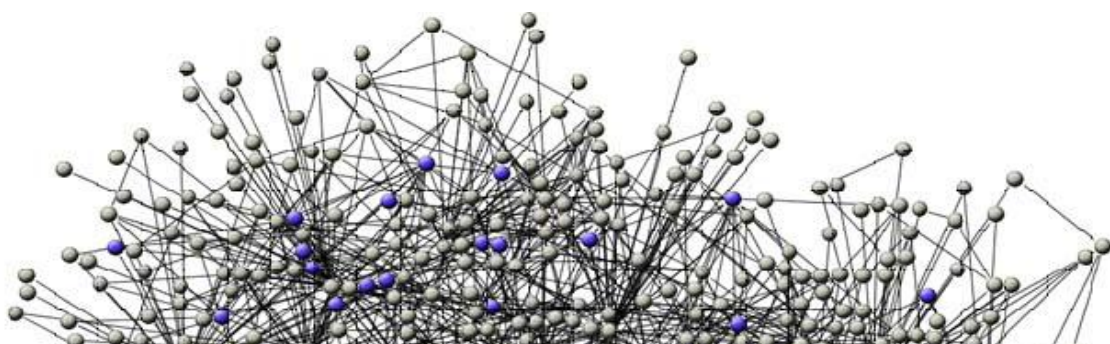
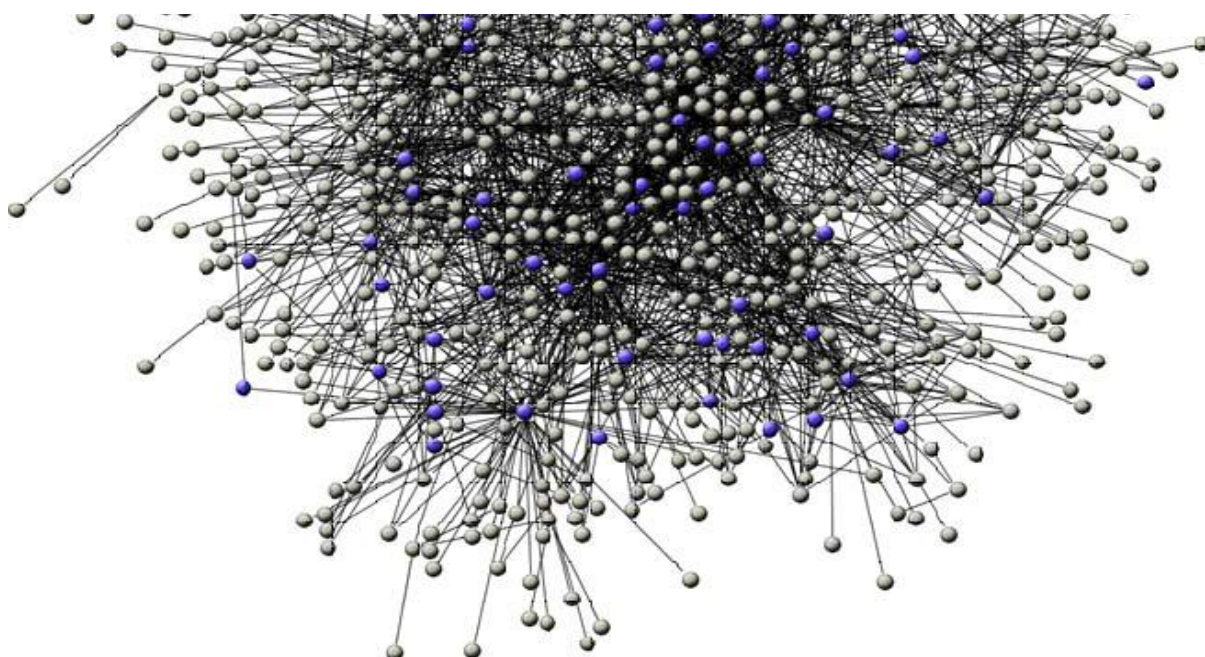


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDSON MACIEL JUNIOR**



**LUCIDEZ-EMBRIAGUEZ, MOVIMENTO E ARREBATAMENTO:  
HOMENS, [SEMI]DEUSES QUE PERAMBULAM E A EDUCAÇÃO  
MENOR NUM BAIRRO DE UMA REDE MUNICIPAL**



**VITÓRIA**  
**2014**

EDSON MACIEL JUNIOR

**LUCIDEZ-EMBRIAGUEZ, MOVIMENTO E ARREBATAMENTO:  
HOMENS, [SEMI]DEUSES QUE PERAMBULAM E A EDUCAÇÃO  
MENOR NUM BAIRRO DE UMA REDE MUNICIPAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação - Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação.

**Área de concentração:** Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas.

**Orientador:** Professor Doutor Hiran Pinel

VITÓRIA  
2014

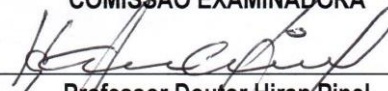
**EDSON MACIEL JUNIOR**

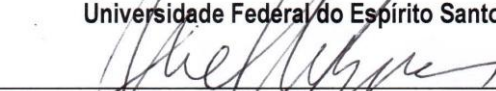
**LUCIDEZ-EMBRIAGUEZ, MOVIMENTO E ARREBATAMENTO:  
HOMENS, [SEMI]DEUSES QUE PERAMBULAM E A EDUCAÇÃO  
MENOR NUM BAIRRO DE UMA REDE MUNICIPAL**


Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Educação.

Aprovada em 31 de março de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Hiran Pinel  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Aldo Victório Filho  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Rodrigo Gueron  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## DEDICATÓRIA

À Ziuza Moret Pio Maciel (34 anos de proximidade) que também tem me emprestado o seu olhar, sua escuta, seu afeto e canaliza sua intensidade conectando-a ao meu corpo – encontros intensos e alegres, que têm produzido [des]estabilizações, deslocamentos e produzido um devir-Ziuza.

Filhos e agregados: Caroline, Brandon; Priscila, Leonardo e Lucas – potências em diferentes dimensões.

A meus pais, Edson e Elenita (in memoriam), hoje, atualizado, sei que há deles em mim.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese também é resultado de um processo coletivo. Desse modo, aqui então eu agradeço a diversas pessoas que de várias formas, às vezes mesmo sem saber, contribuíram para esta realização.

Aos meus filhos:

Ao meu filho Lucas Moret Pio Maciel – “a vida é curta e única enquanto isso a gente faz esse lance de “trabalho" pra tentar mudar o que a gente pode! E tem que olhar para ele como uma parte boa! Porque no final das contas, criar algo é uma das melhores sensações que se pode ter"! (Ele no Facebook).

A minha filha Priscila Moret Pio Maciel Lima – mais uma vez cuidou da minha escrita lendo os textos.

A minha filha Caroline Moret Pio Maciel – que me fará avô.

Aos meus familiares: genro, irmão, cunhados, sobrinhos que torcem por mim.

Ao PPGE/CE/UFES.

Ao Prof. Dr. Hiran Pinel – o orientador, pela possibilidade de chegar até aqui; por acreditar em mim, na complexidade, em seus quefazeres; próximo, mas, sobretudo que me permitiu criar as minhas próprias estratégias, possibilitando momentos de aproximação e de afastamento de forma a facilitar a minha busca de significados, tornando-a uma fase gratificante.

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço – por acreditar sempre, pela sensibilidade, pelo carinho, pela acolhida nesses anos no PPGE.

Ao Prof. Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros – por ter sido direta e franca; pela leitura atenta do relatório de qualificação, problematizou contribuindo na elaboração dessa pesquisa.

Ao Prof. Dra. Janete Magalhães Carvalho – pelo carinho e consideração.

A professora Dra. Ana Lúcia C. Heckert – alguém que sem saber pouco sobre a minha tese/pesquisa tornou-se amiga, cuidadora.

Ao meu amigo prof. Olimpio Gava (rede municipal de Cariacica), amigo do peito. Pelas longas conversas ao telefone e nas trocas de ideias.

A prof. Isabel Cristina Torres Barreira (rede municipal de Cariacica), colaboradora, companheira de trabalho, sempre gentil e alegre.

As escolas, professores, estudantes e funcionários e moradores do bairro que, com tanta disponibilidade, hospitalidade e carinho, participaram deste processo e dispostos a ajudar a construir esse trabalho.

A todas e todos os agentes de saúde do Flexal II.

A SEME Cariacica que abriu a possibilidade de realizar essa pesquisa nesta cidade, nestes bairros; Profa. Célia Tavares pela aposta nos movimentos da educação e Prof. Saulo Andreon pela simpatia como me acolheu permitindo a continuidade da pesquisa e tornou-se próximo.

Aos Dionísios, Apolos e Pítias pelo privilégio do face-a-face que produziram devires.

## **EPÍGRAFE**

**Pensar uma região metropolitana  
Pensar uma cidade dessa região  
Pensar um bairro de uma cidade dessa região  
Pensar os moradores de um bairro de uma cidade dessa região  
Pensar as escolas que os moradores de um bairro de uma cidade dessa região  
frequentam**

**Mostre um povo como uma coisa,  
como somente uma coisa,  
repetidamente,  
e será o que eles se tornarão.  
Nkali – a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa,  
mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.  
(ADICHIE, 2009)**

MACIEL JÚNIOR, Edson. **Lucidez-embriaguez, movimento e arrebatamento: homens, [semi]deuses que perambulam e a educação menor num bairro de uma rede municipal.** 2014. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

## RESUMO

A tese afirma a vida por meio das biopotências que se manifestam em movimentações invisíveis aos olhos acostumados a permitir o ver, o julgar e o falar. Foca o tempo presente, na comunicação em redes, traz em si a potência de reatar a multidão, com a capacidade de sondar possibilidades mostrando o que antes parecia opaco e impossível. Perambular é ligar nas redes quentes de um bairro com/no/do território ao privilegiar o movimento, o processo, sempre caminhando pelas vias e conexões abertas, aposta estética-ética-política nos paradoxos sem superação e não hierarquizados. Toma como método de pesquisa-intervenção elementos de uma cartografia de movimentos e devires, traçando um perambular rizomático em que são problematizados a constituição do problema de pesquisa, que considera a construção do conhecimento diversificada, descentralizada e horizontalizada. Problematiza as práticas discursivas de si em suas relações com a biopolítica, a governabilidade e a biopolítica das populações. O que está(rá) rolando nesse bairro, no que foi chamado de criança, adolescente, escola, compor para que as coisas apareçam, junto com outros que vivem a loucura em duplas e trios. A tese é a possibilidade da existência de uma educação menor na periferia para as populações marginalizadas, muçulmanizadas. Educação menor, da sala de aula, do bairro, do cotidiano de professores, familiares e alunos. Educação que permite revolucionários, na medida em que alguma revolução ainda faz sentido na educação nesses dias. A educação menor constitui-se, assim, num empreendimento de militância, de professores militantes. Plano das afecções em que não há unidades, apenas intensidade. A tese fala do processo, de como reproduzir, ou não, os modos de subjetividade dominante, não se trata de medidas - "menor" ou "pequeno". Nesse sentido, é preciso considerar os efeitos de produção de subjetividade e a incorporação dos fatos à própria vida. A tese analisa movimentos instituintes buscando reconhecê-los em sua natureza contestatória e transgressora e ter conhecimento de como se organiza na escola e muito além dela. Discutindo a produtividade dessa coreografia do perambular, esboçamos movimentos que denominamos: estradas que levam a nada, além muros, encontros e composições, currículos perambulantes, afectos, rizomas, [des]caminhos e trilhas.

Palavras chaves: cartografia – escolas – bairros — educação – conhecimento e aprendizagem – Deleuze.



MACIEL JÚNIOR, Edson. **Lucidity-drunkenness, movement and rapture: men, [semi] gods that roam and lower education in a municipal district.** 2014. 150 f. Thesis (Doctor of Education) - Graduate Program in Education, Federal University of Espírito Santo, Vitória, 2014.

## **ABSTRACT**

The thesis reaffirms life through “biopotency” manifested in movements invisible to eyes accustomed to allow the sight, the judgment and speaking. Focus on the present time, in communication networks, carries within itself the power to gather crowds, with the ability to probe possibilities showing what once seemed opaque and impossible. Roam and connect the hot networks of neighborhood with / in / the territory to favor the movement, the process, always walking through the roads and open connections, an aesthetic-ethical-political bet without overcoming the paradoxes and non-hierarchical. Takes as a method of a research-intervention elements of a mapping of movements and becomings, drawing a rhizome that wander are problematized the constitution of the research problem, which considers the construction of the knowledge diverse, decentralized and horizontalized. Problematizes the discursive practices of the self in its relations with biopolitics, governance and the biopolitics of the population. What is (and will be) happening in this neighborhood, in what was called a child, adolescent, school, writes for things to appear, along with others who live the madness in pairs and trios. The thesis is the possibility of a lower education in the periphery for marginalized populations. Minor education, the classroom, the neighborhood, the everyday life of teachers, families and students. Education allowing revolutionary, in that a revolution in which education still makes sense in these days. The lowest education constitutes, therefore, a complex of militancy, militant teachers. Plan of conditions where there are not units, only intensity. The thesis talks about the process of how to reproduce, or not, the dominant ways of subjectivity, it is not action - "minor" or "small". In this sense, one must consider the effects of the production of subjectivity and the incorporation of facts to life itself. The thesis analyzes instituting movements seeking recognize them in their anti-establishment and transgressive nature and be aware of how the school is organized and far beyond it. Discussing the productivity of this choreography of wandering, we sketched movements that we call: roads that lead to nothing but walls, meetings and compositions, wandering curricula, affections, rhizomes, paths and trails.

Palavras chaves: cartography – schools – neighborhoods – education – knowledge and learning – Deleuze.

MACIEL JÚNIOR, Edson. **Lucidez-embriaguez, el movimiento y éxtasis: hombres, dioses [semi] que deambulan y educación inferior en un distrito municipal.** 2014. 150 f. Tesis (Doctorado en Educación) - Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Espírito Santo, Vitória, 2014.

## RESUMEM

La tesis afirma la vida a través de las biopotências que se manifiestan en movimientos invisibles a los ojos acostumbrados a permitir al ver, al juzgar y al hablar. Focaliza el tiempo presente, en la comunicación en redes, Trae en si la potencia de reanudar la multitud, con la capacidad de sondear las posibilidades, mostrando lo que antes parecía opaco e imposible. Vagueares conectar en las redes calientes de un barrio con / en / del territorio al favorecer el movimiento, el proceso, siempre caminando por las vías y las conexiones abiertas, apuesta estético-ético-político en las paradojas sin superación y no jerarquizados. El método de investigación usado es la cartografía de los movimientos y devenires, trazando un vaguear rizomático dónde son problematizados la constitución del problema de investigación, el cual considera la construcción del conocimiento diverso, descentralizado y horizontalizado. Problematiza las prácticas discursivas en torno del yo en sus relaciones con la biopolítica, la gobernanza y la biopolítica de las poblaciones. ¿Qué está(rá) pasando en este barrio, en lo que se llama de niño, adolescente, escuela, componer para que las cosas aparezcan, junto con otros que viven la locura en parejas y tríos? La tesis es la posibilidad de la existencia de una educación menor en la periferia para la población marginada, musulmanizada. Educación menor, de la sala de clases, del barrio, de lo cotidiano de los docentes, familiares y alumnos. Educación que permite revolucionarios, en la medida en que una revolución todavía hace sentido en la educación en estos días. La educación menor se constituye, por tanto, en un emprendimiento de militancia, de profesores militantes. Plano de las afecciones en las que no hay unidades, sólo la intensidad. Las tesis conversa sobre el proceso de cómo reproducir, o no, los modos de la subjetividad dominante, no se trata de medidas - "menor" o "pequeño". En este sentido, es necesario considerar los efectos de la producción de subjetividad y de la incorporación de los hechos a la vida misma. La tesis analiza movimientos instituyentes e busca reconocerlos en su naturaleza de contestación y trasgresión y estar al tanto de cómo éstas organizan en la escuela y más allá de ella. Hablar de la productividad de esta coreografía del vaguear, hacemos un boceto de movimientos que llamamos de: los caminos que conducen a la nada, además de paredes, encuentros y composiciones, currículos vagueantes, afectos, los rizomas, [des] caminos y senderos.

Palavras chaves: cartografía – escuelas – barrios – la educación – de conocimiento y aprendizaje – Deleuze.

## LISTA DE FOTOS E QUADROS

<b>Foto 1 – Prédio provisório - Arquibanteca</b>	<b>42</b>
<b>Foto 2 – Espaço para as aulas campais – Delfos II</b>	<b>57</b>
<b>Foto 3 – As percepções – aulas campais Delfos II</b>	<b>60</b>
<b>Foto 4 – As percepções – aulas campais Delfos II</b>	<b>61</b>
<b>Foto 5 – A maré - visita: escola com o projeto Mais Educação.</b>	<b>67</b>
<b>Foto 6 – Construção de casas de estuque baixo grau de consolidação..</b>	<b>73</b>
<b>Foto 7 – Vista da rua principal do bairro.</b>	<b>75</b>
<b>Foto 8 – Mangue do bairro</b>	<b>76</b>
<b>Foto 9 – Foto de Manoel Flávio R. Duarte - As casas e os prédios.</b>	<b>81</b>
<b>Foto 10 – Maré – Delfos II</b>	<b>85</b>
<b>Foto 11: imagem internet, Amapá, 2011</b>	<b>88</b>
<b>Foto 12 – O prédio da escola antes da reforma</b>	<b>90</b>
<b>Foto 13 – Prédio antes da reforma: visão do interior para fora</b>	<b>96</b>
<b>Foto 14: parte dos fundos; é o lugar da Educação física, mesmo depois da reforma.</b>	<b>96</b>
<b>Foto 15: cozinha antes da reforma.</b>	<b>97</b>
<b>Foto 16: o pátio interno, baixa iluminação</b>	<b>97</b>
<b>Foto 17: entrada – porta largas, fechadas estreitadas para controle</b>	<b>98</b>
<b>Foto 18: entrada após o portão principal</b>	<b>98</b>
<b>Foto 19 – Mapa do bairro</b>	<b>99</b>
<b>Foto 20: interior de uma das salas do prédio antes da reforma.</b>	<b>106</b>
<b>Foto 21 – Início da ocupação da área. Bairro morrado.</b>	<b>205</b>
<b>Foto 22 – Pessoas capinando o terreno para provável construção de casas.</b>	<b>205</b>

<b>Foto 23 – Primeira Missa da Igreja Nossa Senhora de Fátima.</b>	<b>206</b>
<b>Foto 24 – Avenida Nossa Senhora da Penha.</b>	<b>206</b>
<b>Foto 25 – Templo da Igreja Católica na Rua Principal</b>	<b>207</b>
<b>Foto 26 – Campo do Apollo. Estrela Futebol Clube</b>	<b>207</b>
<b>Foto 27 – Construção da residência da Senhora Elza na Rua 23 de agosto.</b>	<b>208</b>
<b>Foto 28 – Carinho de fruta de Odilon; “maçãs do amor” de dona Elza.</b>	<b>208</b>

## SUMÁRIO

---

---

### ***1 PERAMBULE APOLO - PERAMBULE – UMA INTRODUÇÃO 15***

---

*PERAMBULAR 1 – APRECIANDO MUITO AS ESTRADAS QUE LEVAM A NADA 22*

---

*PERAMBULAR 2 – UMA BEM ELABORADA DEPURAÇÃO MÍTICA – COMO SE CRIA  
UM PERSONAGEM CONCEITUAL 29*

---

*PERAMBULAR 3 – SAQUEI! TENHO QUE SAIR PARA ALÉM DOS MUROS 39*

---

### ***2 MUITO PRAZER, APOLO, DIONÍSIO E PÍTIA: DE UM [DES]ENCONTRO DE PLANEJAMENTO [DE]FORMA-SE UM TRIO 50***

---

*PERAMBULAR 4 – ENCONTROS DE UM CARTÓGRAFO 50*

---

*PERAMBULAR 5 – LUGAR PARA ONDE APOLO NÃO PENSAVA EM VAGAMUNDAR 54*

---

### ***3 A UNIDADE ESCOLAR: DIONÍSIO, APOLO E PÍTIA – O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO AQUI? 67***

---

*PERAMBULAR 6 – LUGAR QUE TAMBÉM TEM BELEZA 67*

---

*PERAMBULAR 7 – QUERO A LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS E A PROIBIÇÃO DA  
IGNORÂNCIA 77*

---

*PERAMBULAR 8 – TERRITÓRIO DE FORÇA, BELEZA, TRANSGRESSÃO E RISCO 81*

---

*PERAMBULAR 9 – TODOS OS NOSSOS FUZIS EM TROCA DE EDUCAÇÃO 88*

---

*PERAMBULAR 10 – CIDADANIA: QUEM NÃO TEM A PALAVRA FAZ USO DELA 99*

---

*PERAMBULAR 13 – ESCOLA/BAIRRO – PUXA PRA LÁ/PRA CÁ: VALORANDO 106*

---

*PERAMBULAR 16 – NOVAS FORMAS DE PODER NA ESCOLA? CERCADOS SÃO  
DERRUBADOS 126*

---

*PERAMBULAR 14 – MUROS SIMBÓLICOS – ESCOLA/SEME SEME/ESCOLA 136*

---

### ***4 O BAIRRO E A ESCOLA: PROFESSORES, DELEUZE E A UNIDADE ESCOLAR: UM ENCONTRO E UMA DANÇA ENTRE “A NORMA”, “O MACRO” [APOLINICIDADE] E O “ALEGRIA - ANARQUIA”, “O MICRO” [DIONICIDADE] 143***

*PERAMBULAR 15 – DIÁLOGO MAIS ABERTO POSSÍVEL COM PROTAGONISTAS E  
COM IMAGENS 144*

---

---

*PERAMBULAR 16 – SUBINDO A LADEIRA PARA A ESCOLA NUMA CADEIRA DE  
RODAS 155*

---

---

***5 OUSAR IMPULSOS INOVADORES E VIVER INSTANTES REVOLUCIONÁRIOS – O  
BAIRRO, A RUA, AULA, AS REUNIÕES 162***

---

---

*PERAMBULAR 17 – A IGNORÂNCIA EM DELFOS 162*

---

---

*PERAMBULAR 18 - O PA DO ADOLFO - PERAMBULANDO CHEGARAM AQUI 163*

---

---

*PERAMBULAR 19 - PA DO “ADOLFO” – TAMBÉM ESCOLA - AS REUNIÕES 166*

---

---

***6 AFETOS, ENCONTROS, DESCAMINHOS E ALGUMAS TRILHAS 174***

---

---

*PERAMBULAR 20 – UM ENCONTRO – MUITOS ENCONTROS 174*

---

---

*PERAMBULAR 21 - UM LUGAR: MUITAS HISTÓRIAS 180*

---

---

***7 DANDO UMA PARADA: INTERRUPÇÃO NECESSÁRIA 183***

---

---

***8 INVENTANDO UMA CONTINUIDADE 193***

---

---

***REFERÊNCIAS 194***

---

---

***ANEXOS 204***

---

---



Vagamundo, perambulando, se mexendo, boiando, mergulhando, circulando e crescendo na barriga do pensamento curricular, numa gestação desordenada, pura intensidade, superfície de sentidos, devir de orgasmos multiplicados misturando-se ao corpo da Terra numa ejaculação com o Universo, renascendo e recriando-se, ativa, ativa e revolucionariamente, vivem os Vagamundos, como grandes fetos na barriga do pensamento curricular.

## 1 PERAMBULE APOLO - PERAMBULE – UMA INTRODUÇÃO

sobre este [perambular] há bem muitos sinais [semata]:  
 que sendo ingênito também é imperecível.  
 Pois é todo único e intrépido; como incompleto  
 nunca era nem será (Fragmento B8, 2-5)

Apolo Dionísio estava em casa vendo pela décima primeira vez o filme *Perfume de Mulher* (*Scent of a Woman*, 1992)<sup>1</sup> e essa palavra perambular entrou pelos seus ouvidos a dentro. Ele assistiu também a versão italiana. São cenas dionisíacas que cruzam na cabeça de Apolo Dionísio. Comer, beber, cheirar, ouvir (bela música), dançar (tato) num restaurante maravilhoso com ambientes em vários níveis. É a cena do Tango. O tenente-coronel Frank Slade (Al Pacino) fala com Charlie Simms (Chris O'Donnell), depois de sentir o perfume de uma mulher nesse local, levanta pegando o braço de Charlie, manifesta o seu desejo de ir ao encontro dela, diz: “perambule”, Charlie. Uma experiência desastrosa antecedeu a este momento dionisíaco. Havia todos elementos para o prazer: comida, bebida, cheiros, conversa irritante, e o contato físico foi Slade avançando no pescoço de um familiar agressivamente. Slade planejava suicidar-se depois de fazer um roteiro que ele planejou linearmente. Após esse momento desastroso com familiares de Frank, ele e Charlie estão à mesa nesse restaurante. Charlie ainda não tem dezoito anos e pede uma cerveja que o garçom recusa servir. Frank mostra novamente que não aceita ser desobedecido. Consegue a cerveja para Charlie com toda sua argumentação autoritária e subversiva. Subitamente, sente o perfume de Donna (Gabrielle Anwar). Perambulam pelo salão até a mesa dela; ela está sozinha e Slade convida-a para dançar a música que é tocada: um tango. Donna diz que tem medo de errar e ele responde: “Tango não é como a vida [sua vida crua]. Se você erra, continua dançando. É isso que o faz tão fantástico” (*PERFUME*, 1992). Slade fala de sua vida parada, sem movimento, sobrevida. Nesta cena tão incrivelmente bela e envolvente, vemos Frank e Donna dançarem de forma magnífica. Sua sensualidade, sua paixão pela dança tornam este momento cheio dos sentidos do que há de mais vivo no coração de Frank. À noite, encontra uma outra

<sup>1</sup> *Profumo di donna* (no Brasil e em Portugal, *Perfume de Mulher*) é um filme italiano de 1974 dirigido por Dino Risi. Alguém que percebe a presença de mulheres através de sua fragrância. Um jovem militar foi seu guia através da bizarra jornada através do solo italiano, e uma bela mulher dar tudo para salvá-lo da autodestruição. O capitão vive obcecado com as mulheres, elas são o seu vício, elas são a principal apego a este mundo, as mulheres são o último vestígio do homem que ele era uma vez, e certamente uma mulher que vai resgatá-lo, ensinando-o a assumir sua nova função, e devolvendo a vontade de viver, que pode facilmente evaporar. O roteiro foi o mesmo usado por Martin Brest para a versão norte-americana de 1992, porém com final diferente e bem convencional, o que nos interessa particularmente a escola e o cuidado com o estudante. O filme italiano é um filme mundano, situações mundanas, mas com tratamento sensível que o diretor dá ao seu trabalho, é uma espécie de visão expressiva para as atividades mundanas diárias.



mulher e inebria-se com sua beleza e com o prazer que ela lhe proporciona, pois é obcecado por elas. Depois disso ele tenta dar cabo à sua vida. Charlie agora não mais o toma pelo braço, mas agarra-se a ele como que dizendo: nesse salão nós vamos perambular juntos. O filme, tanto o italiano quanto a versão hollywoodiana é um perambular intenso. Os protagonistas perambulam e aprendem e criam sentidos para si e para os outros. A cena que faz Apolo Dionísio chorar feito um bobo é a defesa que Slade faz de Charlie na escola:

Frank – Eu tive muitas experiências, sabe? Houve uma época em que podia ver. E vi garotos como estes, até mais jovens que estes, com os braços arrancados, as pernas esmagadas. Mas nada é mais triste que ter um espírito amputado. Para isso não há prótese. Pensam que estão apenas mandando este esplêndido soldado para casa com o rabo entre as pernas, mas eu digo que **estão executando a alma dele**. [...]

Mr Task – Sente-se, Sr. Slade

Frank – Eu não terminei. [GRITANTO E BATENDO NA MESA COM SUA BENGALA DE CEGO]. Quando entrei aqui ouvi as palavras, “berço de líderes”. Pois bem, quando o galho quebra, o berço cai. E caiu aqui. Forjadores de homens, criadores de líderes, cuidado com o tipo de líderes que estão formando. Eu não sei se Charlie fez bem ou mal em se calar [ele se recusava denunciar alunos que não eram seus colegas]. Eu não sou juiz ou júri. Mas posso dizer uma coisa a vocês: ele não trairá ninguém para garantir o seu futuro. E isso, meus amigos, se chama integridade. Se chama coragem. É disso que os líderes deveriam ser feitos. Eu enfrentei encruzilhadas na minha vida. Sempre soube qual era o caminho certo a seguir. Sem exceção, eu sabia. Mas nunca o segui. Sabem por quê? Por que era difícil demais. Agora aqui está o Charlie. Ele chegou a uma encruzilhada. Ele escolheu um caminho. É o caminho certo. É um caminho feito de princípios que formam o caráter. Deixem que ele continue sua jornada. O futuro deste menino está nas mãos de vocês. É um futuro valioso. Acreditem. **Não o destruam. Protejam. Abracem. Um dia vão se orgulhar. Eu juro** (PERFUME, 1992, **grifo nosso**).

Perambular verbo que lembra a Apolo Dionísio um fazer vagamundo, um currículo vagamundo (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 31ss). Currículo perambulante. Apolo Dionísio, Pítia<sup>2</sup> e outros foram pegos de surpresa pelos braços – forças efetivas que forçam, nesse lugar de professores a pensar de outro modo, pela criação de novos conceitos requeridos pela vivência no mundo da vida, não apenas no que se apresenta como possível, dando lugar a novas experimentações de vida. Apolo Dionísio e Pítia, são intercessores<sup>3</sup> um do outro (DELEUZE, 1992, p. 160) se apresentarão com mais medidas, mais a frente – e como se alguém lhes dissesse: – perambulem! Ou como vagamundear! Seria algo como consultar a um “oráculo no tempo sagrado” (BRANDÃO, 1995, p. 83) – gerar conhecimento de interesse (inter-esse), sob a égide do acompanhamento de processos de gênese da realidade de si e do mundo (PASSOS; EIRADO, 2010, p. 110); mapear os espaços-tempos num campo de fortes

<sup>2</sup> Personagens conceituais.

<sup>3</sup> Há outros que também são intercessores e formam essa polifonia: [...] O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles, não há obra. [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê” (DELEUZE, 1992, p. 160).

relações de poder da luta curricular. Aos poucos percebe-se as multiplicidades não-métricas, seus pontos em posição de singularidade, o que Apolo Dionísio e seus amigos puderam fazer, sentir, dizer, desejar, quais as suas vagas, as velocidades que percorreram, o seu andamento curvilíneo, o turbilhonar de seus fluxos, suas linhas diferenciais e fios subterrâneos do agenciamento universal, já sedimentado, cheio de rachaduras enormes, um convite – eles quiseram entender assim – a perambular, a vagamundear, para arrastar o que é praticado, abrir ou explodir. A cada avenida, estrada e rua que perambulavam de ônibus, carro, moto ou a pé e a cada entrada num prédio escolar da cidade de Tebas eles buscavam um “oráculo”<sup>4</sup> – entendiam que o bairro seria como o “Delfos”, ou a descida ao útero de “Delfos”, à “cavidade” onde se podia “profetizar”<sup>5</sup>. Delfos era um pobre vilarejo, cujos habitantes veneravam uma deusa muito antiga – Geia – a Mãe Terra; algo muito forte no Oráculo é o seu caráter pacificador e ético do deus que tudo faz para conciliar as tensões que sempre existiram ente as *poleis* gregas (BRANDÃO, 1995, p. 95)<sup>6</sup>. À semelhança do oráculo de Delfos, os bairros por onde Apolo Dionísio passa/passou são como ambíguas e curtas sentenças que nada mostram nem ocultam, apenas indicam, vaticinam. Muitas vezes hermético, enigmático, quem ali conviver está destinado a perplexidade e a incitar reflexão.

Apolo Dionísio e seus colegas viram e desejaram esse movimento e se inscreveram nele. A periferia (assim chamado por critérios inventados na economia, cultura e ciências sociais) é lugar onde facilmente Apolo mergulha. A materialidade que há nela é de Apolo conhecida e nele habita desde a infância. Nas periferias ele foi criado, sempre morou e trabalhou nesses lugares. O povo da periferia é o povo que Apolo ama. É também um público sincero; público que não precisa do rádio, da televisão, nem da capa da revista para lhe respeitar e admirar em sua ideia, então esse é um público interessante. Público de coração que vai lhe amar pelo que você é. Esta pesquisa foi construída ao longo de seis anos de trabalho de Apolo Dionísio na

---

<sup>4</sup> O uso dos nomes gregos: cidades, personagens, teatro e aspectos da religiosidade grega surgiu ao assistir uma das peças do Festival de Teatro de Vitória. Pítia já manifesta os seus cuidados. Foi ela quem divulgou o evento e organizou o encontro e nós fez ir para a fila para conseguir os ingressos. A peça foi como um oráculo para o nosso devir-amizade, devir-trabalho. Peça de teatro – em que havia Apolo, Dioniso e a vidente – foi numa peça de teatro que tal brincadeira tomou corpo. Foram Apolo, Dionísio e Pítia – uma peça grega que falava do destino dos seres humanos e a ação dos deuses.

<sup>5</sup> Recebendo a profecia seria interpretada de forma ortodoxa/apolínea ou pela presença marcante (por sua insignificância) e inexplicável de Dionísio em Delfos, o deus da transformação. Dionísio é a própria linha de fuga, não há nenhuma grande aventura narrada com ele; é um gênio coletivo; um deus de múltiplas faces; que não conhece fronteiras com vínculos profundos com o imanente; o menos político dos deuses gregos e sempre resistência e risco ao *status quo* (BRANDÃO, 1995, p. 98; 99; 115; 125).

<sup>6</sup> Em alguns momentos Apolo Dionísio passava por uma sessão com o professor Katharsios para um bom ritual de purificação – eram os momentos de encontro das equipes para trocas de experiências. O sentimento de não saber que rua tomar no “bairro” – isto é, o que fazer com esse currículo que deixava a todos perambulando e vagamundeando nisso que se chama escola? Que angustia (BRANDÃO, 1995).

cidade de Tebas. Possivelmente até por outras mãos. Por muitas mãos. Não existe problema onde não há curiosidade. E se compôs como uma cartografia no bairro Delfos II, na cidade de Tebas/ numa parte do mundo qualquer.

Apolo Dionísio não sabia para onde ia, sabia que estava na educação. Ele gosta de seguir os caminhos que se abrem a sua frente. É de sua índole derivar no perambular e depois voltar da deriva para o caminho principal e derivar de novo... e se perder. Perdia mesmo a direção, mudava de direção, e quando é interessante retomava o caminho ou achava outro caminho que se tornava principal.

E se o percurso não se dá sem desvios, o texto, para além do registro do perambular, não se produz no conforto. A vida de Apolo Dionísio está em tensionamento, produção de [in]tranquilidade, de brechas, rupturas. Apolo Dionísio precisava de forças nas pernas para entrar nos caminhos que aparecem, um exercício constante de problematização. A cada desvio, problemas que se produzem e anunciavam novas formas de pensar, imaginar, sonhar, falar, escrever, viver.

É preciso também situar a escrita. Apolo Dionísio valoriza a variação, a parcialidade, o particular e o variável. Aqui a história desse professor e outros são um certo percurso, de uma certa postura. O texto está situado em meio à inserção em alguns espaços, em meio aos percursos em alguns processos na vida de Apolo Dionísio.

Como professores de filosofia da Prefeitura de Tebas, Apolo Dionísio e seus dois colegas [e alguns outros] percorrem/percorreram diversas unidades de ensino e os espaços das ruas dos bairros por onde passaram. As escolas, as ruas, os espaços abertos e casas de moradores foram salas de aula. Em evidência: um sem-número de questões que emergem do perambular no cotidiano do bairro, das escolas e das famílias que neles vivem. Em cena: situações que convocam os moradores, professores, alunos a interrogar suas [in]certezas, que forçam e borram os limites disciplinares, que convidam à produção coletiva de estratégias. No corpo: [des]conforto, incômodo, cansaço, orgulho, euforia...

Experiências do trabalho na escola e bairro. Encontros para além dos muros [in]visíveis dessas unidades (os muros e as grades visíveis do prédio escolar não impediam muitos dos alunos saírem e entrarem. Em Delfos II os muros e grades [in]visíveis não eram impedimentos

significativos); que extrapolam o campo profissional e familiar. Ao sair para a rua Apolo Dionísio e seus colegas entraram no posto de saúde do bairro: um galpão que tinha sido um templo religioso; encontraram agentes de saúde que se tornaram companheiras (eram todas mulheres com exceção de um), pois antes deles, elas perambulam pelo bairro e sabiam “tudo”. Processos de formação que forçam os limites do instituído. Professores, estudantes, funcionários... Encontros com prescrição que não obedecem ao prescrito.

Como essas intensidades, essas negociações, constituem os processos de formação das licenciaturas? Como essas cores, esses ruídos se evidenciam nos processos de formação que escapam as leis da educação, aos currículos prescritos, às ementas, aos objetivos formalizados dos cursos de pedagogia e as licenciaturas?

Todas essas questões, talvez como se fossem a busca dos “oráculos de Delfos”, que é a polifonia própria das muitas vozes que se manifestam na educação. “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais” (DK 22 B93)<sup>7</sup>. Histórias de estudantes, de trabalhadores, de usuários da escola nesse bairro, Delfos II, chamado de periferia. De familiares, de amigos, de vizinhos... Impossível se fixar num só ponto da rede. Afinal de contas, o professor-trabalhador, o acadêmico-trabalhador, todos esses também são usuários da escola, também são familiares de usuários, também angariam amigos, também são gestores na medida em que circulam pela rede, geram seu trabalho, sua vida. Ensinam, aprendem... Inventam. Usuários-produtores, inventores da escola e da educação. Plano de afectos.

Formação como processo. Processos que emergem na experiência da vida. Permanente transformação. Inquietação. Borração de limites. Curvas sinuosas, [des]caminhos tortuosos, atalhos, subidas e descidas. Formação como aquilo que não se pode prever e, por isso, tornam pensamento e vida tão indissociáveis.

Assim pensa Apolo Dionísio falando consigo mesmo: profissional-de-educação-em-mim, usuário-da-educacão-em-mim, familiar-do-escolar-em-mim... Todos eles e muitos outros. Tudo isso e mais um pouco. Essa é a trama, parte da rede da qual emerge esta pesquisa. E as

---

<sup>7</sup> Apud BRANDÃO, 1995.

vozes do “oráculo” falam e agem de muitas formas: conservadoras, libertárias, anárquicas, [a]políticas, ideológicas, funcionais, estruturais...

A pesquisa geradora e o professor-pesquisador-cartógrafo-escritor foram contemplados com o apoio da Prefeitura Municipal de Tebas, apesar da crise econômica que vem enfrentando para perambular/pesquisar suas escolas e suas respectivas comunidades. Nesses anos foram disparados, em caráter extraoficial, precário, micro-político, molecular, uma intensa exploração no ambiente escolar, levantamento fotográfico (Apolo e seus colegas fizeram muitas fotos), explorações de campo e escrita de diários. O pesquisador-cartógrafo passou a frequentar, em período diferentes, diariamente, em dois turnos, várias escolas do município como profissional-pesquisador da rede municipal de educação; depois licenciado como pesquisador do curso de doutorado e mais tarde fora da rede apenas como pesquisador do seu curso de doutorado; nesses tempos/espacos, teve oportunidade de observar, entrevistar, realizar oficinas (alunos, família, líderes dos bairros, funcionários e professores), visitar famílias dos alunos, reunião com equipes de professores, fotografar e escrever um diário<sup>8</sup> e relatórios utilizados pela secretaria da educação como também por Apolo Dionísio. Foram os encontros que potencializaram a escrita. Um sonho: ser professor e pesquisador, e ter colegas que gostam disso. Apolo Dionísio gostava disso.

Todas esses diários e relatórios contemplam a espessura temporal dos devaneios perambulantes do pesquisador: a cidade, o bairro, a escola ressonando nele. Não são meros fotogramas impressos no cérebro, e sim ressonâncias mnemônicas, ritornelos, repetições existencializantes (GUATTARI, 1980). O pesquisador produz um corpo de dados que transversaliza memória, história e presente e o devir-pesquisador produz ressonâncias entre o inusitado e o atemporal. Da mesma forma que os pensamentos encontram lastro nas teorias que fundamentam a pesquisa, a construção dos dados empíricos apoiam-se em experiências “passadas”. O dado “bruto”, a experiência “por si só” é uma impossibilidade, é possível a escrita e a experimentação enquanto simulacros – com sua crítica e força libertadora.

Por tudo isso, atrás das narrativas dessa pesquisa, há uma aposta ético-política nessa intervenção – longas horas na observação de cidadãos comuns em suas rotinas mais banais.

---

<sup>8</sup> Cadernos de anotação manuscritos, textos e fotos digitalizados.

Agir eticamente significa se colocar como ponto singular de uma infinidade aberta de relações, sem que sua ação se ampare em normas que funcionam como formas a priori, impostas do exterior à ação. A reticularidade do ato ético é o que permite passar de uma dimensão normatizante para uma dimensão de amplificação do agir. A ética do cartógrafo é, portanto, uma ética transdutiva e transversal que se traduz na capacidade de transferência amplificadora e intensiva, na qual sujeito e objeto de pesquisa se apresentam como duas dimensões distintas, porém inseparáveis, de uma mesma realidade reticular. É também a inseparabilidade entre sujeito e objeto que anima a cartografia no duplo desvio que esta propõe ao processo de investigação do mundo (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2010, p. 106).

,Essa escrita, no fim das contas, reverbera nas experiências radicais do cartógrafo cujo platô dimensional é vivenciar/narrar/pesquisar a cidade, o bairro que Apolo Dionísio habita/habitou e os espaços que nunca visitou e/ou já visitou. Os processos inventivos do pesquisador/observador possuem algumas raízes profundas e pequenas ramificações em percursos incertos e intermitentes entre a filosofia, as ciências sociais, a antropologia, a sociologia e tantos outros devires e misturas que, todavia, eles ousam borrar os limites disciplinares, colocar saberes em conexão e interferindo uns nos outros. Amplia. Transversaliza. Insubordinadamente cruzam os campos disciplinares. Como atividade neurocognitiva, o pensamento racional e analítico, motor da interpretação teórica, desenha rotas no cérebro, caminhos magnéticos que vão estabelecer o escopo das observações, construir um território no qual os acontecimentos imprevisíveis do cotidiano da cidade, dos seus bairros, repousam e encontram forma. Pensamento, ideias, o fazer, dia a dia, escrita, leitura, vivência, estar-no-mundo, agir e reagir, intervir e contemplar são categorias, encontros felizes e infelizes, converter percursos lineares em percalços criativos. Tais lugares onde Apolo Dionísio viveu/vive, trabalha/trabalhou nesse contexto de observação e vivência, surge, em sua máquina filosófica, sociologia, antropológica, maquinica, como atrator caótico de experiências múltiplas. Ainda que eles possam viajar no tempo e no espaço, ao mesmo tempo o corpo, o agir, o pensar e sentir, estão presos a regras físicas, éticas e políticas. Kastrup (2010, p. 49) investiga essas vicissitudes daquilo que chama de “atenção cartográfica”: “O cartógrafo é, nesse sentido, guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais”.

## PERAMBULAR 1 – APRECIANDO MUITO AS ESTRADAS QUE LEVAM A NADA

Não sou do tipo de homem que tem a palavra  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
 Fui criado assim nos beirais dessa vida malvada  
 Ê, vida malvada  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
 Sou filho de um padre caído, banido do Éden  
 Que pegou na pinga e perdeu-se na vida com ela  
 Nunca tive sorte ou dinheiro, êta, vida malvada  
 Ê, vida malvada  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
 Tive um amor que queria minh'alma domada  
 Deixei-o como um ladrão deixa a casa roubada  
 Mais uma fronha molhada, êta, vida malvada  
 Ê, vida malvada  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
 Tô sempre com as malas prontas e a mula selada  
 Fiz da minha vida o percurso alheio às moradas  
 O meu destino na terra é uma rês desgarrada

Ê, vida malvada  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
**Aprecio muito as estradas que levam a nada**  
 (TEIXEIRA, 1980).

Ao pegar o ônibus para esse lugar, o professor Apolo Dionísio não sabia onde iria chegar. Cada rua, cada curva eram o “apreciar muito as estradas que levam a nada”. Um tremendo “nada” cheio de imaginações e expectativas de alguém “sem sorte ou dinheiro” na direção de um “amor que queria a minha alma domada”, isto é, o pensamento rizomático com suas relações de tensão e de complementaridade. Numa manhã de uma quarta-feira dessas, o professor Apolo e seus colegas fizeram a primeira visita à escola de educação infantil num bairro de Tebas e foram apresentados a colegas que ali trabalham por uma das assessoras da secretaria de educação que os guiou e os introduziu na escola. Foram recebidos com a lhanza costumeira pela direção e equipe técnica; eram duas professoras de longa data na rede: uma delas pedagoga e a outra coordenadora, depois ficou claro que a coordenadora era a segunda no comando e na liderança. Nos anos subsequentes, depois da Gestão Democrática ter sido implantada na cidade essa coordenadora ganhou a eleição e se tornou a diretora. Direção e coordenação eram pessoas do bairro.

Nessa comunidade Apolo Dionísio e sua colega Pítia iniciaram suas atividades como professorespesquisadores – pesquisadoresprofessores. Agora os professores Apolo e Pítia tem uma certa autorização e aquiescência da diretora e equipe técnica para trabalharem; começam

o trabalho. Apolo e Pítia nesse momento eram apresentados como pesquisadores instruídos pela secretaria de educação naquele espaço-tempo da escola e que conversariam com todo o entorno escolar. Apolo Dionísio começa aí a sua perambulação hora com traços apolíneos hora com traços dionisíacos. Ele pensa em andar pelo entorno da escola.

Um outro assunto levantado pela pedagoga [conceitual] está relacionado aos problemas sócioeconômicos enfrentados pela comunidade no [bairro], que é um bairro muito carente: os alunos enfrentam muitos problemas relacionados à ausência das condições básicas de higiene. Realmente, observei que os alunos do CMEI, sempre aparecem na escola com o uniforme sujo, as crianças têm muito piolho, sempre estão machucadas (pequenas feridinhas), na sua maioria vão para escola de chinelo de dedo e acabam ficando descalças no decorrer do turno. Estão excluídas de um processo concreto de acesso a saúde pública (Relatório de campo de Pítia).

Essas observações que tocam de imediato no território que eles pisam. Um movimento importante: descer ao fundo a “caverna de Delfos” para receber as profecias do oráculo<sup>9</sup>, e todo o movimento para entender as palavras entrecortadas e as muitas interpretações (polifonias) o que para Apolo Dionísio significa a habitação de um território (ALVAREZ; PASSOS, 2010, p. 135), para a construção de um território existencial com esse algo que é escola e sua comunidade e/ou a comunidade e sua escola (sentido da pesquisa).

Embora ainda se ignore a etimologia de *Delfos*, os gregos sempre a relacionaram com δελφύς (*delphýs*), *útero*, a cavidade misteriosa, para onde descia a Pítia [Pítia], para tocar o *omphalós*, antes de responder às perguntas dos consulentes. Cavidade se diz em grego στομιον (*stómion*), que significa tanto cavidade quanto vagina, daí ser o *omphalós* tão **carregado de sentido genital**. A descida ao útero de Delfos, à **cavidade**, onde profetizava a Pítia e o fato de a mesma tocar o *omphalós*, ali representado por uma pedra, configuravam, de per si, uma **união física** da sacerdotisa com Apolo. Para perpetuar a memória do triunfo de Apolo sobre Pítion e para se ter o dragão in *bono animo* (e este é o sentido dos *jogos fúnebres*), celebravam-se lá nas alturas do Parnaso, de quatro em quatro anos, os Jogos Píticos (BRANDÃO, 2003, p. 94-95). [**Grifo do autor**].

Um território cheio de cavidades misteriosas, de subjetividades fechadas sobre si mesmos que começam a desabrochar nas articulações dos encontros na escola, nos ônibus e nos papos pelos corredores e salas. A profa. Pítia já há bastante tempo é moradora do bairro vizinho e conhece vários dos que trabalham na escola; ela conhece os agenciamentos coletivos de anúncio. Então buscam fixar com esses dois novos estranhos os seus atributos: o como são eficientes, estão bem antenados com as necessidades locais e os que não o fazem é porque algum fator externo os impede. Todos na escola são envolvidos de forma alegre e eficiente – professores, funcionários, alunos e família. Quando Apolo Dionísio olha mais de perto pode

<sup>9</sup> Uma forma metafórica para a experimentação e o habitar os movimentos da vida e/ou a normatividade do vivo.



ver a maquinaria dos desejos sob fluxos semióticos, materiais e sociais cheias de conexões: sonhos (alguns já perdidos); [des]controle; ensino; religião; [des]conversa; fofoca; festas; fisicamente cansados, esgotados, exauridos. Sentimentos de: perda, [in]satisfação, [des]consideração, [des]interesse; ódio; amor; alta e baixa estima; [des]valorização; esperança. Falta de autonomia, de pertencimento e identificação com o local e um papel social da escola idealizado e abstrato. Apolo Dionísio e Pítia quando conversavam perguntavam como tais coisas faziam sentido para eles também.

As conversas por todos os espaços do prédio escolar apontam para os desejos: conversar e festejar com a família; ajudar no planejamento; apoiar o aluno; orientar alunos problemáticos; estreitar as relações entre a escola e a comunidade/pais; envolver o conselho tutelar. Os professores usam o discurso comum nominado “quadro de risco social” enquanto Apolo Dionísio observa que o bairro se apresenta como residencial, de trabalhadores. As falas recorrentes de carências econômicas, ausência de condições básicas de higiene, violência [usou-se o nome violência infantil], e exclusão do acesso a saúde pública são apresentadas como repetições e sem questionamento.

#### Fragmento<sup>10</sup> 1

Uma das professoras da escola, muito afável, numa conversa na sala dos professores, falou do Irismar. Era o momento do planejamento dela. Ela entende que Irismar apresenta um quadro que ela chamou de “baixa autoestima”. A partir de suas ações como professora e com o apoio da mãe obtiveram com ele algum resultado considerado por ela positivo; Irismar em outro momento chega para a professora dizendo: “que bom cheguei em casa e não apanhei”. A partir daí Irismar apresentou, o que ela chamou de “autoestima”<sup>11</sup> e melhorou o seu

---

<sup>10</sup> O prof. Apolo Dionísio adotou uma política construtivista, e nos seus modos de ser sendo cartógrafo buscou a atenção que permita acessar “elementos processuais provenientes do território – matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como **fragmentos** dispersos nos circuitos folheados da memória. Tudo isto entra na composição de cartografias, onde o conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade preexistente”. Apolo Dionísio, junto com seus amigos não adotaram, fugiram uma “posição relativista, pautada em interpretações subjetivas”, realizadas do ponto de vista deles como professores-pesquisadores (PASSOS; BARROS, 2010, p. 49).

<sup>11</sup> A tentativa de lançar mão da máquina tecnológica que apregoa o bem-estar ou, na linguagem neoliberal, a qualidade de vida e a tal autoestima, que está também a serviço deste biopoder racista que diz servir à vida (como dom, como tesouro) à custa da responsabilização do indivíduo por seus problemas, à custa da mortificação da maioria da população do planeta contribuindo para ações pontuais e a implementação de

rendimento e relacionamento com ela e com os colegas. A Diretora também ouve o relato e aproveita para afirmar e reforçar que os “problemas sociais eclodem na escola”. E assim ela falava com Pítia e Apolo Dionísio: início precoce de atividade sexual, uso de tabaco, álcool e/ou outras drogas; conflitos interpessoais e na convivência; atitudes nas relações com o outro e com o meio que favorecem a violência podem se caracterizar como situações de vulnerabilidade para aquelas crianças, demandas e desafios da vida nas relações com essas crianças. Apolo Dionísio pensou: essa tal “autoestima” parece a redução da vida ao contorno de uma mera silhueta. Uma zona intermediária para Irismar entre a vida e a morte: o sobrevivente (PELBART, 2006). Apolo Dionísio conversa com uma mãe bem ativa no seu relacionamento com a escola, moradora do bairro que diz; eu não sei sobre a potência que já estava nele desde o início; que responde ao gesto de carinho de uma professora e a mudança de atitude da mãe. Algumas professoras não compreendem a gente, diz, elas muitas vezes aceitam a cínica alegação que o mar de pobreza, em que as pessoas de menor poder aquisitivo navegam e naufragam, é causado por ocorrências e circunstâncias surgidas em face de desavenças corriqueiras e naturais, presentes no cotidiano das grandes cidades. Nada é natural, professor, diz ela.

\*\*\*

## Fragmento 2

O aluno Jonas disse para a sua professora: “minha mãe não sabe ler, mas eu como todos os dias”. Tal menino trabalha durante a tarde e noite em terminais de ônibus vendendo e comprando passe escolar (hoje não é possível mais essa negociação). Muitas vezes chega na escola com sono, o que leva sua professora a providenciar local e colchão para restaurar o equilíbrio dele, sua falta de sono. Sobre esse caso aquela mãe diz para Apolo:

O inimigo destrói sua célula, sua herança genética,  
dá o padrão da sua linha de montagem perversa.  
O peso, a altura, o modo que você raciocina,  
consequência da dieta sem proteína.

**Lembra o tempo da escola, na prova o zero,  
você não era burro, faltou leite materno** (TADDEO, 2006 – grifo nosso)

\*\*\*

### Fragmento 3

Pessoas com necessidades especiais no bairro – invisíveis dentro da escola; o menino que tinha laudo de esquizofrenia; foi elaborado por um saber-médico; os saberes de um clínico geral que desterritorializa o corpo “normal”, nem mesmo na perspectiva cartesiana ele tinha a formação médica para tal laudo; uma única opinião sobre o menino, e é reconstruído mitologicamente e metaforicamente num corpo-psicose. Conversando com o menino, o prof. Apolo Dionísio percebeu que era possível uma outra opinião, que um certo ceticismo diante do quadro produziria outros caminhos. O que a psicose chamada esquizofrenia determina na vida de um pequeno menino, que vive em Delfos II, cabisbaixo, retraído, com a mão na parede enquanto o Prof. Apolo conversa com ele? O quanto a vida tem de controle e improvisado nesse contexto?

Nesta política cognitiva a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador. Ela não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição (KASTRUP, 2010, p. 49).

\*\*\*

Dissimulação. Olhar com simpatia o mundo dos simulacros<sup>12</sup>. Interesses oriundos das forças sociais, sob a forma de valorações, sobrepõem-se à possível objetividade dos conhecimentos, de tal modo que as representações apresentam dois níveis: o da expressão manifesta, portadora de uma significação explícita, declarada: “nossa escola vive em harmonia” e o da expressão latente, portadora de uma significação implícita, oculta, não declarada: quando Apolo Dionísio percebe nas falas não ditas, quando está conversando com alguém, são interrompidos constantemente, ou tentam ocupá-los constantemente, falam sobre os outros quando ausentes. Há falas que revelam receios, dúvidas e maus entendimentos sobre a diretriz do trabalho de Apolo e de Pítia como professores da rede. Apolo Dionísio percebe uma falsa objetividade, apenas imaginada, idealizada, abstraída – a escola como uma família estruturada, professores dedicados, equipe unida; frases como “só trabalho com pessoas que pegam firme”; “procuro fazer o melhor” e assim por diante e ao mesmo tempo reclama-se do processo democrático de um concurso público, e até mesmo de um profissional que vem

---

<sup>12</sup> “Olhar com simpatia o mundo das aparências e dos simulacros. ‘Destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos que cria, que faz marchar os simulacros’ (Deleuze). Falsificar. Confundir o referente e a representação, o original e a cópia, a cópia e o simulacro. Desestabilizar a exclusividade do original, do real e do verdadeiro. Renunciar a desvelar, desmascarar, desmistificar (CORRAZA; TADEU, 2003, p. 13). Para Deleuze os simulacros constituem a diferença. O simulacro é uma maquinária, potência subversiva. A cópia é uma imagem dotada de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança.

cuidar de uma determinada área da escola (nutricionista, por exemplo), e constantemente, o sentir-se perseguida – tal fala é algo parecido com “jogando verde para colher maduro” para que surjam as linhas por onde se deseja caminhar.

Surgem fendas em tais conceituações e valorizações que referem-se a interesses de grupos particulares que existem numa cidade como Tebas e seus muitos bairros, geralmente grupos dominantes, detentores do poder, ou que já detiveram o poder, interessados em manter as coisas como estão ou como estavam, conservando as vantagens que possuíam (“queremos mudar” é uma fala ambígua, que permite a aparência e estampa metamorfose). Relações, micro relações de poder foram quebradas e novas máquinas precisam ser construídas. Tais pessoas se reorganizam para inventar novos regimes, para instaurar suas verdades antigas ou criar novas. Havia um interesse de colocar especificamente pessoas religiosas (especialmente as carismáticas) para trabalhar na escola, pois essa estratégia com seus desdobramentos, potencializavam práticas fundamentalistas eram entendidas sem questionamentos como solução na educação das crianças; desse ponto de vista, o mito, a religião, a arte, a ciência e a filosofia, quaisquer que sejam seus conteúdos, estão sempre abertos a essa produção do real. Uma tentativa de aprisionamento, da inscrição de poderes diversos sobre o corpo.

#### Fragmento 4

Pareciam avisos que deviam ser dados para alguém. Apolo Dionísio foi confundido muitas vezes com alguém que teria acesso direto com o prefeito de Tebas. Um dia uma senhora que trabalhava nos serviços gerais, no portão de entrada do prédio escolar, enquanto varria; horário em que os alunos estavam em suas salas, interpela o prof. Apolo e pede para que ele interceda por ela numa questão trabalhista. Apolo pensou: caramba, que tarefa que ela está me dando. Imaginava como ele chegaria ao prefeito, que era uma figura distante do seu dia a dia. Continuou a conversa; descobriu que ela tinha maiores e melhores relacionamentos com o prefeito do que ele. Ele inverteu o jogo; começou a pedir que ela intercedesse por ele e pelos professores quanto ao aumento de salário. Começou a brincar com isso. Sorriram juntos; ela tinha mais conhecimento e relacionamentos do que ele! Apolo Dionísio pensou que se ela assim pensava, por que não outros? Os tais “avisos” que o corpo técnico da escola estavam passando começaram a ficar claro para Apolo. Ele e Pítia podiam compartilhar e riam muito dessas histórias despertando a curiosidade. Era algo curioso.

Um dos recados foi quanto a um possível golpe na administração do prefeito. Algo parecido com uma interrupção. Um forte sentimento de que forças profundamente desagregadoras iriam anular as eleições ou “tirar” o prefeito. Isso já havia acontecido em Tebas. Concurso público para professores, os concursados acompanhando suas classificações pelos jornais, a secretaria de educação com prédio novo, equipamentos para escola, pessoas não moradoras de Tebas, oriundas de outras cidades, aprovadas em concurso trabalhando por ali; tudo isso parecia um [des]controle muito grande. Para os funcionários mais antigos de Tebas, isso produzia incertezas. Apolo ficou intrigado e curioso. Observações. Leituras. Conversas, ouvindo mais do que falando. A cidade possuía o que alguns denominaram em documentos públicos de Máfia municipal. Um prefeito morreu em um acidente de forma duvidosa – queima de arquivo; o outro conseguiu sobreviver a uma tentativa de homicídio, era nocivo a interesses de muitos outros. Denúncias entre autoridades municipais. Negativas por parte das autoridades judiciárias sobre receber peças de prisões, inclusive prisões em flagrantes, delitos graves. Delegados que causavam o furor dos deputados locais, ligados a lideranças, políticos de Tebas; vários eram acusados de serem mandantes de crimes, desvios de verbas públicas, advogados, promotores e juízes dando sustentação a todo esse [des]mando.

Apolo Dionísio “não sabia como”? Força de expressão. Ele sabia sim que quem lhe transmitia os recados conhecia/percebia (estava na pele, no corpo) bem todas essas tramoias que não eram ditas em alto e bom som. Foi o som mais “baixo e péssimo” de melhor qualidade de altura e nitidez que Apolo e Pítia ouviram. Não foi preciso falar nem mesmo a boca miúda. Gente que se relacionava com gente e que era parente, conhecido, amigo de pessoas próximas a tudo isso. A possibilidade de uma reviravolta na administração do novo prefeito não era impossível para aquelas colegas. Foi feito com outros. Então barbas de molho. Tentaram! Uma das primeiras tentativas foi a improbidade administrativa; foi usada.

Saúde e educação. Não podia ser outro o resultado. As verbas federais e estaduais para o SUS e para a educação, como o FUNDEF eram rapinadas por grupos que geriam a municipalidade.

Apolo Dionísio fica fervendo com isso. Um senso de justiça sobe forte na alma de Apolo. Sabe aquele desejo de ser palmatória do mundo – isso é forte. Ele fala com Pítia que deseja contar isso para gestores na secretaria de educação de Tebas. Pítia já conhecia os oráculos – sim e não; não e sim! Apolo e Pítia encontraram o sim e o não na forma de falar isso com seus

gestores. As “fervuras” de Apolo Dionísio ficaram somente como lenha numa máquina a vapor para movimento, não necessariamente nos trilhos.

## PERAMBULAR 2 – UMA BEM ELABORADA DEPURAÇÃO MÍTICA – COMO SE CRIA UM PERSONAGEM CONCEITUAL

Apolo e seus colegas começaram a brincar com os personagens conceituais operados na filosofia por Nietzsche. Com essa criação formavam imagens de pensamento e com isso traçavam o plano que habitavam. Não demorou muito para Pítia também formar imagens de pensamentos e traçar planos juntos com seus colegas<sup>13</sup>. Nesse encontro surgem os personagens com constantes [re]configurações. Curiosos esses professores, colegas buscaram na literatura e nos estudo da cultura clássica quem eram esses no território que os gregos instauram, como se desterritorializaram, sobre o que reterritorializaram e isolar tipos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 83).

Apolo seria resultado de uma longa caminhada da cultura e do espírito grego e particularmente dos mitos que possibilitam reconhecer em Apolo, por exemplo, um personagem conceitual da Grécia antiga que hoje já em roupas de gala, paramentado e etiquetado, não corresponde ao que foi em lugares e tempos da história grega. A cada lugar e tempo Apolo acumula um vasto sincretismo e uma bem elaborada depuração mítica (BRANDÃO, 2003, p. 84). Para Maffesoli (1985, p. 47) os deuses são como umas tantas manifestações dos diversos atributos da sociedade. Podemos compreender que esses deuses são um conjunto de relações. O divino é uma sociedade.

Distinguindo-os mitologicamente, temos: Apolo: para os gregos, como sendo o “deus brilhante da claridade do dia, revelava-se no Sol. Zeus, seu pai, era o Céu de onde nos vem a luz, e sua mãe, Latona, personificava a Noite de onde nasce a Aurora, anunciadora do soberano senhor das horas douradas do dia. Apolo, soberano da luz, era o deus cujo raio fazia aparecer e desaparecer as flores, queimava ou aquecia a Terra, era considerado como o pai do

---

<sup>13</sup> O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são seus intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 78).

entusiasmo, da Música e da Poesia. Deus da Música e da Lira, Apolo tornou-se, como consequência natural, o Deus da Dança, da Poesia e da Inspiração” (BRANDÃO, 2003, p. 57 - 64).

Dionísio: era o filho da união de Zeus com Sêmele – Eros e Thanatos são seus traços. Deus da contradição, da ambiguidade, oscila para o alto, explodindo em grandeza: é festivo, multialgre, carnavalesco, proporciona uma confraternização idílica entre seus seguidores que são arrastados para a mania, na comunhão feliz de uma idade de ouro reencontrada; e, ao mesmo tempo, para baixo, pois como deus do subterrâneo, mostra sua outra face, a das trevas: é terrível, cruel, vingativo e conduz aqueles que o negam para a confusão caótica de um horror aterrador (VERNANT, 2002, p. 235). “De um ponto de vista simbólico, o deus da mania e da orgia configura a ruptura das inibições, das repressões e dos recalques” (BRANDÃO, 2003, p. 140). O encontro com Dionísio é causador do delírio, do estado de transe, da mania, a exuberância da vida ao se encontrar com a morte, a loucura, enfeitiçamento, do rompimento das fronteiras da individuação. A torrente invasora do dionisíaco transforma-se em uma força que dissolve, abole, engole as fronteiras apolíneas, que se revelam muitas vezes artificiais, fictícias. O cerne das reflexões de As Bacantes, de Eurípedes, recai sobre Dionísio, que traz em seu bojo a dimensão da alteridade, do estrangeiro, da desordem, do caos – tudo o que Dioniso representa na vida humana e no cosmo. O que parece se distanciar do conhecimento, que sem medo se entrega aos instintos, à dança, à música, ao jogo, à alucinação, ao estado contemplativo, à transfiguração artística: o êxtase é uma máquina de desejos que reage a qualquer tentativa de educação dos instintos: uma vez sua individualidade quebrada, aquele que é possuído por Dionísio, o apolíneo é suspenso e aniquilado. Dionísio “produz uma desintegração do eu, uma abolição da subjetividade até o total esquecimento de si: um despreendimento de si próprio, a dissolução do eu no mundo, um abandono ao êxtase divino<sup>14</sup>, à loucura mística do deus da possessão” (MACHADO, 2011, p. 90-91).

---

<sup>14</sup> Um possível agenciador: o divino como potência, conforme destaca J. P. Vernant (apud LOPES, 2010 grifo nosso): “Os deuses helênicos são **Potências, não pessoas**. [...] Uma potência divina não tem realmente 'existência para si'. Ela só tem ser pela rede de relações que a une ao sistema divino no seu conjunto. E nessa rede ela não aparece necessariamente como um **sujeito singular**, mas também **como um plural**: seja pluralidade indefinida, seja multiplicidade numerada. Entre essas formas para nós exclusivas uma da outra – uma pessoa não poderia ser muitas -, a consciência religiosa do grego não estabelece uma incompatibilidade radical. [...] Segundo os momentos e as necessidades, a mesma potência divina será considerada na sua unidade, no singular, na sua multiplicidade de aspecto, no plural. [...] **A razão desse paradoxo, é precisamente que um deus exprime os aspectos e os modos de ação da Potência, não as formas pessoais de existência**. Do ponto de vista da Potência, a oposição entre o singular e o universal, o concreto e o abstrato, não interfere”.

A relação entre Apolo e Dionísio será de criação e potência, pois a incessante “luta” entre eles cria sempre coisas novas, por isso a identificação com a arte. A arte é a maneira pela qual o ser humano pode ultrapassar o que se produz no cotidiano. A união de Apolo e Dionísio enquanto forças simbólicas expressam potências da vida e da natureza. Daí resulta que Dionísio não possa viver sem os limites que Apolo lhes oferece ao transformar o mundo em arte. Um dos meios para se ultrapassar os “obstáculos” do cotidiano é através da experiência apolínea, por meio do prazer e da eternidade. Sem a produção da bela aparência, a vida se desqualifica, pois a bela aparência é, segundo Nietzsche, uma verdade superior. Em suma, o apolíneo e o dionisíaco são apresentados como saídas estéticas. Nietzsche pensa a vida como devir e como beleza, assim pode através do par conceitual apolíneo/dionisíaco descobrir as articulações do real. Com esse quadro é possível pensar o humano como uma sociedade: na indissociabilidade entre a pluralidade e o antropomorfismo do panteão grego apontam para essa forte possibilidade. O pensamento pagão não separa o divino do mundo; é no homem, na história e no mundo que ele apreende a ação divina, que ele decodifica seus sinais mais evidentes [...]. A lucidez é o elemento apolíneo de transfiguração que se introduz no dionisíaco para transformá-lo em arte. Apolo vem em auxílio do artista salvando-o do desejo de perder-se na vontade e de dilacerar-se no devir dionisíaco. Não ser um histrião das identificações, nem o frio doutor das distâncias. Portanto, surgem, nessa pesquisa, Apolo Dionísio, Pítia, e outros “verdadeiros agentes de enunciação. Quem são? Sempre terceiras pessoas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 79). Eles habitaram esse território existencial chamado Delfos II:

Quantos? Um. É muito pouco. Dois. Talvez. Muitos. É muito melhor. Celebrar a multiplicidade e a singularidade. A divisão ao infinito. “Sou grande. Contenho multidões” (Walt Whitman). “Como cada um de nós era vários, já era muita gente” (Deleuze e Guattari). “Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade” (Donna Haraway) (CORRAZA; TADEU, 2003, p. 13).

Surge esse personagem: Apolo Dionísio. Comprometido com o devir-educação das crianças e adolescentes está disposto a perambular pelas ruas e vielas do bairro; esse personagem – apolíneo, dionisíaco, oracular entusiasmado têm movimento incessante, o devir; e esse produz formas; através desse movimento, que atua, se locomove; o devir-educação, a vida que também está nesse lugar; vale dizer que não são frutos de uma produção da consciência. São conceitos [des]territorializados das adversidades cotidianas e transformados em problemas (que tendem ao infinito) e que ganham consistência; como intercessores dos problemas educacionais circunscrevem um perambular – o bairro com suas escolas. Nessa tarefa esses



professores, Apolo Dionísio, são plurais, pensam a educação tanto filosoficamente, sociologicamente como pedagogicamente o que leva esses profissionais para além da educação. Nesse mergulho no plano de imanência aprendem gostos, cheiros, tom de vozes, ritmo de muitos passos, texturas, afetos, modos de ser e com isso criam conceitos que brotam desses planos que produzem professores, pedagogos, coordenadores, alunos, pais/familiares, funcionários (merenda/limpeza), estagiários, bibliotecários, porteiros/vigias, técnicos da SEME, agentes de saúde e o “povo do desembolo”<sup>15</sup>, ...

Apolo Dionísio, Pítia e outros são um coletivo – o controle, o embriagar-se e o útero para onde descem buscando respostas. O êxtase e o entusiasmo da Pítia são dados pelo espírito dionisíaco (BRANDÃO, 1995, p. 99) – ela é uma espécie de conciliação ctônico-dionisíaco-apolínea. Sua êxtase e entusiasmo, a técnica seriam dionisíacas, mas o efeito era apolíneo (BRANDÃO, 1995, p. 100). Não se vê aí uma harmonia, mas uma abertura da história pela diferença entre Apolo (a forma) e Dionísio (a força), distingue-se no gênio grego estes dois elementos: o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco. É no entendimento de como esses dois mitos – Apolo e Dionísio – podem viver num mesmo período, numa mesma época ou, inclusive, nesse texto que se torna possível conceber a mutação dentro de um processo histórico, como bem delineou Deleuze e Guatari (1996), como “platôs que não constituem uma montanha”, como epicentros que se amalgamam e se sobrepõem constituindo uma cultura ao mesmo tempo que se excluem.

Encontro o Dionísio afirmativo/múltiplo e não o Dionísio interpretado na perspectiva da contradição/resolução. Penso a partir daí uma aproximação entre a experiência do trágico e a experiência da alegria no sentido da afirmação diferencial.

---

<sup>15</sup> Nesse complexo de relações sociais, culturais e políticas geograficamente configuradas, um poder de fato (configuradas por práticas sociais e de poder) se faz presente nessas comunidades de periferias urbanas, agora instado pelas oportunidades de negócios abertas pelo mercado das drogas e pelo mercado das armas ampliado com o processo de globalização que, assim, se mostra localmente perverso, sobretudo para a maior parte dessas populações pobres controladas pelo poder de fato e que envolve as instituições policiais e o crime de modo sistêmico. O desembolo são relações de forças não somente o poder de controle, mas se legitima impondo uma lógica de regulação do território que, ao mesmo tempo, consolida uma territorialidade paralela à lógica legal oferecendo segurança aos comerciantes estabelecidos. Legitimava-se, também, uma experiência de empregabilidade num contexto social em que as possibilidades de emprego são pequenas e, normalmente, as mais precárias; regulamenta o funcionamento do convívio e as relações no local. Caso aconteça algum problema a pessoa ou as pessoas envolvidas serão julgadas dentro do entendimento situacional e da interpretação de testemunhas oculares que, assim, assumem a co-responsabilidade junto com o “desembolo” da pena decretada para o bem comum. Como se trata de um setor “sob absoluto” controle do poder de fato ele se legitima a garantir esse interesse geral. Lógica do pavor, ainda que garantindo o prêmio! (PORTO-GONÇALVES, 2011).

## Fragmento 5

Uma tia na escola. Diomar – tinha fama de “barraqueira” e gostava da fama, tia de dois sobrinhos-adolescentes. Ela é agente de saúde no bairro. Um da sexta série e outro da sétima série. Ela sempre ia ao prédio escolar. Antes e depois de quase todos professores ali trabalharem, práticas antigas e enraizadas. O diretor deixou escapar que já havia pedido muitas vezes para que a “tia” não ficasse nos corredores e no pátio da escola. Desejos de controle. Ela interrompia a aula; chegava à porta e ficava chamando o sobrinho-aluno; falava com o professor e diretor, pedagogos e coordenadores. A vida escapa. Todos esses reclamavam da “ingerência” de Diomar. Diomar se faz em meio a fugas. Nisso tudo, nesse dia, depois de interromper mais uma aula, Diomar estava cercada de funcionários, e de outros pais que por ali já estavam. Pois bem, lá foi o prof. Apolo Dionísio interpelar a Diomar. Se deu mal, se deu bem. Cumprimentou; perguntou o nome; ofereceu ajuda assim – em que posso ajudá-la? Que vontade de controlar essa mulher. Essa frase soou para ela como: ele deseja por limites do meu perambular! Ela reagiu; Apolo ainda educado orientou: procure a coordenação que tratará do que você precisa. Então veio a pancada dela na frente dos presentes, um pequeno grupo, ela soltou: - professor “vai tomar no cu”. Caramba, tomou! A vida foi rápida. Rápido Apolo pensou. Replicou rapidamente: “eu vou tomar no cu, sou um viado, meu pai e um corno e minha mãe uma puta”. Diomar olhou para o professor e depois para o grupo e fez aquele gesto circular com o dedo indicador na têmpora, dizendo com o tal gesto – o cara é louco! Apolo foi possuído, embriagado com tanto xingamento que nesse momento riu muito. Passava por ela na rua falando o nome dela e dando um sonoro bom dia, ela respondia visivelmente desinteressada. Ela não deixou de ir à escola. A vida para Diomar é transgressão.

\*\*\*

É aí, precisamente nesse plano de imanência (Delfos II), que se produz a potência desses professores colegas. Personagem conceitual e plano de imanência se pressupõem mutuamente. Apolo Dionísio e os seus colegas remetem-se um ao outro e se conjugam, sem jamais se confundirem (DELEUZE, 2010, p. 85). Eles vivem, eles insistem (DELEUZE, 2010, p. 78).

Prof. Apolo Dionísio perambula... Se mete, gosta de controlar, relacionar-se politicamente – é próprio do espírito apolíneo. Chegou a ser confundido com alguém da SEME, e em outro

momento o virtual candidato a diretor da escola; faz pensar. Insistente. O prof. Apolo Dionísio também ri, diverte-se, chacota, permite-se a insanidade sem limites dionisíaca. Destrói pensamentos. Por sua vez profa. Pítia é observadora, sensível, dona do cuidado-atento e adorava chamar Apolo Dionísio de “maluco”. Muitas vezes Apolo estava cheio do espírito dionisíaco e outros professores e membros do corpo técnico estavam profundamente marcados pelo espírito apolíneo. O apolíneo sozinho não explica o mundo, não sendo uma alternativa a racionalidade, sozinho é insuficiente para compreender o mundo e a vida. Apolo sozinho funciona como mascaramento, encobrimento, parcialidade, ignorando o que não pode ser ignorado (MACHADO, 2011, p. 97). Em outras ocasiões, mas raras talvez, eram atraídos pelo espírito de Dionísio e marcado pela festa. Quando o espírito de Dionísio estava a embriagues era o riso, alto, sonoro; enquanto isso Pítia ouvia.

Juntos, movidos pela experiência dionisíaca escapam da divisão, da multiplicidade individual e se fundem ao uno, ao ser, é possibilidade de integração da parte na totalidade.

Já o dionisíaco, tal como se dá no culto das bacantes – cortejos orgiásticos de mulheres, vindas da Ásia, que, em transe coletivo, dançando, cantando e tocando tamborins, nas montanhas, à noite, em honra de Dioniso, invadiram a Grécia —, em vez de um processo de individuação, é uma experiência de reconciliação das pessoas umas com as outras e com a natureza, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade. A experiência dionisíaca é a possibilidade de escapar da divisão, da individualidade, e se fundir ao uno, ao ser; é a possibilidade de integração da parte à totalidade. Ao mesmo tempo, o dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, delimitação, calma, tranquilidade, serenidade apolíneas, o que se manifesta na experiência dionisíaca é a *hybris*, a desmesura, a desmedida. Do mesmo modo, em vez da consciência de si apolínea, o dionisíaco produz a desintegração do eu, a abolição da subjetividade, o entusiasmo, o enfeitiçamento, o abandono ao êxtase divino, à loucura mística do deus da possessão (MACHADO, 2005).

O dionisíaco no seu jubilar místico possibilita que as fronteiras da individuação desapareçam. “Nesse espírito desaparecem ou se atenuam ao máximo as diferenças entre masculino-feminino, grego-bárbaro, nobre-escravo, velho-jovem, louco-sábio” (MACHADO, 2011, p. 90). A presença do espírito de Dionísio é a quebra de delimitação, calma, tranquilidade, serenidade apolíneas e impõe um comportamento marcado por um êxtase, enfeitiçamento, frenesi sexual que destrói a família, força grotesca e cruel (MACHADO, 2011, p. 90-91). Desintegra o eu centrado, abole a subjetividade até total esquecimento de si, um desprendimento de si próprio, a dissolução do eu no mundo, abandono ao êxtase divino, à loucura mística do deus da possessão (MACHADO, 2011, p. 91). Onde o espírito dionisíaco penetra, o apolíneo é um devir-apolíneo.

## Fragmento 6

Apolo mora em Tebas. No alto do morro de num bairro do outro lado de Delfos. Lugares de população operária, pedreiros, “meio-oficiais” de pedreiros, encanadores, carpinteiros, mecânicos, vendedores, eletricitas, torneiros mecânicos, funcionários públicos, pequenos comerciantes, comerciários, pipoqueiros, salgadeiras, confeitadeiras, costureiras, cabeleireiras, manicures, empregadas domésticas, agentes administrativos. Pessoas que constroem suas próprias casas. E comum participarem de um evento chamado “bater laje” em suas casas ou na casa de amigos/vizinhos: hoje eu vou bater laje na casa do Zé Amaro. Areia, pedras (britas) ferro, cimento, tijolos, tábuas e escoras de madeira são comuns depositadas nas frentes das casas se espalhando pela rua com meninos brincando em cima e espalhando mais um pouco.

Areia, pedra, ferro, tijolos, gente. Grupos virando concreto, carrinhos de mão indo e vindo com areia, pedras, movimentos, ordens, casas. Casas sendo levantadas. Em quanto tempo Zé Amaro? Ferramentas, água, baldes, café, almoço, vida. Mistura cheia de coisas. Apolo Dionísio é feito disso. Matéria viva, repleta de intensidades, de histórias, de sons, de coisas. As pessoas que encontrou, que escutou, que viu, que não viu. A terra que pisou, que não pisou, que quis pisar. As músicas que ouviu, que dançou e que não dançou. Tudo isso constitui Apolo Dionísio. Tudo isso nos constitui. Tudo isso e muito mais. Substância heterogênea: feita a muitas mãos. Sem fôrma, sem fórmula. Inacabada matéria viva.

\*\*\*

O Prof. Apolo Dionísio – é um insano sem limites, [des]metido, paradoxalmente era cumpridor das regras estabelecidas pela municipalidade, mas dentro desses limites ele se [des]regrava, fugia das normas; o prof. Apolo Dionísio partia para as conquistas do corpo técnico da escola e os demais – era como um convite para a dança e a festa. Não acreditava na educação. Houve uma única vez em que o Prof. Apolo Dionísio se arvorou do controle, pois em sala de aula naquele dia os alunos estavam vivendo o reino da “[des]razão” e segundo ele a insanidade se dá no reino da razão. Então pela primeira vez o prof. Apolo Dionísio levantou a voz e foi acolhido. A força desse momento foi muito grande para ele.

Entre os risos e conversas na sala dos professores o prof. Apolo Dionísio afirmava a sua condição de filósofo – a condição do fazer nada. Em outros momentos Apolo Dionísio estava do lado de fora procurando o que fazer, ou fazer o que entendia ser sua condição, talvez

pensar a escola, observar, conversar e encontrar um caminho para um quefazer; Apolo Dionísio afirmava junto aos colegas na sala dos professores o não fazer do professor de filosofia; eram três colegas: contratados para fazer nada. O desafio exigia a coragem de mostrar para que veio; um guerreiro em luta que não tem medo de embriagar-se – o que um filósofo faz? Perguntava aos colegas. A resposta: nada. Então sagaz, Apolo Dionísio se apropriava da condição do senso comum e assumia o seu papel de filósofo assumindo o verdadeiro papel do filósofo, que é o ócio. Na escola ele e seus colegas precisavam do ócio para executar o trabalho.

O plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso (DELEUZE; GUATRARI, 2010, p. 52).

#### Fragmento 7

Num dado momento uma das coordenadoras do turno da manhã, na sala dos professores, na tentativa de resolver um problema que era cobrir a falta de uma professora numa turma, pedindo ajuda na solução imediata, entre várias falas ela decide e diz: - o professor Apolo Dionísio vai para a sala de aula. Duas das professoras ali presente, as mesmas que haviam conversado em tempos anteriores sobre o quefazer do filósofo reagiram: - ele não pode ir não! Os alunos vão devorá-lo. Segundo o próprio Apolo Dionísio, era proteção para quem não poderia ser perdido. Ele é um louco, e um louco tem que ser protegido de sua loucura. O não acreditar na educação que Apolo Dionísio comentava com Pítia em conversas era a educação formal que se tenta, a grosso modo, colocar “goela abaixo” sem observar o conhecimento que existe, por exemplo, no bairro, que ensina e marca também a vida da escola. Apolo Dionísio dizia – “a garantia que a educação tem dado aos alunos na periferia é a evasão escolar”. E continuava “para conhecer o aluno aqui no bairro é necessário perambular além dos limites (quaisquer), entrar no movimento, mudar sendo mudado e mudando; é o movimento além da sala de aula, é também trabalho de campo”. Delfos II é uma afirmação da educação como ela se “elabora, mas nas cidades e nas ruas, inclusive no que há de mais factício nelas” (DELEUZE, 2011, p. 271).

\*\*\*

Para o Prof. Apolo Dionísio, era “tempo de exaltar o espírito dionisíaco” (BACANTES, 2005, p. 211) que tomava todos os caminhos onde encontra “as Graças e o Desejo” (BACANTES, 2005, p. 220). Pulava muros com a força dionisíaca. A escola estava para além dos muros; as ruas e vielas do bairro tinham outras formas e conteúdos de educar; os limites do quintal da criança têm o seu quanto pedagógico; a escola que tem arrogância de ser a educadora do aluno (que não é uma criança idealizada); a escola é que tem a arrogância de educar a criança, no sentido de transferir o conhecimento da humanidade e a todo momento desafiada por mudanças bruscas muitas vezes imperceptíveis não sendo sobrecodificadas nem pelas linhas duras e nem pelas maleáveis. O espírito dionisíaco conclama a professores e professoras a reconhecer “a grande falta que lhe fazem minhas danças e meus mistérios” (BACANTES, 2005, p. 206). Vai às ruas do bairro. Fale com o seu aluno nas quebradas (qualquer lugar no bairro onde se possa conversar fora do prédio escolar e a casa). O que ele pensa? O que sente, quais suas frustrações, necessidades? Dionísio perguntava: - você já viu um barraco<sup>16</sup>? Então não sabe o que é uma periferia. A vida aqui resiste e descobre-se como virtualidade, imanência, potência (PELBART, 2006).

Falando dos deuses. A pregação apolínea ou do templo délfico é a sabedoria, o meio-termo, o equilíbrio, a moderação. Conhece-te a ti mesmo; sei que nada sei; o nada em demasia; o cuidado de si. A inteligência, a ciência, a sabedoria são considerados modelos divinos, concedidos pelos deuses, em primeiro lugar por Apolo. A serenidade apolínea torna-se para o grego, o emblema da perfeição espiritual e, portanto, do espírito (BRANDÃO, 1995, p. 96). Bonito isso – diz Dionísio – aí você, meu amigo, possivelmente não verá o barraco! Ele fala a palavra “amigo” numa tonalidade que Apolo ainda lembra perfeitamente da entonação e da harmonia. Apolo se quebrou no seu desejo de fazer um decalque; a lógica da reprodução.

O Prof. Apolo Dionísio é alguém que vai em direção ao povo. Apolo Dionísio buscava sistematizar o trabalho com o seu grupo (Pítia, mas as pedagogas e o diretor buscando informar e articulá-los com as ações planejadas). Eram as reuniões com pais, professores,

---

<sup>16</sup> O que é ver um barraco? Talvez Taddeo (2012, p. 532-533) responda: “transformou-se, uma proeza, fazer da escassez econômica, um sinônimo de má índole e os que se abrigam em casebres insalubres em áreas de risco, mais do que serem considerados cidadãos de segunda classe, carregam sob os ombros, a sombra da vadiagem, do banditismo e da promiscuidade. Os moradores de tais bairros não são considerados apenas pessoas de baixa renda. Na classificação generalizada da burguesia, eles são seres corrompidos, obscuros, pervertidos, ignorantes e extremamente violentos! Nessa ótica todos são burros, as mulheres são vagabundas e propensas a prostituição, os homens gângsteres em potencial as crianças pobres degeneradas, os negros ladrões, traficantes ou sequestradores, todo barraco é um depósito de entorpecentes e de armas e toda a favela é um ponto de tráfico. Isso se comprova com a estupidez do preconceito”.

alunos, líderes comunitários e até confecção de bilhetes e rápidos encontros de planejamento com as pedagogas, professores ou o diretor. Apolo Dionísio quando falava do seu trabalho dizia o que poderia fazer, da sua ocupação. Insistindo na relação hierárquica.

#### Fragmento 8

Havia um avô de um aluno da escola que sempre que podia ou que havia uma reunião na escola buscava prof. Apolo Dionísio para um abraço e alongava a conversa. Esse homem numa dessas conversas disse para o prof. Apolo: - o povo aqui desse lugar é o povo que eu amo. Eu vejo como pessoas muito sinceras, você não precisa estar no rádio, na televisão, não precisa ser capa da revista para ser respeitado e admirado em sua ideia, então, penso que esse é o melhor público do mundo. Público legítimo, o público de coração que vai lhe amar pelo que você é. Apolo Dionísio lembrou do acolhimento do jovem morador do bairro que trabalha numa loja do “shopping”; lembrou da jovem que acolheu Pítia que estava toda molhada, num dia de chuva, num outro bairro por onde Pítia agora trabalha.

\*\*\*

Pítia – sabe bem a extensão dos limites e a dimensão do cuidado; ouvia de forma profunda sendo o seu interlocutor o seu oráculo. Tínhamos que conversar com a Profa. Pítia que sentia nos seus modos de ser sendo um possível caminho, trazendo-nos sempre para o caminho principal no nosso perambular. Ela trabalha com o corpo como afectibilidade, fluxo, vibração, intensidade sendo impelida em outra direção, um outro jogo a se pensar (PELBART, 2006).

Apolo, Dionísio e Pítia ao mergulharem no caos (no recorte que fizeram – que funciona como um plano de imanência), são capazes de traçar, com dados extraídos de lá e jogados aleatoriamente sobre uma mesa, um mapa que permite criar um campo de visibilidades. Para cada dado lançado ao acaso, eles fazem:

[...] corresponder os traços intensivos de um conceito que vem ocupar tal ou tal região da mesa, como se essa se fendesse segundo os resultados. Com seus traços personalísticos, o personagem conceitual intervém, pois, entre o caos e os traços diagramáticos do plano de imanência, mas também entre o plano e os traços intensivos dos conceitos que vêm povoá-lo (DELEUZE, 2010, p. 91).

O prof. Apolo Dionísio e seus colegas criam conceitos sobre o plano e, simultaneamente, traçam o próprio plano, sem, no entanto, confundir as duas operações. Ao traçar um plano e criar sobre ele conceitos, eles encontram outros personagens que enrolam e desenrolam, onde os conceitos (um conjunto de singularidades) podem funcionar. Fecundidade, proliferação, invenção.

### PERAMBULAR 3 – SAQUEI! TENHO QUE SAIR PARA ALÉM DOS MUROS

O professor Apolo Dionísio ficava muitas vezes sem saber o que fazer na escola que trabalha: vagamundeei, dizia – vagamundeava (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 31-32). Ele continua: “saquei! Tenho que sair para o bairro, para além dos muros” – pensava; movimento que os demais colegas não fazem, devido aos seus modos de ser sendo endurecidos e aos modos de ser da escola e como ela se institui. Apolo Dionísio e seus colegas na escola estavam acentrados, a hierarquia não sabia como enquadrá-los, eram constituídos de platôs sem início e sem fim. Bem, isso o aproximou mais do diretor, alguém que se abre ao espírito dionisíaco<sup>17</sup>, e as pedagogas que se manifestavam como Pítias a busca do oráculo na “descida ritual as regiões subterrâneas” (BRANDÃO, 2003, p. 97), isto é, algum ritual acontecia tanto para os professores como para elas próprias no que concernem as práticas interiores da escola. Consultas a conta gotas: diferentemente das Pítias gregas, as nossas precisam sempre estar “vestidas” e “purificadas” para os rituais constantes (demandas constantes da escola). E a grande questão, como no templo de Delfos, é “se era preferível fazer isso ou aquilo” (BRANDÃO, 2003, p. 98). O espírito apolíneo sempre as possuíam e suas palavras saíam entrecortadas (uma polifonia de sentidos, compreensões e tradições), que eram recolhidas por todos (alunos, direção, professores, pais, funcionários) e toda essa polifonia oferecida, no caso, unicamente em prosa, eram as respostas, muitas delas equivocadas e devidamente interpretadas por muitos. Apolo Dionísio observava, são essas as respostas que rolam nas escolas para responder ao cotidiano. De qualquer forma, tais “oráculos” traduzem a vontade poderosa da escola e da comunidade, porque todos ali, é esse espírito – apolíneo de certo – que garante os processos e os modos de ser; perde seu vigor e deixa de ser uma expressão da vida, pois torna-se expressão da forma, da métrica e, conseqüentemente, da supremacia da

---

<sup>17</sup> A mania, a loucura sagrada, alicerçada no êxtase e no entusiasmo era inseparável de Dionísio (BRANDÃO, 2003, p. 99). Somente louco! Somente poeta! / Falando somente coisas coloridas, / falando a partir de máscaras de tolo, / subindo por mentirosas pontes de palavras, / por arco-íris de mentiras/ entre falsos céus/ vagueando, deslizando - / Somente louco! Somente poeta! (NIETZSCHE, 2007, p. 87).



razão. Os professores Apolo Dionísio e Pítia entraram aí bem no meio do caminho da descida do útero por onde as Pítias perambulam.

O caminho que a gente faz é mais ou menos o seguinte: é claro que nós temos conteúdos, que a gente pode desenvolver dentro da sala de aula. Mas na nossa proposta curricular nós não temos o objetivo de transmitir conteúdo pro aluno acumular, entendeu? (...) o que não significa dizer que a gente não tenha um tema pra desenvolver... Só que na hora de desenvolver um tema, por exemplo, drogas, ao invés da gente chegar na sala de aula e... (...) ‘pessoal, nosso conteúdo é esse, copie isso, é isso que vocês vão ter que aprender aqui’, nós chegamos na sala de aula e nós jogamos perguntas pra eles. Então nós perguntamos assim: ‘como é a sua família?’ (...) aí eles começam a falar e a partir do momento que eles começam vão falando, eles mesmos vão observando as contradições, as diversidades, e nós vamos procurando mostrar... Mostrar, não, desenvolver, agir de tal modo que os conteúdos surjam deles mesmos (...). (PAIVA, 2009, p. 225)

A conversa que segue realizada numa entrevista, dada por uma colega pedagoga de Apolo Dionísio aponta sugestões para se pensar a noção de pertencimento, presente desde as pesquisas elaboradas pelos professores Apolo Dionísio, Pítia e outros colegas do quadro das práticas de Filosofia e Ciências Sociais, bem como as relações macro-micro, molar-molecular, árvore-rizoma. Eis o oráculo de uma das pitonisas...

#### Fragmento 9

O prof. Apolo Dionísio em muitas ocasiões age com uma grande teimosia. Mesmo sabendo que podia fazer o movimento para fora do espaçotempo da sala de aula, insistia em entrar na sala de aula para realizar um teatro, por exemplo. Simplesmente os alunos e alunas não deixavam. Por que? O horário que seria usado era de uma “disciplina” chamada “aula vaga”. Se qualquer professor quiser arrumar uma boa briga, inclusive com pais dos alunos, é tentar fazer alguma coisa na disciplina “aula vaga”; por duas vezes Apolo tentou: na primeira ele outro colega conseguiram alguma coisa a “duras penas” e mais uma boa briga com uma mãe: eles mandaram o filho-aluno sentar, guardar o celular, acompanhar as atividades e não o deixaram sair da sala. Apolo Dionísio e seu colega ouviram, sim ouviram: “vocês não são meus professores”; “aula vaga” – esses foram os mesmos argumentos da mãe; na outra tentativa em outra turma estavam Apolo Dionísio e Pítia. Simplesmente os professores não conseguiram realizar nada; fazê-los ouvir; entrar na sala; ler alguma coisa; impediam uns aos outros de participar e por aí vai; era uma resistência sem fim. Apolo Dionísio saiu da sala retirando aqueles alunos que entendeu que, com suas ausências permitiriam a profa. Pítia

realizar alguma coisa e foi para o pátio com eles. No pátio, sentados à mesa do refeitório uma sessão de fotos (no celular) de alguns deles com um “três oitão” (arma de fogo de calibre 38 cano longo – uma arma que tem valor acima de R\$ 2.000,00). A conversa do prof. Apolo Dionísio foi sobre saber ou não saber atirar. Aí o papo rolou, fora da sala de aula num espaço/tema que esses alunos entenderam como “aula vaga” e como o currículo/conteúdo deles. Afinal, a gente ocupava um não-lugar de professor. Em outra ocasião Apolo soube que a maré a noite é o local de aprendizagem para uso de armas de fogo. Ficou curioso, queria assistir essa aula, sem ser o alvo é claro.

Prof. Apolo Dionísio comentou sobre tal assunto com Pítia. Eles foram conversando na caminhada até o ponto do ônibus, ou a conversa foi num carro, ou quando estávamos juntos e em momentos de planejamento; nessa conversa o “oráculo” que aumenta tensões manifestou-se – o fora estalou para o prof. Apolo Dionísio! Veio tão forte, era um oráculo em dose dupla. Apolo Dionísio viu duas Pítias. Por que você insiste em planejar todo o seu trabalho/ações dentro de uma sala de aula? Esse oráculo já havia saído da boca de uma professora colega da SEME e agora se confirma nas conversas com a profa. Pítia. Alguns professores, nos planejamentos tinham conversado com Apolo sobre livros-leitura e muitas vezes os três entravam num depósito cheio de livros, mal acondicionados que estavam mofando e sendo molhados. Livros da escola. Livros novos. Vários deles próprios, e para eles – os alunos. A escola estava funcionando num outro prédio em outro bairro de Tebas (prédio de Delfos em reforma), com todos os espaços tomados para atender os alunos – salas de aula; sem local para uma biblioteca; hoje no prédio reformado e novo a escola tem uma sala apropriada para a biblioteca e um funcionário; mas nesse momento, não. Então a biblioteca funcionou na arquibancada do prédio escolar – a arquibancada se tornou uma biblioteca – uma “arquibanteca” ou uma “bibliobancada”. Ali juntavam meninos, meninas e funcionárias. Muitos liam ali mesmo; levavam para casa e por causa dessa atividade fora de sala Apolo Dionísio entrava numa sala com um projeto de leitura em conjunto com a profa. de Geografia.



Foto 1 – Prédio provisório - Arquibanteca

Tempos depois Apolo Dionísio e Pítia encontraram-se numa festa, conversaram tranquilamente sobre esses momentos e Pítia lembrou de dois outros encontros bem interessantes. Eles agora estão em escolas diferentes; Pítia contou sobre dois encontros com dois alunos dos tempos da “arquibanteca”. Ela encontrou Sofia, ex-aluna no bairro Delfos II e agora moradora de outro bairro, justamente onde Pítia trabalha. Era um dia de chuva. Pítia estava toda molhada. Chegou em seu trabalho na garupa da moto de um colega professor. Dá-se o encontro e Sofia abraça, beija e celebra o encontro levando-a para a casa, oferecendo toalhas e roupas secas. Nesse movimento lembram-se das leituras de Manoel Bandeira, poesia; agora, Sofia no ensino médio. As marcas daqueles encontros diários na “arquibanteca” no prédio provisório onde funcionou a EMEF Zópiro de Atenas. Pítia fica feliz com o reconhecimento, acolhimento e apoio da Sofia. Um encontro feliz!

Apolo Dionísio lembra-se do filme “Entre muros da escola” (2008): há uma cena sobre leitura de livros no final do filme, quando o professor Marin, no último dia de aula, pergunta aos seus alunos o que aprenderam durante o ano. A resposta de Esmeralda chama atenção. Quando perguntada se gostava dos livros que lia no colégio respondeu que achava todos inúteis, que preferia escolher por conta própria. Então o professor pergunta: e qual livro que você leu e gostou? “A República, de Platão”, responde Esmeralda. A resposta não poderia ser mais surpreendente e significativa.

Esmeralda: Não aprendi nada.  
 Marin: Não dá pra passar nove meses na escola sem aprender nada. É impossível.  
 Esmeralda: A prova está aqui. Eu não aprendi nada.  
 Marin: Os livros que lemos, não aprendeu nada com eles?  
 Esmeralda: São todos chulé.  
 Marin: São o quê?  
 Esmeralda: Porcaria.  
 Marin: E algum livro que você escolheu para ler, por exemplo?  
 Esmeralda: Um livro que eu li? A república. O livro A república.  
 Marin: A República, de Platão?  
 Esmeralda: É...  
 Marin: Você leu isso? Como foi ler esse livro?  
 Esmeralda: É da minha irmã mais velha.  
 Marin: Ela estuda Filosofia?  
 Esmeralda: Não, Direito.  
 Marin: Então conte para nós, como é esse livro?  
 Esmeralda: Bom, tem um cara... Qual o nome?  
 Marin: Sócrates.  
 Esmeralda: Isso, Sócrates. Ele vai parando as pessoas na rua e perguntando: “Tem certeza disso que está pensando? Tem certeza disso que está fazendo?” As pessoas começam a ficar confusas e se questionar. O cara é muito bom.  
 Marin: E que tipo de perguntas ele faz? Sobre que assunto?  
 Esmeralda: Tudo! Sobre amor, religião, Deus, sobre as pessoas... Tudo.  
 Marin: Que bom que você leu isso!  
 Esmeralda: É, eu sei. Não é livro de vagabunda, né? (ENTRE, 2008).

Por que Sofia e outros colegas na EMEF Zópiro de Atenas<sup>18</sup>, considerados desinteressados, se interessaram pelos livros da “arquivanteca”? Esmeralda ao dizer que o livro de Platão fala “sobre tudo! Sobre amor, sobre religião, sobre Deus, sobre as pessoas”, é possível que Esmeralda se refira à necessidade de que a escola e, principalmente, seu currículo, organizado com base nos conhecimentos produzidos pelas ciências instrumentais, dialoguem com outras formas de conhecimento presentes na vivência cotidiana de pessoas como Sofia, como Esmeralda.

Neste caso, a referência a leitura de um texto filosófico aponta, de certa forma, para o resgate de práticas fundamentais ao movimento do pensar, que foram, de certa maneira, perdidas por muitos quando se distanciam da poesia, da filosofia e da literatura, por exemplo; e que a escola, por pautar-se nas chamadas ciências duras, reproduz em suas práticas molares. A escola em Delfos II, também concebida como instituição que construiria uma cidadania

<sup>18</sup> "Sócrates" toma como exemplo os persas. A primeira diferença está ao nascer. Quando nasce um filho de um rei persa, toda a Ásia o festeja. Os atenienses, queixa-se "Sócrates", não comemoram os nascimentos, não lhes dão importância, não lhes oferecem a menor atenção. Quando nasce um ateniense, nem os vizinhos ficam sabendo. Tampouco valorizam a criação (trophé) dos pequenos. Enquanto os persas disponibilizam os melhores eunucos e, aos 7 anos, põem os pequenos em contato com os cavalos e os levam à caça, os atenienses escolhem uma escrava de pouco valor para cuidar do recém-nascido; aos 14, os persas os confiam aos seus quatro melhores homens: o mais sábio, o mais justo, o mais prudente e o mais corajoso. A um só tempo, o pedagogo de Alcibiades foi Zópiro, o mais inútil entre os escravos de Péricles. No final das contas, entre os atenienses, a ninguém interessa o nascimento, a criação e a educação, salvo a um amante (KOHAN, 2003, p. 45-46).

universal e homogênea, conforme o pensamento durkeimiano<sup>19</sup>, está imersa num contexto de diferenças de várias ordens: religiosa, cultural, sexual, étnica etc, e quando apresenta seu currículo, como diz Esmeralda é “tudo chulé” (ENTRE, 2008). A menina Esmeralda, claramente inteligente, mas também provocativa, imatura, irritante, desbocada, e pouquíssimo interessada nos conteúdos da aula aponta para o que há de semelhante em Tebas e o filme. Quais e como os currículos e conteúdos seriam mais próximos e cheios de sentidos para a vivência dos alunos? O que Esmeraldo veria neles? Seria Esmeralda uma aluna possível em Delfos II?

O que em princípio Esmeralda traz e que incomoda talvez seja justamente isto: o fato dela existir, de já ter passado por alguma sala de aula na cidade de Tebas, e por ela o professor Apolo nada tenha feito. Entretanto, parece que o incomoda muito mais não é aquilo que a escola não vê em Esmeralda, é o que Esmeralda não vê na escola. O que os alunos em Delfos II não veem na escola? Ora, sempre temos suposto que a escola é o lugar do saber, do conhecimento, sobretudo o conhecimento por ela legitimado; portanto, lá esse conhecimento é valorizado, e quem o traz também amealha equivalente valor. E Esmeralda demonstra reconhecer o privilégio social de que um leitor de Platão usufrui: "não é um livro de vagabunda", ela diz. Esmeralda revela ser ao fim do filme - aqueles que estudam e leem sem serem obrigados - principalmente quando conhecem e discorrem sobre o que imaginamos ser a quintessência do erudito, caso de Platão e dos filósofos consagrados.

Por seu interesse pessoal pela leitura, Esmeralda, guardada a sua personalidade explosiva de adolescente, é a aluna que qualquer professor desejaria ter. Os mais céticos, diante desse fato, argumentariam que Esmeralda é uma personagem, não uma pessoa real; mas o professor François, ao conceber a trama do livro e do filme, certamente não a criou de sua imaginação: deve ter encontrado alguma Esmeralda em meio às suas turmas. Esmeralda, convenhamos, é uma pessoa possível. Todo professor já deve ter conhecido uma. Sim Apolo Dionísio conheceu algumas...

Lembram da Diomar, aquela com fama de barraqueira? Que nada! Ela trabalha no PA do Adolfo<sup>20</sup>; é agente de saúde, ouve vários *rappers* politizados, críticos (entre eles Eduardo FC, Racionais MC e outros), gosta de ler, tem pouco estudo escolar, mas manda muito bem

<sup>19</sup> As pessoas aprenderiam suas funções e cumpririam um papel orgânico na sociedade.

<sup>20</sup> Sobre o PA do Adolfo veja nota 57 mais adiante.

quando o assunto é educação e saúde; viu o filme *Entre os muros da escola* (2008); seus sobrinhos também viram o filme e num desses encontros pelas ruas e/ou no PA do Adolfo com Pítia e Apolo Dionísio, Diomar abriu a boca:

Como se faz isso: reproduzindo o bê-á-bá do raptó cerebral. Só de não reproduzir o tal bê-á-bá sórdido, já estão trabalhando a favor das mudanças sociais. Jamais foi ou será uma intenção do Estado, converter um excluído pelas desigualdades em uma pessoa que pensa por si própria, debate, questiona, se opõe, se revolta, analisa, pondera e manifesta ideias de justiça. Dentro do ideário de nossos reguladores comportamentais, os indigentes têm de formar um rebanho homogêneo e uniforme de cordeirinhos amansados, aptos para pastarem por toda a vida com seu temperamento dócil, sob as ervas daninhas das informações e dos dogmas pré-estabelecidos. Todos aqueles que não buscarem aprendizado em outras frentes, como a literatura marginal, estão condenados a fazer parte do time dos iletrados que detém a posse de um certificado de conclusão de ensino médio. O plano de controle se expressa no pedir para um estudante da 9º ano de uma escola pública estadual ou municipal escrever uma frase ou ler um texto (TADDEO, 2012, p. 106).

Nesse reencontro de Pítia com Sofia, sobrepõe duas cenas: a escola que ficou em outro bairro, distante agora; a rua, a chuva, roupas molhadas, uma oferta de apoio, interação, se relacionam – ali está a vida!

Pítia encontra-se com outro aluno, Nicolas. Eles estavam numa loja de departamentos em Vitória. Encontram-se. Nicolas manifesta alegria com sorriso largo, imediato reconhecimento, fala alta. Pítia não se lembrava mais do Nicolas. Ele identificou-se desde logo: - sou eu, Nicolas do Zópiro de Atenas, leeeembraaa?! Entre uma conversa e outra, ele afirma: professora naquela época eu lia muito. Afirmou: - eu vivia constantemente lendo os livros que você tinha naquela arquibancada; e continua, eu sabia que a senhora tinha um livro com o registro das entradas e saídas dos empréstimos, então eu procurava saber quantos dias esse livro ficaria emprestado, ou eu via se já tinha passado do tempo de entrega; com quem estava, de que série era; ia a procura desse colega para pressioná-lo a entregar logo, pois o meu interesse por aquela leitura era tanto... que não dava para esperar, disse Nicolas. Ia ao encontro do colega no pátio, nos corredores, na sala e já antecipava a possibilidade de pegar o livro imediatamente ao término da leitura; depois corria até você e reservava também com você, lembra”? Pítia então pergunta: - você continua lendo? Ele responde que não; que a biblioteca da escola está fechada e que não há para ele mais incentivo para a leitura. Lamentável!

Lá vem a Diomar de novo exaltada conversando com a professora Pítia: é educação...

manter uma série de livros desperdiçados num depósito em detrimento de alunos que necessitam de informação e de acesso à história não oficial. Se o problema é o espaço físico, não seria simples levá-los às classes? Que burocracia estúpida é essa, que permite que crianças leiam apenas em determinado espaço. Será que se você não ler dentro de uma biblioteca, as informações não entram no seu cérebro? Isso, é só o aperitivo do ensino público que aprova alunos não por mérito, mas por frequência escolar. Do ensino público que dissemina o racismo, ensinando os alunos com material didático que exalta o europeu e inferioriza a ancestralidade africana e seus costumes. Do ensino público que aceita atitudes de discriminação. Crianças negras se tornam alvos de brincadeiras racistas, piadas racistas, atitudes racistas, e todos se omitem. Quando elas reclamam pros professores são aconselhadas a deixar pra lá, aceitar como se fosse natural ser colocado em situações vexatórias. Quando eu digo que temos que tomar o poder via congresso nacional, eu quero dizer que todos os dias os nossos filhos estão nas mãos dessas pessoas incapacitadas, que trabalham veementemente pra sua destruição. E alguns, marionetes dos boys, ainda falam que eu sou exagerado, que eu fantasio [...] (TADDEO, 2009).

Ela continua, profa. Pítia! Apolo Dionísio tá prestando a atenção? Eu indico a biografia de Malcolm X; todos aqui em Delfos deveriam ler, sem dúvida nenhuma eu indico. O leitor será capaz de perceber o quanto o acesso à leitura é transformador. “Verá que não há vício ou violência que resista a palavras num papel” (TADDEO, 2009).

Era uma trabalhadeira que professor normalmente não gostava de fazer; não é para gostar mesmo; todo o dia era aberto um depósito mofado, com pouca ventilação, Apolo Dionísio e Pítia, às vezes um apenas, um ou outro funcionário ajudava com prazer a pegar e recolher os livros; Pítia organizava a exposição por idade; Pítia especialmente, muitas vezes durante o dia lendo histórias com aqueles que tinham dificuldade de leitura e depois fazia perguntas sobre o entendimento da leitura; queriam modificar a história; se queriam que a história tivesse um outro fim... coisas que eram feitas – conteúdo e avaliação. Uma arquibanteca! Uma sala de aula.

Essa “arquibanteca” dobrou-se também e um novo espaço de leitura surgiu – “onibusteca”; ou melhor – uma sala de leitura. Esses tais ônibus que transportavam os alunos nos turnos da manhã e da tarde eram em torno de sete. Junto com ele, dentro dele, em cada ônibus vinham um motorista e uma monitora: duas novas funções numa escola. Agora a escola tem uma monitora que é também “pedagoga”, “coordenadora” e “professora”; elas e eles tinham que se reunir com diretor, pedagogos e coordenadores da escola; sincronização, controle, vigilância, acompanhamento e mais gente trabalhando com os alunos que mereciam a atenção da escola. O aluno saía do prédio provisório (bairro do outro lado de Tebas) e entrava num ônibus; ele era entregue pela coordenadora da escola a monitora até chegar no bairro – Delfos II; indisciplinas, respostas bem criadas e mal criadas, advertências, cuspes, rasgar os bancos,

quebrar os vidros, encher o saco do motorista e socar a monitora; no outro dia o movimento inverso: sair do bairro até chegar no prédio escolar. Uma aluna disse que esse movimento todo e mais a escola tinha vantagens e desvantagens: no prédio escolar de Delfos: a proximidade de casa e de várias formas eles matavam as aulas e iam para casa; salas boas e amplas e sem quadra; no prédio escolar provisório<sup>21</sup> as salas eram ruins, a quadra muito boa e não podiam cabular aulas. Como voltar a pé para casa? Com o tempo vários deles deram um jeito nisso: uma aluna ficou na quadra jogando, sentada, conversando durante todos os cinco tempos de aulas; outros conseguiam driblar as monitoras e iam para uma escola no bairro paquerar. Eles gostam da escola pelo espaçotempo do lazer e nele que produzem o conhecimento. Voltavam na hora certa de pegar o ônibus. Eles não perdiam a passagem.

Pois bem, Pítia conversando com Apolo Dionísio, porque essa jamais ela deixaria de contar, “aquele dia”; isso aquele dia em que o diretor, o homem estava tomado pelo forte espírito apolíneo, viajou num dos ônibus; viagens que já tinham sido motivos do que falar por todos – pais, parentes querendo usar os ônibus; pois, bem, continua Pítia, ele percebeu algo diferente; talvez tenha tentado deixar de lado a percepção, mas não pode, ela era muito forte – o ônibus estava muito silencioso; isso mesmo, repetindo para si mesmo – silencioso; que coisa! Não era bem isso que acontecia; até pagar vidro de ônibus para a tal empresa ele já havia feito – e agora aquele silêncio; uns dois ou três quebraram as janelas em dia de bagunça juvenil; mas aquele dia, Pítia repete celebrando, aquele dia todos estavam quietos! O que afinal está acontecendo? Os alunos estavam com livros em suas mãos; cada um deles estava com um livro nas mãos lendo e foliando e o diretor não se conteve e interrompeu a leitura de alguns para saber quem lhes tinha dado aqueles livros. Ele descobriu a “arquivanteca” e a mais nova sala de leitura da escola. Ônibus escolar também é sala de leitura. Também é escola! Pítia ainda dizia: essa eu conto para a Diomar!

Apolo Dionísio pensa que ali se potencializou muito mais o aspecto lúdico, do prazer, da gratuidade do encontro, da prosa, em que não se põe nenhum resultado imediato; é uma aposta micro-revolucionária: dos afetos e dos encontros potencializadores de alegria – cujos efeitos repercutem em outros espaços como algo distinto do que vinham sendo. Talvez nos espaços da família, dos pais com seus filhos. Assim, o devir que adentra o espaço de grupos desprovidos de força política permitindo a criação de novos possíveis, a atualização de novas

---

<sup>21</sup> Prédio alugado pelo período da reforma do prédio em Delfos.



potências. Transitar por onde não há modelos a imitar senão novas formas de vida a construir é o desafio a que nos convoca o filósofo: participar em devires-minoritários para inventar novas forças ou novas armas (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 13). O bairro, o corpo descobre-se como virtualidade, beatitude. O prof. Apolo Dionísio olha a política a partir de um outro plano, que não é a forma-Estado. O devir-minoritário. Seu olhar busca novos problemas que passam por devires minoritários, múltiplos, mutáveis e que escapam a toda a forma de poder-saber constituído. É uma linha de fuga traçada do padrão e como um militante agir, “cair na realidade” e nela realizar o seu ato de criação – um experimento-invenção.

## Encontro dos [semi]deuses



Assim como no filme *Asas do Desejo* de Wim Wenders será que há batalhão de anjos, [semi]deuses, velando pelas almas perdidas que sofrem e se desesperam em silêncio? São os que assistem às desventuras terrenas, mas não podem sentir as dores e alegrias humanas. Incólumes de sua condição divina, os dois deles tem o costume de observar o cotidiano das pessoas, são fascinados, principalmente Damiel, pela trivialidade da vida humana, numa cena inicial, por exemplo, ele narra como seria incrível ser uma pessoa de carne e osso: “chegar em casa depois de um longo dia e dar comida pro gato”. Estes seres espirituais tem o poder de injetar animo nas pessoas, com um só toque eles podem, por exemplo, fazer com que um suicida desista da morte. Damiel em dado momento encontra-se com um cineasta americano que está rodando um filme na Alemanha. Essa cineasta diz ser um ex-anjo que pode sentir a presença de outros seres alados, ele estende a mão para Damiel e de certa forma convida-o para a vida mundana. É nesse ponto que ele “cai do céu” (ASAS, 1987).

## **2 MUITO PRAZER, APOLO, DIONÍSIO E PÍTIA: DE UM [DES]ENCONTRO DE PLANEJAMENTO [DE]FORMA-SE UM TRIO**

### PERAMBULAR 4 – ENCONTROS DE UM CARTÓGRAFO

Apolo Dionísio é feito a muitas mãos. Humanos: heterogênea matéria viva. Tecidos vivos: tramas, redes, emaranhado de linhas. Linhas de naturezas diversas. Duras, de segmentos bem delimitados; maleáveis e linhas de fugas. Recortes de... recortes de nós. Linhas que vão de um extremo a outro estabelecendo sequências, definindo direções triplas. Fazem curvas, se embolam, misturam, se perdem. Apolo Dionísio e seus amigos são amigos do conceito, e são aqueles que criam e farão aqui nessa tese o conceito funcionar.

Apolo-Dionísio-Pitonisa-humanos [comunidade – plural]. Apolo-Dionísio-Pitonisa-produção [esses três e os outros se produziram]. Apolo-Dionísio-Pitonisa-forma, Apolo-Dionísio-Pitonisa-força, Apolo-Dionísio-Pitonisa-fluxo. Inacabados. [Des]medidos. Apolo-Dionísio-Pitonisa humanos e, precisamente por serem humanos, comportam tantas inumanidades...

Instituições, lugares, formas, modelos. A família e a escola. Bairro e a escola. O trabalho e o lazer. Polícia e bandido. Dicotômicas máquinas binárias: dispositivos de fixação de códigos e territórios. Relações de poder: “[...] pode-se até mesmo conceber saberes que fazem ofertas de serviço ao Estado, propondo-se a sua efetuação, pretendendo fornecer as melhores máquinas em função das tarefas ou dos objetivos do Estado” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 152). Cartografar a escola foi dobrá-la e desdobrá-la em seu contexto social, bairro, cidade, pois ela é uma das instituições modernas cuja responsabilidade é a transmissão de valores e conhecimentos da sociedade representada pelo estado e suas políticas. No entanto, o posicionamento das observações de Apolo Dionísio e seus colegas encontram-se na dobra entre o bairro e a instituição escolar com suas atividades – a gestão da direção e os líderes do bairro; a sala de aula e as famílias.

Assim, nesse espaçotempo entre contrato e controle, fluxos molares e moleculares atravessam o que se convencionou chamar de escola e o seus modos de ser sendo e se atualizaram na escrita dos relatórios, cadernos, fotos, gravações e filmagens que foram feitas, e porque não dizer na memória. Apolo Dionísio perambulou, foi um mergulho no bairro, na escola, ao

mesmo tempo em que tentava se enquadrar no esquema macropolítico e buscava a inserção em um projeto pedagógico da municipalidade.

Falamos, então, de um sentido de humano como produção, uma complexidade que se engendra como obra aberta. Uma humanidade que se constrói na experimentação, ou seja, entre a materialidade das formas humanas e a imaterialidade das afecções inumanas que nos compõem e se atualizam em práticas e modos de estar nos verbos da vida.

O prof. Apolo Dionísio é o espírito que compõem no grupo de professores também linhas flexíveis. Permitem desvios, produzem fissuras. Evidenciam as “loucuras secretas” que perturbam as linhas duras. O prof. Apolo Dionísio não imaginava um grande desdobramento que os encontro com os colegas produziria. Os porões. Conexões pouco visíveis. Afetos, intensidades, ruídos. Em outros momentos de sua vida Apolo Dionísio encontrou o espírito dionisíaco que o fez dançar<sup>22</sup>; e agora mais uma vez na vida de Apolo Dionísio ele encontra com o espírito dionisíaco o que permite a visão de horizontes, profundidades e intensidades.

Algo atravessava o plano de ação traçado na SEME/PMC e interrompe a fala prescrita nos planejamentos prescritos. Modos diversos, formas mutantes de ser. Local novo de trabalho, expectativas, o que fazer? Era uma mudança que Apolo Dionísio não queria fazer naquele momento. Nos encontros, no ver o outro face a face as linhas de um rizoma são puxadas e conectadas.

Aprender a pensar: não se tem mais em nossas escolas nenhuma noção do que isso significa. Mesmo nas universidades, até mesmo entre os eruditos da filosofia começa a extinguir-se a lógica enquanto teoria, enquanto prática e enquanto ofício. Lê-se livros [...]: não há agora a mais remota lembrança de que é necessário ao pensamento uma técnica, um plano de estudo, uma vontade de domínio – de que o pensar deve ser aprendido, como o dançar é aprendido, como um tipo de dança... [...] Em verdade, não se pode subtrair da educação nobre a **dança em todas as suas formas: poder dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; eu diria ainda que também se precisa poder dançar com a pena.** - Que é preciso aprender a escrever? - Mas neste ponto eu me tornaria plenamente um enigma para os leitores [...] (NIETZSCHE, 2001, aforismo 7, grifo nosso).

---

<sup>22</sup> A dança é, para Nietzsche (2001, aforismo 7), uma manifestação e extensão do pensamento, enquanto potência ativa, e não, simplesmente, uma consequência deste. Por esta razão o pensar deve ser aprendido como o dançar, como um tipo de dança.

Uma pausa: Prof. Apolo Dionísio assume ares professorais

Mas o que é um rizoma? Rizoma é uma imagem-pensamento trazida por Deleuze e Guattari (1996) constituinte de uma bifurcação com relação à representação-modelo árvore. Enquanto a árvore possui um tronco central, entrada e saída pela raiz e pelas folhas, o rizoma é uma formação reticular a-centrada, sem entradas nem saídas, um princípio conectivo. Nessa cartografia, seguimos o rizoma por conexão e heterogeneidade: “primeiro e segundo - princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo, quebra os processos rígidos de significação – ruptura assignificante. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 15). Dessa forma, não apresentamos os dados e os conceitos aos quais eles supostamente se relacionam de maneira cifrada ou codificada (processos lineares de interpretação teoria-prática) como frutos maduros que caem de uma árvore e dão origem a outras árvores idênticas. A cartografia para nós é uma viagem conceitual por fluxos assignificantes e pré-codificados de produção científica. Seguimos os traços do Rizoma.

O rizoma seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. A multiplicidade surge como linhas independentes que representam dimensões, territórios do real, modos inventados e reinventados de se construir realidades, que podem ser desconstruídos, desterritorializados. O princípio de *multiplicidade* afirma que o rizoma não mantém relação com o uno, como na metáfora arborescente, em que tudo parte de um único ponto e visa à objetivação ou subjetivação. O rizoma não admite sujeito nem objeto, “mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 16). Dessa forma, o rizoma defende a inclusão. Ele abarca os diversos pontos de partida, assimila e legitima os diferentes pontos de vista, em oposição à verdade única.

Os princípios de *cartografia e de decalcomania* mostram que os rizomas não podem ser modelados, seguindo estruturas ou assumindo pontos específicos que orientam o conhecimento. Eles são sempre esboços incompletos. Deleuze e Guattari falam de mapas. Os mapas norteiam, indicam caminhos, mas também requerem novos traços. Eles expressam algo por vir, um devir. Assim, os mapas podem ser revistos, rediscutidos, ressignificados, remapeados. Ao produzi-lo, estamos no plano da invenção e não mais no da representação.

Portanto, assim como o rizoma é sempre criador, mapear um acontecimento é um processo de invenção, em que se segue o devir. Cartografar é estar atento às maneiras que o desejo encontra de se efetuar no campo social, não importando, desta maneira, os juízos de valor de falsidade/verdade e do teórico/empírico. O prof. Apolo Dionísio, cartógrafo é, neste caso, um analista do desejo, que deve estar sempre atento às formas com que este se expande.

Entender a educação em Tebas na perspectiva rizomática, como um campo de construção de conhecimento requer, sobretudo, a compreensão de que em cada bairro existem diversas formas de conhecimento, e que elas dialogam entre si dentro de contextos históricos e sociais. Os conteúdos abordados criam conexões múltiplas com elementos de outros campos do saber. Mito, ciência, filosofia, artes, política, religião e senso comum se comunicam entre si e estabelecem redes interligadas de construção de conhecimento. Mesmo as ciências naturais, como a matemática, estabelecem relações com saberes de outras áreas, como as ciências humanas. Para Deleuze e Guattari não existem cópias, sobreposições perfeitas de ideias. Existem releituras, recriações a partir de algo criado. É o eles chamam de roubo criativo, em que transformamos os conceitos dos quais nos apropriamos para criar algo novo.

O rizoma é horizontalidade que multiplica as relações e os intercâmbios que dele se originam. A vida assim compreendida é um contínuo fluxo e refluxo, potência de interação e produção de sentidos.

\*\*\*

Quando chegamos lá no novo local de trabalho, O professor Apolo Dionísio então descobriu que haviam outras espécies de linhas que podiam ser conectadas. Sem direção. Imprevisível: é a própria ruptura. Sucção violenta, destino desconhecido. Inumanidades... Novamente o desabamento. Deslizamento de terra: perder o chão. É cair num buraco: outro mundo. Algo força e eis que o chão se abre e se é tragado. Da rachadura vê-se surgir algo que não conhecia. Força e fluxos. Algo desliza por ele.

Agenciamentos. Uma instituição com sua rotina para encarar. Aclive físico e emocional, velocidade lenta da subida, frio na barriga e corpo quente. Nesse primeiro momento a pergunta onde é esse lugar? Provisoriedade e imprevisibilidade. Expectativas, caminhos, e possíveis [des]encontros... Quem vamos encontrar lá? O diretor o prof. Apolo já conhecia de uma reunião. Um rápido encontro. Medidas e polidez dos primeiros encontros. Chegar num

lugar novo para Apolo é uma mistura de curiosidade do “por onde passar” para “onde chegar” com um “quem é que se conhecerá”. Os olhos de Apolo procurando observar tudo o que acontece nos terminais de ônibus, as pessoas entrando, entrando e depois nos bairros o movimento da manhã – escolares, trabalhadores, mães levando seus filhos, carros escolares – e a medida que se aproxima do bairro – gente descendo. Dois jovens entram pela porta de trás. Sentam; conversam; riem e depois soltam dentro de Delfos II e desaparecem num pequeno beco que depois Apolo Dionísio e seus colegas passariam tantas vezes subindo e/ou descendo. Nesse momento a curiosidade: onde será que isso vai dar? Caminhos. Não há garantias. A vida insiste. Juntos esses professores e o bairro com o seu movimento nos convocam a cartografar as linhas, percurso que se constrói passo a passo. Eles andam e correm. Retrocedem, mudam de direção, caem, levantam. Estão sempre a perambular e a inventar caminhos. Eles se fazem [des]caminhos. Apolo vira Dionísio e vira Pitonisa e se metamorfoseiam e seguem... adoram perambular. Juntos...

#### Fragmento 10

Apolo Dionísio e mais dois colegas já trabalhavam juntos e combinaram assistir uma das peças do Festival de Teatro de Vitória. Pítia já manifesta os seus cuidados. Foi ela quem divulgou o evento e organizou o encontro e nós fez ir para a fila para conseguir os ingressos. A peça foi como um oráculo para o nosso devir-amizade, devir-trabalho. Peça de teatro – onde havia Apolo, Dioniso e a vidente – foi numa peça de teatro que tal brincadeira tomou corpo. Amizade se desenhava como condição para que o pensamento se exercesse – uma peça grega que falava do destino dos seres humanos e a ação dos deuses.

\*\*\*

#### PERAMBULAR 5 – LUGAR PARA ONDE APOLO NÃO PENSAVA EM VAGAMUNDAR

O prof. Apolo Dionísio estava muito bem instalado numa outra EMEF em outro bairro da cidade de Tebas. Amigo do diretor; adaptado a escola; bom relacionamento com as pedagogas, mulheres experientes que conheciam bem o ofício – seus “oráculos eram muito bem pronunciados”; amizades; conhecido no bairro; adaptado aos horários de ônibus e já

sabendo usar bem os carros de transporte alternativo chamados de “carrinhos”; na época a passagem no carrinho era o vale transporte ainda em papel. Com isso, acomodado Apolo Dionísio não queria sair dali.

Com a chegada de novos colegas professores, o quadro de professores das práticas de Filosofia e Ciências Sociais da Secretaria de Educação de Tebas aumentou; novas equipes de trabalho estavam sendo montadas e novas escolas seriam atendidas. Foi criado pelo grupo critérios para esse momento, o professor mais antigo no posto passaria trabalhar com dois ou três mais novos, por isso então, o prof. Apolo Dionísio foi mudado de bairro e de escola para atender a tais exigências. Tentou permanecer; negociou, mas foi vencido; cedeu para uma colega que morava perto do bairro onde estava. Para Apolo, a locomoção para um lado ou para o outro, levando em conta o seu ponto de partida não faria diferença – a racionalidade prevaleceu para favorecer laços afetivos com a colega com a qual já trabalhara por dois anos. Composições, acordos, mudanças, invenção de critérios, conversa, discussão, contrariedade, chateação, líder com colegas novos, escrever, relatar fazia parte do trabalho de Apolo Dionísio. Ele pensava que usaria tudo isso um dia – guardava tudo que podia. Dessa reunião de escolha de equipes foi formado o trio Apolo Dionísio – Eleutherios<sup>23</sup> (colega com espírito fortemente dionisíaco) – Pitonisa (ou Pítia – como preferia chamá-la). Apelidos que surgiram nas relações, no perambular no bairro, no prédio da escola e da SEME. Apolo Dionísio ouvia Eleutherios já extasiado, nessa embriaguez soube de sua potência apolínea; então ele pergunta quem seria a nova colega? Conversando sobre essa história da potência de cada um, ou do olhar sobre a potência que movia os colegas, Apolo Dionísio e fixam o olhar em Pítia e percebem tempos depois convivendo que os oráculos estavam sendo transmitidos por ela, percebem que no meio do “corre-corre” da criançada, num mundo de vozes a cada dia torna-se Pitonisa, a colega.

Eles buscam experimentar o mundo ao invés de significá-lo, de representá-lo e de interpretá-lo. Apolo Dionísio busca uma linha no rizoma. Ele entende que sua experiência é rizomática e está num território em que muitos dos seus colegas professores, funcionários, pais também

---

<sup>23</sup> Dionísio era um deus de muitos nomes. Os gregos também o chamavam **Eleutério**, *Eleutherios*, “Libertador” (epíteto também aplicado a Eros). **Baco** (do grego *Bákkhos*) foi usado pelos gregos sobretudo em poesia e apareceu pela primeira vez no *Édipo Rei* de Sófocles e é de etimologia desconhecida. Dioniso também era chamado **Pirigenes**, *Pyrigenés* ou **Piríspero**, *Pyrisporos*, quer dizer, “nascido do fogo” ou “concebido do fogo”, ou seja, do raio de Zeus e **Tioneu**, por ter nascido de Tione, outro nome de Sêmele. (BRANDÃO, 2003). Escolho Eleutherios para falar da amizade entre colegas que se desenhava como condição para que o pensamento se exercesse.



puxam linhas desse rizoma, mas em seus entendimentos rolam o pressuposto do cogito, isto é buscam o “verdadeiro”, interpretam o mundo a partir do eu penso: “[...] aqui os pressupostos são implícitos, subjetivos, pré-conceituais, e formam uma imagem do pensamento: todo mundo sabe o que significa pensar. Todo mundo tem a possibilidade de pensar, todo mundo quer o verdadeiro...” (DELEUZE, 2010, p. 75). Por esse modo de pensar que Deleuze está descrevendo o prof. Apolo não quer navegar. Nesse percurso, com aclives e declives, Apolo Dionísio anseia por entrar no mundo dos homens, enquanto Eleutherios desliza e já começa puxar uma linha atrás da outra, saltando uma e pegando outra sem a preocupação quanto as interrogações, muitas delas apolíneas de qual será sua tarefa ali. Enquanto isso Apolo Dionísio quer encontrar no rizoma exatamente a linha da racionalidade. Por dentro ele está fervendo, mas segurando a boca do vulcão que tem dentro de si para não começar a falar tudo o que de antemão planejou nos encontros do grupo de Filosofia e Ciências Sociais. A curiosidade é como combustível para Eleutherios e para o prof. Apolo o desejo de encontrar os limites do território. Apolo, Eleutherios e Pítia – filósofos-professores.

O rosto e o corpo dos filósofos abrigam estes personagens que lhes dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos (DELEUZE, 2010, p. 97). Perguntavam uns aos outros que filosofias fariam ali? Um filosofar para um devir professor? Ou para um devir filósofo?

Amor pelo conceito, pela atividade conceitual ilimitada nela mesma. Potência do conceito. Invenção, transformação, permanente atividade de produção. Cada um deles começa a cartografar. Eleutherios é quem insiste em nos convocar a cartografar linhas que segue percorrendo, investigando, questionando, transformando, embolando... e nos convida para perambular. Certo dia Apolo chega na escola e Eleutherios sorridente conta que ele e a Pítia descobriram um local no bairro para realizarem as aulas campais. Isso “aulas campais” – pequenos acontecimentos, subversar. Esse é o lugar de Eleutherios. Na mata a dançar e saltitar e a todos levaria. Não haveria um “Penteu” no coração de Apolo, mas “Tirésias” a confirmar a pergunta de “Cadmo” que de toda a [escola], somente Apolo e Pítia [ela como uma bacante foi junto aos montes – o lugar é no alto de Delfos, acima da localidade do prédio escolar] dançariam com a descoberta e que – como disse “Tirésias” – Apolo entende que eles têm o bom senso e os outros [ainda] não (BACANTES, 2005).



Foto 2 – Espaço para as aulas campais – Delfos II

Linhas que constituem o dionisíaco-em-nós. Mas, como acompanhar os movimentos e intensidades que constituem o dionisíaco-em-nós na relação com os saberes, discursos, instituições, práticas que habitam o campo da educação? Que aparelhos? Que valores? Que encontros? Que ruídos? Que rebeldias? Algo sempre difere. Como difere? O dionisíaco sempre tomava o grupo e espírito apolíneo se enchia de alegria e tremor. Era algo que vinha do bairro trazendo à cena a multiplicidade de elementos que se encontram e se desencontram na contemporaneidade. Diferentes efeitos. Que forças são estas? Como compõem/decompõem?

Juntos com esses professores, alunos, famílias, funcionários, moradores e outros que rizomaticamente vem e vão, as linhas que compõem, em relação com os serviços, discursos, saberes... o quefazer da educação... Conversas, encontros e o quefazer de e com professores que se constituem num dado momento apolos e dionísios. Eram como linhas que se embaralham, formaram tramas e redes. Em vários momentos linhas que se romperam, que se ramificaram, que formam linhas rizomáticas. Uma ponta de receio ficava diante desses movimentos intensos. Muitas vezes achavam que as linhas eram retas e paralelas, mas como não viam o seu princípio, meio e fim eram embaraçados por elas.

Como professores, tentaram definir um caminho como quem se orienta pelas linhas de um mapa de uma região (chegaram a estudar as regiões). Porém o perambular não estava prescrito. O bairro para onde foram trabalhar riscou o mapa que tinham. Os caminhos foram sendo abertos. Possíveis. Tiveram que inventar caminhos, que fugir. Tiveram que perambular. Entrar nos atalhos, entrar em ruelas, subir/descer escadarias, jogar-se no mangue, despencar do desfiladeiro. Abrir caminhos e encontrar metas. Era muito estranho, pois diante dos colegas eram como professores que não tinham nada a fazer. O nada! Como o Prof. Eleutherios ria e dizia: quanta coisa tem o nada! Num certo dia, depois de uma aula ele foi em direção a Apolo sorridente dizendo: - está vendo aquela turma ali, ficamos cinquenta minutos conversando sobre o nada, eles não queriam que eu saísse de lá e continuam ainda falando sobre o nada. Nesse momento uma aluna vem na direção deles falando/perguntando/discursando sobre o nada.

Trata-se, então, de convocar conceitos que permitam acompanhar os movimentos, experimentar os sabores, sentir os cheiros do percurso. Conceito... E para que serve um conceito, afinal? Produzir saberes dominados, saberes eruditos, arrastados, pesados? Saberes profundos, refinados, estéreis? Saberes comuns, medíocres, inferiores? Superficiais, populares, simplistas? Enquanto Apolo falava, Pítia lembrava de uma fala de Diomar sobre a educação.

Mesmo com a educação convencional nos tendo omitido dados sobre os valores iluministas, o instinto de sobrevivência fez com que os nossos apelos reivindicatórios parecessem reflexões saídas dos textos de: John Locke, Voltaire, Montesquieu, Denis Diderot, Rousseau, entre outros. O que os protozoários nocivos que regem o Estado, [a municipalidade] não podem imaginar, é que quando a escola se nega a injetar ideias liberais anteditaduras nas cabeças de desprivilegiados, a lei das ruas o faz. É uma tendência natural! (TADDEO, 2012, p. 117).

Dionísio, Zaratustra, Cristo, os sacerdotes, os homens superiores... “Nietzsche renuncia aos conceitos. Todavia, ele cria imensos e intensos conceitos [...], bem como traça um novo plano de imanência [...] que subverte a imagem do pensamento (crítica da vontade de verdade)” (DELEUZE; GUATTARI. 2010, p. 79).

Afinal, para que serve um conceito, senão para operar, para produzir-se e produzir, ao mesmo tempo, mundo? Transformação, movimento, invenção: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas, é preciso que sirva, é preciso que funcione”. O conceito precisa estar vivo e não

tem sentido quando não é capaz de concordar com outros conceitos ou não contribui para a resolução de algum problema.

Teoria e prática não guardam qualquer relação de oposição. Elas vão se construindo e se misturando no decorrer de um processo, até que já não se saiba mais os limites de uma e de outra, ou quem deu o primeiro passo. As teorias vão sendo trabalhadas, quebradas, fragmentadas, emendadas no exato instante em que se constroem. Apolo Dionísio inventa, convoca à invenção de conceitos.

### Fragmento 11

Uma das aulas campais organizadas pelo trio Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia foi realizada com a turma da profa. Agnes (honestas e pura nos seus modos de ser professora), de 4ª série, turno vespertino, e o objetivo era trabalhar com os alunos os cinco sentidos e associar a atividade ao pensamento platônico. Para realização desta tarefa fora enviado aos pais, bilhetes solicitando autorização para que seus filhos pudessem participar da tarefa. Eles pediram aos alunos que levassem algumas frutas que tivessem em casa. Sob o comando da profa. Pítia no dia da aula foram cortadas as seguintes frutas: maçã, uva, passas, melão, pera, laranja, banana e morango – todas colocadas em recipientes separados. Pítia apareceu na escola também com ervas aromáticas como cravo, canela, erva doce, noz-moscada, pimenta em grão, erva cidreira etc. Ela dava as ordens: colchonetes, água e sacos de lixo foram levados mais as frutas nos seus potinhos preparadas por ela e a equipe da cozinha. Ela não podia entrar lá, mas entrou; trataram até de arrumar o fardamento para que ele pudesse preparar a aula. Usando todos os materiais acima citados para uma primeira aula com os alunos destacando os sentidos: o olfato, o paladar, somados aos outros sentidos que seriam percebidos durante a sua utilização no decorrer da aula, ou seja: o da visão, audição e o tato. No local, proposto para realização da tarefa, que fica a 800 metros do prédio escolar, em meio a muitas árvores (jaqueiras); um espaço que lembra o tamanho de uma quadra de basquete constataram que os alunos celebravam a aula burlando os limites estabelecidos, subindo em árvores, pulando cercas, correndo pelas ruas da proximidade (terra batida e sem movimento de carros) estavam fazendo algo diferente do comum a alegria saltava a olhos vistos.

Depois de explorarem bem o espaço, sentaram-se nos colchonetes e os olhos deles foram vendados foram realizadas as seguintes atividades: uma roda de conversa a respeito dos vários tipos de sentidos, pertinentes a órgãos específicos do corpo humano e suas respectivas funções. Depois os alunos tiveram os seus olhos vendados, e foram dados pedaços de frutas para que tocassem, depois cheirassem, para que em seguida dissessem o nome da fruta pelo toque e pelo cheiro. Após esta proposta, havendo ainda dificuldade na identificação da fruta, então podiam experimentar e com mais um ponto de percepção, o paladar, dar o nome da fruta que estavam experimentando. Repetido o movimento com várias frutas e com as ervas aromáticas. Mesmo com os olhos vendados eles faziam trocas de informações. Os alunos, também, foram orientados a escolherem um parceiro(a) em quem pudessem confiar e revezando seriam guiados com olhos vendados para o uso dos sentidos no locomover-se sem a visão. Foi uma tarefa à qual se entregaram com alegria. Outra percepção é a audição; ficar em completo silêncio para ouvir, mas a execução do silêncio ofertara algumas resistências, tendo em vista a dificuldade dos alunos na permanência nessa condição. Mesmo assim um deles pôde ouvir um galho caindo no chão e outra ouviu folhas sendo arrastada pelo vento que naquele instante se fazia; certos sons vindos da rodovia (sons que vinham de carros e caminhões), distantes. O que fazer com a preocupação da professora da turma? Lá estava ela preocupada com o comportamento dos alunos durante toda a realização das atividades. Espaço muito amplo que aumenta a sensação de [des]controle e de [in]segurança.



Foto 3 – As percepções – aulas campais Delfos II



Foto 4 – As percepções – aulas campais Delfos II

Uma das alunas considerada assim “líder” e mais a sua amiga viram a força que possuíam ir “ladeira abaixo”. Durante as atividades nas “jaqueiras” a liderança delas foi enfraquecida. Os seus colegas se entregaram ao espírito dionisíaco da alegria e do folguedo e mesmo depois que tiraram as vendas dos olhos, todos estavam ligados nas demais atividades e ela não conseguiu promover outro movimento em torno de outra brincadeira qualquer; não foi correspondida. Quando chegaram de volta ao prédio da escola, já em sala, mais uma vez foram envolvidas pelo desejo dos seus colegas de comerem o restante das frutas que haviam sobrado. Estavam encantados com a “dança”.

Num segundo momento juntamente com a profa. Agnes, Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia organizaram quatro perguntas, que são as seguintes: O que vocês acharam da aula campal? O que a aula campal trouxe de interessante? Foi interessante a participação das professoras e dos professores? Do que vocês mais gostaram?

Os alunos destacaram que gostaram muito da aula. Quando questionados a respeito dos conhecimentos proporcionados pela aula campal apenas alguns estavam despertos para a questão dos sentidos. Em seguida, dados os relatos trazidos pelos alunos, foram formados grupos de quatro pessoas para discutirem a respeito do que se aprendera brincando. Pítia pediu que nessa etapa, todos os trabalhos fossem entregues escritos. Mediante as entregas dos trabalhos constatou-se que alguns alunos com suas respostas surpreenderam a professora da turma, que participou constantemente do processo e que expressou entusiasmo com a turma, quando em sua conversa comparou o desempenho deles no bimestre anterior.

Num terceiro encontro com a 4ª série da professora Agnes, a intenção da Profa. Pítia era fazer uma conexão entre a aula campal e as atividades escritas do segundo encontro; nessa etapa utilizou-se uma apresentação do Piteco, quadrinhos de autoria de Mauricio de Souza sob o título “Sombras da Vida”. Foi feita uma leitura dos quadrinhos pelos próprios alunos, que tiveram a oportunidade de tratar mais uma vez do tema percepções de forma agora abstrata. Interagimos com a matéria de história, em que alguns alunos puderam contribuir com a identificação de roupas utilizada pelo personagem em épocas diferentes.

Os alunos foram convocados a diferenciar os sabores que eram trazidos pelas diversas balas, entre eles distribuídas, e a optarem sobre qual seria melhor: a bala, que traz um sabor artificial (conforme identificada por eles) ou a natural, conforme frutas experimentadas na aula campal. Interessante foi a fala da professora Agnes, quando disse que muito dos alunos têm saído da caverna, a partir do momento que vêm aprendendo a ler e a escrever. Neste momento muitos alunos a aplaudiram, o que a deixou por um instante emocionada e feliz. Ao final da aula a professora Pítia falou que estava muito satisfeita com o movimento de reflexão até neste instante promovida. Pois até então pensava que a coisa estava muito “solta”.

Em outra turma o Prof. Eleutherios apresentou Piteco, de Maurício de Souza, “As sombras da vida”. A turma mostrou-se muito interessada com a apresentação da história. Acompanharam lendo, interagindo e refletindo com os professores Dionísio e Apolo em torno das questões surgidas da história. Apolo relacionou, por meio da força da ideia de Platão, a diferença entre o mundo físico – chamado real e a ilusão – sombras, na história do Piteco. Apolo exemplifica: “o homem aranha, o pica-pau e o super-homem etc, são exemplos da sombra”; nesse momento os alunos conseguiram identificar as diferenças do mundo físico para o das

sombras; mas, segundo fala dos próprios alunos, assistir aos desenhos (o mundo das sombras, segundo eles) é “muito mais legal” – prazeroso.

Apolo questionou: - quando o Pica-pau “apanha” nunca se vê uma gota de sangue saindo; e no mundo em que vivemos, ou seja, o mundo da escola, quando alguém é machucado por um colega, o que acontece? Os alunos ouviram a explicação que Apolo fazia tentando fazê-los compreender que o mundo do Pica-pau é uma ilusão, e que na escola qualquer agressão física que acontecer vai doer no aluno-colega ferido. Um dos alunos chamou a atenção e respondendo as questões que Apolo apresentava disse: “eu sou como o pica-pau nesta sala”. Era o espírito dionisíaco que em nada pode ter limites. Elas ultrapassam os limites e rompem o instituído. As crianças são acontecimentos. Devir, acontecimento, as crianças são dissidentes de um decalque traçado para elas (LINS, 2005). Parece que dá um branco em Apolo tão preocupado com dizer algo sobre comportamento não violento que não percebe, porém, que lança mão de modelos pedagógicos, embora “legítimos” (agredir o outro não é legal), ele está ancorado no exterior dos desejos do menino – o menino quer a imaginação que lhe é possível – ele quer ser Pica-pau com os outros Pica-paus, com sua fantasia criativa conectada com a reflexão e não o que Apolo nesse momento induz. O menino apresentou para Apolo o “incompreensível”, sob o olhar ético e estético, para além do bem e do mal, uma realidade artística, criadora, isenta do imaginário divino, do juízo, da verdade, da punição e do castigo.

\*\*\*

Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia criam conceitos sobre o plano e, simultaneamente, traçam o próprio plano, sem, no entanto, confundirem as duas operações. Ao traçarem um plano e criarem sobre ele conceitos, eles podem criar outros personagens. Fecundidade, proliferação, invenção. Outros personagens surgem. Diomar é uma delas. Moradora, agente de saúde do PA do Adolfo (PSF), tem o ensino médio. Ela se relaciona bem com esse trio de professores, os encontra na rua ou no PSF e bate altos papos.

É sobre esse plano de imanência que Apolo escolheu, que se inventam modos de viver. É aí, precisamente no plano de imanência, que se produz a potência de Apolo, Dionísio e Pítia. Esse trio e plano de imanência se pressupõem mutuamente. Apolo – Dionísio – Pítia remetem-se um ao outro e se conjugam, sem jamais se confundir (DELEUZE, 2010, p. 85).



Não temos a menor razão para pensar que os modos de existência tenham necessidade de valores transcendentos que os comparariam, os selecionariam e decidiriam que um é ‘melhor’ que o outro. Ao contrário, não há critérios senão imanentes, e uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça nem cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do bem e do mal, e de todo valor transcendente: não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida (DELEUZE, 2010, p. 90).

Prof. Apolo perambula... Se mete, gosta de controlar, de relacionar-se politicamente. Chegou a ser confundido com alguém – um olheiro – da secretaria de educação, em outro momento o virtual candidato a diretor da escola; faz pensar. Insistente. Prof. Eleutherios, ri, diverte-se, chacota, permite-se sua insanidade sem limites. Destroi pensamentos. Por sua vez Profa. Pítia é observadora, sensível, dona do cuidado-atento e adorava chamar Apolo e Eleutherios de “malucos”. Muitas vezes Apolo estava cheio do espírito dionisíaco e outros professores e membros do corpo técnico estavam profundamente marcados pelo espírito apolíneo.

Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos (DELEUZE, 2010, p. 84). Filosofia, arte, movimento, pensamento. O trio de professores como agentes de enunciação.

Esses professores vivem. Apolo e Pítia são os que mais acreditam na educação... formal e institucional

O cogito de Descartes é criado como conceito, mas tem pressupostos. Não como um conceito supõe outros (por exemplo, “homem” supõe “animal” e “racional”). Há outra coisa além destes dois elementos: o conceito e o plano de imanência, ou imagem do pensamento que vai ser ocupada por conceitos de mesmo grupo (o cogito e os conceitos que a ele se ligam)? Há outra coisa, no caso de Descartes, além do cogito criado e da imagem pressuposta do pensamento? Há efetivamente outra coisa, um pouco misteriosa, que aparece em certos momentos, ou que transparece, e que parece ter uma existência fluida, intermediária entre o conceito e o plano pré-conceitual, indo de um a outro (DELEUZE, 2010, p. 75).

Já Eleutherios é o que não acredita e encontrou em Diomar uma intercessora. Fala Diomar: - Eleutherios veja porque eu não acredito nessa educação. Um dos poucos livros que eu li era a respeito de Karl Marx, se chamava “O julgamento do século”. Faz parte de uma coleção, em que vários personagens históricos têm suas vidas profissionais e pessoais expostas. Aprendi sobre o mito e também sobre o homem. Tirei lá as minhas conclusões. É bastante interessante. O trágico da história desse livro, não está em seu conteúdo e sim, na forma como ele veio

parar em minhas mãos. Meus sobrinhos estudaram na escola na cidade de Esparta como você sabe. Nessa escola, tinha uma biblioteca que não funcionava por causa da reforma do prédio que durou quase três anos e por ter poucos livros. Por causa disso que as crianças não podiam ler. E o mais inacreditável, é que na biblioteca inoperante se encontram vários volumes de textos indigestos para os opressores (ela gosta de falar assim – leu isso num livro de um *rapper* escritor de um dos bairros de Esparta). Que deveriam ser leitura obrigatória de todas as pessoas da periferia. De tanto os meus sobrinhos insistirem que queriam ler, a professora resolveu ajudá-los nessa perigosa empreitada. Então, de forma ilegal, ela traficou o livro de prateleiras boloradas e empoeiradas direto pro interior da mochila de um deles. O que possibilitou que o flagrante chegasse em minhas mãos. O foda (Diomar quando fala é assim – ela já xingou o prof. Apolo, claro que Eleutherios morre de ri dessa história) é saber, que nem armas são criminalizadas dessa forma no ambiente escolar. Meus sobrinhos e a professora se fossem apanhadas provavelmente passariam por um bom vexame. É truta, não se espante, é só lembrar que durante a escravidão o homem negro que soubesse ler era morto. Informação sempre será proibida pro povo. Quem deve ter ficado muito espantado, deve ter sido o corpo docente da escola, quando meus sobrinhos reivindicaram o direito a posse de um livro. Eles devem ter se perguntado: Caralho! A onde foi que eu errei? Porque será que essas faveladas querem ler, se eu fiz de tudo pra que elas assistissem novela, programas de fofoca, ouvissem músicas sem ideologia (Diomar aposta nas ideologias) e se contentassem em serem diaristas? Eleutherios, moral da história... Só um plano sórdido que objetiva a conservação, da imensa massa de manobra, explica a ação criminosa de uma escola, de uma secretaria de educação manter uma série de livros desperdiçados num depósito em detrimento de alunos que necessitam de informação e de acesso à história não oficial (TADDEO, 2009).



Delfos é isso, mil pessoas e mil universos diferentes, mil mentes diferentes, mil inteligências; mil coisas, mil belezas, mil lugares, mil naturezas.

### 3 A UNIDADE ESCOLAR: ELEUTHERIOS, APOLO E PÍTIA – O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO AQUI?

#### PERAMBULAR 6 – LUGAR QUE TAMBÉM TEM BELEZA

O tempo  
A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são seis horas!  
Quando se vê, já é sexta-feira!  
Quando se vê, já é natal...  
Quando se vê, já terminou o ano...  
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.  
Quando se vê passaram 50 anos!  
Agora é tarde demais para ser reprovado...  
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.  
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...  
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...  
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.  
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.  
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.  
(QUINTANA, 1980).



Foto 5 – A maré - visita: professor Apolo e outros professores da escola com o projeto Mais Educação.

a) As dobras sociopolíticas de Tebas/Delfos

Apolo Dionísio encontrou outro colega professor na cidade de Tebas, que tinha escrito um artigo sobre Tebas; que apontou alguns livros e leituras que poderiam fazer para saber mais sobre a cidade. Encontraram-se e convidaram moradores e outros professores para conversarem sobre... e nesse encontro o assunto começou com a política. Tudo é político. Sociedade e indivíduo são atravessados pelos segmentos da molaridade e da molecularidade<sup>24</sup> – assim a política na cidade de Tebas é atravessada por produção de fluxos transversalizados pelas políticas e conflitos da cidade. Nesse ponto emergem questões que envolvem uma noção de tempo associada à estabilidade espacial dos corpos, e por vezes aparece a instabilidade considerada como um caso especial, um estado efêmero, uma situação a ser superada, ao se restabelecer o equilíbrio originário; e emergem questões com o devir e a heterogeneidade que quando são tomados como referência, observamos os estados intensivos, incorporais da matéria, que ao mesmo tempo afetam a “corporeidade” da matéria submetendo-a a uma “variação contínua” que tem por base a temporalidade do acontecimento. São coexistentes e imanentes, relativos à materialidade das coisas. Transmutações. De acordo com Deleuze (1996, p. 101), a tarefa nesse texto buscando historiar, por exemplo, será a de assinalar “o período de coexistência ou de simultaneidade de dois movimentos”. E como fazer isso? Por meio de uma cartografia da memória, composta a partir das memórias de Apolo e seus colegas e de depoimentos orais onde há um firmamento no encontro entre passado e presente. O que é destacado? O encontro com a paisagem. Imanência.

A tarefa do historiador é assinalar o “período” de coexistência ou de simultaneidade dos dois movimentos (de um lado, descodificação/deterritorialização e, de outro, sobrecodificação-reterritorialização). E é nesse período que se distingue o aspecto molecular do aspecto molar: de um lado as massas ou fluxos, com suas mutações, seus quanta de deterritorialização, suas conexões, suas precipitações; de outro lado, as classes ou segmentos, com sua organização binária, sua ressonância, sua conjunção ou acumulação, sua linha de sobrecodificação em proveito de uma delas (DELEUZE, 1996, p. 101 - 92).

<sup>24</sup> Guattari e Deleuze descrevem uma dinâmica do social como um plano de segmentaridades duras e segmentaridades flexíveis, sendo o Estado um organizador centralizante (de políticas chamadas molares, ou seja, que formatam e homogeneizam). No entanto, as segmentaridades molares, sobrecodificadoras, ressonam nos corpos, nas máquinas sociais, nas subjetividades desejantes. Por exemplo, um projeto político de governo expande-se em uma rede burocrática, envolvendo cargos de alto escalão, cargos de confiança, funcionários públicos e a população em geral atingida pelo projeto, homens, mulheres, crianças, jovens de diferentes procedências e ideologias. A expansão nessas redes complexas de diferentes modos de organização e de segmentaridades produz conflitos e linhas de fuga, micropolíticas, que se conectam reticularmente: “do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 94). Os autores, quando abordam as relações entre as linhas molares (macro) e moleculares (micro), lançam mão da química para descrever a dinâmica macro/micropolítica, As linhas de fuga são ações desejantes, produções micropolíticas no plano da análise e da intervenção.

Nas décadas de 40 e 50, os índices molares de crescimento da densidade demográfica na área urbana começaram a aumentar substancialmente no município de Tebas. Quando o olhar se volta para o tempo *Cronos* é apontado como causa de crescimento uma força chamada de “intenso processo de urbanização” devido à instalação de grandes projetos industriais parecidos, por exemplo, com empresas brasileiras como a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a Companhia de Ferro e Aço de Vitória, a COFAVI. O local da construção hoje é o conhecido bairro residencial de Tebas, que no passado foi uma imensa fazenda e se desenvolveu como bairro a partir da instalação desses projetos industriais. As forças que produziram o deslocamento dos cidadãos tebanos da área rural para essas áreas foi motivada pela busca de trabalho, pois a já batida alegação é que naquela época a produção de café havia diminuído e que nesse espaço haveria melhores condições de vida. Além disso, as empresas trazem também de outros municípios ou até mesmo de fora mão de obra que lhes interessa. Essas empresas também contribuíram para o desenvolvimento da precária urbanização, realizando algum investimento em infraestrutura básica para os trabalhadores, tais como habitação<sup>25</sup>, transporte e alimentação para atender de alguma forma também os seus interesses. Mesmo assim, como a maioria dos bairros de Tebas, cresceu sem o planejamento devido e tem limitações de infraestrutura, limitando o uso de todo o seu potencial (espaço, fauna, vegetação, marés) de forma a possibilitar um melhor ordenamento da vida urbana que favoreça aos seus moradores, enfim, as pessoas. Hoje, Tebas concentra vários estabelecimentos comerciais, tais como locais de apoio logístico a empresas de transportes, faculdades, escolas públicas e particulares, bancos e estádios de futebol ainda pouco acessíveis a grande parte da população. No município de Tebas coexistem a otimização da infraestrutura de transporte em função do deslocamento de cargas; a precarização das condições de vida nos muitos bairros da cidade; aceleração do processo de favelização; e o crescimento do trabalho informal – que tem um muito rápido crescimento. Enquanto o funcionamento dos espaços hegemônicos supõe uma demanda desesperada de regras que obedeçam a consideração de interesses privatísticos, o cotidiano supõe uma demanda desesperada de política, resultado da consideração conjunta de múltiplos interesses. Curioso, Apolo encontra o sr. Argeu que tem em sua memória lembranças...

Argeu afirma que era “um lugar pobre, pouco desenvolvido”, mas que, apesar disso, ninguém passava fome no local. “Tínhamos uma maré rica, cheia de peixes. A pesca era uma atividade muito importante, todos se alimentavam dela, mas isso foi

---

<sup>25</sup> De 1946 a 1950, foram construídas nesse bairro [Jardim América] mais de 500 casas, sendo que 100 delas foram frutos da operosidade da Companhia Melhoramentos Vitória S/A, vendidas por prestações de 34.000,00 cruzeiros totais, acessíveis ao mais humilde operário (BEZERRA, 2009, p. 161).

acabando”, lamenta-se. Segundo Argeu, o despejo de esgoto não tratado nas águas ao redor do bairro colocou fim na mais importante atividade econômica da época. “A poluição prejudicou muito nossa comunidade. Atualmente, as águas estão começando a se recuperar...”, diz (RODRIGUES, 2012, p. 3).

Perambulando pelas vendas, feiras e os pequenos comerciantes e [per]ambulantes do bairro e conhecendo moradores, Apolo Dionísio consegue mapear as pequenas glebas que resistem com atividades tradicionais como a pesca e cata de mariscos nos rios e próximo aos manguezais associada às pequenas produções agrícolas de subsistência. Cada vez mais essa produção artesanal vai encontrando dificuldades para a suas atividades cotidiana, uma vez que cresce a poluição dos recursos hídricos como afirmou Rodrigues (2012, p. 3) e os terrenos próximos aos mangues são procurados para atividades imobiliárias. Com o cercamento das novas propriedades ocupadas com condomínios e para outros fins, uma comunidade pesqueira como de Delfos fica impedida de acessar as áreas de mangue tradicionalmente utilizadas para a atividade artesanal de pesca e coleta de caranguejo, sururu, entre outros mariscos empurrando e pressionado boa parte dessa população a procurar trabalho na construção civil e em outras ocupações. “É da tradição a organização das famílias pescadoras e catadoras em associações produtivas, o que permite resistirem frente a tantas adversidades para o exercício de seu ofício artesanal” (AGENDA, 2012, p. 33-34).

Outra força molar que atua de forma ampla é o aumento demográfico do estado e da cidade de Tebas que absorveu grande parte desta demanda populacional, principalmente a que não foi absorvida pelo mercado “formal”, que se distribuiu pelo território também de forma “informal”, por meio das chamadas “invasões” e loteamentos “ilegais”, ou seja, seguindo uma lógica de ocupação do território diferente das institucionalizadas, guiada por outras racionalidades (ou contra-racionalidades), que não as hegemônicas. Entre 1953 e 1956, por exemplo, o grande destaque foi o início do parcelamento do solo: 26 loteamentos localizados próximos à TB 262 (Tebas 262) foram aprovados e deram ainda mais espaço para a concentração populacional. A celeridade com a qual se deu a formação do complexo urbano resultou em problemas sérios de mobilidade urbana<sup>26</sup>, por uma conjugação de forças que vão

---

<sup>26</sup> No âmbito municipal, os trajetos predominantes pelas modalidades individuais não se sobrepõem aos trajetos do modo coletivo. De ônibus, a população é direcionada aos terminais de integração, todos localizados próximos à BR-262, ou para outros municípios, o que aumenta o tempo de viagem e torna pouco funcional o deslocamento entre bairros e internamente pouco atrativo o modo coletivo atual. As viagens entre as zonas de tráfego internas ao município nos modos individuais automóvel e bicicleta se concentram em viagens no sentido nordeste-sudoeste, lógica de deslocamento diversa da predominante: norte/ BR-262; sul/ BR-262 e seguindo o sentido Leste-Oeste. Vale destacar que os problemas de conectividade esbarram em outra questão não menos importante

para além dos planejamentos institucionais para o desenvolvimento do território. A situação criada seria agravada nos anos 70 e 80 quando houve novamente uma explosão do crescimento demográfico que desencadeou sérios problemas sociais e ambientais que afetaram o município. Nesse período a população cresceu 156%, saindo de cerca 39 mil habitantes em 1960 para 101 mil habitantes em 1970 chegando em 2010 (IBGE, 2010) a 335.984 habitantes numa área de 274 km<sup>2</sup>. Curioso, Apolo encontra o sr. Argeu que tem em sua memória muitas lembranças... E o “papo” entre Apolo Dionísio e Argeu continua...

O senhor Argeu, que se mudou para cá no ano de 1954, quando era funcionário da então Companhia [...] [Siderúrgica] nos conta que o nome está relacionado com as características da vegetação que existia no local. “Antigamente, aqui era tipo um brejo, que possuía uma vegetação propícia para a construção de flechas”, diz. O local ficou conhecido principalmente pela extração de madeira para a confecção de flechas, atividade que atraía a atenção de muitas pessoas de fora, [...] se recorda Argeu (RODRIGUES, 2012, p. 3)<sup>27</sup>.

A migração é outra força que se apoderou desse movimento chamado de desencadeamento desse crescimento: italianos e seus descendentes vindos do interior do Estado, aproveitando o momento de expansão industrial na cidade, se instalaram na região e gradativamente criaram pequenas fábricas e pontos comerciais. O desenvolvimento desses bairros inicia o processo de construção de igrejas, escolas e áreas de lazer e, embora tenha se dado sem o planejamento adequado, atrai novos investidores e, assim, outras empresas de médio e grande portes<sup>28</sup>, o que aumentou o volume de exportação de minérios e crescimento urbano da área de um outro bairro próximo, região que pertencia à prefeitura da cidade vizinha e foi doada para o município de Tebas. Com toda essa urbanização viveu-se uma exploração das riquezas e criou dobras, uma ruptura das bases camponesas e rural, possibilitando novos vínculos. Nessa identificação com o movimento de desnaturalização, as forças ativas dão lugar às forças reativas que, revertendo a potência da cultura, criam o chamado historicamente de reserva de mão de obra, então, Tebas como força reativa é usada como uma área de concentração de reserva de mão de obra, pois o foco da industrialização foi desviado para outros dois

---

que é a ausência de uma hierarquia viária clara e de infraestrutura viária adequada, seja em dimensionamento ou características físicas (CARIACICA, 2012, p. 15).

<sup>27</sup> Texto original: O senhor Argeu, que se mudou para cá [Flexal] no ano de 1954, quando era funcionário da então Companhia Vale do Rio Doce, nos conta que o nome está relacionado com as características da vegetação que existia no local. “Antigamente, aqui era tipo um brejo, que possuía uma vegetação propícia para a construção de flechas”, diz. O local ficou conhecido principalmente pela extração de madeira para a confecção de flechas, atividade que atraía a atenção de muitas pessoas de fora. “Na época em que me mudei para cá, em 1954, já não havia mais flechas, elas tinham acabado, mas o local ainda era chamado pelo antigo nome de Flechal, com “ch” mesmo. Foi só depois que o nome começou a ser escrito com ‘x’, que é como ficou até hoje”, se recorda Argeu (RODRIGUES, 2012, p. 3).

<sup>28</sup> Como por exemplo, o Porto de Tubarão inaugurado em 1967 em Vitória, ES.



municípios próximos, que numa composição de forças passaram a oferecer atrativos que agora interessavam para a fixação das indústrias em seus territórios, principalmente com a formação do parque industrial de um deles, que mais tarde se convencionou dizer ser algo de relevância para o Estado. Aqui “a história aparece, então, como o ato pelo qual as forças reativas se apoderam da cultura ou dela se aproveitam” (DELEUZE, 1977, p. 159). Agenciamentos coletivos de enunciação.

Dentro dessa perspectiva, nos anos 70, Tebas começa a sofrer com o desaquecimento de sua economia e isso acarreta consequências negativas, restando o desenvolvimento do município. Há uma diminuição da oferta de trabalho, o que intensifica o processo de ocupação desordenada (houve o aumento no número de favelas, nesse primeiro momento nas áreas de Delfos I e II, e outros bairros próximos) com o surgimento de loteamentos chamados clandestinos e de ocupação irregular. Nesse “papo cabeça” entre Apolo e Argeu (RODRIGUES, 2012, p. 3) ele diz que um vetor importante para o bairro Delfos foi a Estrada de Ferro ligando dos estados importantes, diz ele, os dois produtores de aço. Argeu diz ainda que “o bairro foi crescendo ao redor da estação. [Foram morar no bairro] muitos funcionários da Siderúrgica, e o trem era a principal forma de transporte de mercadorias e pessoas”. Para aquelas pessoas o trem levava e trazia seus amigos e suprimentos, não era simplesmente um vetor de [des]aquecimento da economia, mas possibilidades comunicação com outras partes. Quando Apolo Dionísio aproxima suas lentes, elas se tornam poderosas e conseguem ver as fissuras que tem na terra onde perambula.

Apolo Dionísio entende então que há uma história de lutas pela dignidade de um povo rejeitado por uns; o surgimento do bairro se deu por meio de uma ocupação de pessoas que buscavam um lugar onde pudessem morar. Por várias vezes receberam ordens de despejos e tiveram suas moradias (feitas de madeira de forma empobrecida) destruídas, mas, na esperança de conseguirem conquistar seu espaço, persistiram em seus protestos (não estavam dormindo) e conseguiram que o governo do Estado criasse uma lei estadual para assentar todas as famílias. O Estado então doou uma fazenda conhecida como “Fazenda Itanhenga” e dividiu os lotes entre as famílias. Essas primeiras famílias eram provenientes do bairro onde Apolo Dionísio mora.



Foto 6 – Construção de casas de estuque baixo grau de consolidação. Fragmentos.

É o início de uma vida inconclusa. O bairro será sempre algo nunca pronto; o que falta nesse momento forma uma lista enorme: segurança pessoal e da família, infraestrutura básica (abastecimento de água, saneamento básico, atendimento médico, transporte e acesso à educação) e miséria decorrente da diminuição da produção rural sem que as devidas condições tivessem sido criadas para o desenvolvimento urbano. O bairro Delfos II passou a ser visto, então, como “o espaço dos rejeitados”. Os primeiros barracos nesse momento uma favela, são construídos com fragmentos, geralmente recolhidos pelos próprios construtores e rapidamente. Recebe ajuda de familiares, vizinhos e a meta é construir algo para abrigar os seus. Aqui está lançada a base para as construções futuras. Capacidade de adaptação e de imaginação para construir com o material coletado (KATZ, 2008, p. 101). Esperança é a palavra.

Além de precárias condições de habitação, falta de empregos e baixa autoestima, a população do bairro (olhando de forma molar) se deparava com o problema da instabilidade política. Entre 1970 e 2000, ou seja, em 30 anos, tiveram 19 mandatos de prefeito e uma longa história de corrupção política e desmandos. Pedro (RODRIGUES, 2012, p. 3) também usou da palavra na roda de conversa e diz que chegou em 1954 em Delfos pela estrada de Ferro oriundo do estado vizinho, e olha para trás saudoso diz que “não existia aqui essa violência de hoje. Íamos à missa domingo, à noite, à pé... Podíamos deixar as portas e janelas abertas

durante o dia, e até mesmo à noite. Mas a tranquilidade foi dando lugar à falta de respeito, e a violência começou a aumentar”, conta.

Diomar também usa da palavra e lembra a todos que o bairro tem sido de um grupo populacional desfavorecido, com base na posição social, na cor da pele e em traços físicos; terras distribuídas de forma desigual; distantes dos centros urbanos nobres, científicos, comerciais e industriais das capitais e ali aprisionados em área periférica localizadas em zonas distantes do centro da cidade; a não proteção e o extermínio e a guerra contra a fome e pelo direito universal a vida (TADDEO, 2012, p. 97).

Nessa roda de conversa, Pedro diz que a chave para mudar essa situação é a participação, e lembra que a comunidade tem uma história de lutas que garantiram várias melhorias para a localidade. Foi batalhando junto ao poder público que os moradores conseguiram grandes avanços nos últimos tempos, como luz, telefone, água encanada. Mas, apesar disso, ele percebe que essa participação vem diminuindo. “Hoje em dia, poucos querem realmente participar das lutas coletivas”, avalia (RODRIGUES, 2012, p. 3).

Diomar lembra a Pedro e a todos na conversa as dificuldades que Delfos tem de expressar suas ideias e reivindicações sem ser violentamente reprimido até mesmo por força policial. Infelizmente, Seu Pedro – olhando para ele – Diomar continua, sem as concessões dos que dominam economicamente, não há como se alterar a condição de invisibilidade do nosso bairro. Posso dizer que, conhecendo a trajetória de meus antepassados, não me sinto filha do meu país, porque nos enclausuram em senzalas, guetos, prisões de segurança máxima e urnas funerárias. Vocês sabem bem o que estou falando, afinal, nos sentimos como verdadeiros penetras numa festa! (TADDEO, 2012, p. 138). Na dureza de Diomar todos percebem o conhecimento que regou uma semente plantada no cérebro dela.



Foto 7 – Vista da rua principal do bairro: “vejam só o movimento! As pessoas andando pra lá e pra cá, crianças correndo a brincar, cada um divertindo a sua maneira. Uns de bicicleta, outros de motos. O comércio local funcionando, padaria, barraquinhas, supermercados, nem precisamos ir tão longe para encontrarmos o que queremos. Para quem não conhece, este é o famoso bairro Delfos” (Aluna 1 – 8ª série).

A partir do ano dois mil (2000) Tebas começa a se restabelecer politicamente e os prefeitos eleitos conseguem cumprir integralmente seus mandatos. A partir de dois mil e cinco (2005) Tebas teve novas possibilidades de articulação política/administrativa. O grande destaque foi a ampliação dos recursos para as políticas sociais, principalmente a educação, o investimento em infraestrutura urbana e mobilidade, o fortalecimento das micro e pequenas empresas e atração de novos empreendimentos visando desenvolvimento econômico do município e a modernização da gestão pública com melhoria contínua da infraestrutura física, tecnológica e implementação de uma série de medidas para ampliar a gestão participativa e o controle social. O resultado é uma cidade que, em 2010, comemorou muitas conquistas sociais, econômicas, políticas e infraestruturais (CARIACICA, 2011, p. 16).

Nessa perspectiva molar, Apolo Dionísio percebeu que em Tebas e nos demais bairros por onde pôde encontrar estas paisagens movimentos de fecundidade declinante – as adolescentes não engravidam tanto e eles procuram o posto para receber camisinhas; envelhecimento populacional – pessoas vivendo mais e com saúde; mortalidade ainda em declínio (os níveis

da mortalidade infantil devem ainda diminuir enquanto que a duração da vida aumentará); maioria da população feminina em especial com idade acima de 50 anos; maior número de pessoas potencialmente ativas (em idade produtiva); e, processo migratório em declínio – as pessoas se fixando mais no bairro; como um jovem porteiro da escola que afirma “viver no melhor lugar para se viver. Eu não quero sair daqui”.



Foto 8 – Mangue do bairro

Este é o manguezal [...]. Ele precisa de cuidados porque todos os esgotos dos moradores vão diretamente para ele. Isso prejudica a reprodução de caranguejos e peixes. Se isso não for mudado não haverá mais condições de ter sustento para os pescadores que sobrevivem da pesca (Aluna 3 – 5ª série).

Apolo Dionísio morou num bairro parecido com Delfos dos oito (8) aos vinte e um (21) anos de idade, de 1962 a 1975. A partir daí o estudo dele é um estudo do nós. Ele viveu e vive até o presente em espaços urbanos e periféricos. O Delfos I e II são bairros que trazem à lembrança boa parte da vida de Apolo. Ele diz: “na minha infância morava num bairro com ruas planejadas, colado com outro ao lado com becos e vielas. Uma única escola pública. Quando mudou juntamente com sua família para o bairro as ruas eram de terra, com muitos buracos, valas e mosquitos – não se falava em dengue naquela época. Como dizia o Sr. Argeu na conversa, lembra Apolo: “mudamos para ali para melhorarmos de vida; era uma casa própria que meu pai construiu”. Bairro com um campo de futebol próximo à casa onde tinha “mando de campo” o Vila Futebol Clube com sua sede na rua principal onde passava o ônibus. Escola,

campo de futebol, terrenos vazios, casas sendo construídas, templos religiosos (espíritas, católicos e protestantes), feiras, bolinha de gude, pipas, a famosa pelada na rua, as brigas, as idas a padaria para comprar o pão e o leite.

## Fragmento 12

As pessoas vêm para o bairro para melhorar de vida? É interessante observar que muitos foram morar<sup>29</sup> no bairro como possibilidade de uma vida melhor do que em seus lugares de origem. Filomeno, um homem amável, que precisava de tratamento médico; incentivado por sua família, saiu do norte, de longe da divisa (a divisa sempre é longe) e veio morar em Delfos II há trinta anos. Delfos era um lugar afastado do chamado centro, de difícil acesso. Era para Filomeno e sua família apropriado para morar e tratar de sua saúde tanto em Tebas como nos municípios próximos. Assim fizeram. Ele cuidou-se. Restabeleceu-se e continuou a vida. Lembranças durante a roda de conversa.

\*\*\*

## PERAMBULAR 7 – QUERO A LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS E A PROIBIÇÃO DA IGNORÂNCIA

Delfos tem o seu comércio de vendas de drogas. É o que também movimenta a economia do bairro. Trabalho. Dinheiro rápido, fácil e alto; grana alta. O prof. Apolo Dionísio se interessou pelo olhar de Alarcon (2008) que tem um mapa conectável que Apolo rasga, dobra e reimplanta, nessa conexão com o bairro Delfos II, é marcado com a questão “drogas”; sua motivação encontra-se dissolvida no que se tem denominado de proibicionismo que fracassa a olhos vistos em sua utopia puritana, moralista de expurgar as drogas da sociedade, e por conseguinte, nessa lógica, o bairro deve ser estigmatizado, excluído ou incluído conforme a lógica subordinada e perversa do capital. Máquina marcada por um pensamento único que

---

<sup>29</sup> Veja as imagens anexadas. Alda Pimenta, Elza Rodrigues e a secretária da escola Rosangela Pinheiro cederam as imagens antigas de Flexal em 2006 para atividades de Sarau realizadas na escola. Algumas fotos mapeiam uma possibilidade de começo do bairro, situação que não é nova, faz parte da formação de um padrão periférico de crescimento, por isso várias cidades e bairros brasileiros, a precariedade como marca registrada atingia, sobretudo a população mais pobre, foram construções feitas pelos proprietários nesses loteamentos; possível para os trabalhadores sem a formação instrumentalizada, rápidas, fragmentadas para marcar o espaço de uma construção melhor.

produz uma história única. A exclusão e a inclusão subordinadas fazem parte da máquina de guerra, que não passa por nenhuma transformação de mobilidade social. Apolo Dionísio percebeu o quanto estas forças ativas e reativas combatiam-se. Elas afetam a todos na escola.

Diomar, agente de saúde do PA do Adolfo quando o assunto é esse sabe bem o que dizer e como dizer: “sou a favor da legalização de todas as essências estimulantes, alucinógenas e depressoras. Completamente contra o consumo desses ingredientes, mas inteligentemente a favor de suas liberações por completo” (TADDEO, 2012, p. 560; MUJICA CORDANO<sup>30</sup>, 2013). Para ela, e Apolo Dionísio concorda com isso, é uma máquina de criminalização que não preserva a vida e sim a manutenção da maior indústria nacional – a “indústria da proibição” que acionam máquinas poderosas como a “síndrome do pânico” (TADDEO, 2012, p. 560) aditivada pelas guerrilhas urbanas, temores urbanos e obsessões coletivas. Isso gera lucro em rede. Rizomático. Se você tentar mapear é tão surreal que você prof. Apolo será taxado de ridículo<sup>31</sup>. Eu não pareço uma louca dizendo isso?

Máquinas de guerra que avançam na escola. No Delfos II o “desembolo” e os que vendem drogas, também policiais, agem como máquinas de guerra a serviço do “mercado” muitas vezes envolvidos com ações autônomas como guerras uns contra os outros, como a luta ente grupos rivais pelo domínio das zonas de vendas e policiais corruptos que assumem lados nesse “mercado”. Isso é agenciado pelas inúmeras comparações que os jornais da grande Tebas fazem com o tráfego de outras grandes cidades do país quando querem justificar as ações policiais em bairros empobrecidos.

A lei é a criadora dos “ilegalismos” que ela mesma gere: na verdade a lei é uma gestão dos ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou, mesmo, fazendo-os servir à classe dominante, finalmente proibindo,

<sup>30</sup> Pergunta de Traveria: Uruguay será el primer país latinoamericano que permitirá el consumo de marihuana y dejará por tanto de ser delito. La controversia está servida. Resposta de Mujica: – En alguna ocasión he dicho que la única adicción sana es la del amor. Las otras son como una especie de plaga: el tabaco, el juego, el alcohol... Todas ellas son legales pero son puro veneno. Blanquear el consumo de 30 gramos de marihuana por persona, como expresa la ley, permite eliminar las redes clandestinas del narcotráfico con este producto. Si criminalizamos la marihuana les estamos entregando el negocio a los narcotraficantes. La ley conllevará el control de la producción y de la venta de cannabis. Piense que un tercio de los presos que tenemos en Uruguay lo son por cuestiones relacionadas con las drogas. La violencia se da por el mercado negro y lo que pretendemos con esta ley es combatir el narcotráfico, que nadie piense que esto va a ser un viva la Pepa. Queremos regular su venta en farmacias y, por tanto, tener control sobre el consumo. Sabemos que lo que se ha hecho hasta hoy no ha dado resultado. Entiendo a quienes se muestran contrarios a nuestra propuesta, pero veamos los resultados de esta experiencia (MUJICA CORDANO, 2013).

<sup>31</sup> Taddeo (2012, p. 560) mapeia as muitas linhas desse plano. Linhas para todo lado numa velocidade muito grande. É surreal. Esquizofrênico.

isolando e tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação (DELEUZE, 1988, p. 39).

A oposição constante entre periferia e o centro exemplificam a distinção que Deleuze e Guattari fazem entre nomadismo e Estado, e cada vez que policiais, comerciantes e grandes traficantes de drogas se apropriam desses homens e mulheres nômades temos um exemplo de como os Aparelhos de Captura se aproveitam de uma força potencialmente revolucionárias para a organização de um Estado territorializado ou de um poder semelhante ao do Estado (BOGUE, 2011, p. 30).

Apolo Dionísio foi tocado por múltiplos afetos e por uma pluralidade de perspectivas quando olhou o bairro não mais no enquadramento do fracasso: os malefícios e o proibicionismo; que Alarcon (2008, p. 24) chama de “a pergunta errada sobre como resolver a questão das drogas, tomando os efeitos (os supostos malefícios das drogas) pelas causas (o próprio proibicionismo)”. Ao olhar as escolas do local, notadamente a EMEF Zópiro de Atenas, que estão sociologicamente delimitadas nessa perspectiva contemporânea, grandemente afetada (e “emparedada” na perspectiva molar) pelo chamado mediaticamente problema-drogas, requerendo de Apolo Dionísio, Eleutherios e de Pítia novas formas de pensar, e puxar linhas de fuga.

Diante desse quadro, esse trio de colegas se propuseram escolher de uma forma “menos acadêmica” e menos ligadas aos “saberes escolares” de exposição, forma esta encontrada no perspectivismo nietzschiano.

Contra o positivismo, que se detém no fenômeno [de que] ‘há apenas fatos’, eu diria: não, são justamente os fatos que não existem, mas tão somente interpretações. [...] Se a palavra ‘conhecimento’ tem algum sentido, o mundo é cognoscível; na verdade, entretanto, ele é diversamente interpretável, não tem um sentido por trás de si, mas inúmeros sentidos – ‘perspectivismo’. São as nossas necessidades que interpretam o mundo: nossas pulsões e os prós e contras. Cada pulsão é uma forma de busca de domínio, cada uma tem a sua perspectiva, que gostaria de impor como norma a todas as outras pulsões (NIETZSCHE, 2002, p. 164-165).

Não há como vencer as limitações das condições particulares da existência instalando-se numa falsa neutralidade objetiva, universal, ideológica de um conhecimento também chamado científico e também educacional. Por uma “forte” e eficiente educação os moradores aprenderam a não chamar a polícia para resolver os seus problemas; aprenderam a conviver



com esses comerciantes, como chama Mano Brown<sup>32</sup> (BROWN, 2007). Lições eficientes e aprendizado garantido. Dona Genciana, com ações bem próprias das múltiplas culturas da “raça humana” vendo o seu patrimônio sendo abocanhado por amigos do alheio, moradores do bairro, corre no orelhão e chama a polícia. Zelotes, já por perto, que tem por missão e função ouvir atentamente, aproxima-se e pergunta mesmo: o que está lhe acontecendo? O ocorrido lhe é relatado e prontamente, zelosamente afirma: - não se preocupe, Dona Genciana, espere um pouco, e suas coisas serão recuperadas e devolvidas. Promessa feita, promessa cumprida: rapidez, eficiência e precisão na ação disciplinar. Quem furtou, apresenta-se e pede desculpas pelo que fez. Apolo Dionísio ouve essas histórias e fala: “com isso Dona Genciana e outras... e outros aprendem a conviver no bairro”.

Tal precisão não é própria do espaço escolar, tanto pais como os alunos percebem rapidamente esse limite que a escola possui – outras existem lá na escola. Ainda no “papo” Apolo Dionísio conversa sobre a disciplina da escola, haverá formas de disciplinas, serão possíveis se forem também desenhadas sem imaginar o bairro como alguma coisa fora/dentro? Que importância tem a presença do aluno, da aluna na escola? O que é o aprender no ambiente escolar para o bairro? Esse controle que se desenha, tem limites que rapidamente vão se desmanchando. O extravasamento, o transbordamento se fazem, de maneira que suas próprias bordas não são mais visíveis, e o horizonte não se mostra mais como uma linha, um limite. Nesse mundo ilimitado as pessoas nunca terminam suas “formações”, e parecem viver para uma ascensão social intangível. Não se transcende mais as escolas, as fábricas, as casernas, porque são carregadas ilimitadamente nos espaços abertos, sem fronteiras, da instantaneidade do controle. O espírito de Dionísio aqui é presente:

Dar as costas às epistemologias da verdade e do verdadeiro. A verdade não é uma coisa a ser descoberta. A verdade não é uma questão de identidade com o “real” ou com a natureza. Fundar, em vez disso, uma epistemologia do verídico: o que conta como verdade ou como verdadeiro? Como se define o que é verdadeiro, quem o define e sob que condições? Centrar-se não na verdade, mas nos seus efeitos. Buscar não a verdade, mas as relações de poder que possibilitam sua existência. Destacar não as condições lógicas e empíricas, mas as condições históricas e políticas de produção da verdade. Buscar descrever não a “verdade”, mas os seus regimes (CORRAZA; TADEU, 2003, p. 15).

Apolo Dionísio vendo o espaço escolar como lugar privilegiado da disciplina; numa retórica mais elaborada discorrerá sobre a sua importância na formação do jovem, da criança. Eleutherios, tomado pelo espírito dionisíaco, chamará isso de emoldurar, matar o espírito,

---

<sup>32</sup> Ver nota nº 47, p. 108 sobre Brown.

ludibriar, obrigar a engolir ardis para enganar. A professora Lélia que os alunos iam pela merenda, pela socialização, para encontrar os amigos, para namorar... em alguns momentos ela entendia tais coisas até mesmo como violência. “Parece que fazem de propósito para atazanar a vida do professor” – diz Lélia. Eleutherios vibra com a ideia dos alunos usarem também esse espaço para fazer amigos, conversar, namorar, se divertir, bagunçar, realizar atividades paralelas relacionadas às artes ou aos esportes etc. Só mesmo aqueles meninos com espírito apolíneo, que são poucos, dizem a palavra estudar. É o múltiplo. Linhas que podem ser seguidas em cada dia letivo.

#### PERAMBULAR 8 – TERRITÓRIO DE FORÇA, BELEZA, TRANSGRESSÃO E RISCO

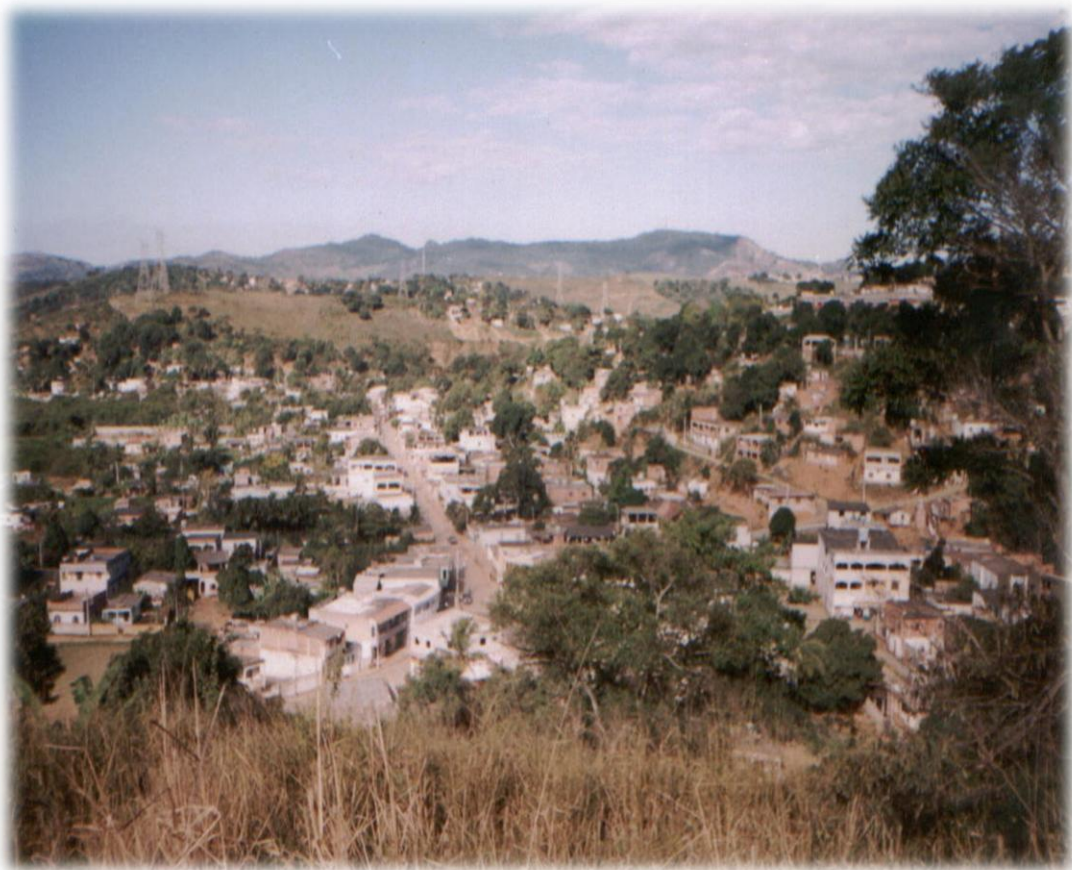


Foto 9 – Foto de Manoel Flávio R. Duarte - As casas e os prédios: “este é o nosso bairro. É um bairro de periferia como podemos ver, mas tem suas riquezas como qualquer outro. Tem belas paisagens como estas, o verde destacando entre as casas humildes, as colinas ao redor, dando um ar interiorano. É um lugar bom de se viver” (Aluna 1 - 8ª série).

O bairro Delfos I possui 3917 habitantes; sendo o número de homens e mulheres tecnicamente igual; o bairro Delfos II possui 6.820 habitantes e o número de homens e mulheres é também tecnicamente igual. Esses dois bairros pertencem a uma das regiões administrativas de Tebas<sup>33</sup>.

Na dinâmica social nesse plano de segmentaridades duras e flexíveis, nas ações centralizadoras de Prefeitura de Tebas na elaboração de políticas molares apontam a necessidade de investimentos de moradias no município em cadastramento realizado em 2009, que indicou um déficit habitacional de cerca de 11.170 unidades.

O município de Tebas, devido à importância no contexto metropolitano, vem se apresentando como um mercado de trabalho em potencial, que tem atraído moradores, muito embora com renda insuficiente para aquisição de moradias próprias. Ao perambular em Delfos, Apolo Dionísio e seus amigos viram que muitas casas não oferecem conforto e espaço suficiente para a família, mas viram também muitas casas muito bem construídas. Enquanto uma família afirmou que iam para o pequeno quintal da casa para que os filhos pudessem fazer as tarefas escolares outra possuía uma casa ampla para a família. Para as políticas molares o padrão de construção está fora dos padrões chamados “científicos formais de qualidade do edifício”<sup>34</sup>.

Ao perambular em Delfos (Tebas) Apolo sente na pele como o capitalismo mantém em escalas sempre crescentes a extrema miséria das maiorias, povos e populações “pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas” (DELEUZE, 1992, p. 224). Os “fluxos urbanos” liberados pela subtração dos dispositivos do trabalho circulam e vão encontrando outros agenciamentos e pontos de cristalização, de que é evidência esse promissor e expansivo mercado representado pelo tráfico de drogas e pelas redes do crime organizado, aliás também eles globalizados e conectados aos circuitos desterritorializados do capital financeiro.

---

<sup>33</sup> Dados utilizados de uma cidade do nosso Estado (CARIACICA, 2011, p. 33).

<sup>34</sup> Se há uma iniciativa do poder público efetivamente eficaz no campo da autoconstrução, são as ações de qualificação dos mestres construtores locais, associadas à propagação do acesso a serviços técnicos profissionais formais. Tais serviços já fazem grande falta, no estágio de consolidação da ocupação em que a cidade se encontra, e a população pode ter mais acesso a eles através de programas de assistência técnica subsidiada ou mesmo de ações corporativas de desmistificação do custo a ser pago diretamente aos profissionais pelos particulares (AGENDA MEIO URBANO E RURAL, 2012, p. 63).

## O Manguezal<sup>35</sup> – a maré

Em Delfos encontramos a população tradicional da Reserva do Desenvolvimento Sustentável (RDS) formada por pescadores artesanais (marisqueiros e catadores de caranguejo), a maioria residente nas proximidades do manguezal. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMAM) desenvolve um projeto chamado Povos e Mangues, para organizar essa população e criar alternativas sustentáveis de renda. Atualmente cento e cinquenta pescadores estão contemplados no projeto.

É da tradição a organização das famílias pescadoras e catadoras em associações produtivas, o que permite resistirem frente a tantas adversidades para o exercício de seu ofício artesanal<sup>36</sup>. Contudo, boa parte dessa população é pressionada a procurar trabalho na construção civil e em outras ocupações.

Apolo Dionísio, ao olhar toda a beleza do lugar no seu perambular, pensava em turismo. O turismo também é uma máquina de guerra que necessariamente não guerreia a favor da preservação dos povos e dos mangues, sendo o turismo, como uma atividade anódina. Ela pode vir a ser uma arma perigosíssima, sobretudo quando se esconde sob o rótulo de ecoturismo; especialmente se estiver a serviços de forças, que por trás dele, exploram de forma predatória os atrativos turísticos. Em Delfos, o manguezal ainda não é visto como um ambiente propício ao turismo e não tem sido pouco explorado. O mangue em Delfos II desemboca em praias “plebeias” ou conspurcadas pela própria presença do manguezal, que ainda é visto pelo turista mediano como ambiente pútrido e fétido. Nem por essas características ele é poupado. Perambulando pelo bairro com um colega professor da escola e morador do bairro, Apolo Dionísio foi apresentado a moradores que pescam na maré; eles reclamam muito da fábrica da Coca-Cola por jogar resíduos prejudiciais ao mangue num dos afluentes.

---

<sup>35</sup> No mundo existem cerca de 162.000 Km<sup>2</sup> manguezais. No Brasil existem cerca de 25.000 Km<sup>2</sup> manguezais. No Espírito Santo existem cerca de 270 Km<sup>2</sup> manguezais. E boa parte passa pelo Flexal I e II.

<sup>36</sup> Em 2007 a prefeitura de Cariacica afirmava que os processos para os estudos bióticos e sócio-econômico estavam em andamento e uma nova unidade de conservação seria criada entre a foz do rio Bubu – também conhecido como rio Cariacica – e a foz do rio Santa Maria (BERNARDES, 2007). Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do município, a área foi escolhida por apresentar características naturais dentro de uma região praticamente rural. Desta forma, o remanescente deve ser conservado para não ser destruído. A área fica entre um dos mais importantes rios do Estado, o Santa Maria da Vitória, com cento e cinquenta quilômetros até sua foz. Lá se encontram trechos de mangue bem preservados, utilizados como fonte de extrativismo de diversas comunidades locais que vivem da coleta de caranguejo e crustáceos.

Os professores Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia estiveram nesse local por várias vezes, numa delas foram juntos com um aluno da escola. Exploram o local. Nesse dia a maré estava alta e observaram a beleza do local, assim como encontram pelo caminho um local onde os moradores colocavam muita quantidade de lixos, móveis velhos etc.

### Fragmento 13

Enquanto Eleutherios se deliciava com a beleza do lugar e descobria pontos interessantes junto com o aluno, Apolo Dionísio conversava com uma pessoa jovem, já adulto, pai, trabalhador e que naquele momento estava pescando. Estavam exatamente na ponte onde passa o trem, numa área própria para o pedestre. Apolo também se apresentou. Entre outros assuntos não podia deixar de “rolar” um papo sobre estudar, escolaridade. Apolo saiu dali com a tarefa de lhe dar endereço dos centros de ensino supletivo de Tebas com estudos de educação básica através de módulos. Apolo imaginava as dificuldades daquele parceiro para sua escolarização enquanto ele contava sua história de vida.

Em outras oportunidades estiveram nesse local juntamente com outra escola pública da cidade vizinha num intercâmbio realizado entre as duas escolas. Essa atividade foi desenvolvida pela professora de Matemática do “Zópiro de Atenas” em conjunto com a professora de matemática da escola coirmã da outra cidade. Estava presente também uma professora pesquisadora da universidade do estado. Os alunos trocaram correspondência e fizeram um amigo oculto. Nesse encontro, além das atividades no prédio escolar, o bairro foi visitado e o ponto turístico alto foi a maré. O local foi considerado por muitos um lugar lindo. O professor Apolo Dionísio foi o convidado para levar o grupo a pontos turísticos do bairro (ver fotos 6, 9 e 11).

\*\*\*

### Fragmento 14 – alunos no mangue

No mangue muitos jovens do bairro aprendem a atirar. Conversando com uma moradora o prof. Apolo Dionísio soube que muitas vezes ouvem tiros. Sabem que são aqueles que estão aprendendo a usar armas de fogo. Certa feita no pátio da escola, ainda no bairro Jardim

América o professor Apolo Dionísio conversavam com alguns alunos que mostravam fotos suas em seus celulares com armas no peito.

A secretaria de educação mantém um projeto chamado Povos e Mangues relacionado à área ambiental. O Povos e Mangues iniciou-se em 2008, é executado pelo governo municipal e é voltado para a formação de educadores da rede para o desenvolvimento de trabalhos em sala de aula, relacionados à preservação do manguezal. Envolve alunos e professores de aproximadamente 20 escolas localizadas em áreas de manguezal. O bairro e a EMEF Zópiro de Atenas ainda não fazem parte do projeto.



Foto 10 – Maré – Delfos II

Os principais fatores que causam alterações nas propriedades físicas, químicas e biológicas do manguezal são: aterro e desmatamento, queimadas, deposição de lixo, lançamento de esgoto lançamentos de efluentes industriais, dragagens, construções de marinas, pesca predatória.

O manguezal é considerado um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho [passagem - flexível]. O ecossistema manguezal está associado às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com a do mar, ou diretamente expostos à linha da costa [marginal, entre].

## Fragmento 15

Últimas notícias – Moradores de Delfos são mais otimistas que brasileiros em geral.

O prof. Apolo Dionísio estava fazendo a sua caminhada matinal na esteira em sua casa, assistia um jornal de televisão e ouviu a notícia sobre uma pesquisa realizada pelo instituto Data Favela<sup>37</sup>. Data Favela! Pesquisa! Resultados que chamaram a atenção. Eis a notícias:

Para 93% dos moradores de bairros como em Delfos II, a vida vai melhorar em 2014, segundo divulgou no dia quatro (4) de novembro o Instituto Data Favela, em sua primeira Radiografia das Favelas Brasileiras, realizada com base em entrevista feita com duas (2) mil pessoas em sessenta e três (63) comunidades do país entre julho e setembro – pensou Apolo – vieram em Delfos? Moradores de Delfos mostram mais otimismo do que os brasileiros em geral? Fica a pergunta diante da análise de um dos fundadores do instituto, Renato Meirelles. Também indicando otimismo, 76% disseram acreditar que Delfos, onde moram vai melhorar. Lembrou-se do amigo Iseu – ele gosta do bairro e não quer morar em outro lugar. Apolo também encontrou uma afirmação da Franciele Syllva (acesso em 15 jul. 2012) no Orkut: “Delfos é muito foda e legal: morei até os sete (7) anos de idade, mas em todas as minhas férias eu vou para Delfos. É muito foda”!

Por outro lado, 53% afirmaram já ter sofrido com falta de dinheiro para comprar comida – Apolo Dionísio lembrou-se de alunos que chegavam com fome na escola e casa bem pobres que visitou com o diretor da escola. Além disso, cerca de 30% disseram sofrer preconceito – Apolo pensou – eu já ouvi alunos e pessoas de Delfos dizendo que sofrem com isso.

Interessante isso, a partir de um olhar macro, esse pesquisadores focaram suas lentes em algo aparentemente menor – as favelas. Para a CUFA o bairro Delfos está arrolado nessa categoria. Pois bem, os pesquisadores do Data Favela realizaram os estudos também com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), no Censo e na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) – todos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) –,

---

<sup>37</sup> A divulgação dos resultados foi feita durante 1º Fórum Nova Favela Brasileira, no Rio de Janeiro em 04/11/2013 no dia da Favela. Instituto de pesquisas voltado para as comunidades criado por Renato Meirelles e Celso Athayde, fundador da Central única das Favelas (CUFA), que atua também no Espírito Santo com sede no bairro Feu Rosa inaugurada no dia 19 de setembro de 2013. A CUFA considera o Flexal II favela. Site <<http://www.cufa.org.br/>>.

mostram uma evolução socioeconômica em bairros como o Delfos II, que, de 2003 a 2013, deixou de ter 65% de sua população na classe baixa para ter essa mesma proporção na classe média. As entrevistas revelam que 75% acreditam que, daqui a dez anos, continuarão ou passarão a fazer parte da classe média, enquanto 10% têm a expectativa de ascender para a classe alta. Atualmente, possivelmente 3% dos moradores de Delfos I e II são da classe A, enquanto 32% são das classes D e E. Num dia desses, perambulando pelo bairro com um colega professor, Apolo Dionísio foi apresentado a moradores que por observação visual, pelas aventuras que faziam, pela moradia e bens materiais em redor fazem Apolo pensar nessa estatística – será verdade?

O crescimento da renda dessa população se reflete no acesso a bens<sup>38</sup>: 99% já têm geladeira, eletrodoméstico que é seguido pelo ferro de passar (91%), celular (85%), máquina de lavar (69%), chuveiro elétrico (61%), micro-ondas (55%), secador de cabelo ou chapinha (49%), computador (47%), TV de plasma, LCD ou LED (46%), freezer (38%), forno elétrico (17%) e aparelhos de ar-condicionado (14%). Do total de lares, 28% já dispõem de TV por assinatura, 50% têm acesso a internet, 20% têm carro e 13%, moto.

Empolgado com a pesquisa Apolo Dionísio conta para Eleutherios. Ele dúvida. Você acha que o povo fará festas por causa dessa notícia? A pesquisa é muito ampla, cheia de medidas, cálculos abstratos, disse Eleutherios. Sugeriu: mostra para Diomar, Iseu e ouça o que eles dizem. Lá foi Apolo mostrar. Diomar sorriu, tinha visto o jornal da TV e emendou: “é a única que passa fome, mora na favela, apanha da polícia, é induzida a entrar para o mundo do crime, e lhe é negada as políticas públicas”. Iseu que chegava do serviço, concorda com Diomar e afirma: - fui convidado o tempo todo para a vida do crime. Diomar acrescenta: classe C que mora num barraco de madeirite; puxando uma carroça de papelão; crianças tendo doenças que já foram erradicadas em todas as partes do mundo (TADDEO, 2013).

---

<sup>38</sup> A pesquisa projeta que 1,1 milhão dos moradores de favela têm a intenção de comprar uma casa ou um apartamento nos próximos 12 meses, enquanto 1,2 milhão querem comprar um carro e 780 mil, uma moto. Quando se trata de uma TV de plasma, LED ou LCD, 2,1 milhões pretendem adquirir em 12 meses, enquanto 1,7 milhão pensam em um notebook e 1,2 milhão, um tablete. Esse mercado, porém, não chegou às comunidades: 74% costumam comprar eletrodomésticos fora das favelas, sendo 40% em bairros distantes (LISBOA, 2013).



PERAMBULAR 9 – TODOS OS NOSSOS FUZIS EM TROCA DE EDUCAÇÃO



Foto 11: imagem internet, Amapá, 2011

Diante da demora na reforma do prédio escolar, quando Apolo Dionísio e seus colegas encontraram com Diomar, agente de saúde e moradora vizinha do prédio escolar; ela canta um trecho de um rap que diz

Dificuldade é muita, nem sempre o trampo resolve;  
 Alternativa é pedir ou meter um revólver;  
**Aconselhável não é, morrer de fome é pior;**  
 Reconheça que ser honesto não está na melhor;  
 Prepare a sua sepultura caso seja otário;  
 Vai se fingir de inocente e a casa cai ao contrário;  
 As tentações se multiplicam devido à pobreza;  
 Não precisa ser marginal se tiver rango na mesa;  
 Questões iguais a essa vão aparecer e pode crer;  
 Que você mesmo na sua dúvida algo vai ter que fazer;  
 A decisão é sua, o certo ou errado;  
 Vida baixa é isso aí, é o inferno do seu lado.

[...]

Cela de trinta tem sessenta o bicho pega na delegacia;  
 Cara nova, nova bronca, chega um todo dia;  
 Contribui pra vida baixa, base da lotação;  
**Cadeira elétrica de pobre, sua transformação;**  
**Desde criança limitado sempre à humildade;**  
**Pouca roupa, pouco estudo, só necessidade;**  
 Adolescência miserável merreca de emprego;  
 E como alvo da miséria do daria nisso mesmo;  
**Transformados em ladrões em vez de estudantes;**  
 Tem coisa errada em suas vidas, se tornou bem mais pulsante;  
 Muita droga, muita cocaína;  
**Mesmo roubando e se drogando mesmo assim eles são vítimas;**  
 Veja nos bancos de trás das viaturas;  
**Já tem criança que até ontem era inocência pura;**  
 Já estão roubando, se achando bem legal;  
**Agora transformados de criança em marginal;**  
 É natural já acontece isso todo o dia;

Um revólver sua miséria e já era o filho de família;  
 Pouco mais tarde passagens na Febem;  
 Distritos noite e dia e com a polícia boi não tem;  
 A **vida baixa** conseguiu o seu objetivo;  
 Fez da polícia o pobre o seu maior inimigo;  
 Veja em qualquer distrito, em qualquer enquadramento;  
 O boy passa batido, veja o nosso tratamento;  
 Esse meu depoimento é um apelo para a desgraça;  
 Abuso de polícia, pobreza, **vida baixa**.

**Vida baixa** e a polícia nos enquadra;  
**Vida baixa**, nos humilham e nos rebaixam;  
**Vida baixa**, queremos ver quando isso acaba;  
**Vida baixa**, e que se foda o que eles acham (TADDEO; SANTANA, 2005).

Cantava e reclamava da demora e forma como a prefeitura acompanhava a obra. Achava que os empreiteiros estavam roubando material. Via caminhões carregando mercadorias, obra parada, poucos funcionários. Uma morosidade. Ela movimentou o bairro e o Conselho de escola e os responsáveis pela obra tanto da secretaria de educação como da secretaria de obras foram ao local da obra para um encontro com o conselho de escola. Enquanto descíamos para a rua principal do bairro Diomar dizia “os famintos necessitam de comida na mesma medida que precisam de educação de qualidade” (TADDEO, 2012, p. 258). Apolo pergunta para Diomar o que ela entendia como educação de qualidade? Eleutherios ria, já esperando um sonoro “vai para pqp” de Diomar. Naquele dia ela estava zangada. Mas para surpresa ela não respondeu como ele esperava. Disse que a educação é um “bem valioso”. Há potência nos livros, no apoio dos professores que entendem a importância do trabalho com as crianças do bairro. E com os olhos arregalados com forte espírito apolíneo, disse, olhando para Eleutherios que parou de rir: “veja bem... Quando digo educação, não estou falando exclusivamente de construção de prédios para a alegria das empreiteiras aliadas da prefeitura. Para, respira, faz um arco com os dedos como se fossem parênteses e diz: Tebas precisava de prédios decentes e a prefeitura está fazendo isso. Fecha os parênteses. Continua no tom anterior: eu me refiro ao aparato educacional, material e humano, que aparece como principal indicador no *ranking* de IDH mundial. Esse bem valioso também é feito de objetos e instalações de ponta, associados a profissionais bem remunerados e motivados; crianças aprendendo sem serem adestradas para servir mesas e responder sim/não senhor. Professores que mostrem para nossas crianças que as vitórias pessoais não têm apenas como fios condutores os serviços braçais vexatórios, humilhantes e mal recompensados, mas também o valor do trabalho intelectual (TADDEO, 2012, p. 259). Diomar recomeça a cantar.



Foto 12 – O prédio da escola antes da reforma – os primeiros contatos do prof. Apolo com a escola.

Temos em Delfos II duas escolas de Educação Infantil e uma escola de Ensino Fundamental. No bairro vizinho Delfos I temos a Escola Estadual que possui, além do ensino fundamental, também o ensino médio e outras três de educação infantil.

Tempos antes de conhecer Diomar, Apolo Dionísio chega à frente da EMEF Zópiro de Atenas pela primeira vez. Nessa imagem (Foto 12) da entrada da escola para mais um dia de aulas e atividades pedagógicas você pode imaginar o que Apolo vivia neste momento: vozes, movimento, conversas simultâneas, adultos, crianças, adolescentes, vendas, compras, portões largos e entrada apertada, pessoas se espremendo para entrar nessas entradas apertadas; porteira/vigia – sim, uma mulher controlando a porta com um jaleco verde da prefeitura, um prédio mal conservado e que Apolo achou parecido com uma cadeia. A sensação de quem entra pela primeira vez não é dionisíaca. Você sabe que não está sendo convidado para dançar. Ele ouve num dado momento alguém brincando com a palavra “cadeia” fazendo referência ao prédio escolar dizendo: “cadeião, parece o Carandiru”. Apolo a princípio acha feio mesmo, mau ajambrado. Lembrou do texto de Pelbart (2006), das aulas, das citações

constantes de professora: “este limiar, entre a vida e a morte, entre o homem e o animal, entre a loucura e a sanidade, onde nascer e perecer se repercutem mutuamente, põe em xeque as divisões legadas por nossa tradição, e indica o que Deleuze pôde chamar de *uma vida*”.

O prof. Apolo Dionísio se recusa olhar tudo isso de forma superficial, molar, como foi tentado a ver num dado momento. Questiona: os resultados do IDEB<sup>39</sup> não podem ser e não são toda a verdade relacionada a essas vidas. É um olhar com lentes molares.

Nesse molaridade, a educação como campo de saberes, na sua pretensão de defensora contra tais falhas, desvios ou faltas, lança mão em seus fazeres da ideia de um padrão desejável que essas crianças que estão à porta da escola ainda não alcançaram. São os chamados indicadores de eficiência... O prof. Apolo Dionísio, observando esse padrão encontrou meninos fora da idade chamada padrão (distorção idade/série – atualmente idade/ano);

Ainda em relação aos indicadores de eficiência, observa-se que, apesar de terem melhorado nos últimos anos, estão longe do desejável. No que se refere à idade, o esperado é que o aluno conclua o ensino fundamental aos 14 anos e o ensino médio aos 17 anos. No entanto, constatou-se, na análise da composição das matrículas do Ensino Fundamental, por faixa etária, a presença de um grande percentual de alunos com defasagem idade/série acima de dois anos e com mais de 14 anos no ensino fundamental em 2010 (20,6%), o que pode significar o ingresso tardio das crianças, depois dos 6/7 anos de idade, ou que os jovens que não tiveram oportunidades na idade devida estão voltando à escola para completar sua escolaridade, ou que as crianças estão permanecendo mais tempo na escola pelas sucessivas reprovações. No ensino médio, a distorção idade/série era representada, no ano 2006, por 41,7% das matrículas e, no ano 2010, ainda eram altas essas taxas que, apesar do decréscimo de quase 11% ocorrido no período de 4 anos, chegaram a um patamar de 30,9% (AGENDA, 2012, p. 12-13).

Esses valores brutos, para uso unidimensional, sem considerar as condições contextuais, a singularidade da escola em tela, ou cada escola que produz essa somatória acima, tem prevalecido nas arenas das opiniões, conformadas com uma identificação única, sob o argumento da cientificidade, sucumbindo a tal mito, potencializa o uso público do indicador,

<sup>39</sup> IDEBs observados em 2005, 2007 e 2009 e Metas para Rede Municipal de Cariacica (Fonte: Prova Brasil e Censo Escolar)

CARIACICA											
Ensino Fundamental	IDEB Observado			Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Anos Iniciais	3,8	4,2	4,4	3,9	4,2	4,7	4,9	5,2	5,5	5,8	6,0
Anos Finais	3,4	3,2	3,3	3,4	3,6	3,8	4,2	4,6	4,9	5,1	5,4

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, na rede municipal de ensino, observa-se que a média alcançada em 2009, nos anos iniciais do ensino fundamental, superou a meta estabelecida para esse ano. Porém, o mesmo não acontece nos anos finais do ensino fundamental, onde o IDEB observado em 2009 foi inferior à meta estabelecida para esse mesmo ano, conforme sugere a tabela a seguir (AGENDA, 2012, p. 12). Molaridades.

do ranqueamento em detrimento das intensidades vividas nesses locais, vidas singulares, de pura imanência, gente sem nome que na aproximação do prof. Apolo Dionísio não foram confundidas com nenhuma outra.

Quando esse assunto é conversado na sala dos professores, há o desejo de fugir dos baixos índices; alguns usam o enredo “direção de um abismo”, de onde já não é possível escapar, uma tarefa tão difícil como atravessar um mangue; outros afirmam que os mais variados fatores, internos e externos à escola (conseguem juntar e atravessar muitas linhas), condicionam a precária qualidade do ensino nos sistemas educacionais em geral: infraestrutura física deficiente; professores mal remunerados, e, por vezes, desestimulados e pouco qualificados para a intervenção pedagógica junto a grupos e contextos sociais desfavorecidos; necessidade da criança de ingressar no mercado de trabalho para complementar a renda familiar; falta de suporte educacional dos pais e de acesso aos meios de comunicação e veiculação do conhecimento (AGENDA, 2012, p. 13). Sonho com uma ponte para atravessar o mangue.

A partir desses olhares, mudando de lentes, Apolo “descobre” olhando por essas lentes outros rostos, que permitiram cruzar a multiplicidade: os resultados do IDEB representam desenvolvimento socioeconômico que lhes têm sido negado, suas posses de bens são diminutas, baixo uso de serviços e baixo rendimento provenientes de fontes diversas; sem levar em conta diferenças como gênero e raça/cor aplicam testes padronizados que não atentam para as singularidades; a má qualidade da infraestrutura, equipamentos e conservação do prédio escolar importam também para averiguar resultados.

#### Fragmento 16

No dia em que Nicolas encontrou Pítia numa das lojas de departamentos da cidade eles também comentaram sobre outras coisas da escola. Nicolas comentou sobre a falta de estímulo e incentivo. “A escola tem seu lado bom e tem seu lado ruim”, afirmou Nicolas, “os horários não são certos e um monte de coisa desorganizada. Tem o professor que vem, o professor que vai embora, muda de professor direto. Eu acho bom, mas acho que podia melhorar. Ah! dá até um desânimo de vir pra escola! Há vezes que não tem aula, outras vezes somente duas aulas e a gente vai embora, ou então a gente vem e fica três aulas vagas aqui

fora no sol quente. Eu gosto daqui, eu gosto de estudar aqui, que nem meu pai fica perguntando se eu quero ir pra outro bairro e eu digo que não, porque eu gosto de estudar aqui”. Apolo ouve sobre o encontro de Pítia com Nicolas e lembram das ditas [des]medidas do IDEB.

As políticas públicas lhes são negadas; Nicolas já sabe a importância de ler, aprender e diz para Pítia: “você não pode se dá ao luxo de não se informar, de buscar informação, de não entender o mundo em que você vive”. Ele recomendou a leitura da biografia de Malcolm X, livro que, diz ele, todas as pessoas deveriam ler. Lendo a história desse grande militante da causa negra, perceberão o quanto o acesso à leitura é transformador. Verá que não há vício ou violência que resista a palavras num papel (TADDEO, 2009, 2013).

\*\*\*

Pítia pergunta a Apolo Dionísio se eles estão romantizando a pobreza, a periferia e/ou a favela? As pitonisas e os oráculos. Sim e não! É assim que os oráculos são. Não se trata de uma “boa periferia” – afirmou Apolo, mas ouvir o morador/aluno/professor de Delfos nessas linhas do bairro dissolvendo binaridades (favela-cidade), focando necessárias e novas problematizações – questões emergentes à vida urbana, dentro das diferenças interna às periferias, mas não exclusiva delas, ler/ouvir outras e muitas histórias sobre Delfos. As pessoas daqui são pessoas assim como a menina/menino da chamada classe média.

Olhando para Pítia e Dagmar continua Apolo Dionísio: acho que a superfície da Terra não pode ser repartida de um modo que todos venham a dizer “a grama do vizinho é mais verde”. A divisão social do país entre pobres e ricos, entre escolarizados e não escolarizados, entre negros e brancos, entre “periferia” e “centro” é acentuada demais. Não é um lugar em que a situação bíblica de Caim e Abel não se faça imperativa<sup>40</sup>. Isso, decididamente, não é a melhor aposta ética que uma cidade pode fazer.

---

<sup>40</sup> Esse discurso é muito forte no texto de Taddeo (2012) e nas músicas e entrevistas de vários *rappers* brasileiros. Carlos Eduardo Taddeo é filho de uma faxineira que teve quatro filhos em dois casamentos. Seu pai, descendente de italianos e empresário da noite, era casado legalmente com outra mulher e mantinha a mãe, Eduardo e seus irmãos. O pai de Eduardo mostrou meia dúzia de fotos da festa de seu primeiro aniversário. Houve bolo, mesa de doces e refrigerantes, servidos para pessoas alegres, que vestiam roupas de festa. O pai, de terno branco, o carrega no colo, ao lado da mãe. A casa alugada da foto era no Glicério, bairro antigo e popular do centro de São Paulo, conhecido pelos cortiços e pela pobreza. As dificuldades se agravaram com o afastamento gradativo do pai. A mãe e os quatro filhos moraram em pensões, com banheiros coletivos. Aposentada por invalidez, com o mal de Chagas, chegou a mendigar, pedindo esmola ou cesta básica na igreja. Eduardo estudou em escola pública até a quinta série do ensino fundamental. Era tímido e míope, tinha vergonha de usar óculos. Usava tênis velhos e roupas surradas. Em casa, a comida era sempre menos do que ele queria.

O prédio da EMEF Zópiro de Atenas, quando Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia chegaram por lá apresentava e ainda apresenta ser um local inadequado (o terreno onde se localiza); a possibilidade de uma quadra decente é remota, água tratada de má qualidade e constantemente faltando – entre uma burla e outra, alunos, funcionários e professores cortam-na para que o dia letivo termine antes do horário previsto; má iluminação; saneamento básico a desejar com coleta precária de lixo, banheiros sempre muito depredados e com aspecto constante de má conservação por mais que se limpe; cozinha e dispensa inadequados para o atendimento escolar; inexistência de laboratórios e equipamentos eletrônicos poucos, precários e usados de forma ineficientes.

Apolo quando começou a trabalhar em Tebas deparou-se com escolas sem computadores, copiadoras, internet, funcionando em casas inadequadas e por aí vai. Quando o novo diretor assumiu haviam salas cujas paredes tinham buracos enormes, guimbas de cigarros espalhadas pelo chão e fezes; equipamentos e mobílias fora de uso nas áreas de circulação que o faziam ver o retrato do abandono.

Apolo também pensa que outro possível fator que pode influenciar as baixas notas do IDEB na EMEF Zópiro de Atenas é congregar alunos de diferentes níveis e modalidades de ensino. O espaço físico é insuficiente para agregar várias modalidades; o mobiliário e equipamentos também impróprios, ultrapassados e desgastados com o uso para as faixas de idade menores.

Essa composição de forças na EMEF Zópiro de Atenas chamadas de socioeconômicas desfavoráveis são impeditivas e obstaculizadoras para atingir as metas associadas ao IDEB. Olhar o bairro e suas escolas além do olhar – aprendizados dos alunos medidos por um índice

---

“Às vezes, só tinha arroz e o feijão era aquela água”, lembra. Ajudava a mãe pegando frutas e legumes nos fins de feira. Ganhava um troco tomando conta de carros. Na rua, assistia a cenas do crime: tráfico, furtos, roubos, prisões, violência. “Eu via os caras com tênis novos e queria ser criminoso”, conta. Começou aos 7 anos, furtando um toca-fitas e roubando dólares de um japonês. Uma vez, foi parar na delegacia para averiguação de furto em um supermercado. Saiu sem maiores consequências. Com 9 anos, diz, já “andava com os caras”, levando e trazendo armas. Odiava álcool. Usou benzina, maconha e cocaína. Experimentou crack. Com 16 anos, fez assaltos à mão armada. “Foi um furto que o namorado de minha irmã fez de um gravador com uma fita k-7 que trazia a música “Corpo Fechado”, dos *rappers* Thaíde e DJ Hum, que ele escutou. “Aquilo me pegou”, ele conta. “Era uma coisa de falar rimando, que eu achei que podia fazer. Escrevi uma letra, mostrei para o namorado da minha irmã, e ele disse que eu mandava bem. Daí não parei mais”. Eduardo formou, no fim dos anos 1980, seu primeiro grupo chamado Esquadrão Menor. Era integrado por moleques de rua. Dum-Dum (Washington R. Santana) era um deles. Como seus dois primeiros discos não venderam bem, Eduardo Taddeo aceitou o convite do sogro, maître do Hotel Hilton, na Avenida Ipiranga, hoje desativado, e passou dois anos lá, como ajudante de cozinha. Lavava louça, limpava o chão, carregava gelo. Já morava no Grajaú, e continuava a comprar. Os primeiros quinze minutos de fama chegaram no ano 2000, quando a Justiça paulista censurou a exibição do videoclipe Isso Aqui é uma Guerra, na MTV, que acatou a censura. A música está no terceiro CD, Versos Sangrentos, de 1999.

qualquer – o que representa a efetivação da função social da escola, também olhar as condições materiais, contextuais para a obtenção desse resultado. Nesse sentido, para tal escola qualidade se expressará quando as desigualdades forem consideradas na análise de seu desempenho. E os números do IDEB são insuficientes para evidenciar a potência das condições das crianças e adolescentes com suas singularidades. Apolo Dionísio cuidadosamente estudou o texto de Alves e Soares (1975, p. 177-194) inconformado que é com a forma como estabelecem critérios sem elos, sem agenciamentos, sem a singularidade.

Pítia e Diomar concordam que é evidente a falta de organização do povo do bairro para compreender tais questões, como também é reflexo da boa e velha máquina do “emburrecimento” que confunde as comunidades em desvantagem social que ainda se distrai com as mais variadas questões que lhe são apresentadas. Apolo usa uma metáfora interessante, que leu no livro que Diomar indicou – se você, ao mesmo tempo em que queima lentamente os pés de alguém, decepa com um machado as suas mãos, é possível que ele nem sinta a dor provocada pelas brasas nos pés. É provável que no susto, a violência impactante faça com que a vítima se acostume com o sofrimento causado pelo fogo e só perceba as queimaduras quando os pés já tenham virado cinzas. Agora, já sem a preocupação em relação as machadadas, fará tudo para resguardar os seus pés (TADDEO, 2012, p. 581). Como pensar na educação dos filhos, nas escolas do bairro, no que a secretaria de educação faz, como o IDEB mede a escola do bairro se a colega de Diomar, também agente de saúde levou uma trombada tão grande?! Seu filho foi morto pelo desembolo. Desorientada e tendo que enxergar os problemas imediatos de sua vida que não afetam o desempenho das máquinas que não captam a intensidade que ali há, mas que com sua operação arreventa com suas vidas.





Foto 13 – Prédio antes da reforma: visão do interior para fora



Foto 14: parte dos fundos; esse é o lugar da Educação física, mesmo depois da reforma.



Foto 15: cozinha antes da reforma.

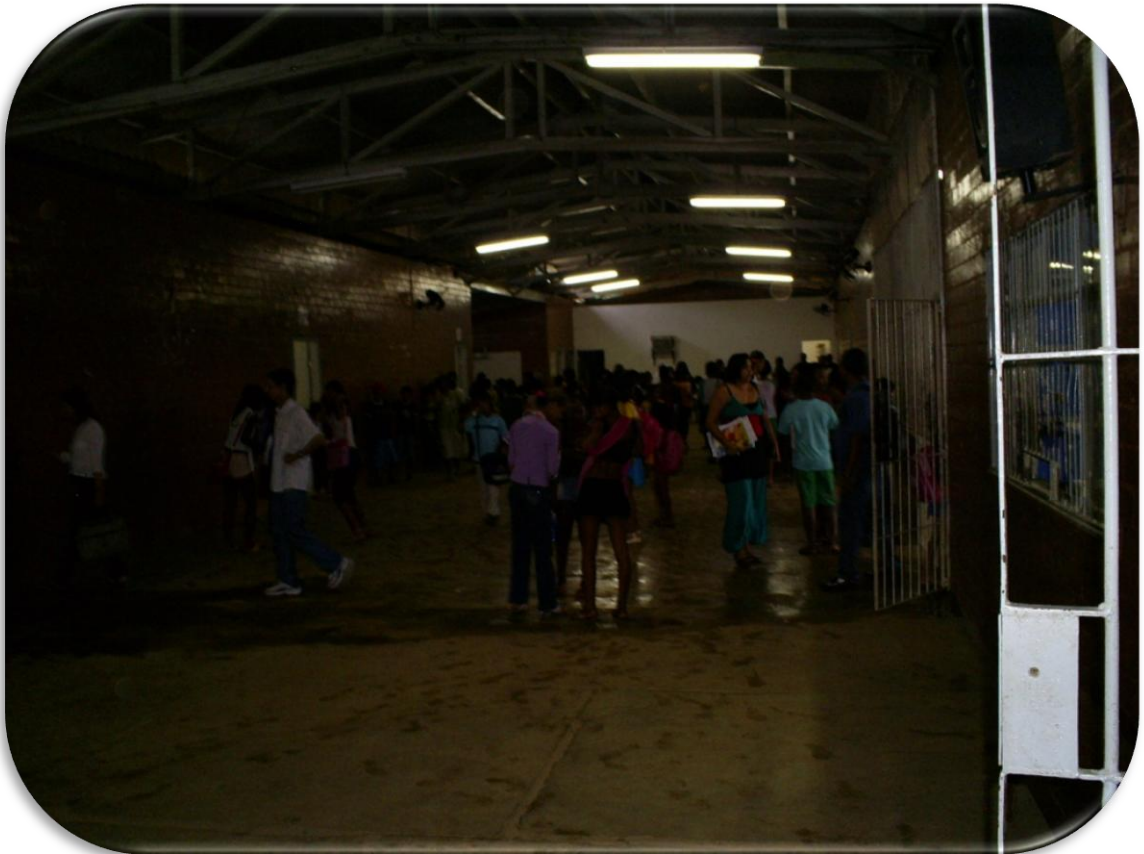


Foto 16: o pátio interno, baixa iluminação



Foto 17: entrada – porta largas, fechadas estreitadas para controle



Foto 18: entrada após o portão principal

## PERAMBULAR 10 – CIDADANIA: QUEM NÃO TEM A PALAVRA FAZ USO DELA

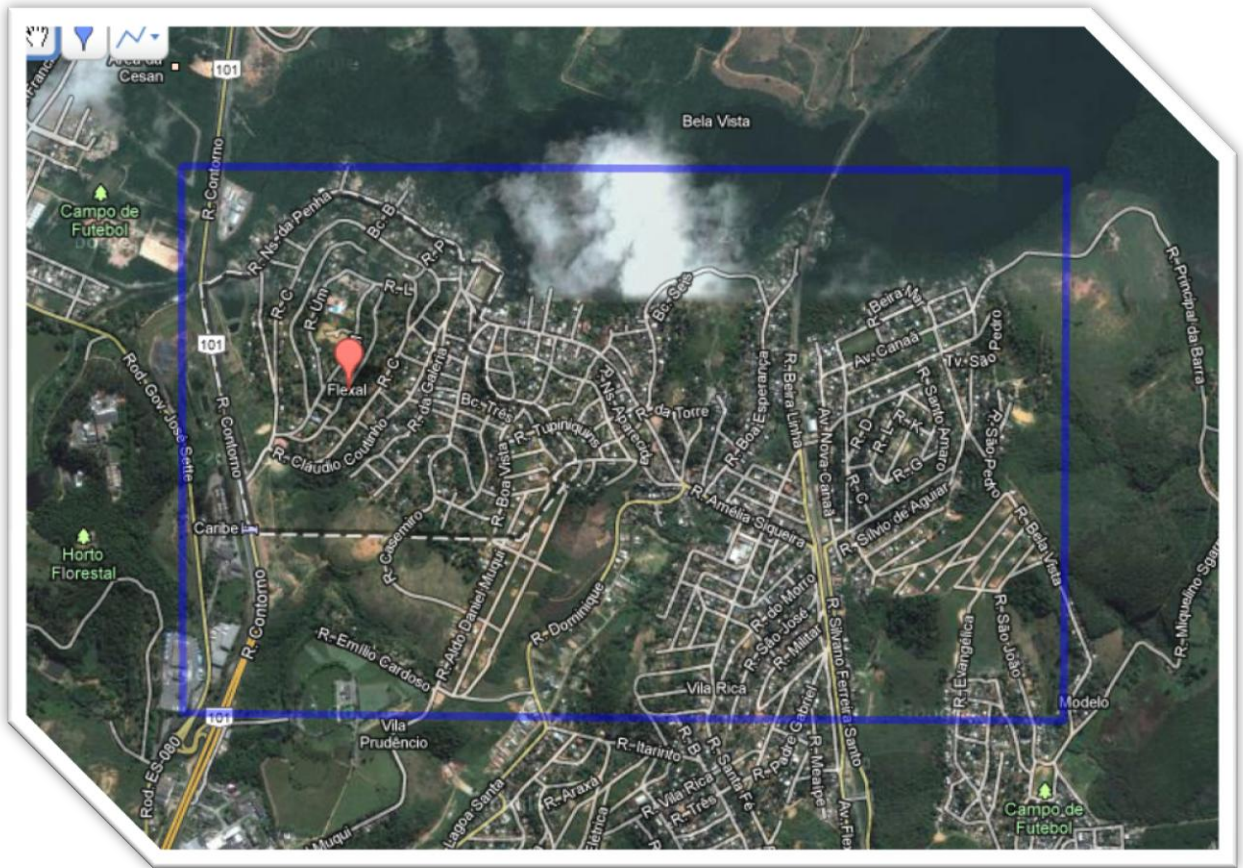


Foto 19 – Mapa do bairro

Olhando o mapa de Delfos temos aproximação da imagem de um rizoma – becos e vielas, a partir dessas linhas visíveis há muitas outras linhas invisíveis, um espaço que lembra um labirinto. A vivência de penetrar em seus becos e vielas e percorrer seus meandros remete diretamente a esta ideia. Apolo Dionísio caminhando com a profa. Pítia num dos pontos altos do bairro encontram a oportunidade de ter uma visão limpa do bairro, marcado por uma quantidade enorme de árvores; uma percepção espacial. A localização do bairro está distante de qualquer outro bairro economicamente melhores, o que mantém distantes os contrastes e desigualdades sociais. As dificuldades de acesso dos moradores aos seus locais de trabalho eram grandes assim como também eram ausentes equipamentos públicos como um posto de saúde, CRAS e escola de ensino médio. Há uma no bairro Delfos I. O equipamento público melhor que o bairro tem são as escolas. Ainda o grande problema do bairro para viabilizar projetos de urbanização é a questão da titularidade das terras. Por serem de propriedade particular, o poder público tem a tarefa de encontrar os proprietários, negociar a doação das terras para então poder viabilizar projetos de melhorias. A prefeitura não pôde construir a

quadra da escola na reforma do prédio escolar da EMEF Zópiro de Atenas. O possível terreno ao lado não foi negociado por não terem encontrado os herdeiros, familiares que permitissem uma compra segura.

### Pontos nodais

Os pontos nodais são pontos de encontro, de concentração de pessoas, atividades, de forma que são a representação máxima da apropriação espacial. São os locais criados e produzidos pela comunidade, e que servem como espaços de troca. Como o Campo do Apolo. O professor até pensou que era uma homenagem. Que nada!

Esse campo é intensamente utilizado pelos moradores, principal local de ação esportiva do bairro, está sempre em atividade, localizado próximo aos becos que levam a uma outra parte do mangue, em terreno plano, com livre acesso a todos os moradores. Jogam times organizados e devidamente uniformizados. Uma funcionária e moradora em frente ao Campo do Apolo contou-me que um time de fora ganhou um dos jogos de um campeonato. Pronto! O time local do bairro ficou com raiva e partiram para a briga. Voltar para outro campeonato? Nunca mais aquele time aceitou jogar no campo do Apolo.

Os carros, motos, bicicletas e transeuntes estão em movimentos; crianças e jovens nas ruas; não se chocam; são ruas que nascem estreitas, sem planejamento, em espaços mínimos de circulação, mantendo as relações vicinais muito próximas, mesmo assim a dificuldade para receber correspondência<sup>41</sup>; instalações comerciais invadindo as calçadas e até mesmo a rua; casas que também invadem as calçadas; geralmente material de construção e o “virar” o concreto é feito também nas ruas; as ruas se tornam espaços diversificado de eventos e relações, lugar do encontro, onde a vida social acontece, o morador se torna visível, espaço de diferenças. Lazer e ócio. Logo, logo os professores se tornavam conhecidos no bairro, especialmente Apolo Dionísio e seus dois colegas, mas o diretor porque também ocupavam esse espaço de visibilidade. Compravam no comercio, visitavam as casas, faziam reuniões no posto de saúde e se tornaram conhecidos das agentes comunitárias de saúde, conversam com

---

<sup>41</sup> A Associação de moradores de Flexal II, se reuniu na casa de Ailton Pereira (um dos líderes no bairro) para tratar dos últimos detalhes do registro das ruas e becos da comunidade. O prazo dos documentos na prefeitura foi na segunda-feira, dia 21 de outubro de 2013 às 12 h. Os becos do bairro passarão a se chamar “Alameda” (ASSOCIAÇÃO, 2013).

os que se tornavam conhecidos e perambulavam também com os alunos, encontros e conversas com os alunos fora do prédio escolar. Apolo contratou os serviços de uma costureira local para fazer bainhas em algumas calças, e comprou doces e salgados em vendedores com seus veículos já famosos no bairro. Os moradores são os protagonistas.

### Bifurcação

A denominação de um assentamento como “favela” decorre do estatuto jurídico da terra, a questão de sua incerta titularidade, e não, ao contrário do que se pensa, de sua precariedade construtiva e falta de equipamentos urbanos, que geralmente a caracterizam. Mesmo quando um assentamento possui todo tipo de infraestrutura, mas não o domínio legal da terra, é considerado favela. Para o IBGE uma favela é qualquer agrupamento construído que tenha sido resultado de invasão de terrenos públicos ou particulares, mas reconhece que o conceito de favela definido pelas prefeituras no Brasil na organização de seus cadastros não é o adotado pelo IBGE.

Para a Prefeitura de Tebas os assentamentos Delfos I e II são considerados bairros e entende que em Delfos tem surgido favelas, com o aparecimento de loteamentos clandestinos e ocupações irregulares (AGENDA, 2012, p. 16). Para a prefeitura, esses bairros já não estão mais na condição de incerta titularidade da terra, mas agora neles têm surgido novas favelas<sup>42</sup>. Novas linhas estão sendo conectadas.

Assim como num rizoma<sup>43</sup>, Delfos nasce de linhas que são puxadas, de onde não se espera, elementos de surpresa. São fluxos que surgem a medida das necessidades. Há uma [des]ordem e apresenta uma complexidade maior do que as cidades projetadas, pois está em constante mutação, nunca acaba de ser construída, não é um bairro fixo como bairros projetados e estruturados artificialmente. A ocupação do bairro aconteceu pela ocupação dos terrenos “vagos”. Não há homogeneidade na construção do bairro, que já foi uma favela sendo apropriado por invasão, gradual ou repentina, pacífica e violenta, em determinadas áreas

---

<sup>42</sup> O nome favela surgiu durante a segunda década do séc. XX, a partir do Morro da Favella, que a partir deste período passa a denominar uma forma genérica de ocupação ilegal da terra urbana. Tão logo a favela foi descoberta, transformou-se em problema a ser resolvido, e as primeiras intervenções foram no sentido de embelezamento e “higienização” da capital (KATZ, 2008, p. 21).

<sup>43</sup> Uso como base a dissertação de Katz (2008).

organizada e em outras de forma individual e os projetos de obras não obedecem a códigos de obras e normas de uso do solo até o uso de material de construção e técnicas construtivas distintas. A madeira na construção de moradias aparece de forma fragmentada dentro do bairro; há uma queda nos congestionamentos das moradias; e a ideia que Delfos é o lugar da pobreza, território por excelência dos pobres, ou espaço privilegiado da exclusão social, de abandonados, não!

Foi nesse lugar que Mano Brown – *rapper* – se tornou visível para Apolo Dionísio e seus amigos e ele diz que “você pode estar lá convivendo e não gostar. Você pode estar vivendo lá e gostar. Tem cara que mora lá dentro e vira polícia. Justamente porque não gosta do que ele está vendo. Ele não gosta dos caras que ele vê na rua, entendeu? Você pode viver lá dentro e não gostar. Na verdade periferia é isso, mil pessoas e mil universos diferentes, mil mentes diferentes, mil inteligências” (BROWN, 2007). Todas as raças, pessoas de várias partes do país, trabalhadores ocupados e homens que também preferem a vida marginal. Enfim, estão perfeitamente integrados com a vida urbana nos seus vieses econômicos, social, religioso, educacional etc.

Programa da TV Cultura Roda Viva – (Ferro – do Capão Redondo) Eu estou falando de sofrimento. Por exemplo, assim, hoje em dia são mais novos, são mais velhos... Não é falar do traficante, mas da dificuldade...

MANO BROWN: Os mais sábios estão conseguindo ficar mais velhos. E os que conseguiram se manter, pegaram uma fase diferente. Eles, com certeza, acham mais fácil hoje, os mais velhos. Eles acham mais fácil hoje. Você está falando sobre favela, sobre vida dentro da favela. O que é que é uma favela? Como é que é uma organização de uma favela? A gente sabe que a favela precisa da organização. Como é a organização da favela hoje? Quem é que sabe dos problemas da favela? O governo sabe? Não sabe. O assistente social sabe 70%, 50%. O cara da ONG sabe 80%. E quem é que sabe? Quem está nela, dentro. Quem mora lá dentro, conhece todo mundo, conhece quem nasceu. Quem sabe dos problemas; sabe quem está preso; sabe quem está precisando de uma ajuda; o filho de quem está precisando. É... (BROWN, 2007).

## Fragmento 17

Como Apolo conheceu o Mano Brown? Subindo a ladeira para a escola pela manhã. Sobe também um aluno. Um menino com o seu uniforme escolar e ouvindo música no seu celular. Como é o gosto de muitos. Parece que o mundo inteiro está com o celular no ouvido; mas esse não! A música estava alta para eu ouvir também. Ele gosta de ouvi-la em alto e bom som.

Aproximação: - oi! Ele: oi professor. Apolo: e aí o que você está ouvindo? Apolo não sabe mesmo. Ouve música e não sabe quem é quem. Talvez autores e editoras, mas música, nada. Ele explicou quem era. Explicou muito bem incluindo o seu prazer de ouvir e o sentido das letras. Lá vai Apolo transformar isso em material didático. Começou a pedir ao aluno os cd's para ouvir, combinou com um de trazer cd-rom para gravação; falava com Dionísio e Pítia sobre... entusiasmado; em casa baixando as letras, descobriu a entrevista de Brown no Roda Viva (BROWN, 2007). Como escolha, como gosto muito bom; como material didático... Apolo descobre que não é gosto de todos.

Em suas observações Apolo destaca também que não se pode entender Delfos II sem apreender a importância do movimento nesse espaço. É um lugar dinâmico, inacabado e em constante mutação onde os sujeitos da ação são os próprios moradores que o [des]constroem e o transformam diariamente. Apolo Dionísio teve que aprender a conversar, o modo de falar, entender as suas lutas, suas dores, o que é ter um familiar assassinado dentro de casa, carregar uma dor, aprender como aprendem (ainda não aprendeu), quando pode e quando não pode xingar alguém de “filho da puta”; Pítia lembra bem: professor não pode mesmo que tenha razão; como lidar com o sentimento [des]potencializadores... alunos com pais alcoólatras, lidar com o desembolo que vem à escola oferecer ajuda, com o pequeno traficante que entrar e sair do espaço, usar o telefone da escola quando bem desejar; lidar com a morte de alunos ainda muito jovens; ver alunos tomarem caminhos dos estudos e alcançarem profissionalizações e faculdades... alunos que já sustentam a casa, alcoolismo da mãe, vários pais para uma mesma mãe; pais ausentes e/ou presidiários.

#### Praças, quadras e lazer

Apolo Dionísio ouvia também reclamações da falta de acesso dos moradores a bens culturais. A pesquisa apontou que apesar saberem que estão consumindo mais, os moradores se queixam da baixa qualidade dos serviços públicos e da violência, além de sofrerem com falta de acesso à cultura. A Associação de moradores (em agosto de 2013) em parceria com a Vale do Rio Doce organizou evento com várias atividades para crianças. A Associação, seus diretores se organizam encontrando os caminhos possíveis de acesso aos bens culturais.



Dos pesquisados, 12% tinham ido ao cinema neste ano, 11% a shows e 2% ao teatro e a museus. O estudo também mostra que 38% dos lares do bairro não têm livros, contra 26% que têm mais de dez exemplares. Uma em cada 20 casas (5%) tem 51 livros ou mais. Ainda assim, 70% dos moradores de favela veem a educação como uma forma de melhorar de vida e 73% dos jovens estudarem mais anos do que os pais. Segundo a pesquisa, 1,4 milhão dos 11,7 milhões da população dessas áreas pretendem fazer faculdade e 2,5 milhões planejam fazer um curso profissionalizante.

Em conversa com Pítia, Apolo Dionísio comentou que Diomar tocava em questões como educação, leitura, ela não dizia o que muitas vezes ouvíamos nas salas de professores: ele não vai aprender porque vive do tráfico, é um aviãozinho; essas pessoas não sabem se comportar na escola; não fazem nem o dever de casa – como se todos tivessem uma casa apropriada para isso chamado “dever de casa” – a família é desestruturada (essa faz Apolo subir pelas paredes – lugar comum); a mãe é alcoólatra; o pai está preso, que são perigosos e tantos outros discursos e narrativas tentam justificar o porquê dessas crianças pobres não se adaptarem ao mundo escolar. Pítia algumas vezes disse que encontra muitas dificuldades para trabalhar com “essa geração atual”. Diomar não culpabiliza essas crianças e suas famílias<sup>44</sup>. Mas o estado e a sociedade que não tem a intenção acabar com as desigualdades sociais. E aí não tem PT, PSOL e nenhum outro.

Diomar por sua vez pergunta: prof. Apolo Dionísio (o tom da voz muda) peça para um estudante da 9º ano de uma escola pública estadual ou municipal escrever uma frase ou ler um texto.

Eleutherios aproveita e faz também o seu pedido: Diomar peça para um professor/professora de uma escola pública estadual, municipal ou mesmo particular escrever uma frase ou ler um

---

<sup>44</sup> Taddeo (2012) em todo o seu texto não culpabiliza a periferia pelas mazelas que vivem. Entende que políticas públicas que mudariam suas histórias lhes foram negadas; que o país, a sociedade civil que “jamais foi ou será uma intenção do Estado, converter **um** excluído pelas desigualdades em uma pessoa que pensa por si própria, debate, questiona, se opõe, se revolta, analisa, pondera e manifesta ideias de justiça. Dentro do ideário de nossos reguladores comportamentais, os indigentes tem de formar um rebanho homogêneo e uniforme de cordeirinhos amansados, aptos para pastarem por toda a vida com seu temperamento dócil, sob as ervas daninhas das informações e dos dogmas pré-estabelecidos. Todos aqueles que não buscarem aprendizado em outras frentes, como a literatura marginal, estão condenados a fazer parte do time dos iletrados que detém a posse de um certificado de conclusão de ensino médio” (TADDEO, 2012, p. 106). Assim constrói sua narrativa apostando numa linha libertária e marxista; o que uma minoria faz com uma filosofia maior.

texto. Pergunte também pelos livros que eles/elas andam lendo... teremos surpresas... É preciso pensar as próprias práticas... Agora quem ri é Apolo.

Apolo Dionísio, diz para Diomar que convivendo/trabalhando aqui nesse bairro tenho aprendido o valor do trabalho, não só para que os nossos alunos e jovens do bairro respeitem pessoas que fizeram a diferença no passado, mas também para que, ao focarem no presente, respeitem muito aqueles que acordam às quatro da manhã para lavar privadas e sustentar famílias com salários de fome. Pois mesmo sendo apresentados desdenhosamente como cidadãos de segunda classe, essas pessoas são guerreiras, são exemplos vivos de resistência, persistência e determinação! Vejo que por onde ando elas estão trabalhando, com humildade e dedicação servindo a muitos.

#### Fragmento 18

Apolo Dionísio e Eleutherios almoçavam num pequeno restaurante na descida da ladeira que nos leva e traz do prédio escolar. Assim, de repente o restaurante não estava mais lá. Eles perguntam – onde agora? Já conheciam a dona. Ele deu a informação do novo local, agora com uma parenta. Lá vão eles. Almoçaram agora no novo local, sob nova direção. Era uma casa ampla com dois pavimentos. Apolo pede um suco de limão. Oferecem uma limonada a suíça num copão. Levamos a informação para os demais colegas. Apolo Dionísio e outros professores muitas vezes passavam o dia no bairro trabalhando. Nesse “dia todo” sentem, aprendem, se emocionam.

Portanto, essa transformação diária incentiva a participação da população que ali reside e a importância de levá-la em consideração quando se pensa em propor transformações e se quer garantir a apropriação dos espaços, uma vez que propicia sensação de pertencimento a seus moradores. Apolo Dionísio ficou feliz ao perceber isso e comentava com os colegas que as reuniões com as famílias e as lideranças do bairro agenciavam (são sempre coletivos) essas oportunidades de participar junto com eles de possíveis transformações. De aprender, porque como professores da rede trabalham como parte de um coletivo. Para Apolo Dionísio coletivo entendido como plano de co-engendramento e de criação, indicando um caminho peculiar e fecundo para a superação da dicotomia indivíduo-coletivo. Para além das relações interindividuais ou grupais, uma vez acontecem entre pessoas já individuados. É o estar no

meio, sobre a linha de encontro de dois mundos, o que está entre os dois, neste espaço tempo comum que tem sido o bairro e a escola, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela.

### PERAMBULAR 13 – ESCOLA/BAIRRO – PUXA PRA LÁ/PRA CÁ: VALORANDO



Foto 20: interior de uma das salas do prédio antes da reforma.

Sempre que Apolo Dionísio vai pela primeira vez a um lugar imagina como será. Já tinha ido ao bairro em esparsas ocasiões. Agora era outro momento. Onde fica o prédio em que vai trabalhar? Foi de ônibus. Estava sozinho e não queria errar o local de saltar. Ele sente: é

horrível ficar dando voltas num bairro que não é familiar, especialmente quando sozinho, geralmente erro o local de soltar. Ali ele não habita. Observava atentamente as pessoas que viajavam. Gente conversando, rindo, jovens brincando uns com os outros e à medida que se aproximava do bairro entravam e saíam pessoas “por todas as portas”. Apolo está “distráido”; surge uma lombada e um solavanco. “Adoro lombadas”! Pensa consigo ironicamente. Casas e pequenos prédios na beira da rua quase sem calçada. Um campo de futebol de areia de um lado e do outro, qual nada! um lixão: fogão, geladeira, sofá, muito saco plástico; um lixão enorme. Que agonia ver aquilo! Depois de um tempo Apolo reparou que o local foi saneado. Enquanto o ônibus seguia pela rua principal uma barraca de venda de comida invadindo parte da rua. Isso intriga e incomoda. Não tem sentido! A barraca de comida invade a rua e vende comida? Nessa rua num dos pontos soltam dois rapazes, ligeiros, falando alto, e entram correndo por um beco; muitos becos que ficou conhecendo depois. Perguntava: para onde esses caminhos levam?

Um caminho desses Apolo Dionísio segue. Um senhor, morador do bairro vinha do trabalho, porteiro em prédios de Vitória, ouviu e percebeu a necessidade de Apolo chegar na EMEF Zópiro de Atenas e indicou o caminho: um beco calçado com bloquetes, largura de uma única pista; uma “meia rua”. Uma meia rua! Uma “meia rua” incomoda. Apolo não gosta de “meias ruas”. Sem calçadas. A gente disputa o espaço com motos, carros, caminhões de porte médio, que para Apolo eram enormes para uma “meia rua”. Essa “meia rua” trilhada até chegar ao local parecia interminável. Assim era essa “meia rua”, que também era ladeira até o prédio escolar – interminável.

Quando chegará o prédio dessa escola? E sobe, sobe! Alunos, moradores, pequenos e escuros estabelecimentos comerciais. Olha para dentro do local, não vê nada para vender e pergunta: o que essa gente compra aí? Continua subindo... aparece... Os processos são intermináveis. Tempos depois Apolo Dionísio encontrava o que comprar e Eleutherios ria das péssimas compras que Apolo fazia. Currículo ignorante (SILVA; CORAZZA, 2003). Tempo para aprender.

A escola e o bairro são dois planos de imanência, rizomáticos que se constituem para Apolo Dionísio. A subida já cheia de movimentos, as ruelas exemplificam as possibilidades de muitas linhas de fugas. Ao avistar o prédio do “Zópiro de Atenas” Apolo vê gente saindo e chegando e à medida que se aproxima do portão de entrada a nitidez aumenta então vê: mães,

vozes, choros (ouvia e via vozes), grades enormes, uma funcionária de jaleco verde tentando controlar segurando a portão-grade, o outro lado vazio, outras funcionárias paradas, professores chegando, a vendedora de doces com seu carro de vendas à porta encostada no muro pelo lado de fora, alunos em volta comprando. A gente para e faz uma volta com o corpo de 180 graus para o lado direito e outra volta para o esquerdo e observa que há alunos espalhados pelo espaço externo do prédio escolar. Eu quero entrar! – Disse Apolo Dionísio. Identificação. A funcionária permite a entrada para o outro lado. Ele olha para trás! A nitidez vai se perdendo e abrindo um outro campo de visão com poucas pessoas se movimentando preparando (ou não) o espaço para a entrada dos alunos. A nitidez é maior à medida que você se aproxima produzindo uma paisagificação.

[...] Os corpos serão disciplinados, a corporeidade será desfeita, promover-se-á a caça aos devires-animais, levar-se-á a desterritorialização a um novo limiar, já que se saltará dos estratos orgânicos aos estratos de significância e de subjetivação. Produzir-se-á uma única substância de expressão. Construir-se-á o sistema muro branco – buraco-negro, ou antes, deslanchar-se-á essa máquina abstrata que deve justamente permitir e garantir a onipotência do significante, bem como a autonomia do sujeito [...] Essa máquina é denominada, máquina de rostidade porque é produção social de rosto, porque opera uma rostificação de todo o corpo, de suas imediações e de seus objetos, uma paisagificação de todos os mundos e meios (DELEUZE, 1996, p. 49).

A entrada é um momento tenso. Empurrões. Correria. Pequenas brigas. Quedas. Choros. Gente irritada. A porta da sala com seus 80 cm fica imensa pela magia da entrada dos vários alunos por ela. Ouço cadeiras se arrastando, ganhando vida própria e portas que se batem. Sentam e daqui a pouco muitos estão nas portas. Professores em movimento; familiares que buscam a secretaria e acompanham seus filhos até a sala. Uma mãe que planta-se dentro de uma sala e quer ver a professora trabalhando. Pergunto: que cuidado é esse que essa mãe imagina para o seu filho? Que profissional ela imagina que deve cuidar do seu filho? Numa conversa com a mãe percebe-se que ela entendia que aquela professora, uma desconhecida para ela, queria humilhá-la. O que a professora ensina e perguntava na aula, tinha o objetivo de saber da vida deles, dos alunos, para humilhá-los daí a pergunta: para que ela quer saber isso? E a resposta: só pode ser para humilhar a gente.

E o “dobrar, desdobrar e redobrar”, não apenas porque os processos de subjetivação são continuamente penetrados pelo saber e pelo poder, mas porque as próprias subjetivações – se estão assentadas dentro das estruturas fixas e da segurança agradável da identidade – podem converter-se em um obstáculo que impede cruzar a multiplicidade, que impede a prolongação de suas linhas, a produção de novidade (DELEUZE, 1996, p. 232).

Descubro que circulando pela escola estão também adolescentes que não são mais alunos, outros que estudam a tarde, outros que moram no bairro e são de outra escola, namorados, paqueras, os que querem praticar esporte na parte detrás do prédio. Uns entram, outros ficam na parte externas dos muros, ou em cima dos muros, sentados, aguardando o momento de jogar, num espaço aberto exatamente atrás de quatro salas de aulas. É estabelecido um diálogo entre esses e os alunos nas salas e a professora lidando com o aluno em sala e com o “aluno” externo. E mais uma bolada na parede. Depois desses [des]encontros (o que está a um só tempo) há momentos de silêncio em que há uma concentração dos alunos. Esse momento de silêncio é mecânico<sup>45</sup> – estão copiando do quadro.

Os muros do prédio, facilmente escalados mesmo sendo bem altos. De cima desses muros, numa determinada parte, o aluno consegue chamar a atenção do professor que está dentro da chamada sala dos professores e conversar: ele no topo do muro e o professor em sua sala. O dialogo começa com um: “sai daí menino! Você não tem medo de cair não”? Os muros do prédio são como “portas para a rua”. As barreiras físicas não são limites para o movimento, para o ir ao encontro, para o estar diante de. É interessante como uma barreira física não lhes tira a potência e como a pobreza material (não só a econômica) não é um muro a ser superado. Ou melhor como “sobem” ou “passam” pelos demais muros: andam de ônibus pela grande Vitória; muitas vezes Apolo Dionísio encontra essas crianças e adolescentes em vários pontos da cidade e sozinhos; encontro no ônibus saindo do bairro; encontro vendendo coisas; no bairro pilotam livremente motocicletas. Será um currículo turbilhão? (SILVA; CORAZZA, 2003).

#### Fragmento 19

Encontros no ponto de ônibus. Certo dia, um aluno de doze anos, saiu irritado do prédio escolar. Havia batido na mesa reclamando do professor. Encontrou a professora Pítia pelo bairro e disse: “eu gosto muito da escola, não gosto dos professores. É um menino negro, “catador de lixo” que tem no seu corpo as marcas do seu trabalho. O que faz esse menino não gostar dos seus educadores? Num outro dia, Pítia, estava esperando o ônibus no ponto e esse

---

<sup>45</sup> Por que mecânico – é uma cópia pura e simples do que está no quadro, sem reflexão racional e emocional. Para outros o mecânico seria o movimento da bola, do correr, do movimento destituído da potência do desejar o conhecimento.

mesmo menino chegou pilotando sua bicicleta. Parou e começou a conversar sobre as negociações que havia feito: trocou uma bicicleta pela outra, pois a que tinha o “fazia cair”, não se adaptou ao guidão. Ele estava com um galo numa de suas mãos. Pítia então sugeriu vendê-lo para uma professora interessada em comer um galo. O menino então resolve a ignorância da professora que não percebeu que era um galo de briga e diz: “não professora, esse é um galo de briga que negociei. Vou trocar por um celular com o meu padrasto”. Pergunto de novo: o que faz esse menino gostar e não gostar da escola? Ele precisa da escola? (Nós precisamos que ele precise de escola?). Quais são os currículos praticados que não permitem pensar o intratável, a exterioridade, o diferente de si, ou seu outro? (SILVA; CORAZZA, 2003).

\*\*\*

Dois exemplos singulares para essas questões são Eduardo FC (TADDEO, 2012)<sup>46</sup> e Mano Brown<sup>47</sup>, este à frente de um dos mais importantes grupos do rap brasileiro, o que atrai público para seus shows de rua (e que já vendeu mais de um milhão de CDs), ele é considerado a voz da periferia pobre de São Paulo. Faz de sua música um protesto e uma

---

<sup>46</sup> Veja a nota número 40 sobre Eduardo FC.

<sup>47</sup> Um dos grandes ícones do rap no Brasil é **Pedro Paulo Soares Pereira**, pouco conhecido por esse nome, mas que não passa pela periferia sem ser reconhecido como **Mano Brown**. Líder do maior grupo de rap do Brasil, os Racionais MC's, ele é um dos artistas mais ouvidos nas regiões mais pobres do país. O grupo formado em São Paulo em 1988 conta, além de Mano Brown, com Ice Blue, Edy Rock e o DJ KL Jay. Nesse ano, eles participaram com duas faixas na coletânea "Consciência Black". Dois anos depois, em 1990, saiu o primeiro disco do grupo, o "Holocausto Urbano", com denúncias de racismo e da miséria na periferia de São Paulo. Em 1997, com o disco "Sobrevivendo no Inferno", os Racionais MC's venderam mais de 500 mil cópias, sem nenhuma grande rede de distribuição por trás, e ganharam vários prêmios. O DVD "Mil trutas, mil tretas" foi lançado em 2007 com shows, extras e um documentário sobre a história dos bailes black na periferia de São Paulo. O vocalista do grupo Racionais MC's diz que a consciência de raça do líder negro americano Malcolm X o fez entender coisas que estavam a seu lado e que ele não entendia. Já interrompeu shows para conter brigas na plateia e para fazer discurso contra o álcool após ver um jovem bêbado entre os espectadores. À frente de um dos mais importantes grupos do rap brasileiro, o que mais público atrai para seus shows de rua (e que já vendeu mais de um milhão de CDs), ele é considerado a voz da periferia pobre de São Paulo. Faz de sua música um protesto e uma denúncia contra o racismo, o crescimento urbano caótico e a dura vida nos bolsões de pobreza da cidade. É líder e vocalista dos Racionais MC's, grupo de rap que surgiu há mais de 20 anos no Capão Redondo, região de Campo Limpo, numa das áreas mais populosas e pobres da zona sul de São Paulo. Ele considera que o principal conflito de hoje no Brasil é, em primeiro lugar, o do rico com o pobre, em segundo lugar, do preto com o branco e, em terceiro lugar, do branco com o preto. A música de Mano Brown e dos Racionais MC's deixa claro o conflito entre o centro e a periferia, entre o Brasil dos incluídos e dos excluídos: o grupo se transformou numa expressão das ideias sobre consciência negra no Brasil e fez dessa percepção sua marca no rap brasileiro. Avesso às tecnologias, não sabe mexer em computador e se considera uma pessoa rústica. O caráter durão, ele herdou de sua mãe, que deixou a Bahia com 12 anos, depois de brigar com o pai. Brown classifica o povo brasileiro como pacífico, mas já afirmou que pegaria em armas para fazer uma revolução. Mano Brown raramente concede entrevistas e quase nunca faz shows fora da periferia. Já declarou que é aí que está seu verdadeiro público; que este foi público que o colocou no topo e que precisa ouvir o que ele tem a dizer. Atualmente atinge também a classe média, falando de drogas e marginalidade (BROWN, 2007).

denúncia contra o racismo, o crescimento urbano caótico e a dura vida nos bolsões de pobreza da cidade.

**RV – Brown, qual o seu grau de instrução?**

**MANO BROWN:** Oitava série.

**RV – Não teve oportunidade de continuar estudando ou...**

**MANO BROWN:** Tive, mas não gostei. Tive assim; estava empregado e resolvi pagar o primeiro ano colegial. Colegial, né? E não gostei da escola. Não me adaptei. Não gostei do convívio. Eu saí fora. Não foi suficiente, foi insuficiente (BROWN, 2007).

A origem simples, o abandono paterno e a infância marcada por privações materiais é parte da história Mano Brown. Envolveu-se com a *black music* no Brasil o que foi significativo para a formação da sua trajetória de vida no começo da década de 1980, quando Brown tinha entre 13 e 14 anos. Nesta época que o *hip hop* ainda não era conhecido no Brasil. Ele conhece a música de James Brown, participa de palestras e discussões sobre o movimento negro. Com a abertura política que acontecia nessa época, estes movimentos que estavam um pouco ofuscados por conta da repressão, ganham força. Tais encontros que Brown participava aconteciam na região central da capital paulista, em especial na rua 24 de maio e na estação de metrô no Largo São Bento. Estes locais, considerados o berço do hip hop no Brasil, eram o ponto de encontro de dançarinos de break, rappers e fãs do movimento.

Brown e seus companheiros do Largo São Bento discutiam vários problemas do país, desde o preconceito racial e a criminalidade, até questões mais complexas de mundo. Tudo isso vai possibilitando que Mano Brown crie uma visão diferente.

**RV – É muito difícil falar com um garoto pobre, preto, que vive na periferia, que ele tem que ser honesto, se tem bandido no Poder Legislativo, no Judiciário e no Executivo? Se tem tanto empresário que rouba, que bota dinheiro para fora, se tem cartola de futebol, até jogador, que está fazendo isso? Como falar para uma criança sem pai, que passa fome e tal, que ele tem que ser honesto, que ele não pode roubar, se tem tanto ladrão no Brasil todo?**

**MANO BROWN:** Chego a dizer que nem considero (esses manos nas periferias) desonestos, né? Dentro da realidade das armas que eles têm para lutar, do que eles aprenderam como meio de sobrevivência, eles são honestos. Eu tenho certeza que, com os parceiros deles, eles são honestos; com a família deles eles são honestos; com os manos que estão presos eles são honestos. Tá ligado? Eles são honestos com quem é honesto com eles. Entendeu? Onde está a honestidade? São valores, né? Quando você fala que um assaltante de banco é desonesto, você tem que olhar para a sociedade, tem que ver se a nossa sociedade é honesta. A nossa sociedade, eu costumo falar para os manos quando a gente está conversando, que a nossa sociedade é criminosa. É omissa. Ela é cega quando quer; é surda quando quer. Omissão é crime, não é? Então, acho que se você for categoria de criminosos, entendeu? Tá todo mundo na mesma, na igual (BROWN, 2007).



Mano Brown (2007), assim como Taddeo (2012) defende o pensamento crítico e uma postura ativa diante dos problemas sociais, para além do que cunhou de Zé Povinho, como na letra da música “Vida Loka” (BROWN, 2002): “Um brinde pros guerreiros, Zé Povinho eu lamento”. Segundo Silva (2012), “Zé Povinho, para Brown, é aquela pessoa invejosa, consumista e que não tem uma visão crítica de política, não participa de ações sociais... A atitude é uma palavra muito enfatizada nas letras, relatos e entrevistas [...]”.

**RV – Você falou que não tem um discurso; fiquei meio confusa. Porque tenho a impressão, como ouvinte, que os Racionais têm um discurso. Não o discurso de botar regra para o mundo inteiro, mas quando você fala em pensar a gente como a gente, ou que o negro deve se identificar com a sua cultura. Gostaria que você falasse de uma coisa que sempre achei muito coerente nas letras, que é a cobrança de atitude do negro. O que é que é isso? Cobrança de atitude?**

**MANO BROWN:** Eu não cobro atitude. Mesmo porque eu não tenho condições de cobrar nada, certo? Eu sou cobrado. Atitude vem de ato: ato, agir. Agir, atitude, nem sempre tem que ser da forma que eu faço. Não é isso que é atitude. Atitude é agir. Simplesmente agir. Atitude. Você vê um saco de lixo, certo? Está na frente da sua casa. Você sabe que o carro vai passar em cima e vai acabar com a sua rua. Você vai lá e, simplesmente, troca o saco de lugar. Isso é atitude. Tá ligado? Cuidar de você, cuidar da sua família, cuidar dos que estão perto de você é atitude.

Na década de 80, Patto (1987, p. 173), chamava a atenção para os equívocos e incompreensões presentes na formação do psicólogo em relação ao atendimento dos problemas escolares das crianças provenientes das camadas populares. Cabral e Sawaya (2001, p. 144) em seus estudos apontam que mesmo profissionais que não são professores tornam-se convictos de que os alunos eram deficientes e/ou problemas intrapsíquicos e/ou orgânicos. Em outras palavras, as causas das dificuldades de aprendizagem, antes atribuídas às condições adversas de saúde (como a desnutrição e verminoses) das classes menos favorecidas da sociedade, passaram a ser atribuídas também aos problemas psicológicos, o que levou ao aumento da procura por serviço de psicologia infantil nos centros de saúde. Currículo psicologizante. Os professores não os compreendiam em suas deficiências, a atuação dos psicólogos focalizava dois aspectos: os alunos e os professores.

Com o intuito de desenvolver nos alunos atitudes e comportamentos esperados pela escola, realizavam treino de agilidade motora, trabalhavam com a disciplina e obediência às regras escolares, isto é, buscavam a integração da criança desajustada aos padrões de comportamento desejados e a eliminação dos comportamentos inadequados. Com os professores, o trabalho voltava-se à sensibilização deles para os aspectos educacionais tais como a discussão do processo de aprendizagem e suas dificuldades, buscando auxiliá-los no desempenho mais eficiente da sua tarefa, embora não discutissem as posturas autoritárias que poderiam estar influenciando os comportamentos indesejados dos alunos. Todavia, quando os psicólogos eram questionados sobre a eficácia de sua proposta de atuação, mostravam-se muito insatisfeitos com esta forma de trabalho com os alunos e os professores, sentindo-se angustiados e impotentes diante do fraco resultado que obtinham (CABRAL; SAWAYA, 2001, p. 144).



Apolo Dionísio leu com curiosidade as paredes externas do prédio que dizem coisas: Helida 100% piranha; Meiquelei 100% gostosa; Klex, eu te amo. Ass: AAA; Eduardo cabeção; Gleisce 100% amiga; “Fulana” 100% safadinha; boladonas; 100% Jesus paz; “Fulana” dá para Careca e para o Marcelo; chifrudo conformado; é nós os prostituto ozado; Jefferson 100% viado; Camila 100% fiel. Como lidam com sua corporalidade? (muro e corpo: uma selva de pedra). É uma produção do real incessante numa velocidade e rizomaticidade intensa, é ganho de uma outra perspectiva de conhecimento e experiência na dimensão físico-biológica, a incorporação da incerteza. Pítia conversava com uma menina, Kathyucia Imaculada de 9 anos afirma: “eu quero ter quatro filhos e ser uma boa mãe” (inscrita na pedra/o poder do resistente em não deixar de existir na essência em que é e aparece). Desaparece a infância (sair da perspectiva de infância ocidental, do homem em miniatura. Aqui há a criança sim, mas no corpo, no rosto da realidade que habita e ele ajuda construir), pois os segredos da sexualidade, da violência e a capacidade dos adultos governarem o mundo são revelados midiaticamente (TEDESCO, 2001, p. 35). Independente da vontade de quem quer que seja, a criança vê o mundo sem os segredos que os adultos tentam ocultar. A tentativa de ocultação pode ser uma sabotagem, também quando manifesta-se o não existir

essa tentativa; só no discurso e no “país de Alice, que não é nada maravilhoso”. Saboto quando atribuo uma condição alcançada por uma minoria é atribuída a um todo.

Sempre há festas na escola. Numa dessas festas alunos se apresentaram com um grupo de dança. Muito bem vestidos, maquiados e os movimentos precisos, harmonizados e sensuais. Corpos que se movimentam com ambidestrezza, leveza e graça. Nesse campo de forças, a partir de princípios morais e éticos com os quais eles precisam interagir, e isto é um imenso campo, já que eles não se referem somente ao que percebem do mundo, mas também as forças que estão acima de qualquer controle. Eles vivem uma temporalidade que é única e intransferível, pois pela corporeidade vivenciam situações em um tempo próprio atribuindo a essas situações significados pessoais. O que concorre para o surgimento de conflitos ou dilemas entre ele e os pares, em virtude das diferenças de carências e, conseqüentemente, de tomada de decisões frente às muitas diferenças ainda incompreendidas. Porém, tal dinâmica se efetiva como existencial no momento em que o adolescente se sente angustiado por se perceber em conflito e com a emergência de se posicionar como um ser cultural e moral em um contexto sócio-histórico.

A sala dos professores é um refúgio. O professor entra e relaxa com um longo ou breve suspiro e senta. Apolo Dionísio presencia um desfile. Descontraidamente uma colega desfilava mostrando seus modos de ser manequim. Ela mostra a sua tatuagem que vai da perna até os seios; essa parte de cima ela não mostra para todos e Apolo Dionísio chega perto num movimento leve para ver, enquanto ela sorria; uns veem e outros imaginam o que podem ver do que estão vendo. Discussões, alterações, reclamações, lamentações, compartilhamento, isolamento, falar do fim de semana e do quanto não se suporta algum aluno em particular. Dos namoros dos alunos e a dificuldade com o aprendizado. A propósito sobre o aprender Apolo Dionísio compreende que

No passado, a exclusão atingia os que não ingressavam na escola; hoje, atinge os que nela chegam, operando, portanto, de forma menos transparente. Vejam-se os altos índices de evasão nos primeiros anos do ensino. A extensão de oportunidades escolares e a transformação do sistema formal do ensino não produziam, de fato, conseqüências mais significativas na situação de classe da grande maioria de habitantes (BEISIEGEL, 1981, p. 56).

Pítia questionou Apolo Dionísio sobre a aprendizagem: o que entende por aprendizagem e sucesso escolar? Isso não fica claro, disse. Está reafirmando um modelo de aprendizagem e

sucesso? Isso pesou como mais um dos seus oráculos. Apolo Dionísio perguntou para si mesmo: o que significa aprender quando já não se aposta mais na existência de uma verdade única, quando se questiona o papel da lembrança, da possibilidade de transmissão direta de conhecimentos/informações, do suposto controle do movimento do aprender por parte do professor e também do aluno aqui em Delfos?

Aprendizagem como construção/desconstrução, como processualidade de forma opaca, polissêmica, a partir de seu movimento de produção do mundo. A aprendizagem é parte da função comunicativa da sociedade e que está cheia de sentidos. O aprender é tomado como um movimento, como exercício de invenção que é rizomático por signos sensíveis que vão além de uma concepção de linguagem em suas funções de informação e comunicação.

E o sucesso Apolo Dionísio? Indaga Pítia. Sucesso escolar – é ter o tempo para aproveitar ou perder-se na possibilidade de aprender – legal isso que falei – disse Apolo. O não sucesso é o tempo que é negado a criança/ao jovem para exporem-se ao aprender. Nicolas (aquele que gosta de ler) interpela e diz que “para ser um cara melhor você precisa abrir o livro e ler. Aqueles que lhe matam se informam. O juiz, delegado, policial, leem para lhe prender. Todos os seus ‘inimigos’ estão se informando nesse momento” (TADDEO, 2013).

Por outro lado, continua Apolo Dionísio, há a decepção como elemento do aprender. A decepção pode ser tomada por uma espécie de preguiça, que acionaria a resistência e impediria, assim, a atualização de outra dimensão do aprender que é a do enfrentamento do medo do caos, da desorganização. É da relação entre essas duas faces que se constitui o movimento do aprender. Por sua vez, o enfrentamento do caos exige uma certa organização do pensamento que não é homogênea, mas se constitui por meio da produção de caminhos diferenciados para cada aprendiz (ainda que tomados por imagens de pensamento de determinadas épocas). É esse movimento de organização sempre provisória e instável, atual/virtual que se constitui em criação. Nessa perspectiva, poderia-se pensar um movimento da arte do aprender como processo, que não potencializa o aprender como reconhecimento; prefere e potencializa o aprofundamento dos encontros à facilidade das recognições ou do discurso como o único com o poder de desvendar o mundo com seu código de neutralidade e clareza usado como uma máquina de descrição de uma realidade que é pretensamente por ela representada

diz Deleuze de fato, uma revelação parcial aparece em determinado campo de signos, mas é acompanhada às vezes de regressões em outros campos, mergulha numa decepção mais geral, pronta para reaparecer em outros campos, sempre frágil enquanto a revelação da arte ainda não sistematizou o conjunto. E, a cada instante, também pode acontecer que uma decepção particular faça surgir a preguiça e comprometa o todo (DELEUZE, 1987, p. 27).

Apolo Dionísio pega o fio da direção da dimensão política do aprender: cuidar bem do sentido e suas relações com a ética que passa pela invenção de práticas criativas de aprendizagem; considerar a criação como constitutiva do processo de aprendizagem e transmitir informações; levar em conta a criação sem cair em relativismo absolutos em que todas as formulações e toda e qualquer possibilidade de interpretação seriam válidas e respeitadas, todos os pontos de vista serão possíveis, o que fez Apolo Dionísio lembrar de uma frase de Deleuze e Guattari (1997, p. 38) o pensamento deve ser levado a sério, do contrário o caminho é pensar conforme quer um Estado. Levar a sério o pensamento, não potencializar as práticas autoritárias e de subordinação que constituem o pensar como quer um Estado<sup>48</sup>.

A escola de forma apolínea insiste numa educação bancária (FREIRE, 1997). O prof. Apolo Dionísio defende o controle, e em várias vezes seduzido pelo professor Eleutherios, balança em suas teses, mas diante dos momentos e circunstância e do coro que canta sempre os refrãos da fatalidade se dobra nas práticas de ações repressoras, disciplinadoras e coercitivas intempestivamente sem mesmo elaborar em suas práticas uma certa linearidade que daria base aos seus desejos de ser um professor disciplinador. Currículo assentado. Apolo se remete ao par matéria-forma, que compõe um modelo legal ou legalista, opera individualizações por sujeitos e objetos, desejando formar bons cidadãos, bons saberes, bons valores, fazendo com que tudo, no campo do currículo, fique firme, sólido, estável (SILVA; CORAZZA, 2003). Esse desejo se dissolve em Delfos e no Zópiro. Buracos são abertos e Apolo cai. A vida é mais forte. O Dionísio em Apolo também é forte.

Esses são muitas vezes os sentidos do prof. Apolo Dionísio: se o aluno não aprende, se não segue o caminho pré-determinado, não consegue compreender, não se adapta à disciplina - a causa é o não ficar quieto. Tais práticas de rotulações negativas são confirmadas muitas vezes pelos mais variados diagnósticos psicológicos classificatórios possíveis: hiperatividade, problemas cognitivos, problemas comportamentais e/ou emocionais. A partir destes rótulos, ou o aluno (geralmente de classe economicamente baixa) é promovido para a série seguinte

---

<sup>48</sup> Esse pensar insubordinado é potência em Taddeo (2012; 2013) e BROWN (2007).

por compaixão, ou é reprovado por castigo, ou ainda pode ser encaminhado para “turmas especiais”.

Eles, os meninos e meninas, os Nicolas e as Sofias moradores de Delfos estão lá. Entrando pelo portão a dentro, correndo pelo pátio interno. São atendidos e acolhidos; são de níveis muito diversificados e, conseqüentemente de saberes, ficando, pois, o desenvolvimento das práticas pedagógicas do ensino ministrado na escola, comprometidas no olhar da instituição – “os alunos não tem noção do valor da escola” – diz a prof. Lélia Ares de forma abstrata. Ou será a professora que não sabe qual o valor que elas dão a essa escola? A vivência no bairro e na escola [des]oculta a qualidade intelectual da população que sempre foi proprietária da escola EMEF Zópiro de Atenas, que é precisamente essa população considerada subalterna, pobre, rústica, dominada, [des]potencializada perante o instituído, que sempre foi possuidora e deu/dá sentidos a esse espaço antes mesmo de ali chegar Apolo Dionísio e vários outros professores, que passarão e eles continuarão ocupando esse espaço chamado escola.

#### Fragmento 20

Helena está no 4º ano do Ensino Fundamental e já é a terceira vez que cursa a mesma série. Ainda sabe muito pouco: escreve com dificuldade, mal consegue ler e mesmo em matemática, disciplina em que tem mais facilidade, não consegue tirar boas notas, pois não compreende o enunciado dos problemas. De toda forma, a escola é um espaço pelo qual Helena demonstra um grande apreço. Quando as aulas acabam, ela volta para casa com seus dois irmãos maiores e leva os outros dois menores para a escola de Educação Infantil. Volta novamente para casa e aí começa uma maratona de atividades: com sua mãe, leva o lixo recolhido ao depósito da Flex Vida<sup>49</sup> para vender, passa em algum mercado para comprar a comida do dia, arruma e limpa a casa e finalmente ajuda seus irmãos nos afazeres da escola, pois Helena é a pessoa com maior instrução na família. Mesmo com toda a sua dificuldade, é ela a que tenta ensinar para os irmãos, não apenas as lições em que têm dificuldade, mas também o valor da escola e do estudo.

---

<sup>49</sup> O Flex Vida é uma proposta de organização comunitária voltada à questão dos resíduos sólidos. Criada com os objetivos de incentivar a geração de renda, a inclusão social dos catadores, a preservação ambiental e a melhoria de qualidade de vida, a iniciativa é hoje uma associação que abrange cerca de dez catadores que trabalham na coleta e separação do lixo. Atualmente, passam pelo Flex Vida cerca de 70 toneladas de lixo por ano, o que gera renda para os catadores associados e, ao mesmo tempo, colabora para a preservação ambiental e a qualidade de vida da região (RODRIGUES; RAMOS, 2012).

Assim Apolo Dionísio observa que muitos de nós professores, estão assentados dentro das estruturas fixas e da segurança agradável da identidade já convertidas em um obstáculo que impede cruzar a multiplicidade, que impede a prolongação de suas linhas, a produção de novidade. (Novidade “eurocêntrica”, continua vindo de fora de seus muros, de seu rostos, de outras paisagentificações!!!!).

Apolo Dionísio se relaciona com a instauração de uma escola tal como está sendo existencialmente, porque essa gravidez de sentidos<sup>50</sup> é o ponto de partida para se pensar, inclusive, como a EMEF Zópiro de Atenas poderá produzir outros sentidos para essas pessoas que se utilizam desse equipamento público, que podem potencializar a vida, o que é mais interessante do que apenas um produto acabado – um curso, Ensino Fundamental (a terminalidade do Ensino Fundamental, por exemplo, que não se nega o valor). O rendimento precário (IDEB) atribuído a esta escola é uma medida apolínea que está longe de apontar a potência que ali se produz, como também não permite abrir o diálogo necessário para compreender como tais medidas são produzidas. Portanto, enquanto que no passado desse bairro, como também do Brasil, o sistema de ensino atendia a poucos nas redes escolares e o bairro lutava para ter escolas para os seus filhos; a molaridade dos governos continuamente penetradas pelo saber e pelo poder, se veem como melhor rendimento qualitativo apenas o domínio maior das ciências instrumentais, a abertura da escola para a população em geral a fez crescer em número de vagas, mas a fez também produzir outras formas de ser e estar no mundo, com outras dobras, desdobras e redobras que lidam de outra forma com as devidas proporções, com o chamado “melhor ensino ministrado” das ciências instrumentais. É o que Apolo Dionísio chama de condições de educabilidade e ao mesmo tempo Apolo Dionísio não acreditar em nada disso porque o “melhor ensino ministrado” chega em Delfos sem nenhuma potência.

Segundo Beisiegel (2005), o acesso maciço da população trouxe às camadas carentes serviços antes inacessíveis. Mesmo que a educação não seja considerada ainda relevante para vários moradores do bairro ou ainda não o potencializam para enfrentar a esquizofrenia do sistema, ela proporciona melhorias significativas para as camadas populares que frequentam a escola. Nesse sentido, “as avaliações da qualidade da escola pública não podem ignorar as transformações qualitativas introduzidas no ensino no processo de sua extensão às classes

---

<sup>50</sup> Cariacica é grávida, cheia de sentidos.

populares” (BEISIEGEL, 2005, p. 151). Mesmo assim, Apolo Dionísio continua afirmando que o bairro não vê tal potencia na educação. Apolo Dionísio entende que tais transformações são produzidas pela própria comunidade e não por essa qualidade que muitas vezes captura Apolo a pensar ser da escola. Entre os quase 300 objetivos do Plano Nacional de Educação (PNE), ações afirmativas, não há muita coisa que potencialize os que foram reduzidos à condição de mercadorias.

Apolo Dionísio abre a porta da sala dos professores e vê o pátio interno do prédio e vê movimentos semelhantes a moléculas em movimento. Fila no balcão da merenda e as coordenadoras “tentando parar o movimento”. É impressionante: os alunos não se chocam, param e desviam, gritam e correm. Grupos conversando e outros comendo espalhados pelas mesas enormes que estão no pátio. O caos não apresenta nenhuma dificuldade para os alunos no pátio. Muitas vezes somos surpreendidos na sala dos professores com a forma como abrem a porta: é rápida e intempestiva. Num único movimento rápido e preciso a porta é aberta com uma fala: “professora a senhora...” A escola é deles (foto do pátio nº 16)

Pátio externo era o local de encontros dos enamorados, do futebol no pequeno espaço atrás do prédio, do *bullyng* e das conversas sérias entre eles. Movimentar-se é primordial para esses adolescentes. O corpo pede o movimento a todo instante. Em conversa com outros professores Apolo Dionísio soube que os fundos da escola é um exemplo dessa movimentação de um devir adolecer. Uma aluna levantou-se, pediu licença o professor, subiu a rampa e pulou num beco e algum tempo depois retornou. No chão no outro dia algumas camisinhas. E seus colegas sabiam: – ela saiu para fazer um “atendimento”. Uma “foda de beco” com a calcinha no meio das pernas e algum dinheiro (?). Alunos narram os famosos “boquetes”, que também se dão em becos. As casas de amigos, também são lugares que levam as pequenas transgressões e experimentações da sexualidade pelos meninos e meninas. Um ex-aluno disse: “eu meto nela [uma menina] e no irmão dela [um menino que era gay afeminado], ela não sabe mesmo e ele não conta pra ela. Minha mãe me tirou de casa, então para sobreviver [é pago para isso] como ele e para satisfazer o que gosto como ela. Mas a mãe dela não sabe, como é minha tia ela acha que só está me dando abrigo, até eu acertar as contas com minha mãe”. Este ano chegou a notícia que a menina engravidou. Ele com quatorze anos e ela aproximadamente dezesseis anos. A gravidez é frequente, o uso da camisinha é pequeno



conforme conversas com as agentes do “PA do Adolfo”<sup>51</sup>. Apolo Dionísio conheceu Diomar e Higia. Agentes de Saúde.

No fluxo molar-molecular mulher/gravidez o município de Tebas é apontado, conforme dados oficiais (segmentaridades duras), como o segundo maior número de casos de óbitos maternos dentre os municípios capixabas.

No ano de 2009, segundo as informações do MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, foram registrados 08 óbitos maternos em [Tebas] (segundo maior número de óbitos maternos dentre os municípios capixabas), correspondendo a um coeficiente de mortalidade materna de 136 por 100.000 nascidos vivos. Esse valor está acima da média do estado que é de 85,4 por 100 mil nascidos vivos (44 óbitos maternos em 2009). Foram utilizados como base para o cálculo do coeficiente de mortalidade materna, os dados registrados no SIM/SISNAC constantes no Caderno de Saúde estadual e municipal (AGENDA SAÚDE, 2012, p. 20).

Houve uma diminuição da gravidez na adolescência, o número de mães entre dez e dezenove anos diminuiu de 21,7% em 2002 para 19,4% em 2009, mas ainda é significativo o número de internações na rede municipal de saúde relacionadas à gravidez nessa faixa etária,

A maior parte das internações na rede de saúde municipal é relacionada à gravidez, que é responsável por 28% do total de internações. Ao analisar os dados por faixa etária observa-se que as principais causas de internações em pessoas de até 14 anos são algumas doenças infecciosas e parasitárias e doenças do aparelho respiratório. Por outro lado, é significativo o percentual de internações por gravidez na faixa etária de 15 a 19 anos, correspondendo a 74% do total de internações nessa faixa etária. Nas faixas etárias mais avançadas a maior causa de internações são as doenças do aparelho circulatório (CARIACIA, 2013, p. 147).

## Fragmento 21

Uma jovem mãe, Damiana, de vinte e cinco anos, com cinco filhos de dois homens, com os quais ela reveza a convivência, relações, traições. Eles sabem e jogam o jogo. Flexibilidade. Por ela são [a]traídos. Apolo Dionísio fala da embriagues que permite uma entrega completa a pluralidade dos afetos e dos corpos – sentidos que estão sempre no plural e Pítia lamenta a falta de cuidado com as crianças. Elas vão à escola quando querem, Damiana permite. Com relação aos estudos Damiana não tem esperanças nem para si, nem para os seus filhos. Aqui a ausência sentida por Pítia. Como chegou a ter quatro filhos com vinte e cinco anos? Não usa camisinha, não gosta e é pecado; não usa a pílula do dia seguinte, porque esquece e também é

<sup>51</sup> Ver nota nº 21 abaixo (CARIACICA, 2009, p. 146)

pecado – afirma Damiana; não pode fazer mais cesariana; perdeu três filhos, um deles poderia ter um aborto provocado, mas preferiu a última cesárea, com risco, pois tal aborto seria outro pecado.

Isso que separa também unifica. O paradoxo do exterior/interior, do dentro/fora nos fazendo indagar: como se define o dentro e o fora? Como se separa a figura e o espaço, o sujeito e o social? Histórias como a de Damiana sem início e fim mostram a impossibilidade de construir o dentro e o fora separadamente, uma vez que, quando se pensa que se está dentro, já se está fora e vice-versa. Não existe separadamente o fora e o dentro, não há o ser de fora e o ser de dentro: é com o fora que o ser se forma, se interioriza e se dobra sobre si.

\*\*\*

#### A reforma do prédio

O período da construção-reforma do prédio foi um vazio no bairro. Quando Apolo Dionísio ia ao bairro, sentia o vazio. As pessoas paravam e perguntavam sobre o andamento da construção, quando seria a volta. Um pequeno comerciante (doces, pequenas ferramentas, material escolar) próximo à escola dizia que a escola não voltaria nunca mais a funcionar no local. Dizia ele que os obreiros chegavam com caminhão e levavam o material de construção. Achava que era furto. Apolo Dionísio tentou explicar que era uma empreitada que inclui o material para a obra por parte da empreiteira. Essa afirmação o deixava intrigado. O que estão dizendo? O desejo de acompanhar, de sugerir, de dar informações (os pedreiros eram poucos, o andamento da obra era lento...) era audível. Apolo Dionísio anotava. Impotência. Explicações eram ineficientes. Que gente interessada... Diomar reclamava e muito...

Enquanto isso a escola estava funcionando em outro lugar. Num prédio alugado em outro bairro bem distante. Ônibus indo e voltando atravessando o Trevo de Alto Lage. Famílias preocupadas com o lugar onde seus filhos estudariam. As famílias perguntavam: – esse local não será perigoso? A síndrome do pânico iguala a todos. Não há apartheid. Os moradores de Delfos também são atingidos pela violência. Seus filhos também podem ser vítimas. Com ficariam e como seria esse lugar? Dois anos nesse lugar até que o prédio fosse liberado. Enquanto isso o novo bairro se sentia invadido pelos adolescentes de Delfos.

\*\*\*

## Fragmento 22

Alguns adolescentes foram parar na cozinha da vizinha do prédio escolar nesse outro bairro. Foi um caso. Somente um caso.

Invasão. Apolo Dionísio ficava com os ouvidos abertos e ria. Notícias: alunos entravam na casa da vizinha para apanhar a bola, curiosidade, para ver como era. Davam uma espiadinha Subiam na laje do outro vizinho. Isso era dionisíaco. Não demorava muito e vinham tais vizinhos conversar sobre... reclamar... receosos... preocupados... Os alunos conseguiam sair do prédio e iam para uma outra escola no mesmo bairro, ficavam por lá... paquerando, conversando, ficando... Quando dava a hora de ir embora, sem dúvidas não perdiam o ônibus, entravam e saíam e simplesmente os professores não percebiam. Apolo Dionísio descobriu... Ele sempre se embrenhou muito bem na dança e no folgado.

\*\*\*

O movimento<sup>52</sup> continua, só mudou de lugar: a quadra, as escadas (que são muitas), os corredores dos três pisos e os banheiros. A aula é o movimento de vai-e-vem, de subir e descer escadas, de lavar os pés nos banheiros. As comparações são inevitáveis: Delfos é lugar de liberdade e o bairro do prédio alugado parece cadeia. O espaço físico decadente do prédio em Delfos significa liberdade, mobilidade! Alguns alunos iam para a escola vizinha paquerar ou andar pelo bairro. Dá-se um jeito. “A escola lá em Delfos (refere-se ao local onde fica o prédio escolar) é ruim, mas aqui nesse bairro (local provisório no período da construção-reforma) é pior ainda, aqui não dá pra matar a aula e ir embora, já lá dá” (Caderno de aluno da 6ª série C 2009). Afirmam ainda: “não tem como fugir das aulas, pois os professores e coordenadores estão sempre em cima. Em Delfos chovia nas salas, o que era melhor para mim, aqui além de parecer cadeia, chove na quadra, onde preferimos estar”.

A aluna Héliida da 5ª A – alegou sair para o banheiro e não voltou mais para a sala de aula – ficou na quadra no entretenimento durante todos os horários de aulas. Perguntei: o que significa vir para a escola? Eu gosto de ficar com os colegas, estudar é muito chato, mas as vezes gosto da aula e quando estou na sala eu participo da aula; eu quero ser uma advogada – que sentido isso tem para ela? Não é o mesmo sentido que tem para mim. Onde isso vai dar?

---

<sup>52</sup> Essa palavra também significa as redes de venda de drogas dentro alguns bairros – estar no movimento.

Hélida dá ao papel social da escola outros sentidos novos. Ela é o encontro; o jogo; o namoro, a paquera, o *bullying*, o esporte, o embate (pois não fogem do bate-boca com ninguém), briga corporal; é local de passagem. A proposta liberal da escola não se adapta às práticas comunitaristas locais (TEDESCO, 2001, p. 30). Eles não chegam na escola em condições de educabilidade (docilidade dos corpos – Foucault), tanto materiais como emocionais. É nela que a racionalidade instrumental tenta se reproduzir. Nesse novo papel da escola as diferenças saltam aos olhos.

Instaurando o seu território, Apolo Dionísio, território que corta o campo de saberes educacionais e sociais, ele se vê às voltas com dobras filosóficas, educacionais e sociológicas. Apolo Dionísio procurava ser íntimo dos problemas educacionais e sociais, ser tocado por eles, senti-los na pele, sentir no corpo que pertence esse lugar – lugar de múltiplas pobreza/riquezas, lugar de muitos movimentos e de múltiplos aprendizados. Apolo Dionísio confessava que não era íntimo da doxografia educacional – um conjunto epistemológico sobre a educação – e sim queria se aproveitar dela no que tem de forma, nas dobras e agenciamentos que elas produzem para na sua caminhada focar uma educação menor – subversiva e da sociologia que podem ser lentes potencializadoras de uma “visão além do alcance”.

### Fragmento 23

Os professores Apolo Dionísio e Eleutherios estavam na parte inferior das arquibancadas do prédio escolar provisório durante o recreio; na parte de cima das arquibancadas, num platô amplo, várias meninas em roda e um movimento intenso; de onde estava Apolo Dionísio e Eleutherios perceberam ser briga e se aproximaram rápido. No olhar de Apolo era briga mesmo; por outro lado via o brincar, o lúdico; quando chegaram perto o movimento delas parou (não por causa da chegada dos professores – eram invisíveis e assim ficaram até o final). Elas começaram a falar sobre algo que Apolo Dionísio entendeu como regra de uma brincadeira e já começou se divertindo com o jogo delas. A fala esclarecedora foi: “a moreninha não sabe brincar, está partindo para a violência” – disse uma aluna da 5ª série chamada Helvécia de forma poderosa (era o turno vespertino). Eles perguntaram entre eles: o que era brigar para aquelas meninas? Onde começa a violência? O brincar/brigar é o espaço do possível do pedagógico. Limites aqui foram jogados longe com um golpe! Esses três elementos – brincadeira, indisciplina e violência – eram muitas vezes confundidos com

violência<sup>53</sup> pela forma como é olhado. A mobilidade, a escuta, o diálogo próprios a uma pedagogia rizomática abrem perspectivas para uma construção de possíveis inimagináveis.

\*\*\*

Apolo Dionísio não sabe porque e sabe porque está trabalhando em Tebas. Ele não sabe como tudo se engendrou para que fizesse o concurso público para a prefeitura na época em que o Partido dos Trabalhadores assume a chefia do município – destinos dos deuses. Afirma Apolo Dionísio: Tebas é para mim como aquela saga de um homem que precisa num dado momento de sua vida escolher, um caminho para seguir, fazer uma aposta. E tem no momento uma possibilidade: um caminho aparentemente árido e pedregoso, complicado e difícil (lugares comuns que ouvia) – a cidade de Tebas. Esse era o discurso que Apolo Dionísio ouvia e se recusou a acreditar.

À medida que Apolo Dionísio andava em Tebas, saltava aos olhos um crescimento populacional que não foi acompanhado de um planejamento adequado do uso do solo, nem da disponibilidade de serviços públicos que atendam o que se apresenta como necessidade e de forma a cumprir o que a população precisa e quer; ou de equipamentos coletivos e simultaneamente a esse processo, registra-se a ocorrência de certos expedientes, tais como a ampla especulação imobiliária, a partir do parcelamento das antigas fazendas e também das várias invasões, ocorridas com estímulo e anuência de determinados políticos locais. Oliveira (2011) destaca a materialização no contexto capixaba do padrão de crescimento periférico, onde grande estoque de terras baratas desprovidas de serviços e infraestruturas, assim exigindo baixo capital de investimento, permitiu, através de prestações mínimas, a possibilidade dos trabalhadores de terem acesso à casa própria.

Na escolha desse caminho, tomando uma bifurcação aqui e acolá, os efeitos negativos de tal modelo destacado são visto como “pedras” na paisagem fazendo parte da vida do município: pobreza, insuficiência dos serviços básicos, equipamentos públicos insuficientes e mal instalados, desemprego, degradação do meio ambiente, aumento das favelas e habitações irregulares, criminalização, incentivo ao crime (próprio da esquizofrenia do capitalismo) e da marginalidade. Trabalhar em Tebas é viver todas essas “pedras”, tropeçar nelas, caminhar

---

<sup>53</sup> Violência pode abranger um vasto campo semântico: assédio e brutalidade, distúrbios de comportamento, incivildades, por exemplo atrapalhar a aula, indisciplina, crime ou delinquência...

entre elas, tentar levantá-las, subir nelas. Não há como não vê-las. Tentam eternizá-las no mesmo local sem levar em conta que foram ali colocadas.

Apolo Dionísio sabe porque está trabalhando em Tebas. A vitória do candidato do PT trouxe grandes expectativas no meio docente quanto à possibilidade de mudanças no quadro historicamente forjado em Tebas no campo educacional. Oliveira (2011) afirma que já no início de 2005, se organizou o processo seletivo para professores e servidores, com critérios de seleção rigorosos, para prover as escolas de profissionais. Esse elemento foi seguido, no mesmo ano, do concurso público, o que quebrou com a lógica anterior da indicação. Desde o início da administração Theodoro Alexandre (2005/2008), muitos obstáculos se colocaram para a instauração de outro modelo de gerir a coisa pública, em que elementos tradicionalmente excluídos pudessem participar. Tal ação redundou em sérios conflitos entre o governo e parte dos membros do legislativo, levando, inclusive, a ameaças de morte. Apesar de tais resistências, o concurso público ocorreu e foi considerado o primeiro importante avanço no sentido de promover a instauração de uma gestão democrática nas escolas do município. Apolo Dionísio fez parte disso inscrevendo-se e fazendo o concurso público. Esse homem que apostou no caminho de Tebas para seguir, foi criado, morou, estudou, brincou e cresceu em um bairro muito parecido com Delfos II.

#### Fragmento 24

Pítia começou a trabalhar em Tebas em 2005. No início do governo de Theodoro Alexandre não havia tempo hábil para realização de concurso para professores efetivos. O prefeito, também um professor, com sua equipe, fizeram uma boa aposta: todos professoras e professores apresentariam seus currículos e por eles seriam avaliados e escolhidos para ocupar as vagas nas escolas naquele ano. Vereadores e outros profissionais do clientelismo tebano não fariam mais as indicações como de costume. Enquanto Pítia conta a história, sabe que nessa história existem linhas de fugas, com baixa velocidade e intensidade. Pítia estava ansiosa pelos resultados, mas as vagas eram muitas. Professoras e professores formados tiveram aprovação e Pítia foi uma delas. Saiu do encontro com os técnicos da secretaria de educação com o seu papel na mão indicando a escola para onde iria. Outras professoras felizes faziam o mesmo. Pítia estava perto de uma delas. Sorriam. Olharam-se. Naquele

momento no meio do grupão essa professora ergue a sua voz e diz: é a primeira vez que eu trabalho em Tebas pelos meus méritos sem precisar fazer chamego algum.

Qual foi o desafio disso para Apolo Dionísio? O trabalho em Cariacica como professor de Filosofia no projeto de Filosofia e Ciências Sociais<sup>54</sup> da rede municipal foi altamente instigante. Instigante por participar de uma equipe de trabalho constituída de professores de filosofia e ciências sociais e pela intervenção de Apolo Dionísio em três escolas diferentes nesses últimos anos (desde 2006). Imagina! Apolo Dionísio recém saído do seu curso de Mestrado (em Educação) e ser convocado para atuar efetivamente como professorpesquisador. Apolo Dionísio vibrou com isso. Trabalho desafiador. Pesquisa. Currículos intuitivo: operações subordinas; passa os limites; produz mudanças; anexato – o que não é nem [in]exato (SILVA; CORRAZA, 2003, p. 26, 27).

#### PERAMBULAR 16 – NOVAS FORMAS DE PODER NA ESCOLA? CERCADOS SÃO DERRUBADOS

Apolo Dionísio ouve falas (hipóteses lançadas por Deleuze, 1992), que destacam que o indivíduo, ao longo da vida, passava linearmente pelas várias instituições e era por elas formado. Cada instituição tinha suas próprias regras e lógicas de subjetivação, protegendo o indivíduo, pelo menos parcialmente, contra a força das outras instituições. Os territórios eram bem definidos, havia uma clara distinção entre o interior e o exterior institucional e a função que cabia a cada instituição. No entanto, o lugar da produção da subjetividade na contemporaneidade não é mais definido desse modo, podendo-se dizer que a escola em Delfos tem o seu território invadido, tem seus muros e paredes derrubadas:

A crise significa, em outras palavras, que hoje os cercados que costumavam definir o espaço limitado das instituições foram derrubados, de modo que a lógica que

---

<sup>54</sup> O projeto “Filosofia e Ciências Sociais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: Desafios e Perspectivas”, constitui-se parte da política educacional do município, que abraçou os princípios da Escola Cidadã emancipatória no sentido de (re)construção dos rumos da educação. Deste modo, no dia seis de fevereiro de 2006, a SEME/PMC convoca seis professores de Filosofia e seis professores de Ciências Sociais, aprovados no Concurso Público do Edital SEME/PMC n° 01/2005 – magistério, para um primeiro encontro na sede da Prefeitura para tratar das primeiras atividades relacionadas a esses dois saberes na Rede. No encontro estavam presentes a Secretária de Educação Célia Maria Vilela Tavares, a então assessora de planejamento Teresinha Maria Giacomini. O grupo ora instituído passa a ter como principal objetivo a tentativa de oferecer evidências claras quanto à inserção (ou não) da Filosofia e das Ciências Sociais na Educação Infantil e Ensino Fundamental do Município de Cariacica.

funcionava principalmente dentro das paredes institucionais agora se espalha por todo terreno social. Interior e exterior estão se tornando impossíveis de distinguir. (DELEUZE, 1996, p. 216).

## Fragmento 25

Os professores Apolo Dionísio e Pítia encontraram alunos de uma sexta série pendurados no ventilador de teto e outros jogando as cadeiras de um lado para outro e amontoando-as no meio da sala. Manifestação do espírito embriagado de Dionísio. Nessa época a escola não tinha passado pela reforma. Apolo Dionísio dança. Embriaga-se. Enquanto isso no bairro...

No bairro é de conhecimento quatro possíveis formas de como a lei pode ser aplicada: a) a pessoa muda do espaço: fugindo de ou por não adaptar-se a ele; b) exclusão no próprio local: a pessoa é isolada psicologicamente e punida, por exemplo apanhar por roubar; c) reparar o dano: devolver o que roubou, geralmente somado a uma surra; d) o dano não pode ser novamente cometido: uso da lei de talião. As decisões não são feitas em cima do virtual, mas da infração efetiva a partir dos mores locais. Os destaques feitos acima apresentam: a) utilidade social – o que é socialmente útil; b) não há circunstancia atenuantes; c) propõe-se definir-se de modo abstrato e geral que é nocivo ao local, e afastar os indivíduos que são nocivos à sociedade ou impedi-los de recomeçar; d) defesa geral da sociedade – há aqui a busca de controle; e) punição a partir do comportamento – explícito violando a lei coletiva; o indivíduo é considerado pelo grupo ao nível dos seus atos; f) reação aos atos realizados – a escola como um dos poderes laterais, à margem da justiça está localizada geograficamente num bairro que ao busca corrigir virtualidades e o coletivo não se vê nessa perspectiva – usam o inquérito – não têm câmaras de vigilância e não precisam delas.

O bairro também é capturado pelas linhas duras nos seus modos de ser sendo – imposição de uma ordem. O professor Apolo Dionísio observou que muitos aspectos dos agenciamentos do bairro têm características centralizadoras – centros de poder, fundado na autoridade/razão da força de ações imediatas, há hierarquia, estruturas e relações binárias; há segmentos que são vistos como árvores e buscam um ponto para fincar as raízes. Os elementos duros que existem em Delfos vingam porque continuam banhados em tecido flexível. Entre outros acontecimentos Apolo Dionísio percebe agenciamento da razão que se manifesta no bairro como a capacidade de operar formalmente as coisas do mundo, como máquina metódica que



julgam funcionar independentemente das subjetividades que se presentificam no cotidiano do bairro. Nessas linhas duras fazem que todo discurso vise uma finalidade, que nada mais é do que conseguir ou evitar alguma coisa. Há tentativas de formar territórios, por exemplo, quando chega um pai na escola, aparentemente apenas mais um pai, para falar com o diretor e perguntar: o que está acontecendo com a energia da escola? Ele sabe que os fios foram retirados para vender o cobre. O diretor da escola comenta mais tarde com o professor Apolo: - ele me disse para não ficar preocupado, não acontecerá mais. Não mais aconteceu.

O estado se apresenta para muitos em Delfos como fraco; fraco em sua autoridade no trato das disciplinas diárias. A ação violenta da polícia é exemplo dessa fraqueza. Para muitos moradores desse bairro, aqui o estado não é o ilustre porta-voz. Em Delfos II os indivíduos se assumem, eles mesmos, a capacidade de distinguir entre o que é certo e o que é errado, “se tornam como reis” (DELEUZE, 1996, p. 197), o que não pode ser feito sem que se comprometa a segurança da chamada ordem social e de sua instituição emblema, o Estado. O prof. Apolo Dionísio está interessado nesses assuntos; em papos com Iseu, líder na comunidade, porteiro e vigia da escola, num dado momento da conversa comentam sobre o desembolo: “eles não erram, a justiça é feita acertadamente” – afirma Iseu. A máxima de Hobbes é reafirmada: a mão que empunha a espada da guerra é a mesma que empunha a espada da lei e, portanto, da justiça.

Lá vem o “papo cabeça” de Apolo Dionísio. Eleutherios ouve e faz um monte de galhofa. Mas ele continua. Como sabemos, o pensador que desenvolveu a explicação e a justificação para a existência de um poder absoluto com capacidade de punir foi Thomas Hobbes, no século XVII, fundamentado na premissa da impossibilidade de uma vida social enquanto subsistir o “estado de natureza” – estado de igualdade e autonomia de cada um na representação da ordem social. Frente a esse estado de natureza que implicava que a vida e os bens podiam ser defendidos por qualquer pessoa, Hobbes argumenta a necessidade de um Leviatã, um monstro todo poderoso representado graficamente pela espada e pelo cajado, um para castigar e o outro para conduzir, capaz de decidir por cima da vontade dos homens transformados em súditos. É o modelo de uma pirâmide, de uma hierarquia normativa na qual o direito adota a forma da lei ditada pelo estado e se expressa pelo imperativo e pela natureza do proibido que convida a olhar de cima, de onde se irradiam as ideias do bem e do mal, da justiça e da injustiça. De tal maneira a legitimidade se concentra (oculta-se) no vértice da pirâmide normativa, na ficção imaginária da autoridade, que supõe um acordo sobre ela.

Diante de um estado que não atende as necessidades dessa comunidade (Delfos II) eles mesmos se transformam no Leviatã que conduz o povo e ao mesmo tempo mantém certa ordem para vender e comercializar as drogas; legitimados pela força física. Em Delfos a lei é a força – razão em um duplo sentido: razão enquanto o tipo formal das estruturas lógicas que comunicam a força, e razão enquanto ela e por meio dela se produzem agenciamentos de justificação do poder. Delfos virou (ponta cabeça) a concepção clássica do direito natural, pois a vida e as coisas são definidas não por uma essência; elas se definem por uma potência. O *possest* é precisamente a identidade da potência e do ato pelo qual se define alguma coisa. “Eu não definirei alguma coisa por sua essência, o que ela é, eu a definirei por esta definição bárbara, o seu *possest*: o que ela pode. Literalmente: o que ela pode em ato” (DELEUZE, 2009, p. 83).

A origem desse agenciamento entre as pessoas em Delfos não se trata da existência de algo a priori, essencial, como, por exemplo, de um instinto gregário, humano, fraternal, produto de um constante desejo de cooperação, de um suposto *afectio societatis* que evoca o altruísmo, a solidariedade, o bem comum ou a maldade, crueldade que nascem de uma abstração. O que não significa negar a possibilidade de empreendimentos comuns e realizações conjuntas de grandes obras, mas pensar que a construção das pirâmides do Egito, do Canal de Suez ou do canal do Panamá foram produtos da cooperação e da divisão voluntária ou espontânea do trabalho é demasiado simples e ingênuo.

As pessoas no bairro não fazem dele um palco de operações programadas e controladas totalmente. Debaixo dos discursos que o agenciam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir. Essas pessoas não nasceram sociais nem racionais, e quando pensam o bairro, por exemplo, pensam como produto de um devir social e/ou racional (DELEUZE, 2009, p. 91). E o problema da política e da ética será, talvez, como fazer para que as pessoas em Delfos se tornem, respectivamente sociais e racionais, mas de forma alguma como fazer para que uma essência delas, que seria social/racional, se realize (DELEUZE, 2009, p. 91-92).

Há o desejo de alguns professores da escola de “conscientizar” os alunos de um suposto lugar do “fora” para dentro; ou um lugar do “sábio” e do “nécio”, princípios/valores que de alguma forma já foram capturados no meio social do aluno, que não foi percebido por Apolo Dionísio muitas vezes. Há uma proposição em Hobbes (DELEUZE, 2009, p. 93-95) surpreendente para

Apolo Dionísio: do ponto de vista do direito natural, há uma igualdade absoluta entre o “sábio” e o “néscio”, já que cada um deles faz tudo aquilo que pode, tudo aquilo que está na sua potência. “A identidade da potência e do direito natural assegura a igualdade de todos os seres sobre uma escala quantitativa. É claro que haverá uma diferença entre o sábio e o néscio, mas no estado civil, no estado social, mas não do ponto de vista do direito natural” (DELEUZE, 2009, p. 93). Apolo Dionísio mostrou isso para Eleutherios e Pítia, afeta os modos de ser sendo professor desse trio – como essas subjetividades se formam. Então, Hobbes está, desse modo, “minando todo e qualquer princípio de competência do sábio e toda e qualquer ideia de um saber superior, o que politicamente é de uma enorme importância” (DELEUZE, 2009, p. 93). Não se trata de negar absolutamente que haja uma competência do sábio, mas de reconhecer que Apolo Dionísio, Eleutherios, Pítia e qualquer outro professor/a naquela escola (e em nenhuma outra) não podem ser competentes no lugar do aluno, do funcionário, dos pais, no lugar do outro. Daí, o professor exerce o seu ofício nesse bairro onde trabalha, nessa escola, sociedade que se forma, isso só pode se dar, de uma maneira ou de outra, pelo consentimento daqueles que dela participam e não porque esses profissionais – “os sábios” diriam qual a melhor maneira de realizar a essência – o aprender<sup>55</sup>, o ensinar. “Ora, é evidente que a substituição de um princípio da competência por um princípio de consentimento tem para a política uma importância fundamental” (DELEUZE, 2009, p. 95). O mesmo para uma aposta ético-política de Apolo Dionísio.

Numa dessas oportunidades de encontros com os alunos numa aula campal, para lazer na Fazenda Camping – Barra do Jucú, Vila Velha, o professor Apolo Dionísio comenta que tais princípios e valores de outrora, nas paredes da escola (regras escolares), nos desejos dos professores de encontrar essa “essência” no aluno e burilar de alguma forma; ou o lamento por não verem sucesso nas tentativas, tais valores, repete Apolo Dionísio, já fazem parte deles e eles não deram consentimento aos professores para serem competentes para eles. Extremamente centrados, organizados, solidários, gregários com todas as atividades do encontro/passeio desde a entrada no ônibus em ordem, a viagem alegre e cheia de risos, o apoio em levar todo o material necessário do passeio, as filas ordeiras e as brincadeiras nas piscinas (todas bem grandes) sem nenhum incidente que colocaria a vida do outro em risco, com respeito às normas de segurança, sem vigilância e gritos extremos dos professores que

---

<sup>55</sup> Pítia questionou Apolo Dionísio quanto a aprendizagem: o que entende por aprendizagem e sucesso escolar? Isso não fica claro, disse. Está reafirmando um modelo de aprendizagem e sucesso? Isso pesou como mais um dos seus oráculos.

acompanham. É claro que a paquera surge aqui e acolá, movimentando a professora Pítia que sai em direção a determinados locais, ou gritando nomes de algum casal de adolescentes que logo aparecem com conteúdo e forma de meninos muito vivos e coloridos.

Muros e paredes institucionais estão sendo ultrapassados. Interior e exterior estão se tornando impossíveis de distinguir. Disciplina toma outros contornos...

#### Fragmento 26

A professora Pítia precisou corrigir o aluno Hélio, ativo, falador e destemido. Garoto alto, de ombros largos, com seus quinze anos, bem maior do que a professora. Alguém reclamou de alguma coisa que ele fez que foi o suficiente para justificar um castigo. Pítia há muito com muito boa conceituação na vida desses alunos deu a ordem com autoridade: – Hélio você fique sentado nesse local aqui até eu mandar sair. Hélio sentou-se no banco, havia também ali uma mesa de cimento, e ficou por um bom tempo quieto. De vez em quando falava discutindo o problema que ocasionou a disciplina. Estava lá aquele baita rapaz obedecendo a uma professora, como se tivesse com correntes nos pés, num passeio que ele estava gostando. Depois de vinte minutos ele negocia. Pítia segura um pouco mais e depois de alguns resmungos ela o libera com algumas recomendações. Sai Hélio feliz para a celebração e não se ouviu mais se falar de Hélio. Desdobramentos? Isso aconteceu, mas no pé do ouvido entre o acusado e o acusador. Entre eles encontraram os termos para prosseguirem na diversão.

A ética do bairro parece ser uma via de mão única. Talvez em sua modulação mais intensa se apresente de forma inflexível para o olhar ingênuo, para o primeiro olhar e o ouvir dizer. Essa modulação se apresenta com limites estabelecidos rigidamente, numa polaridade com a ética orientada por princípios da modernidade, onde o estabelecido se apresenta com modulação decadente, isto é, construído numa flexibilidade decadente, destruída pela mesma força que a constrói. O espaçotempo escolar então se torna o lugar onde os alunos podem viver todas as possibilidades de burlar o estabelecido. É o lugar onde a potência do lúdico e do flexível é maior, pois suas regras se apresentam modularmente como flexíveis. Professores, diretor, pedagogos não podem corrigir com uma surra com fios e ameaçá-los de morte. A expectativa de alguns pais seria que sim; Apolo Dionísio e Pítia já ouviram pais autorizarem verbalmente que seus filhos sejam corrigidos com o uso da força, de alguns tapas; as vezes diziam: - a

professora não fez nada (especialmente quando se trata de punir o outro). A escola não é suficientemente capaz de impor a “ordem” – repetiam: “ela não faz nada”. Forte ilusão que a penalidade é antes de tudo uma maneira de reprimir os delitos. Nas tentativas de Apolo Dionísio explicar, emaranha-se todo e a conclusão só pode ser a que está diante da complexidade social e que o direito e a ética são insuficientes como explicação.

#### Fragmento 27

Celulares. Na escola? São roubados, escondidos, usados em comunicação rápida com a família – até para reclamar dos professores, o que motiva ligações imediatas dos pais para a escola. Comunicação entre colegas da mesma sala ou de salas diferentes. Álbum de fotografia. Rádio e MP3 ou 4. Pedagogos reúnem-se com familiares por causa de celulares escondidos pelos alunos – o do colega é claro. Reuniões enormes. Nas conversas na sala dos professores a reclamação é grande. Apolo Dionísio pensa em regras para controlar isso. Guardar com segurança celulares de quase 80% dos alunos? Onde? Como? Pedir para não levarem. Mandar avisos dizendo que a escola não se responsabiliza por perda e danos? Como usá-los didaticamente? A professora Pítia pergunta: se eu não sei usar o meu direito, como pensar em usar isso didaticamente? Celulares, bonés, MP3, MP4, baralho, constituem elementos de subversão da escola tentar impor a disciplina. As intencionalidades tecnológicas a serviço da resistência de corpos ao poder – os dispositivos móveis de comunicação e sua gama de suportes (celulares, MP3, entre outros). Assim, enquanto local de tensões e contradições, o cotidiano escolar é o *locus* do professor moderno – em nome da esperança, de identidades múltiplas e rizomáticas, coletivas e fragmentadas. É no cotidiano escolar que se instala o ideário iluminista de liberdade, igualdade e fraternidade, porém, preso ao controle, à biopolítica, aos excessos do trabalho e da informação. Dessa forma, torna-se possível trazer para o cerne do debate as surpresas que a tensão modernidade/hiper-modernidade, apolínea/dionisíaca, biopoder/resistência emergem no cotidiano escolar.

#### Fragmento 28

Uso de celulares, brigas e namoros. Duas alunas de quinze (15) anos. Sêmele fica no final de semana com o namorado de Hera; essa vingativa como se fosse a esposa de Zeus, mas sem

suas artimanhas escolheu como palco da sua luta a escola – a frente, na saída para os devidos acertos.

A profa. Pítia foi procurada por Sêmele, dos tais acertos de contas devido a “traição”, comunicando que já havia telefonado para sua mãe vir buscá-la, usando o celular que é proibido na escola. Pítia insiste que ela deveria procurar primeiro a coordenação e a ligação seria feita pela coordenadora do turno. Sêmele era rápida, nem pensou nessa possibilidade para se livrar da briga. A coordenação da escola buscou Hera na sala de aula e reuniram-se na sala da direção para tratar do problema.

A pergunta: Hera por que você quer brigar com Sêmele? Ela ficou com o meu namorado e isso não tem nada a ver com a escola, afirmou Hera. Alguém lhe contou o ocorrido.

Coordenação orientava: você uma menina bonita, de família, querendo brigar, que coisa feia, coisa de piranha, você não deve fazer isso... (buscando uma maturidade machista adulta fixa).

Hera: ela ficou com o meu namorado; o que você quer que eu faça? Estavam juntas na mesma sala, para Pítia não aparentavam naquele momento raiva uma da outra.

Coordenação: vale a pena? O rapaz que ficou com Sêmele não deveria apanhar no lugar dela?

Hera: Não! A culpada é ela. Tenho que bater nela. A proposta de Hera é de quem protege o “namoro” enquanto a proposta de Sêmele a que se permite aos desregramentos. O namorado aqui é o objeto a ser preservado de qualquer ato de desregramento. A mãe de Hera não é diferente, com a mesma “fúria” ela parte para cima de qualquer outra mulher que tente se relacionar com seus parceiros. Sêmele aguardou a sua mãe chegar e o assunto parece ter sido resolvido ali na escola... Pelo bairro houve dobras...

\*\*\*

## Fragmento 29

Este caso Pítia presenciou e contou para Apolo Dionísio. A tentativa era de colocar um aluno para fora. Expulsá-lo de alguma maneira. A oportunidade surgiu de repente para dois colegas

de Pítia. Quem era o aluno? Diomiro, é um menino de dezesseis (16) anos da sétima (7) série, famoso pelo povo da escola como alguém já cheio de marcas e estigmas: problemas de saúde, toma remédio controlado, agressivo com palavras, resistente para fazer as atividades e obedecer, repetente. Será que são estigmas francamente escolares? Marcas que acompanham Diomiro o tempo todo. Ele vinha “aprontando” até que chegou a hora de se fazer algo contra o Diomiro. Pítia acompanhou impotente. Não pôde prever muita coisa.

O coordenador da escola prof. Saturnino, homem desanimado e a pedagoga prof. Lelia Ares, chamaram a mãe. Quem apareceu? A avó – d. Altevira. Quantas e quantas avós estão sempre cuidando dos seus filhonetos. Senhora idosa, diabética, pressão alta; foi pressionada a tirar o seu filhneto da escola ou mudar o seu horário para o turno noturno. Ela não aceitou nenhuma das propostas, mesmo sob pressão e já passando mal. Esses dois colegas foram treinados para a manutenção da ordem, e nessa função copiaram o que dá margem a tal entendimento; nesse momento não foram capazes de lidar bem com esse conflito que não é antagônico à ordem instituída. O erro do aluno é sempre indisciplina e violência que precisa ser punido. O conflito também pode ser resultado da interação entre as pessoas, assim como parte do desenvolvimento do Diomiro e suas circunstâncias. Isso, ele e suas circunstancias.

Um parêntese: a pedagoga da noite tem uma fala – “quem estragou o aluno foi o turno da manhã (ou da tarde) então que deem conta de tratar e cuidar com o que fizeram”. Eu também não aceito essas transferências intempestivas e evasivas.

A avó de Diomiro então respondeu com firmeza: eu vou ao conselho tutelar. Essa foi a “deixa” – pensou os professores – coordenador e pedagoga – é agora mesmo, nós vamos agora! Pegaram o carro de um deles, chamaram o aluno Diomiro, sua avó e partiram. Quando Pítia e a diretora procuraram os colegas eles já tinham saído em direção ao Conselho Tutelar. Não avisaram. Intempestivos. Apressados.

Chegaram no local do Conselho Tutelar. Voltaram para a escola com a d. Altevira reclamando e passando mal durante todo o trajeto de volta. Resultado: de lá vieram todos com as mãos abanando e cada um se achando vitorioso. Pítia entendeu que o conselho pendeu para o lado da avó; uma criança que chega lá levada uma primeira vez é algo pontual e os agentes públicos têm a obrigação de preservar o direito dela, então... um a zero para a vovó. Bem, a avó de Diomiro, dona Altevira, idosa continuava passando mal e agora ela conseguiu uma

crise. Começou a dizer que foi sequestrada. Pítia agora já previa o que se agenciava. Mesmo passando mal ela telefonou para o filho – tinha força para isso. Surge o filho. Um homem alto, forte tatuado, com muitos cordões no pescoço, morador e “trabalhador” no local.

Quando Pítia pergunta a algum aluno/a sobre o trabalho dos seus pais eles falam: professor, meu pai é um empresário ou funcionário. Ela insiste ou exclama: - seu pai é um empresário, que legal! Como é o trabalho dele? Ouve uma fala reticente: é tia, daquele negócio... daquele negócio, tia... Preocupada com isso, tia? Dionísio indaga: O problema em Delfos é o pai, o cara do tráfico? Todos os caras do tráfico são presos constantemente (ou mortos), todos os chefões são presos. Isso muda o quê? E daí?

Então agora quem vai levar os professores a algum lugar será a d. Altevira e seu filho; ela vai passando mal, assim mesmo. Agora vão todos para a delegacia de polícia. Chefatura. Imagine todo esse movimento. Esse é o lugar para se resolver questões ligadas as relações escolares, professora? Professores, gestores e família nesse momento não são aliadas. Há o desejo dos colegas de proteger suas habilidades profissionais, sua identidade pessoal da situação que estão expostos; por sua vez a família tem medo de serem os que não dão conta da educação de seus filhinhos. Vamos encontrar provas de quem são os errados. A necessidade da participação da força policial (civil) e do Poder Judiciário na solução desse problema originado nos corredores e pátio da escola não contribui para a construção de pontes entre as diferentes posições entre esses colegas da Pítia e da família do Diomiro que nessa altura está vendo esse movimento de adultos que fazem parte de sua vida. Que devir se forma nesse aluno? Que processo de mediação diante dos conflitos são aqui construídos?

Mais um resultado impotente – um boletim de ocorrência policial – BO. Diomiro continuou na escola. Foi reprovado os dois anos seguintes. Vingança? Disciplina? Educação é um privilégio? E de responsabilidade primeira do aluno e da família? Diomiro permaneceu na escola porque ele e sua família acreditam que os seus sucessivos “fracassos” são uma possibilidade para aprender assim como uma percepção de seu direito à educação<sup>56</sup>. Pítia sentiu que Diomiro não é bem-vindo na escola e que, mesmo diante de tantas adversidades e barreiras, ainda permanece nos bancos escolares. Diomiro poderia ser mais um aluno que, ao ser reprovado inúmeras vezes, abandonasse os estudos e dedicasse seu tempo trabalhando

---

<sup>56</sup> Dados da pesquisa de doutorado de Márcia Jacomini (2008).



com o tio, como auxiliar de qualquer coisa... mecânico... e, portanto gerar mais dinheiro para a família; mas não o fez. Ao contrário, demonstra que a escola tem um grande valor para ele, embora essa escola negue o apreço por alunos como ele.

Duas semanas mais tarde aparece a mãe e o seu irmão (aquele que foi chamado por d. Altevira), chamados pela escola e movidos por interesses próprios – eles queriam ser indenizados por danos morais; processo seria aberto. A mãe foi descrita como uma mulher bonita que trabalha em “boates”. A prof. Lélia Ares de processos, delegacias, acha mesmo que muitos problemas da escola devem ser resolvidos com BO e processos judiciais. Professora devir-policial. Agora a briga seria boa, pensou Pítia. A situação já envolveu muitos colegas e não mais os dois. Entre os professores várias reflexões foram feitas sobre o que estava acontecendo. Diretora e outros estavam cuidando dessa família, o que envolveu muita conversa, negociação e simpatia (diz Pítia) com aquela mãe. Enquanto isso, o filho de d. Altevira, tio do menino acompanha a mãe de Diomiro sempre numa certa distância sentado fora das salas de reuniões. O que ele pensava? Por que ali estava? Como a escola e os professores o viam?

As trocas acontecem. Agora a mãe não podia mais se distanciar de Diomiro. Linhas de fugas. Cuidados médicos precisavam ser atualizados e apresentados a escola; outras conversas na escola para tratar do filho, sua presença na escola era necessária e como também a ajuda na questão disciplinar do aluno. Para alívio da direção da escola processos e indenizações foram “esquecidos”. Pítia observou que para se conseguir algo depois dessa tempestade toda é preciso seduzir: apresentar para a família o que será bom para o aluno e não para a escola. Uma quantidade de outras razões e crenças moveram as decisões dessa família.

#### PERAMBULAR 14 – MUROS SIMBÓLICOS – ESCOLA/SEME SEME/ESCOLA

Nessas ruas, becos e bifurcações por onde Apolo Dionísio passou com os seus amigos, sintonias de imagens da escola com os múltiplos contextos que as produziam foram vistas, na órbita das vivências de acontecimentos diários. Ocorrências ordinárias que não se isolam entre os muros físicos ou simbólicos da escola e que rompeu com as imagens que no curso da vida inevitavelmente construídas a respeito desse ou daquele aspecto da escola. Apolo Dionísio

muitas vezes sem perceber, acompanhou por imaginações [pré]definidoras aquilo sobre o que ele ainda não havia aprofundado a compreensão.

Apolo Dionísio viu vários processos interessantes em curso. Escolas que foram revitalizadas; concurso público para professores; a Tenda Divertida da Leitura e da Escrita e a eleições para diretor/coordenadores. Observou como os equipamentos públicos estavam deteriorados, abandonados e alguns necessários mais inexistentes. A secretaria de educação de Tebas não tinha uma sede própria e pode presenciar a compra da nova sede ampla com auditórios, bem apropriada. Ele viu como uma escola tomou vida num outro bairro da cidade. O prédio e a escola estavam abandonados. Quando Apolo Dionísio ouvia falar do lugar ficava com a impressão que era um bairro fora de Tebas de tão longe. Descobriu que não era tão longe assim e que a dificuldade era acordar cedo e os horários dos ônibus que não favorecem os horários escolares. Sentido se fazia. A secretaria de educação de Tebas fez um movimento para ter ali um prédio e uma escola que atendesse a comunidade de forma digna. Ela descobriu um professor efetivo e morador do bairro e o convidou para ser o diretor, assim como preencheu todas as vagas de professores que ensejaram dinâmica aos espaçotempos escolares. Dois anos depois Apolo Dionísio foi transferido para a EMEF Zópiro de Atenas também com um prédio escolar merecendo reforma e a escola passando por uma nova dinâmica por ter sido assumida pela prefeitura e com a chegada de novos professores e direção.

Escolas que foram revitalizadas. Obras. No bairro Delfos os professores presenciaram três obras: duas reformas, do prédio de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e da EMEF Zópiro de Atenas e a construção do prédio de um segundo CMEI que foi a escolha dos moradores bairro no orçamento participativo da cidade. Apolo Dionísio soube que os moradores preferiram a escola de educação infantil no lugar de pavimentação de ruas. Para o bairro, moradores vizinhos da escola, conselheiros da escola a reforma da EMEF foi um movimento negativo. A morosidade era uma forma de descaso, reclamações. Apolo Dionísio foi em Delfos em momentos diferentes; quando os moradores do local que nos conheciam nos viam reclamavam da obra; viam material ser levado sem entender porque (era empreitada); a obra parada durante mais de uma semana; poucos trabalhadores e para a lógica deles e de Apolo Dionísio tais observações eram exemplos claros de descaso; diziam também que não havia fiscalização da prefeitura com sua própria obra.

Três outros bairros existem no entorno de Delfos e o número de escolas, somando a rede estadual e municipal, fazem total de seis (6) escolas públicas. Duas de ensino fundamental e médio estaduais; uma de ensino fundamental e quatro de educação infantil. A educação infantil e básica tem sido atendida, pois não há mais um movimento explosivo de migração interna à revelia de qualquer planejamento urbano. Se o ensino médio for considerado um poderoso fator de qualificação da mão de obra para a realização da revolução tecnológica Apolo Dionísio pensa que os moradores de Delfos e bairros no entorno estão excluídos desses agenciamentos. A ausência, a distância, o trabalho diário com sua jornada, a maioria que só pode frequentar a escola no turno noturno e a evasão do ensino fundamental são grandes obstáculos.

Outro ponto de observação de Apolo Dionísio foi o concurso público. Como isso replicou na escola? Pouca mudança. Poderia ser uma estrada que liga a secretaria de educação de Tebas e o bairro de forma mais potente. Esperanças do diretor. Professores novos começaram a aparecer no bairro. Durante as escolhas ouvíamos os colegas recusando escolher uma escola em Delfos; os novos profissionais não permaneciam muito tempo; não há na escola profissionais com dez (10) ou doze (12) anos de trabalho; a escola parece produzir um tempo de exaustão muito rápido e depois de oito (8) anos da realização do concurso público não há essa manutenção efetiva de parte dos profissionais na escola e no bairro. O movimento de professores saindo e entrando, entrando e saindo, especialmente nesse período inicial do primeiro concurso na administração do prefeito Theodoro Alexandre (2005-2008) era grande. Muitos passavam em outras prefeituras e quando eram chamados trocavam; outros formando-se em outras profissões e quando chegava o tempo largavam a educação.

### Fragmento 30

Lídia era uma professora jovem, ensinava ciências; não queria sair do bairro. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia quando chegaram por lá, ela já estava. Os alunos gostavam dela e ela deles. Muito tranquila no trato e na solução de problemas. Trabalhávamos, viajávamos, brincávamos, conversávamos e ríamos juntos. Ela tinha uma amiga, Lorena, cheia de energia e força, professora de educação física também com um certo tempo em escolas da região. O relacionamento com Lídia e Lorena produzia outros olhares em relação a escola, o bairro e sobre trabalhar por ali.

Tenda Divertida da Leitura e da Escrita. Um mega evento na educação em Tebas. Uma iniciativa da Prefeitura de Tebas e da secretaria de educação para fomentar a questão da leitura e da escrita, a primeira edição foi em 2005. Nesse ano foi iniciada a ação de distribuição de livros em que cada aluno ganhava um livro. Em 2006 e 2007 o evento ampliou-se e começou a ser distribuído um livro para cada professor e um livro para cada aluno.

Levar mais de oitenta (80) escolas do município de Tebas para o pátio em frente à prefeitura não era uma tarefa fácil. Movimentava a escola. Uma professora na escola lembra que o seu “marido estava na EJA e que ganhou lá alguns livros de autores brasileiros como A moreninha, “[...] Foi um evento muito interessante. Era oferecido transporte para os alunos participarem, visitando os estandes” (Professora 1). Outra professora diz que

A Tenda Divertida da Escrita e da Leitura foi um acontecimento notável promovido pela Prefeitura/secretaria de educação com o objetivo de incentivar os alunos da rede municipal a criarem o hábito da leitura. Os alunos eram levados da escola até o pátio da prefeitura onde estavam armadas as tendas com os estandes das editoras expondo os livros de vários autores. Os alunos visitavam esses estandes, manuseavam e escolhiam os livros de acordo com o interesse de cada um. O mesmo acontecia com os profissionais da educação que acompanhavam e orientavam as crianças com esclarecimentos quando elas tinham dúvidas. Esses livros eram presenteados as crianças e aos profissionais em educação. Achei uma proposta válida principalmente para época, pois não tínhamos uma biblioteca adequada e muitos alunos não tinham acesso a determinados livros e não tinham condições de comprar. Eles voltavam muito alegres com presente e eu considerei um bom investimento com dinheiro público (Professora 2).

Os moradores de Tebas tinham os fins de semana para a visitação. Teatro; circo, banda de Congo mirim do município; banda de Congo do mestre Itagiba; a voz e violão de Beto Dias; exposição informativa, mostra de trabalhos das escolas onde funciona o “Escola Aberta”, estande informativo para orientação sobre o Bolsa Família; dezoito (18) livrarias participantes do evento. Atividades como labirinto de leitura<sup>57</sup> contavam a história de um livro de forma criativa.

Professores. Alunos. Famílias. Formação. Ensinar. Alfabetizar. Leitura. Ler. Gostar. Pensar. A secretaria de educação de Tebas entendia que o evento seria parte de ações em que os

<sup>57</sup> No primeiro ambiente o contato com a escrita e o sentido do olfato. Em seguida, a importância dos manguezais: o visitante coloca a mão num buraco negro e tem a sensação de contato com o mangue. No próximo ambiente, o visitante entra em espaço onde o chão é feito com material que transmite a impressão de se estar flutuando e as paredes são cobertas com material de pelúcia. Depois a floresta, pela sala de Sherlock Holmes, onde o visitante se torna um detetive e usa até lupas, a sala do menino maluquinho e da Tia Anastácia. Ao final da visita o convite para fazer um desenho que é colado em mural específico para isso.

alunos aprenderiam a fazer leitura mais crítica, uma leitura e escrita que lhes dessem autoria, que lhes dessem condições de questionar; questionar o mundo, entender onde estão, por que estão, como podem ser diferentes se assim desejarem ou não. No olhar de Apolo Dionísio, muitos livros estavam além do que os alunos precisavam e não potencializavam o que a secretaria de educação queria; o evento não conseguiu promover a força crítica necessária que pudesse ser sentida na escola e no bairro; para ele o evento não fez a ligação com os saberes escolares e se perdeu no próprio evento. Na escola Zópiro de Atenas aconteceram eventos pontuais promovido pelas pedagogas do turno da tarde de forma passageira.

“Eu não me lembro muito do evento. Tinha uma parte quando os alunos visitavam o circo; apresentação de música; ganhavam pipoca. Depois visitavam os estandes de livros e escolhiam os livros que queriam, pois cada aluno já tinha um ingresso para pegar um livro” (Aluna, 2º ano). [...] Faz-se necessária uma metodologia sociológica fortemente centrada nas ações cotidianas. Uma sociologia das práticas concretas, do que é feito, de fato, pelos sujeitos que lá estão (FERRAÇO, 2007).

Essa força desejada pela secretaria de educação de Tebas de uma leitura potencializadora, decodificadora e de capturas de informações do texto não prevaleceu, e os leitores hoje não lembram mais nem do evento e nem dos livros. E os objetivos desejados pela secretaria de educação de Tebas? Como saber os efeitos produzidos? Alguns se tornaram visíveis como o processo para suspender o evento. O evento não prosseguiu devido a entreveros entre forças políticas locais que se assustaram com a potência que a Tenda tinha numa possível mobilização das massas.

Eleições para diretor/coordenadores. Esse movimento aprovou tanto a comunidade como o diretor eleito, o professor Daros, aquele que se elevou. O bairro e a direção do professor Daros se afirmaram nessa eleição. Facilmente se percebia essa força, essa potência. Onde o professor Daros encontra apoio? Nos alunos, nas famílias do bairro e as eleições promovidas pela secretaria de educação de Tebas organizada pela gerência de Cidadania dá a base molar para o evento que é agenciado de outras maneiras pela comunidade escolar. Mesmo sendo candidato único, lá estavam alunos, funcionários, presidente da associação de moradores presentes envolvidos.

Apolo Dionísio e Pítia trabalharam direto nas eleições da escola. Fizeram parte da comissão eleitoral da Escola Municipal Zópiro de Atenas e juntos com outros membros da comunidade, eram os únicos professores da escola no processo; trabalharam no dia das eleições das sete (7) até às vinte e duas (22) horas quando terminou a apuração. Os mesários eram alunos, funcionários e familiares; haviam urnas na sede provisória (manhã e tarde) e outra no PSF (PA do Adolfo) durante todo o dia, e a noite a urna que estava na sede provisória foi para a sede da EMEF Acidália Auxiliadora no bairro vizinho onde funcionava o turno noturno da EMEF Zópiro de Atenas durante as obras. Na apuração, a comunidade esteve presente; além de pessoas que acompanharam as urnas, alguns moradores, pais e alunos aguardavam na porta do prédio do PSF a chegada das urnas. A comunidade local, alunos e funcionários estiverem presentes durante todo o dia das eleições e participaram do processo eleitoral enquanto os professores participaram nos eventos que aconteceram no prédio escolar: debates e votação conforme calendário do processo eleitoral. A comunidade esteve vibrante na participação em todo o processo eleitoral e se fez representar nas apurações com o presidente Sr. Iseu Glicerio líder da comunidade de moradores local. A ausência de Eleutherios no dia da votação? Você notou? Ele encontrou algo para fazer nesse dia e não foi a escola; seguramente esse evento não era para ele.

Esses foram territórios, dentre outros, que Apolo Dionísio perambulou. Apolo Dionísio tenta criar um mapa que configure os encontros e os movimentos das muitas imagens que se superpõem, se atravessam e se espelham no panorama da escola nas possibilidades de relações bairro-secretariadeeducação-escola. Imagens, visuais, sonoras ou discursivas com mapeamento do cotidiano com validade muito breve. Uma tentativa de relatar de forma reduzida, esse mapeamento.

As dimensões da experiência de Apolo Dionísio como pesquisador estão ligadas a sua condição de professor da escola e do bairro onde perambulou e pesquisou com seus dois colegas. Cada ajuste e redirecionamento da atuação desses três professores foram marcados pelas redes dos encontros com as pessoas e os acontecimentos que fazem as rotinas escolares. Assim, cada descrição e imagens com as quais Apolo Dionísio trabalhou e que descreveu encerra um singular exemplo de metas encontradas nessa vagamundagem, nesse perambular pelos becos, ruas, ladeiras, trilhos e morros. Imagens que falam da escola, do bairro e de seus protagonistas, mas narram, também, um forte afeto que liga Apolo Dionísio ao bairro, à escola.



#### **4 O BAIRRO E A ESCOLA: PROFESSORES, DELEUZE E A UNIDADE ESCOLAR: UM ENCONTRO E UMA DANÇA ENTRE “A NORMA”, “O MACRO” [APOLINICIDADE] E O “ALEGRIA - ANARQUIA”, “O MICRO” [DIONICIDADE]**

Bem, é certo que Picasso já se distanciava dos mestres do passado por uma visão de mundo diametralmente oposta a gênios como Velázquez, seu conterrâneo, que pintou um rei a cavalo como representação simbólica de um líder domando a força selvagem de seus comandados. Já Picasso pintou um menino nu ao lado de um cavalo sem arreios num território inidentificável, o que faz toda a diferença. Nele, ninguém conduz ninguém. Esse elogio à liberdade não pode ser ignorado; a despeito de Picasso ser reconhecido como um animal político, formado na experiência do exílio, na paixão partidária. Em Picasso, o símbolo antecede a política e parece claro que é assim quando vemos uma obra como Guernica, em que o manifesto político-partidário é substituído por um inteligente jogo simbólico em que a casa é abrigo e ao mesmo tempo alvo, em que a luz sugere violência e martírio, uma projeção de nossos piores pesadelos. Picasso não agiu como documentarista, mas como artista. Faz toda a diferença quando se compara sua obra ao trabalho de contemporâneos. Guernica queima com seu calor moral.

Schama (2010, p. 390) diz que “quando Diego Velázquez pintou um rei a cavalo, no século XVII, foi como o retrato da onipotência, do controle absoluto encarnado na maneira displicente de conduzir a montaria, com apenas uma das mãos segurando as rédeas”. Que mensagem tal pintura passava? “Se o príncipe podia controlar o Grande Cavalo, podia dirigir os negócios da nação com inabalável firmeza”. Isso era para Picasso como representação simbólica de um líder domando a força selvagem de seus comandados. O poder puro. Representações solidificadas com repetição duradoura. Será o povo um grande animal a ser domado?

Picasso entendeu o chavão. O quadro (p. 138) Menino conduzindo um cavalo (1905-6, Óleo sobre tela – Mona, Nova Iorque) fez Apolo Dionísio pensar no que é uma educação menor. Picasso, com essa tela desterritorializa o poder; a imagem do menino e o cavalo são fluidos; “materiais primitivos dos quais é feita a vida, assim como a arte” (SCHAMA, 2010, p. 390). Quais são os fluxos da vida que permitem a educação ser despojada e elementar, substituindo a exaurida abundância da história? Com esse quadro, Apolo Dionísio entende que a tela e a educação são políticas. A tela é um desafio; o ato de pintar esse quadro foi para Picasso um



ato revolucionário; educar onde muitos não querem ir, afirmar a educação onde muitos a negam, é um ato revolucionário; o aluno que ali aprende é uma parte de um ato revolucionário. Velázquez pensa num herói, num único enredo, num único tema; Picasso pensa nos muitos heróis anônimos, nos muitos enredos, nos muitos temas e nas muitas expressões. Apolo Dionísio compreende que mesmo a tela sendo de um menino, ele faz parte do “muitos”, e aqui é visto por Apolo Dionísio como um porquê, é identificado como parte do todo coletivo. O menino remete para além da singularidade que parecem ser à primeira vista; nessa tela Apolo Dionísio é remetido a todo um leque de problemas e inquietações da educação em Delfos – comunidade minoritária – da qual o singular professor faz parte.

## PERAMBULAR 15 – DIÁLOGO MAIS ABERTO POSSÍVEL COM PROTAGONISTAS E COM IMAGENS

Desafio

Doutor: Meus senhores, vou lhes apresentar  
 A figura do homem popular,  
 Esse tipo idiota e muquirana  
 É um bicho que imita a raça humana.

O homem: O doutor exagera e desatina  
 Pois quando o pobre tem no seu repasto  
 O direito a escola e proteína  
 O seu cérebro cresce qual um astro  
 E começa a nascer pra todo lado  
 Jesus Cristo e muito Fidel Castro

Refrão:  
 Africará mingüê e favelará  
 mérica de verme que deusará  
 Iocuné Tatuapé Irará

Doutor: Veja o pobre de hoje: quer tratar  
 Do direito, da lei, ecologia.  
 É na merda que eles vão parar  
 Ou na peste, maleita, hidropisia.

O homem: Mas o Direito, na sua amplitude  
 Serve o grande e o pequeno também.  
 Além disso quem chega-se à virtude  
 E da lei se aproxima e se convém  
 Tá mostrando ao doutor solicitude  
 Por querer o que dele advém.

Refrão:  
 Africará mingüê ... etc (TOM ZE; ASSIS, 2003).

Com os personagens conceituais, essa pesquisa “invoca” a epifania de dois deuses do panteão Grego: Apolo e Dionísio – duas figuras que se dividem e se articulam mutuamente; forma e potência. E a presença de Pítia, uma cuidadora. Como a pitonisa de Delfos nela havia o devir-apolos como também o devir-dionísio em ambos movida pelo entusiasmo, provavelmente movida também à inspiração poética, devido às Musas e ao arrebatamento amoroso de Afrodite segundo Platão. Não dá para dizer que todo esse êxtase e entusiasmo fosse separável de Dionísio (BRANDÃO, 2003, p. 99).

Assim dito, há os limites (“medidas”) das próprias misérias e o erguer-se dessa aflita limitação, porque sobre esses homens e mulheres (são muitos) descansa o calor salutar do “olhar divino”, como está ainda no mesmo poema, Pítica, 8, 95-97 (BRANDÃO, 2003, p. 131):

Seres efêmeros! Que é cada um de nós?  
 Que não é cada um de nós?  
 O homem é o sonho de uma sombra!  
 Mas, quando os deuses pousam  
 sobre ele um raio de sua luz,  
 então vivo fulgor o envolve  
 e adoça-lhe a existência.

Lucidez-embriaguez, movimento e arrebatamento: homens, [semi]deuses que perambulam e a educação menor num bairro da rede municipal.

### **... e uma educação menor**

A educação maior é aquela do plano nacional da educação e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da LDB e da constituição, pensada e produzida pela sociedade civil, Conferência Nacional de Educação em suas várias versões municipal, estadual e nacional (CONAE, 2010) e o Congresso Nacional com suas muitas cabeças bem-pensantes a serviço do poder e de interesses de grupos empresariais com suas políticas aligeiradas de formação. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos.

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, muros que não

impedem as fugas, espaços... Sala de aula, espaços do prédio escolar, das ruas e aparelhos do bairro como espaço a partir do qual Apolo Dionísio traça sua estratégia, estabelecendo sua militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional.

Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula e dos espaços do prédio escolar, expressa nas ações cotidianas de cada um. São três as características para uma educação menor que (GALLO, 2008, p. 59ss) fecunda Apolo Dionísio para pensar a educação em Delfos/Tebas, permitindo pensar, de novo, a educação. São elas a desterritorialização, ramificação política e o valor coletivo. São apostas que Apolo Dionísio propõe para exercitar o pensamento, exercícios que, por sua vez, fazem Apolo Dionísio pensar ainda mais. Exercícios de pensamento que implicam um devir, um processo, um movimento. Apolo Dionísio pensa e perambula na educação como acontecimento, como conjunto de acontecimentos.

A primeira característica é a da **desterritorialização** que em Tebas, são os processos educativos que são desterritorializados. A desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, haverá também um movimento de reterritorialização, podendo-se afirmar que eles são concomitantes. “Temos que pensar a desterritorialização como uma potência perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares e que sempre é relativa, tendo, em reverso, uma complementaridade na reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76). As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre dizendo para Apolo Dionísio e seus colegas o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, porque ensinar. A educação maior procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduos em série. Muitas vezes Apolo Dionísio desejou se ajeitar e se sujeitar a esse controle, outras reagiu, desprezou, burlou, fugiu.

#### Fragmento 31

O “Nicolas” aluno da EMEF Zópiro de Atenas, morador de Delfos, chamada de periferia urbana está em constante processo de desterritorialização e reterritorialização. A escola não

consegue transformá-lo num trabalhador a mais com o certificado escolar que os empregadores exigem. Nicolas sabe como funciona a sala de máquinas que o empurra para a degola. Apolo Dionísio o observava: falante, sempre com o seu próprio uniforme, corpo cheio de movimentos, escorregadio como quiabo, dançarino. Conversava com todos de igual para igual. Muitas vezes professoras no meio da conversa diziam o seu nome com aquela exclamação que dizia – Nicolas, Nicolas! O que fazer com você? Quantas possibilidades tem Nicolas que habita o seu bairro e está imerso em um conjunto de agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação, totalmente diferentes dos agenciamentos que teria como morador/aluno num outro bairro, numa outra escola diferente. Enquanto morador da “periferia”, possui uma determinada dinâmica em sua territorialidade: acha um livro no lixo que remexe, compartilha com as demais crianças, seus amigos. Cria o gosto pela leitura. Na periferia, ele também constrói uma série de territórios e passa em cada um deles no decorrer do dia, como morador/escolar. É evidente que seus territórios serão outros, mas a dinâmica de passagem por vários territórios é semelhante. Existe seu território de morador, onde ele conhece seus códigos territoriais e as relações de poder que compreendem sua “comunidade”. Existe o território da cidade, que é muito mais difícil de delimitar do que o jovem, alegre, dançarino. Em um dia, ele é aluno, grande dançarino do bairro, jovem alegre e falante; no outro, ambulante, carroceiro, pedinte, menor, porteiro, gari, carteiro, motoboy, membro de um exercito de invisíveis etc. Quando chega a época da maturidade, ele se desterritorializa e abre os agenciamentos e vai se reterritorializar num contingente fantasmagórico, que no dia a dia não tem liberdade individual, de expressão, pensamento e fé, liberdade de ir e vir, direito a propriedade e justiça, direito à vida, à infância e à educação digna, que o potencialize. Quando termina, ele novamente vivencia os agenciamentos da vida na periferia.

Ou chega a época em que se reterritorializa num escritor, cantor de rap, que sai pelas periferias a ler histórias, a produzir histórias, dando palestras, cantando, produzindo vídeos.

Como jovem pobre é visto como degenerado, ladrão, traficante e sua casa como um depósito de entorpecentes e de armas, e Delfos, seu bairro como um ponto de tráfico. Aparentemente se mostra como alguém sem conhecimento para confundir os que não sabem olhar. Que chegou até aqui crendo, piamente, que a princesa Isabel era a grande redentora da população negra, mas se afastou das drogas [i]lícitas, renega grande parte do ensinamento escolar e tem adotado um hábito bastante incomum nas favelas: o de ler – sem o qual jamais teria descoberto que o “13 de maio” é[foi] uma farsa.

Nesse contexto, a vida é um constante movimento de desterritorialização/reterritorialização. Estamos sempre passando de um território a outro, abandonando territórios, criando novos territórios. Trata-se de uma desterritorialização/reterritorialização cotidiana, em que se abandona o território, mas não se destrói o território abandonado. Mas o princípio da educação maior como máquina de controle pressupõe que ao ensino corresponda uma aprendizagem. Essa certeza evidente, porém, pode ser não tão certa assim. Na vida de Nicolas pode não ser assim.

O exercício do poder gera resistência, já demonstrou Foucault; a tentativa de controle pode fugir a qualquer controle. É o que Deleuze, num texto mais antigo, nos alerta em relação à aprendizagem.

Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber como inatismo, elemento a priori ou mesmo Ideia reguladora. E, finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado – o saber - para dele extrair os princípios transcendentais (DELEUZE, 1988, p. 270).

Aprender está para Nicolas que achou um livro no lixo, está para o (como TADDEO, 2012 aprendeu?) cão que escava seu buraco; está para alguém que procura, mesmo que não saiba o que e para alguém que encontra, mesmo que seja algo que não tenha sido procurado. E, neste aspecto, a aprendizagem coloca-se para além de qualquer controle. Nesta mesma obra, Deleuze havia escrito pouco antes o seguinte:

[...] nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença. Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento). O método é o meio de saber quem regula a colaboração de todas as faculdades; além disso, ele é a manifestação de um senso comum ou a realização de uma Cogitatio natura, pressupondo uma boa vontade como uma “decisão premeditada” do pensador. Mas a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias, dizia Nietzsche, justamente para “adestrar um povo de pensadores”, “adestrar o espírito” (DELEUZE, 1988, p. 270).

Ora, se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de

aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como um tal General Ludd em 1812 (que ameaçava destruir teares na Inglaterra), botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle.

As táticas de uma educação menor em relação à educação maior são muito parecidas com as táticas de grevistas numa fábrica. Também aqui se trata de impedir a produção; trata-se de impedir que a educação maior, bem-pensada e bem-planejada, se instaure, se tome concreta. Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças. Desterritorializar. Sempre.

**A segunda característica é a ramificação política** que em Delfos/Tebas a educação também é um ato político, no caso de uma educação menor isso é ainda mais evidente, por tratar-se de um empreendimento de revolta e de resistência. Uma educação menor evidencia a dupla face do agenciamento: agenciamento maquínico de desejo de Apolo Dionísio, educador militante e agenciamento coletivo de enunciação, na relação com os estudantes e com o contexto social. Esse duplo agenciamento produz possibilidades, potencializa os efeitos da militância.

A ramificação política da educação menor, ao agir no sentido de desterritorializar as diretrizes políticas da educação maior, é que abriu espaço para que Apolo Dionísio, o educador-militante<sup>58</sup> exercer-se suas ações, que se circunscrevem num nível micropolítico que é o bairro Delfos I e II. A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro-relações sociais. Não se trata, aqui, de buscar as grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim o empenho de Apolo Dionísio nos atos cotidianos. Em lugar do grande estrategista, o pequeno “faz-tudo” do dia-a-dia, perambulando, atravessando muros, trabalhando nas ruas e debaixo das árvores, minando os espaços, oferecendo resistências.

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta

---

<sup>58</sup> Para ser um militante é necessária uma análise dos lugares que ocupa ativamente neste mundo, ou seja, a dimensão da experiência não pode estar fora do processo de pesquisa, ou seja, nossas implicações institucionais.

unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, viabilizar rizomas entre as famílias e funcionários, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 39).

Apolo Dionísio fecundou-se na educação menor como uma máquina de guerra para o seu trabalho junto com os demais colegas.

Por fim, **a terceira característica é o valor coletivo**. Na educação menor todo ato adquire um valor coletivo. O educador-militante, ao escolher sua atuação na escola, estará escolhendo para si e para todos aqueles com os quais irá trabalhar. Na educação menor, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva.

A educação menor é um exercício de produção de multiplicidades. No prefácio à edição italiana de *Mille Plateaux*, Deleuze e Guattari escreveram o seguinte:

[...] as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 8).

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam em hecceidades. Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também.

Ao assumir a militância numa educação menor, Apolo Dionísio o fez em nome de um projeto coletivo, de um projeto que não tem sujeito, de um projeto que não tem fim (tanto no sentido teleológico como no sentido escatológico).

\*\*\*

Apolo é o deus do Sol, da beleza, das artes, da poesia, da música, da profecia, da ordem e do arco e flecha – a sua flechada é certa e tem nele os traços de Dioniso seu irmão, o que permitiu que ele se construísse Apolo. Moderação, conhecimento, ética rigorosa, eis aí como a doutrina apolínea do “conhece-te a ti mesmo”; do “sei que nada sei”; do “nada em demasia” e do “cuidar de si” acabou por se apossar da construção de um povotragédia e da poesia em geral.

Apolo gosta de ler as histórias potentes da religiosidade polissêmica, politeísta dos gregos (BRANDÃO, 2003, p. 131) e destacou para seus amigos apenas uma ponta de um diálogo, quando Eurípides censura Ésquilo por não ter em suas tragédias uma só parcela de amor, o autor de Prometeu Acorrentado traça a suprema missão do poeta<sup>59</sup>, quiçá do professor:

Eurípides - Sim, por Zeus, não tens uma única parcela de Afrodite.

**Ésquilo** - Oxalá eu jamais a tenha. Sobre ti e sobre os teus ela pesava tanto, que chegou mesmo a lançar-te por terra.

Eurípides - Sim ou não: é fictícia a história de Fedra que eu compus?<sup>59</sup>

**Ésquilo** - Não, por Zeus, é verídica. O dever do poeta, no entanto, é ocultar o vício, não propagá-lo e trazê-lo à cena. Com efeito, se para as crianças o educador modelo é o professor, para os jovens o são os poetas. Temos o dever imperioso de dizer somente coisas honestas (BRANDÃO, 2003, p. 131 – grifo nosso).

Do apelo ao sentir – a emoção poética que aproxima os saberes das ciências, os saberes escolares ao mito de Dionísio, isso porque o mito deste nos revela um deus da *metarmophósis*, um deus que gera transformação por meio da presença – “estou aqui, chegando à terra dos tebanos, eu, o próprio Dionísio, filho de Zeus” (BACANTES, 2005, p. 205) e a êxtase – cantar Dionísio “com nossos gritos [...] [a devota] entregue às bacanais, celebra” (BACANTES, 2005, p. 207-208), isto é, de uma catarse às avessas. Assim, a partir da narrativa de Dionísio, verificaremos a inversão de valores do mito de Apolo, isto é a substituição das medidas pelo *enthusiasós*; do iluminismo científico pela imagem poética, da razão pela emoção, da disciplina pelo êxtase, do *homo sapiens* pelo *homo demens*.

---

<sup>59</sup> Na comédia de Aristófanes, As Rãs, 1.045-1.056, Ésquilo é ainda mais rigoroso no tocante à ética trágica e à missão educativa do poeta. (BRANDÃO, 2003, p. 131).



Enquanto trabalhavam, Apolo Dionísio era tocado pelo reconhecimento da importância de uma força que impusesse direção e limites àquilo que, do contrário, seria dispersão, tanto no que se refere ao exercício de destreza corporal (Apolo não imaginava o quanto de destreza corporal muitos dos alunos daquela escola tinham) quanto ao autodomínio sobre as infinitas tensões das quais é constituída as sabedorias escolares (as medidas escolares no olhar dos saberes escolares não). Mas Apolo Dionísio sempre perguntava: será isso possível? – “Penteu: ordeno o fechamento das portas de Tebas” (BACANTES, 2005, p. 233); “Mistério dionisiaco: enfrentar coletivamente, pela pluralidade dos afetos e dos corpos, o problema intransponível dos limites” (MAFFESOLI, 1985, p. 49). “Dionísio [respondendo a Penteu]: Por quê? Um deus não é retido por muralhas” (BACANTES, 2005, p. 233).

Assim, o corpo de Apolo Dionísio se afeta pelo dançar, se equilibra e desequilibra, invade novos espaços intensivos. Ele se faz também a partir da relação entre Apolo e Dionísio, entrelaçados, simultaneamente, brincando e trabalhando com os possíveis e os paradoxos desses encontros. Se Apolo amasse somente a destruição, o informe, ele não dançaria, não seria capaz de compor as imagens e as criações que brotam de sua matéria, sua carne. O bailarino não seria capaz de politizá-lo, não conseguiria expressar as intensidades do mundo, de uma forma bela e sutil. Sem Apolo, o dançar, quem dança não alcançaria a sua suavidade para falar de questões variadas, sejam elas amenidades, tragicidades ou uma simples história a ser narrada por quem faz do movimento e do som a sua forma de expressão. Sem a técnica da dança, uma pessoa também se move, mas é apenas capaz de criar gestos grotescos, impensados, estranhos. Um parêntese: Apolo se lembra de uma oficina que participou na Pousada El Nagual, Rio de Janeiro. Numa dinâmica deveria com o grupo compor imagens com o corpo do fogo, ar, água ou terra. Apolo corria de forma grotesca, impensada, estranha enquanto imaginava estar representando o vento-ar de forma perfeita. Ele não habitou o vento. Não era o vento. Não sabia ser vento. Ficou com cara de bobo esperando ser elogiado por quem conduzia a oficina e nada. Olhava para outra participante que fazia a mesma coisa e intrigado por achar os movimentos dela também grotescos e estranhos. Olhou para outra que fazia movimentos que eram tão majestosos que fez o vento de Apolo Dionísio virar um mera brisa, porque parou para se encantar – percebeu que lhe faltava a embriaguez.

Portanto, a técnica se faz **necessária-insuficiente**, para explorar a potência do próprio corpo ou de um corpo, buscando seus segredos, suas histórias, suas comédias e suas durezas. A forma é importante para que se faça bem o que se deseja fazer – o quefazer da educação por

exemplo, e para que dele se possa perceber sua bela imanência, suas muitas linhas e possibilidades – as duras e as flexíveis. A forma bela revela a qualidade do movimento, a definição das ações, e traz os limites do corpo.

Por outro lado, se o espírito dionisíaco ficasse apenas em Apolo, estariam somente no plano do controle sobre os corpos, na técnica puramente pela técnica, no ensaio-erro, nas medidas, na dimensão matemática da dança, por exemplo. Não estariam, então, numa dimensão estética, que prima pela plasticidade e pelo transbordamento. O corpo que se contenta com as belas formas, com sua própria beleza, não consegue criar paradoxos, uma vez que evita que a potência do novo se faça presente em seu espaço. No momento em que o bailarino experimenta a própria tensão e o esburacamento de si, ele tem a potência de se envolver numa trama de novas possibilidades e pode sentir a força de diluição de seus modelos anteriores. Isso o toma e o lança para uma nova composição do movimento. O corpo belo, e assim condizente, pode acabar sendo capturado pelo sistema, que também preza somente as formas apolíneas e os clichês, senso comum, bom senso. Nesse caso, Pítia e Apolo, nos seus modos de ser sendo apolíneos, não amam a destruição, mas, sim, a manutenção do mesmo contorno. No momento em que estão em plena posse desse único corpo, então ficam condenados a habitá-lo e dele não conseguem se livrar tão facilmente. Se, paradoxalmente, o corpo é feito para desaparecer, sua atualidade é sempre móvel. Assim, o corpo sente o sentido do mundo vibrar em suas expressividades. Essa vibração foi sentida por Apolo Dionísio e seus dois colegas ao encontrar potência, quando se permitiram escorrer dos seus limites e se jogarem num turbilhão de novas acessibilidades. Com isso tornaram-se mais dionisíaco e conectado com a insensatez daquilo que está fora de si, mas ligado aos seus acasos e descobertas estranhas.

Os riscos das celebrações dionisíacas misturadas com os limites definidos do agir apolíneo, eis o caráter paradoxal entre os agenciamentos molares e moleculares. Vivenciar o trâmite entre as definições do instituído e a ultrapassagem de si implica a complexidade da experiência estética, o que levou esses professores a mergulhar numa trama de novas simulações e aventuras.

Os devotos de Dioniso, após a dança vertiginosa de que se falou, caíam semidesfalecidos. Nesse estado acreditavam sair de si pelo processo do “êxtase”. O sair de si implicava um mergulho de Dioniso em seu adorador através do “entusiasmo”. O homem, simples mortal, (*anthropos*), em êxtase e entusiasmo, comungando com a imortalidade, tomava-se (*anér*), isto é, herói, um varão que

ultrapassou o (métron), a medida de cada um. Tendo ultrapassado sua medida mortal, o anér, o herói, transforma-se em (*hypokrités*), aquele que responde em êxtase e entusiasmo, a saber, o ator.

Essa ultrapassagem do *métron* pelo *hypokrités* se configura como (*hybris*), um descomedimento, uma “*démesure*”, uma violência, feita a si próprio e aos deuses imortais, o que desencadeia a (*némesis*), a punição pela injustiça praticada, o ciúme divino: o *hypokrités*, o *anér* torna-se êmulo dos deuses, o que vai provocar a (*áte*), a cegueira da razão; tudo quanto o *hypokrités* fizer, daqui para diante e terá que fazê-lo, realizá-lo-á contra si mesmo. Mais um passo e fechar-se-ão sobre ele as garras da (*Moirá*), o destino cego (BRANDÃO, 2003, p. 132).

Um deus que pode ser questionado em sua divindade, que base nenhuma havia para alguém crer que era filho de Zeus. O semideus Dioniso ganha importância pela sua insignificância; é o que mistura incessantemente as fronteiras do ilusório e do mundo; o deus da vida indestrutível. Dioniso é o deus da *metamórphosis*, o deus da transformação. Dionísio é a própria linha de fuga. Por que não se encontra uma Odisseia ou Ilíada em que Dionísio manifeste sua ação? É o deus que lembra sempre a Apolo que a aspiração do homem ser apenas homem é a justa medida. Ele é uma ordem incorporada e não imposta (MAFFESOLI, 1985, p. 79).

Os movimentos que Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia estavam constantemente tentando ativar às forças sutis, ocorre aí uma intensificação da potência no quefazer como professores e uma preparação para que múltiplos outros quefazerem que advenham deste primeiro. Isso supõe um caráter paradoxal do encontro entre os [deuses] Apolo e Dionísio, com o intuito de ampliar suas potências, possibilitando um além do “princípio de individuação” (MAFFESOLI, 1985, p. 16) e por aproximações sucessivas, nós nos perdermos nesse coletivo apolo-dionísio-pítia. Individualmente, no contemporâneo, carregavam as marcas de um controle que promovia os imperativos da era de Apolo, a favor das boas formas e da noção de uma identidade definida, eis o aprisionamento. Ao mesmo tempo, porém, eles desde sempre não aguentavam e não aguentariam mais. Então, desde sempre eles questionaram esse aprisionamento, eles não se conformaram com o controle, com os limites que lhe foram impostos pelo instituído na escola/secretaria de educação. Desde o momento que esses indivíduos cederam o passo para o coletivo, os grandes valores de atividade, de energia, de economia de si próprios ou do mundo, são relativizados (MAFFESOLI, 1985, p. 17-18). Alternativas possíveis podem ser encontradas.

As categorizações não respondem mais as perguntas de Apolo Dionísio e não identificam o que pretensamente Apolo pensou em conhecer. Categorizar, medir, impede de conhecer

melhor. As categorizações, adjetivações, formatizações são simplistas. Não responderam no passado, dominaram – sim; e não respondem quando tentam atualizar tais categorias. Frente a esses discursos apolíneos os discursos populares são poéticos, isto é, conferem ritmo às paixões, afetos e as situações (MAFFESOLI, 1985, p. 52).

Apolo buscou mapear o cotidiano escolar baseando sua investigação no aspecto qualitativo das atitudes sociais, o que focou sua atenção a multiplicidade de entrelaçamentos que permeiam as relações no bairro Delfos II. A troca de palavras, a circulação do sexo e dos bens tomam alguns caminhos que são ignorados pela escola (que no bairro representa o poder constituído) e assim ela quer continuar. Seja na alimentação, no consumo, na justiça mútua no lar ou na família, a organização e administração do lazer e do tempo livre, seja também na resistência ao trabalho ou às diversas morais dominantes, há uma miríade de criações coletivas que participam desse momento de solidariedade, ajuda mútua e lealdade e que constitui a vida de um bairro como Delfos II; muitas vezes invisível formando a trama do corpo social – a tragédia como enredo da vida comum. É a banal intensidade do presente; pequenos nada que uma visão molar não pode levar em conta; suas lentes não permitem ver as nuances mínimas do relevo; mas constroem a força vital, sua estrutura social e dinâmica do desejo coletivo desse bairro (MAFFESOLI, 1984, p. 80)

Diomar – vocês quando conversam ficam falando assim? Mas eu entendi algumas coisinhas e tomo a palavra: Delfos tem um povo invisível; saímos daqui só para trabalhar; não somos pessoas, mas estatísticas funestas e funções sociais; nosso lugar é a cozinha e pela casa quando nossa tarefa é limpar a bosta dos cães; nos tornamos visíveis quando somos presenteados com antecedentes criminais; ou com confissões assinadas pós-tortura em distritos policiais, ganhamos vida (que vida é essa? Pergunta Pítia) oficialmente (TADDEO, 2012, 150-151).

## PERAMBULAR 16 – SUBINDO A LADEIRA PARA A ESCOLA NUMA CADEIRA DE RODAS

Apolo Dionísio voltou ao bairro e visitou a escola, o PA, que já não é mais do Adolfo, e para rever os amigos e conversar um pouco. Vendo a rampa do novo prédio começou a perguntar sobre uso dela. Encontrou alguns colegas na escola que falaram de Berenice que a tem usado.

Apolo Dionísio lembrou que antes da reforma, período que trabalhou na escola, não havia uma Berenice. Nenhuma. Havia alunos surdos que não sabiam LIBRAS e não havia ninguém para ensiná-los. Eles gostavam da escola. Relacionavam-se e brincavam com os demais alunos e professores. A ladeira para eles também era dura de subir. Desdobravam-se. Mas eles queriam praticar o que sentiam na escola, a se comunicar com o mundo. A negação da educação começa no início da ladeira. Há ladeiras mesmos nos prédios construídos na parte plana do bairro e seu entorno.

Berenice vai à escola numa cadeira de rodas. Apolo Dionísio ficou intrigado por que sua mãe empurra essa cadeira por mais de dois quilômetros, de um bairro ao outro, subindo a ladeira calçada em péssimas condições até chegar ao portão do prédio escolar sem nenhuma acessibilidade?



Berenice geralmente vem por aqui com sua mãe ou outra pessoa empurrando. É a subida viável. Calçamento irregular, com buracos, dividindo espaço com bicicletas, motos e veículos.



Esse lado só é possível com um esforço hercúleo. Por aqui, uma das várias vielas, Berenice não vem. Por que ela não estuda numa escola na parte plana e mais próxima de sua casa? Normalmente essas escolas são ladeiras numa viela. Impedem mesmo de Berenice subir. A cada tentativa paradas longas que obrigam a voltar e fazer tudo de novo. Quando volta sobe um pedaço menor do que o anterior. Berenice não consegue manter o território.



Então ela chega aqui e encontra mais obstáculos. Andou mais de dois quilômetros subiu trezentos metros de ladeira, isso aí, essa entrada, é moleza. Ela entra... eis o portão... Berenice tem anseios, sonhos, vontades, vida... e se houvesse acesso ela irá querer mais...

Por que ela não estuda numa escola na parte plana e mais próxima de sua casa? Falta sua seriação.



Essa é a frente do prédio escolar depois da reforma. Apolo Dionísio fica imaginando o esforço tremendo de Berenice para chegar até aí. Berenice teve as mesmas dificuldades para chegar da sua casa até o portão da frente tanto agora, depois da reforma como antes da reforma.

Berenice em sua vida escolar não encontra as instituições escolares e o seu bairro preparados para recebê-la. Como ela mesma denuncia, sempre muito difícil, sempre precisa ser carregada. Elas não estão preparadas para me receber. Um mundo como superando barreiras.



Dentro do espaço físico, depois do primeiro portão, Berenice encontra acessibilidade. Que luta! Nessa situação ela é a única que frequenta a escola. Ela vem pouco as aulas. Para Berenice a sua inclusão na escola é uma ideia falsa. Ela é bem tratada na escola? Sim e não; gostam muito dela; sentem falta dela. Há aqueles que preferem que ela fique em casa. Mas falar para Berenice ou por Berenice não tira Apolo Dionísio de posição de caridoso, que lhe dá uma carona de quando em vez, ação insuficiente para que Berenice tenha acesso não só ao prédio, mas à educação. A prefeitura de Tebas tem uma tarefa do tamanho da cidade – acessibilidade.

As mesmas dificuldades encontra Maycon do sétimo ano, que tem dificuldade de se locomover. Paralisia cerebral. Subir a ladeira e o terreno desnivelado à frente do prédio dificulta que essas pessoas possam ter acesso a escola/estudar. Os ônibus com acessibilidade não circulam no bairro, e quando o fizeram levavam mais de uma hora para buscá-los e levá-los tanto na ida como na volta.

Berenice avalia a sua vida por outros sentidos que não as finalidades comuns atribuída a ela. Berenice, presença que impede de ser valorada e, portanto, ser avaliada, julgada pela sua utilidade. A educação com a presença de Berenice não servirá ao meramente útil e ela também tem uma ladeira cheia de buracos para [re]produzi indivíduos igualmente úteis – máquinas, instrumentos, adequados aos valores vigentes. “Os que amam o elemento fantástico no ser humano e, ao mesmo tempo, defendem a teoria da moralidade instintiva, raciocinam da



seguinte forma: supondo que em todas as épocas venerou-se a utilidade como a divindade suprema, de onde teria vindo a poesia? – essa ritmização da fala, que antes atrapalha do que promove a clareza da comunicação, e que apesar disso, brotou e continua a brotar em [Delfos], como que zombando de toda útil pertinência! A bela e selvagem irracionalidade de [Berenice] refuta-os, a vocês, utilitaristas (NIETZSCHE, 2004, p. 111).

Doutor: Meus senhores, vou lhes apresentar  
A figura do homem popular,  
Esse tipo idiota e muquirana  
É um bicho que imita a raça humana.

O homem: O doutor exagera e desatina  
Pois quando o pobre tem no seu repasto  
O direito a escola e proteína  
O seu cérebro cresce qual um astro  
E começa a nascer pra todo lado  
Jesus Cristo e muito Fidel Castro



## **5 OUSAR IMPULSOS INOVADORES E VIVER INSTANTES REVOLUCIONÁRIOS – O BAIRRO, A RUA, AULA, AS REUNIÕES**

O encontro de Apolo Dionísio com a “verdade” em Tebas foi involuntário – foram providas de encontros que ele não pude se furtar, por isso foi “violentado”, isto é, a coação que elas exerceram sobre esse professor.

A forma de pensar voluntária era entrar em sala de aula e trabalhar com os alunos formalmente, não era essa a proposta: não sabia como começar, queria trabalhar com a comunidade e não sabia como transpor os limites escola/bairro que pareciam ter um manguê no meio com sua dificuldade própria para atravessar. Apolo Dionísio pensava também: como trabalhar com os professores? Eles, sem tempo, violentados com essas presenças. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia por estarem “soltos”, sem horário em sala, não faziam “nada” e ao mesmo tempo professores de Filosofia e Ciências Sociais; num primeiro momento andando pra lá e pra cá, parecendo “vigias da secretaria de educação de Tebas”. Que situação! Como trabalhar juntos? Numa outra escola que trabalhou, Apolo Dionísio conseguiu realizar encontros de trabalho com os professores, com as famílias, e o Conselho de Escola; na EMEF Zópiro de Atenas, Apolo e seus colegas se perguntavam: o que vamos fazer aqui? Os três pediram conselhos à ignorância. A conselheira dos três era a Sra. Não Saber o quê.

### **PERAMBULAR 17 – A IGNORÂNCIA EM DELFOS**

Como chegar a saber que o saber da ignorância é o saber mais valioso para uma pessoa?

Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia sabem algo mais do que diz o oráculo e isso é o que lhes permitem dar sentido justamente à sentença oracular: - encontrariam sabedoria lá? Que sabedoria encontrariam nesse bairro? Saberiam filosofar com isso? Juntos souberam e que o saber não o é o do conhecimento nem das palavras oriundas de um projeto ou planejamento didático; esse saber é precisamente o que sustenta, um princípio de vida, algo que principia, dá início à vida, corpos transpiravam, é algo muito mais forte que as vontades ou as consciências às quais excede: trata-se do significado e do sentido de viver de determinadas maneira, de levar uma vida de acordo com os modos de pensar e de viver que se inventam, em que se aposta.

## PERAMBULAR 18 - O PA Do Adolfo<sup>60</sup> - perambulando chegaram aqui

O mapa do *Google Earth* era um mero decalque na vida desses professores, um pouco mais aberto que o mapa oficial, que esconde a dinâmica do bairro. Tanto lugar para perambular; qual seria o nosso destino? Mas que diabos, qual é o destino? O que Deleuze e Guattari, o mestre, diriam para esses professores, com dublagem em português? – Lembrem-se, da cartografia, da angústia de não ter destino certo, não ter horários, de fazer o tempo passar, de deixá-lo escapar pelos dedos, percam a vergonha de não saber responder perguntas simples, como aquelas que dizem respeito ao objetivo do seu trabalho. Nas horas que o prof. Apolo Dionísio passava na escola era isso mesmo – a angústia. Para Apolo Dionísio, era o desafio para um guerreiro em luta que não tem medo de se entregar ao ócio do fazer do filósofo. Foi nessa condição e dimensão do senso comum do “fazer nada” que encontramos caminhos para conhecer a educação que existia no bairro; a direção foi a organização de uma primeira reunião no PA do Adolfo; que alívio, sentiu Apolo Dionísio porque eles viam coisas para fazer e nesse encontro poderiam enfim ter um dispositivo interessante para desencadear o trabalho; as possibilidades de vetores que poderiam ser trilhados.

O Prof. Apolo Dionísio, metido a cartógrafo, imerso no seu poço de ideias e em seu labirinto de métodos, por mais que seu espírito possa parecer afiado ou contemplativo, corre o risco de perder-se em si mesmo, porque o bairro é de seus moradores, não de seus visitantes, mesmo que sejam professores da escola. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia chegaram ao bairro e não sabiam qual a direção da escola – era num morro, no alto do morro – tudo o que sabiam nos dizer. Um morador nos conduziu, já de dentro do ônibus: solte comigo que eu vou entrar na rua que levará vocês a escola. Dito e feito! A primeira vez uma subida sem fim, nas derradeiras já conhecidas as carinhas das pessoas que por ali sempre estão nas portas. Quando pensamos em sair dos muros do prédio escolar para conhecer a educação que ali existia encontramos o Programa de Agente Comunitário de Saúde – (PACS), conhecido no bairro como “PA do Adolfo”. PA do Adolfo. Um enfermeiro, alto, alegre, comunicativo e aberto para o encontro e para o diálogo. Planejamos reuniões com pais e líderes comunitários.

---

<sup>60</sup> Em relação ao modelo de atenção básica da saúde no município, onde coexistem as equipes do PACS (Programa do Agente Comunitário de Saúde) e do PSF (Programa Saúde da Família), que facilitam a ligação entre o município e o sistema de saúde municipal, a população coberta aumentou de 10,3% em 2002 para 41,5% em 2010, o que significa uma ampliação da cobertura em mais de 300% durante o período. A maior parte das equipes de PACS/PSF tem como referência de apoio as próprias Unidades de Saúde, porém 7 equipes dispõem de espaço próprios [alugados] nos bairros Aparecida, Flexal II, Tucum, Nova Rosa da Penha, Nova Esperança, Prolar e Jardim Campo Grande (CARIACICA, 2009, p. 146).

Quando verificamos o espaço interno do prédio escolar – nada! Todos os espaços ocupados. Pátio impossível, sem cadeiras e seria mais uma interrupção nas aulas já cheias de “buracos”. Conversas nos apontam o PA do Adolfo. Fomos conhecer o Adolfo e o PA. Além dele conhecemos as agentes de saúde; aí sim, mais de vinte pessoas que perambulam pelo bairro, conhecem muita coisa, “todo o mundo do bairro” o que foi para Apolo e seus colegas muito interessante. Conheceram Diomar, que os acolheu. Festa de um bom encontro. Onde eram todas as ruas, escadarias, onde moravam alunos, quem consertava o quê, lugares onde podiam almoçar. Permitiu conhecer o bairro, facilitou a tarefa de levar “convocações” para pais que precisavam ir à escola com a tarefa de perambular pelo bairro. Conheceram líderes religiosos pentecostais, protestantes históricos, católicos e espíritas. Visitaram um dos centros espíritas do bairro onde tiveram um encontro agradável com o líder local; associação de moradores e os seus líderes e associações que formam ONGs e OCIPs no bairro e outras escolas. Eles praticavam um currículo muito louco.

Currículo-louco. Perambulando pelo bairro, foram afetados por espaço escolar mais amplo e dotados da potência extrínseca que surgia nesses pontos e de linhas agora traçadas; “forças exteriores de experimentações e intensidades, velocidades e lentidões do pensamento do fora, não de um fora refletido ou representado no pensamento, mas dum outro do pensamento, como uma violência que se abate destrutiva sobre os saberes já sabidos ou já consolidados” (SILVA; CORAZZA, 2003, p. 21). Nesse campo onde o perambular desordenado de Apolo Dionísio e seus colegas estavam vivendo como corpos morro abaixo, vazios de problemas e como reservatórios do pensar com bocas enormes. Apolo Dionísio era estranhamento entre o pensamento racional e a realidade do objeto expresso, e que irrompe na subida calma do morro da sabedoria adquirida, de modo involuntário, imprevisto, incompreensível.

O professor Apolo Dionísio recorda claramente o apoio das agentes de saúde nesse processo. Como era o bairro quanto a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; gente que se cuida, gente que não dá atenção, gente envergonhada, gravidez na adolescência, pouca retirada de camisinhas/preservativos no posto, cursos realizados no espaço da escola, bom relacionamento do PA do Adolfo com a direção da escola. Aprendizado-saúde no espaço da escola; aprendizado-escolar no espaço da saúde.

## Fragmento 32

Nos primeiros encontros com as agentes de saúde, a maioria delas mulheres, Apolo Dionísio perguntava sobre os relacionamentos com os moradores com a escola e com os professores. Falavam do desejo de realizar reuniões, especificamente naquele local, no posto, horários, como poderiam fazer trocas – perceberam que receberiam mais do que davam, não tinham moedas de troca. A moeda era a solidariedade. Apolo Dionísio mais afoito e atirado provocava as conversas; elas estavam todas sentadas à mesa larga que havia próximo a uma porta de aço, no lado direito de quem entra. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia sentaram com elas e partindo das apresentações e brincadeiras perguntaram: por que os alunos estão saindo mais cedo? Informaram dos modos de ser sendo da comunidade, sempre partindo de suas percepções do território onde vivem e atuam; o bairro (comunidade) é receoso – as reuniões com as famílias e líderes do bairro, um território estranho e ainda não habitado por eles seria ocupado inicialmente por um pequeno grupo; daí conversas aconteceriam entre eles, possivelmente informalmente, e esse novo território seria ocupado por eles ou não; um lanche deveria ser distribuído (descer um morro com alimentos faria parte dos arranjos do encontro); ser humilde: o que é isso? Saber ouvir, saber dar razão ao outro, ajudar sem “ver” a quem – não importando se a pessoa sabe tratar as pessoas bem ou não. Agenciamentos coletivos de anunciação: as relações entre corpos humanos, animais e cósmicos que se misturam nesse bairro e na escola. Uma aula!

O bairro não é “sem educação”. Há ali uma educação que desterritorializa a educação formal na presença dessas agentes de saúde nas casas do bairro e o estar ali produz compreensões significativas que se manifestam no currículo escolar: uma forte rejeição dos adolescentes em buscar informação sobre a saúde, segundo a agente Diomar (com um conhecimento professoral). Ela comenta do não querer saber dos adolescentes de doze anos para cima e destaca a resistência proveniente de uma formação fundamentada na religião que impede a busca de material no posto de saúde; segundo a agente, são os meninos que pegam mais os preservativos; há vários encontros sobre a saúde da família tais como a organização Sentinela, oficinas e ciclo de debates sobre o conhecimento do corpo e outros temas como doenças sexualmente transmissíveis.

Apolo Dionísio nessa superfície de sentidos em que perambula encontra uma educação que o força a pensar de outro modo. Em Delfos para aqueles que têm a possibilidade apenas dos

deveres e obrigações relativos aos serviços braçais, o sistema não passa de um rival asqueroso, que se assenta em formato de corporações desonestas e exploradoras, sádicos fardados, tribunais de justiça parciais e preconceituosos, penitenciárias superlotadas, necrotérios, cemitérios... pelas vielas enviesadas do incentivo ao crime (a morte instantânea), da indução a servidão (a morte lenta), da educação estéril (formatadora; anuladora) ultrapassam as dualidades e as correspondências aluno-professor, pois, mantêm relações extrínsecas com aroeiras, pedreiras, bicheiras, poeiras, poedeiras, assobiadeiras, que bordejam, arrebentam, explodem, aniquilam todo um cosmos curricular que se formatou, e são sempre minorias excêntricas, bandos, maltas, massas, que procedem não por referência a centros de poder, mas por difusão móvel de prestígio... Os mais desprezados, criminalizados, máquinas em função de tarefas e odiados pela sociedade burguesa parasita, são justamente, os trabalhadores indispensáveis para ela (DELEUZE, 1988, p. 39).

[...] quando os funcionários dos Assentados fazem do currículo-gangue uma instância pré-científica, pára-científica, sub-científica, irracional, perigosa, demoníaca, eles gostam de exclamar: - Isso não é algo a ser ensinado nem a ser aprendido, é ilegal, inconveniente, inadequado, besteira, baixaria... baixa cultura, prática apenas, manual, popular, coisa de gatinha ... Mal sabem eles que essa gatinha do currículo-gangue não pensa do mesmo modo, nem se deixa recrutar como mão-de-obra forçada, porque ela viaja, nem que seja no mesmo lugar, enxameia, rói, gafanhoteia, quer que o trabalho curricular que costuma fazer seja desqualificado, mal-afamado, para então poder traçar, inventar e criar novos pensamentos curriculares que não mais reproduzam nem executem o normatizado, mas ousem impulsos inovadores e vivam instantes revolucionários (SILVA; CORAZZA, 2003, p. 30-31).

O crescimento acadêmico, profissional e social para Delfos é um campo de lutas e cheio de instantes de atos revolucionários.

#### PERAMBULAR 19 - PA DO “ADOLFO” – TAMBÉM ESCOLA - AS REUNIÕES

Finalmente os professores Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia organizaram a primeira reunião com o segmento família da EMEF Zópiro de Atenas: a primeira no dia 25 de março de 2008, às 15 horas e 30 minutos; e a segunda no dia 26 de março às 7 horas e 15 minutos. Ambas no prédio do Programa de Agente Comunitário de Saúde – (PACS), conhecido no bairro como “PA do Adolfo”, localizado no próprio bairro, próximo à escola (perambulado pela ladeira abaixo). O encontro foi dirigido pelos professores Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia, mas com a presença de uma pedagoga e do diretor da unidade escolar.

Nesse dispositivo utilizou-se como metodologia e estratégia de intervenção as oficinas de grupo, bem como técnicas de dinâmica de grupo para a intervenção indicando o trabalho de análise das múltiplas implicações nos planos dos desejos, das relações e dos poderes. Nesse local concreto que é Delfos II, o que aos poucos permitiu acessar os processos de institucionalização: a comunidade “não deixou barato”, exerceu suas potencialidades, por meio da presença, questões, afirmação de seus valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças e outros aspectos, construindo, por si mesma, saídas, estratégias, alternativas na busca de soluções para seus problemas e suas lutas cotidianas.

Nessa oficina e nas outras subsequentes os grupos discutiam questões como as seguintes: a) Como é a educação de seus filhos aqui no bairro? b) As lideranças de seu bairro contribuem para a educação das crianças e jovens? c) Quem seria o Pintassilgo para vocês? (personagem contido em um texto do Alves, 1998). Pedimos que os participantes fizessem um paralelo deste passarinho com o bairro/educação; d) Que vontades e responsabilidades a família deve ter para com a educação de seus(as) filhos(as)?

Instituições, lugares, formas, reuniões. A família e a escola. O trabalho e o lazer. O filho e o pai/mãe. Dicotômicas máquinas binárias: dispositivos de fixação de códigos e territórios. Relações de poder: “[...] pode-se até mesmo conceber saberes que fazem ofertas de serviço ao Estado, propondo-se a sua efetuação, pretendendo fornecer as melhores máquinas em função das tarefas ou dos objetivos do Estado” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 151).

Apolo Dionísio e os seus colegas professores, pedagogos e o diretor, pais e mães, funcionários da escola, que também são mães de alunos, e os próprios alunos que se surpreendiam vindo às reuniões tomando conta dos seus irmãos menores e também participando do encontro, todos constituíam em relação com os jogos de verdade. Apolo Dionísio desejava muito entrar no jogo, caminhar com os demais colegas professores e esses pais que se davam a conhecer e, com todos, colocar em análise os processos de formação, de produção de formas de viver engendrados no atravessamento entre a escola, o bairro e a secretaria de educação do município, mais além nas formações do ser professor tanto pela universidade federal como nas instituições particulares da região.

Tantas apreensões, medos – colegas apontavam riscos de encontros com a comunidade – medos que não eram confirmados pela professora Pítia, nem pelo diretor da escola; Apolo



Dionísio queria se lançar na [des]aventura... tantas intensidades... Um vasto campo: multiplicidade, complexidade, afetos. De braços dados esses três professores, entram nesse jogo. Perambulando pelo bairro, pelas ruas, com apoio do PA do Adolfo, agentes de saúde, pedagogas, funcionárias da escola e por muitos outros espaços, aguçaram os sentidos. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia são fios condutores deste trabalho de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2010, p. 20). “O personagem conceitual não é o representante do filósofo [educador], é mesmo o contrário: o filósofo [educador] é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia [educação]” (DELEUZE, 2010, p. 78). Professor-intercessor.

São professores formados, também pelas agentes de saúde, que estão agora num plano de imanência onde o devir professor-bairro acontece. Apolo Dionísio e os seus colegas como professores da rede municipal pensam que sabem de muitas coisas. Que conhecem as ideias, o criar dos filhos, o educar, os gostos, os cheiros, o tom das vozes, os livramentos, as texturas, as fendas... Professores e os processos de formação. Processos de produção de formas de viver, processos que também produzem Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia, professores, pedagogos, acadêmicos, alunos, gestores, famílias...

Apolo Dionísio gostou da conversa, foi ótimo conversar com as agentes de saúde - dizia. Foram elaboradas questões para o primeiro encontro, ouvindo colegas na escola, funcionários e pais e mães. Tendo-se por objetivo a construção de um movimento/pensamento em que se parta do encontro, mediante a utilização do texto abaixo “Pintassilgo e as rãs” (ALVES, 1998), baseado no Mito da Caverna de Platão, como disparador do encontro.

Num lugar muito longe daqui, havia um poço fundo, abandonado e escuro que alguém cavara, muitos e muitos anos atrás, não se sabe bem para que. Lá dentro se alojou um bando de rãs. Pensaram que aquele era um local bom de se viver, protegido, úmido, gostoso. De um pulo caíram lá dentro. Só que não perceberam que pular no poço é fácil. O difícil é pular para fora dele.

Ficaram vivendo lá dentro. Casaram-se e tiveram filhos. As mais velhas ainda se lembravam da beleza do mundo e contavam estórias para seus filhos e netos. A princípio, a meninada parava para ouvir e gostava. “Estórias da carochinha”, eles diziam. Nunca haviam estado do lado de fora, e pensavam que as tais estórias não passavam de invenções de seus avós já caducos.

O tempo passou, os velhos morreram, e até mesmo essas estórias foram esquecidas. As novas gerações foram educadas segundo novos princípios educacionais, currículos adequados à realidade e acabaram por acreditar que o poço era tudo o que existe no universo. As rãzinhas aprendiam que o seu era o melhor dos mundos e, na escola, aprendiam a recitar:

“Rãzinha, não verás poço algum como este  
Ama, com orgulho, o poço em que nasceste”

A vida, lá dentro, era como a vida em todo lugar. Havia as rãs fortes e truculentas. Elas mandavam nas outras que eram fracas e tinham de obedecer e trabalhar dobrado. Os insetos mais gostosos iam sempre para as mais fortes. As rãs oprimidas achavam, com toda a razão, que isto era uma injustiça. E, preparando-se para uma grande revolução, pensavam que quando a classe dominante fosse derrubada, a vida no fundo do poço ficaria democrática e os insetos seriam distribuídos com justiça...

Aconteceu, entretanto, que um pintassilgo que voava por ali viu a boca do poço. Ficou curioso e resolveu investigar; e qual não foi a sua surpresa ao descobrir as rãs! Mas mais perplexas ficaram elas com a presença daquela estranha criatura. A simples presença do pintassilgo punha em questão todas as teorias sobre o mundo, pois que dele (do pintassilgo) não havia registro algum em seus arquivos históricos.

O pintassilgo morreu de dó ao ver as pobres rãs, prisioneiras daquele poço fedido e escuro, sem nada saber do lindo mundo que havia fora do poço. Como é que elas podiam viver ali dentro, sem nunca pensar em sair? Claro que para se planejar sair é preciso acreditar que existe um “lá fora”. Mas as rãs sabiam que um “lá fora” não existia, pois os limites do seu poço eram os limites do universo.

O pintassilgo resolveu contar-lhes como era o mundo de fora. E se pôs a cantar furiosamente. Queria ajudar as pobres rãs... Cantou flores, campos verdes, riachos cristalinos, lagoas, insetos de todos os tipos, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens!!!

As rãs ficaram em tumulto e logo se dividiram. Algumas acreditaram e começaram a imaginar como seria lá fora. Ficaram mais alegres e até mais bonitas. Coaxaram canções novas. E começaram a fazer planos para a fuga do poço.

- Não, não queremos democratizar o fundo do poço. Queremos é sair dele... Preferimos ser gente simples lá fora, onde tudo é bonito, a ter que mandar aqui dentro, onde tudo é escuro e fedido...

As outras fecharam a cara e coaxaram mais grosso ainda. Não acreditaram...

O pintassilgo resolveu, então, trazer provas do que dizia. Chamou abelhas, com mel. Convidou borboletas coloridas. Trouxe flores perfumadas... Mas tudo foi inútil para os que não queriam acreditar.

-- Este bicho é um grande enganador, eles diziam.

O rei reuniu seus generais e falou que as ideias do pintassilgo eram politicamente perigosas. As rãs estavam perdendo o interesse pelo trabalho. Produziam menos. Trabalhavam menos, coaxavam mais. Claro que as palavras do pintassilgo só podiam ser mentiras, intrigas da oposição...

O rei e os generais, igualmente, acabaram por prender o pintassilgo, pois o seu canto enfraquecia politicamente as rãs dominadas, que agora estavam mais interessadas em sair do que em mudar o poço. Observaram que o pintassilgo representava um grave perigo tanto para a cultura como para o mundo das rãs. E, com isto, pediam das pessoas de boa vontade e responsabilidade as providências devidas para erradicar o mal.

Por ocasião da próxima visita do pintassilgo, ele foi preso, acusado de enganador do povo, morto, empalhado e exposto no Museu de História.

Quanto às rãs, foram para sempre proibidas de coaxar as canções que o pintassilgo lhes ensinara.

Um aluninho-rã, que visitava o museu, perguntou à sua professora:

- Que é aquilo, professora?
- É um pintassilgo, ela respondeu.
- E que coisas estranhas são aquelas nas suas costas? – Ele perguntou.
- São asas...
- E para que servem? – Ele insistiu.
- Para voar...
- E nós voamos?
- Não, respondeu a professora. Nós não voamos. Nós pulamos...
- E não seria melhor voar?

A professora compreendeu então, com um discreto sorriso, que um pintassilgo, mesmo empalhado, nunca seria esquecido (ALVES, 1998).

Apolo Dionísio muito fortemente ouviu vozes fortemente apolíneas insistentes que diziam: - “não ouçam a comunidade, é perigoso; vocês poderão perder o controle, aí, meu irmão, já era! Você ficará numa situação complicada”. Mas o espírito dionisíaco de juntar muitas pessoas numa celebração era mais forte e prevaleceu. Apolo Dionísio diz empolgado: Por que escutar a vida? Por que não se deixar formar por ela? Pítia para, dá um pulo que não tem como todos não verem.

Pítia para e indaga a Apolo Dionísio: “como assim? Não é a vida que nos constitui, Apolo? E continua... Escutar o bairro: estudantes, professores, os profissionais, as famílias do bairro, os líderes. Escutar no face a face, no aperto de mão. Nessas relações no bairro, Apolo Dionísio e seus amigos foram convocados a aguçarem os sentidos à escuta. Escutar para o professor Apolo Dionísio nessa formação foi vivido como movimento fundamental dos processos de transformação. Apolo Dionísio chamava sempre a atenção de Eleutherios e Pítia: escuta que não se esgota no ato de ouvir. Todo o corpo escuta. Juntos viviam isso!

### Fragmento 33

Num desses encontros toda a oficina fluiu, grupos foram formados, todos participando. Quando chegou o momento da apresentação do relatório de cada um dos seis grupos; um ponto persistiu: por que a escola usa copos e pratos de vidros? Apresentaram a tese do perigo que o uso de vidro acarreta. As explicações, informações de Apolo Dionísio e Pítia que se encontravam nesse dia foram simplesmente insuficientes. Os grupos pediram: um encontro com o diretor. Lá foi Apolo Dionísio conversar com o diretor sobre esse encontro agora marcado por eles com a pauta deles. O diretor, um camarada “melhor do mundo”, sem

problemas para o encontro com a comunidade. Lá vão os professores organizarem uma nova reunião. Sala cheia, pauta definida e as informações necessárias sobre o uso dos utensílios de vidro duralex foram entendidas.

Já sabidinhos, Apolo Dionísio e seus amigos nas observações, ora individuais, ora os três em conjunto, nos diferentes espaços da escola: sala de aula, sala de professores, pátio, portão, secretaria, corredores, refeitório, e na porta do prédio escolar ouviam muitas falas sobre a reforma do prédio escolar; das viagens de ônibus levando seus filhos para o outro prédio distante; fazendo muitas perguntas e afirmações. Outra oficina foi organizada. Apolo Dionísio lembra que ao iniciar o encontro e divulgar o procedimento da oficina uma mãe reage, querendo começar a falar sobre o tema sem sentar com os seus pares. Ela e os demais aquiesceram e se integraram aos grupos. As questões foram feitas para que eles problematisassem: reforma do prédio escolar; transporte dos alunos, turno noturno. O que eles esperavam; medidas de segurança necessárias para eles; quais sugestões que eles queriam dar? Os professores e o diretor “babaram” ao ver como eles controlaram a reunião, como apresentavam soluções uns para os outros, defendiam e questionavam a escola, o diretor e a tal reforma. Queriam fazer uma viagem de reconhecimento num ônibus da empresa, viajar todo o trajeto de ida e volta e o reconhecimento do local onde seus filhos estudariam, e diziam: queremos saber se há perigos nesse local, se o bairro lá é perigoso.

Naquele momento era a escuta; as demandas e os dados apenas vetores, produções daquela máquina escolar. Uma forma de escuta que se propõe a analisar o vivido com suas diferentes modulações de intensidade. Apolo Dionísio apreciava o momento; observava a força que movia as pessoas na reunião. Uma tarefa ficou, mas não é essa a escuta que estamos falando! Escutar não é sempre a mesma coisa? Não! – insiste Apolo Dionísio. Abertura do devir! A identificação dos pontos de tensão, os entrelaçamentos, os nós, onde as relações contraditórias se entrelaçam. Assim, eles objetivaram produzir inquietações, exercer a liberdade, como “o cuidado de si permite práticas de liberdade de forma refletida, práticas cotidianas de constituição e transformação dos sujeitos capazes de produzir relações menos comprometidas com práticas de dominação, de repressão, moralizantes e desqualificadoras” (BONALDI, 2010, p. 35). Os participantes da oficina não estavam “nem aí” para a máquina binário do saber e não saber – Apolo Dionísio dançava, era como música para ele. Uma efetiva troca de experiências a escuta foi capaz de promover. Professores, diretor e alunos e trabalhadores e

família. Escutar o encontro, escutar os movimentos dos que mais falavam e dos que mais silenciosos eram.

Daí esses professores aprenderam: ouvir atentamente as falas dos participantes e observar os temas que daí possam aparecer; observar qual o tema/necessidade persiste em permanecer; como a escola e pais podem contribuir na construção de práticas efetiva e significativa para eles, para a escola, em direção a solução dos problemas cotidianos.

Como é a educação de seus filhos aqui no seu bairro? Responde Diomar: regular. Achamos que tem que melhorar em muita coisa. Um incentivo escolar são as palestras. Permitir as mães participarem mais dos projetos escolares, expor mais as nossas opiniões, também ajuda psicológica. Alguns educadores deixam a desejar. Não são todos, mas alguns só vêm à escola por vir, não querem nem saber de educar. O prédio escolar é péssimo, sem área de lazer, não tem uma quadra ou espaço e não tem uma ocupação. A educação na comunidade sempre funcionou muito precariamente, com pouca participação da sociedade organizada. Apontam a antiga direção ou a política estadual. A escola era estadual, mas nos últimos tempos estamos avançando.

As lideranças do seu bairro contribuem para a educação das crianças e jovens do bairro? Não contribuem. Devem cobrar uma política educacional que venha atender a comunidade no geral.

Quem seria o Pintassilgo para vocês? O diretor da escola, porque ele vive tentando. Um pássaro que ajuda a todos na comunidade, tira as pessoas do fundo do poço e em dificuldades. Um ditador de boas novas. Ensinou as rãs a verem o mundo de outra maneira, por isso, não foi esquecido. Um outro grupo entendeu que Pintassilgo seria as famílias tradicionais do município – os políticos; o individualismo; a não participação dos moradores nos movimentos sociais da comunidade.

Que vontades e responsabilidades que a família deve ter para a educação de seus filhos e filhas? Ajudando com os deveres em casa, integração maior dos pais na escola. Primeiro a educação começa dentro de casa. A responsabilidade de cada pai estar participando e interagindo na escola com os professores, sempre participando das reuniões e frequentando a escola para saber como seus filhos estão, porque isso é muito importante para os filhos.

Vontades – do bairro ter praças, parques, quadra de esportes e com isso as crianças teriam mais com o que se ocupar. As famílias devem colocá-los na escola e educá-los em casa. A integração escola, família e comunidade.

## 6 AFETOS, ENCONTROS, DESCAMINHOS E ALGUMAS TRILHAS

### PERAMBULAR 20 – UM ENCONTRO – MUITOS ENCONTROS

Funcionário da escola

Apolo Dionísio estava sentado na biblioteca, onde trabalha Praxedes – agente administrativo, morador do bairro, formado em administração. Ao ver o professor Apolo sentado esperando outro colega (também professor de Filosofia), sentou-se à mesa próxima e indagou: “qual é a sua finalidade aqui? O que você está fazendo”?

Entre outros afetos e sentimentos havia um quê “será que estou sendo “vigiado”? Durante a conversa ele fala dos seus [pré]conceitos sobre a presença de Apolo Dionísio naquele lugar e especificamente no local onde ele atua. Ele já tinha visto Apolo várias outras vezes em outros setores que ele também trabalhou.

Quando falei o que fazia, da pesquisa a conversa fluiu bem animada. Apolo tratou de fazer perguntas. Praxedes estava com os seus olhos bem vivos enquanto falava sobre o bairro e a escola. Então ele disse que a educação e o lazer mudaram; o atendimento do posto de saúde é visivelmente melhor; o comércio se desenvolveu e surgiram no bairro pessoas e famílias empreendedoras, como, por exemplo, o restaurante Sal e Pimenta. Comentou sobre a forma tranquila com que anda pelo bairro; já esqueceu a casa aberta uma certa vez quando foi a outro bairro; ao voltar “encontrou tudo do mesmo jeito”. Ir e vir do bairro significa também andar num transporte urbano melhor.

Quanto à violência que há, entende que não é diferente de outros lugares, e afirma que os moradores do local não são molestados e nem aterrorizados, pois “só morre quem está no meio”. Afirma também que a venda de drogas é um comércio como um outro comércio qualquer. “Há pessoas que saem dos vícios e melhoram suas vidas” Entende que é preciso perambular pelo bairro, pois “os que não andam não vêem as mudanças do bairro”.

Entende que muitos estão tendo oportunidade de maior escolarização e dá exemplo de alguém que estudou a noite na EMEF Zópiro Atenas (nos tempos que era ainda administrada pelo estado) e que hoje tal é pedagoga e efetiva na prefeitura; os filhos dela também estudaram no

bairro. Compreende que os pais ainda não sabem lidar com a educação escolar. Apresenta o seu entendimento de escola de qualidade que para ele já existe no bairro: livros, professores mais qualificados, merenda, a prefeitura está cuidando. O que não é o pensamento de Diomar. Para ela deixa a desejar.

Existe uma liderança na comunidade que quer ser vereador e entende que deve participar da vida pública. Associações de várias naturezas são formadas no bairro.

### Encontros e relacionamentos

Familiares dos escolares, liderança comunitária, os que manipulam a venda de drogas, comerciantes, “donas de casa”, catadores de caranguejos todos esses são moradores que partilham a história comum de um mesmo bairro, conhecem as [des]venturas de uns e outros. Cada qual e, sob maneiras diversas, transita entre um lado e outro, nas fronteiras incertas do legal, do [in]formal e [i]lícito: algumas famílias cujos filhos estão presos ou foram mortos em algum desses trânsitos entre o legal e o ilegal<sup>61</sup>; os que são agentes do chamado tráfico que já foram um trabalhadores no mercado formal de trabalho, um outro que intercala expedientes vários no mercado informal e no negócio da droga ou que tenta consolidar uma pequena loja nas imediações com a expectativa (ou o sonho) de, um dia, se firmar no caminho da legalidade; aqueles que pensam em entrar no comércio ilegal das drogas, o comerciante cujo filho sabe das complicações que acompanham seus trajetos pelo bairro; a liderança comunitária, que já foi engajada militante das primeiras lutas e movimentos de moradia; que nos períodos de eleição se converte num muito eficaz cabo eleitoral de vereadores da cidade, e não veem o trabalho que fazem em favor da comunidade ser reconhecido e recompensado; que tem filhos e uma filha viúva de um rapaz executado pela polícia por razões obscuras; que ganhou respeito e admiração não apenas pelo seu empenho solidário, mas também pela ousadia com que, ao longo dos anos e por vezes seguidas, se interpôs, fisicamente e com ameaças de denúncia pública, entre a polícia e aquele que, qualquer que fosse a razão, estava ali sendo alvo de violência, ameaça de extermínio ou prisão arbitrária.

---

<sup>61</sup> Não é segredo para ninguém, que a maior diferença entre as drogas lícitas e ilícitas não está presente nas reações ou prejuízos físicos, mas na definição legal ou ilegal. Não existem drogas mais ou menos perigosas, todas representam ameaças aos seus adeptos. O poder destrutivo, tanto das toleradas, quanto das amaldiçoadas, obedece a um parâmetro de equivalência. O que diferencia o nível de estrago que ambas produzem, é o organismo de cada um e a dosagem absorvida (TADDEO, 2012, p. 570).



## Fragmento 34

Dois invisíveis no bairro. Apolo Dionísio não chegou a conhecê-los. Estão presos por um crime que não cometeram. Você dirá: essa gente sempre diz que é inocente. Conversa mole! Você professor Apolo se ilude com essas histórias. Ingenuidade. Deixa disso moço. Pítia os conheceu quando trabalhou por um ano no Centro de Detenção Provisória em Tebas. E lá encontrou os dois sem nome. Sem nome 1 e 2. Moradores de Tebas/Delfos – um analfabeto e o outro semianalfabeto, pobres, negros... agricultores participantes do Movimento dos Sem Terra (MST). Pais de alunos da escola que Apolo Dionísio não conhecia. Professora, o meu pai está preso. Ele não vem na reunião! São homens analfabetos, ao ponto de não saberem nada dos seus direitos; muitos ficam ofendidos quando um invisível desses supera tais dificuldades e conhece e luta por seus direitos. O certo era não saber. Tais direitos não foram feitos para eles; a educação lhes é negada.

Na sua primeira aula a professora Pítia chegou mais cedo no presídio, arrumou a sala e dentro em pouco os alunos foram trazidos por um dos agentes penitenciários. Cada aluno tinha sua história, cada um deles com suas particularidades. Eram falantes e articulados. Um deles destoava: Sem Nome 1 que estava sempre cabisbaixo e jamais emitia qualquer opinião sobre qualquer assunto. Ele era negro e alto de estatura. De ofício, Pítia fez tentativa, infrutífera, de se achar à Sem Nome 1. Coube aos demais alunos trazerem uma informação que a deixaria intrigada: Sem Nome 1 é o único que está aqui sem merecer, ele é inocente do crime pelo qual foi condenado, afirmavam os demais. Nesse presídio, quando Pítia conversava com os presos, eles se declaram inocentes. Contudo, entre eles, há uma honestidade no sentido de declarar e reconhecer os seus delitos. Porém, quanto aos Sem Nome 1 e 2, um fato chamava a atenção de Pítia: os alunos, unânimes, afirmavam que os dois presos eram inocentes. Não somente os colegas de sala, mas também os agentes e o pessoal do quadro administrativo eram categóricos na afirmação de que Sem Nome 1 e 2 estavam presos por um crime que não cometeram. Presos por serem ninguém. Aquele ali, aquele outros. Quem são? Não sei, sem nome. Servem.

Aos poucos a professora foi "descobrimo" o Sem Nome 1: ele era pai de duas crianças, que estudam nas escolas em Delfos; lavrava a terra num assentamento de sem-terra no qual sua irmã tinha uma gleba. Confirmava o que fora dito pelos colegas: era inocente e haviam "armado" pra ele, acusando-o de latrocínio e foi sentenciado a uma pena de vinte (20) anos de

reclusão. Por fim, disse que no presídio também estava o outro preso, Sem Nome 2, sentenciado pelo mesmo crime.

Pois bem, Pftia conversou com um parente seu que é advogado e que a princípio negou-se, mas não deixou de olhar o processo deles. Homem foi movido por tamanho descaso, injustiça, erros, parcialidades, cafajestice, canalhice. Decidiu conhecê-los, conversar com os condenados. O primeiro a ser chamado foi o Sem Nome 1. De tudo o que foi conversado, uma frase ficou marcada: o senhor é o primeiro advogado que conversa comigo em todo esse ocorrido. Separadamente, em seguida foi trazido o Sem Nome 2, cuja história trazia pequenos nuances de diferença do colega sentenciado: também era pai de duas crianças que estudam em escolas em Delfos; era também assentado, porém era semianalfabeto; trabalhava na organização e distribuição dos livros da biblioteca prisional e tinha um advogado. Disse que apesar de morar no mesmo assentamento de Sem Nome 1, eles não eram conhecidos, se aproximaram pelo infortúnio que lhes ocorrera. Finalmente, destacou que também era inocente da cruel sentença.

Sem Nome 1 passou uma procuração para o advogado, que lhe dava condições de verificar, *in loco*, detalhes contidos nos autos processuais. Isso feito, foi constatado o que todos diziam: não existia no processo nenhum elemento probatório que fosse suficiente para sustentar a sentença. Qualquer análise mais detalhada sobre aqueles autos levaria à uma única conclusão: Os dois não haviam cometido o latrocínio do qual tinham sido condenados. O advogado assumiu a defesa dos dois.

O advogado verificou se outros colegas pensavam igual a ele. Colegas advogados viam tudo isso e diziam para ele não se meter nisso – como quem diz: essa gente foi feita para isso mesmo, muitos estão ganhando com a desgraça deles; eles são as peças do sistema para esses escapes. Azar do sistema, pois existem outros que já são criminalizados pela pobreza, venda e/ou uso de drogas ilícitas para facilitar encontrar culpados para tais situações. O advogado levou o processo para grupos de direitos humanos. Não deu outra: tudo ali é absurdamente contrário à lei, aos procedimentos corretos, à democracia, à representatividade política, à igualdade perante a lei e ao diabo...

O advogado fez uma visita ao Tribunal de Justiça, que o deixou preocupado. Os desembargadores não demonstravam interesse pelo caso. No dia do julgamento do recurso de

apelação, as suspeitas se confirmaram. Processo mal instruído e que não continham as provas necessárias para sentenciá-los, os desembarcadores não reconheceram tais situações e votaram pela manutenção da sentença original. Viciados em desgraças alheias; corpos aniquilados em todos os sentidos. Corpos repletos de perfurações na pele e no caráter. Quarteto fantástico – jovem, negro, pobre e morador de favela.

\*\*\*

O professor Apolo Dionísio e Pítia em conversas percebem que os equilíbrios são instáveis; eles se movem em bases igualmente instáveis: a dinâmica local e os acordos com a polícia. Apolo imagina uma rotina de pagamentos “regulares” de proteção que se desdobram frequentemente em ações de chantagem e extorsão, e isso de forma direta e aberta nessa teia de relações que passam pelas conexões do negócio com a vida local; invasões de casa, espancamento e chantagem sobre uns, ameaça de prisão de outros, verdadeiros sequestros. No alvo os que estão no “comando”.

Se é verdade que Delfos em suas modulações locais – é atravessado pelas forças estruturantes que redefinem as relações do trabalho e não-trabalho, [in]formalidade e a [i]legalidade, processos que operam em situações de tempo e espaço; processos situados e agenciados por meio de mediações e conexões de natureza e extensão variada, por isso mesmo, tais modulações só podem ser compreendidas nesse plano de imanência; e no perambular, Apolo Dionísio buscando currículos vagamundos pôde flagrar algumas mediações e conexões pelas quais vem processando esses deslocamentos que fazem fronteiras com o que é aprender nessa escola e nesse bairro. Há uma ética a ser aprendida.

### Fragmento 35

Pítia que sempre sabia primeiro quem estava passando por alguma dificuldade na escola foi a primeira a nos contar. Apolo Dionísio e Eleutheiros chegaram para o trabalho e foram informados que uma funcionária teve sua casa invadida pela polícia. Foi espancada, humilhada, assim como os seus familiares. Era conhecida como a “Vovó do Pó” – epíteto dado pelos jornais da grande Vitória. Todos falavam do ocorrido. Dias depois ela chega para o trabalho. Apolo conversa com ela e ouve o relato das agressões recebidas. Ela fala abertamente sobre todas essas coisas que a envolvem. Nessas horas a gente fica sem saber de

que lado ficar. Ela vende ou não? O moralismo incorpora; depois Apolo Dionísio o abandona. No decorrer do tempo percebe, entende que essa pessoa também é vítima de todas essas teias de relações. Apolo também é tocado pelos sentidos que se produzem na perspectiva da libertação.

O que está em jogo nisso tudo são microrregulações no bairro, a aproximação do jogo de lentes de um microscópio – ver de perto, sentir na pele; há conexão com os agenciamentos, com o comércio das drogas como máquina de guerra e redes sociais que compõem a vida local. Dessa esquizofrenia depende o bom andamento dos negócios; as partidas de um arriscado jogo de vida e morte. Pois tudo funciona muito bem, ou pode funcionar até o momento em que o jogo possibilita uma entrada mais pesada, um drible desconcertante e os jogadores entram numa briga [in]sana e jogam tudo pelos ares, sejam os dribles mal dados na polícia que está sempre lá em um jogo perverso de proteção e extorsão, seja por conta de disputas de território (domínio de campo) com os grupos rivais (o outro time), seja pelos desafetos de uns e outros e que terminam por acionar soluções de morte. Apolo Dionísio sabe disso, ele e todos os outros, os moradores também. Isso inflama Apolo.

Apolo Dionísio gosta de falar. Fazer discursos libertadores. Ele tem uma tese, e quando ouve outro defendê-la, une a sua voz, buscando fazer um dueto afinado; diz ele: eu não acho que o garoto que está fumando um baseado deveria ser preso, criminalizado; não acho que os que vendem drogas (ele chama de varejistas) ou o coitado miserável que está dando uma pedra de crack seja o problema; eu acho que o duro é você ver que aquela pessoa que tem um “maconhal” fenomenal, que enche caminhos de maconha, faturar alto e não pagar nada por isso; e a polícia federal não fazer nada com esse cara; pega apenas o motorista do caminhão, bate pra valer na “Vovó do Pó” entrando pela sua casa a dentro; tem alguma coisa errada com essa polícia, porque faz esse tipo de coisa. Quem são os grandes produtores de maconha no Brasil? Todo mundo sabe os lugares onde essas coisas são plantadas – até eu sei, diz Apolo Dionísio, já tomado por um êxtase, e será que os satélites não mostraram ainda? A plantação fenomenal que pode encher toneladas de maconha? Então eu acho – sem querer parar de falar – que a sociedade está omissa, a sociedade está tampando o sol com a peneira, as autoridades estão lucrando com isso e ficam os jovens entre esse fogo cruzado.

## PERAMBULAR 21 - UM LUGAR: MUITAS HISTÓRIAS

O perigo de uma história única. Podemos ter várias versões de uma única história. “Mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”.

Adichie (2009) usa a palavra “Nkali” que “permite indagar o como as histórias são contadas; quem as contas; quando e quantas histórias são contadas”.

Há uma palavra, uma palavra malvada, em que penso, sempre que penso sobre a estrutura do poder no mundo, e é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz por "ser maior que outro". Como os nossos mundos econômico e político, também as histórias se definem pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder (ADICHIE, 2009).

De forma geral, tem sido usada a habilidade de não só contar a história do bairro Delfos especificamente, mas de fazê-la a história definitiva daquele bairro. Portanto podemos afirmar que os estereótipos são incompletos. Eles têm verdades, mas são incompletos. É possível uma outra habilidade ao contar a história do bairro relacionando-se com todas as histórias daquele lugar. Usá-las para capacitar e potencializar; para promover a vida.

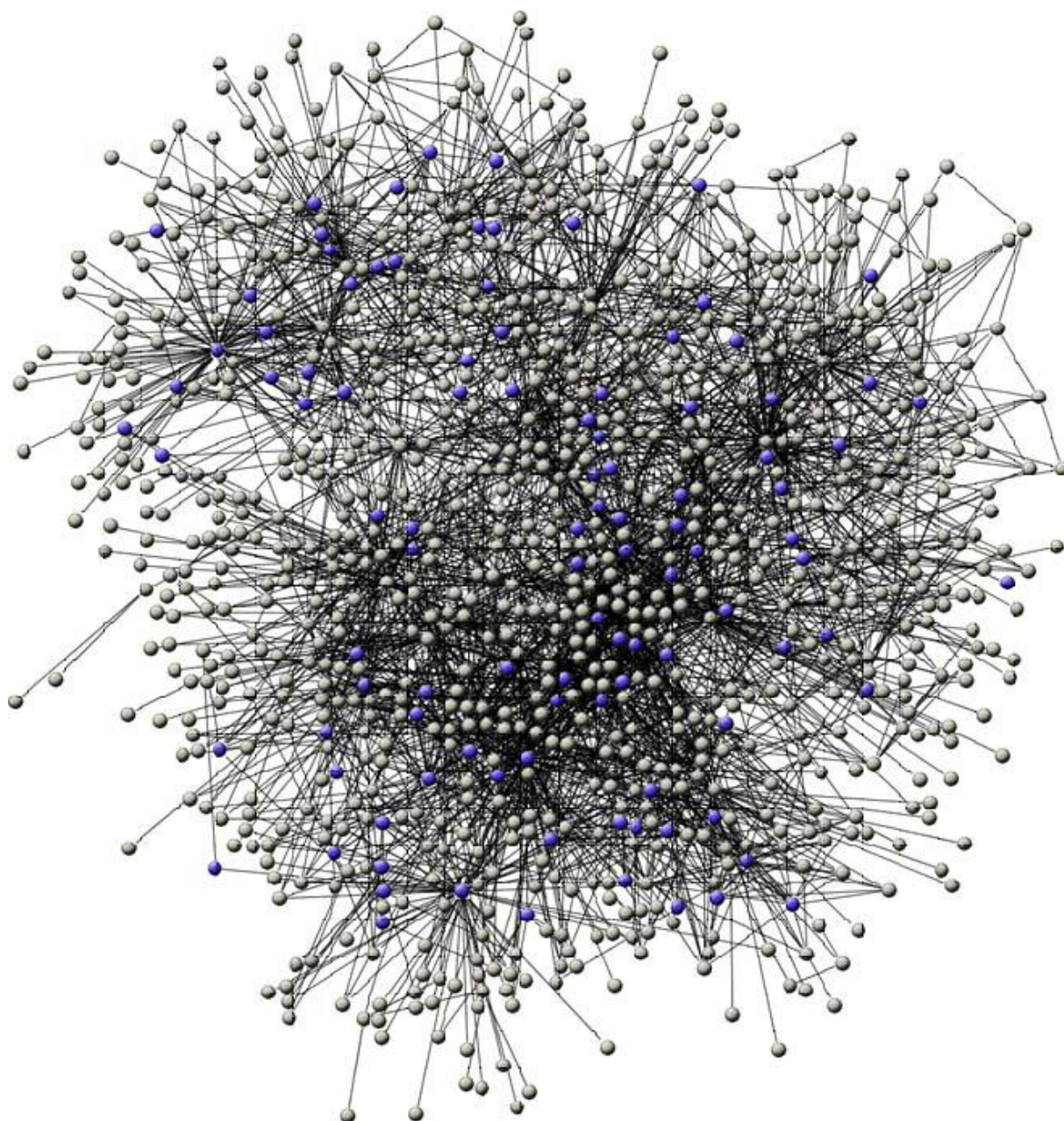
Todas essas histórias fazem do bairro o que ele é também. Mas insistir apenas nas histórias negativas é planar a experiência do que é viver no bairro [história do Iseu], e esquecer tantas outras histórias que o formaram. A história única cria estereótipos. E o problema é que os estereótipos dão ênfase a uma história única e incompleta. Eles fazem uma história tornar-se a única história. Muitas histórias formam as nossas vidas.

Claro que Delfos é uma comunidade cheia de acontecimentos tristes. Há acontecimentos horríveis como a morte de jovens, há as deprimentes, famílias vivendo na pobreza, jovens preferindo trabalhar para o tráfico de drogas, outros ainda crianças já viciados. Mas há outras histórias que não são nesse teor. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas.

Apolo Dionísio sente que é impossível relacionar-se adequadamente com um lugar ou com pessoas sem relacionar-se com todas as histórias desse lugar ou dessas pessoas. A

consequência da história única é isto: rouba o lugar e as pessoas da sua dignidade. Torna o reconhecimento da humanidade partilhada difícil. Nega as semelhanças e potencializa as desigualdades. É claro que Apolo Dionísio se interessou por ler sobre bairros como Delfos, “periféricos” (TELLES; HIRATA, 2007; PORTO-GONÇALVES; SILVA, 2011; FAUSTINI, 2009; FREIRE, 2005; KATZ, 2008; ZALUAR, 2002) e percebeu que se a produção de conhecimento desses locais começasse hoje a ser reconhecida como uma das tendências criativas mais importantes e, mesmo, politicamente inaugural, muitas histórias ainda seriam contadas.

A questão é como balancear narrativas que são comuns, do dia a dia, as que se manifestam maravilhosas com narrativas que revelam feridas e ódio próprio? O desafio é ir além de retóricas para um lugar de questionamento ético. Equilibrar a ideia de completa vulnerabilidade com a completa transformação ou o que é possível. Redução da pobreza? Não será por ensinar coisas; ou pela caridade. Um possível caminho é a criação de riqueza e a produção de conhecimento autônomo. A habilidade de utilizar uma oportunidade e transformá-la em uma vantagem depende da capacidade interna de um povo.



Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída. Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz (DELEUZE; GUATTARI, Mil Platôs I).

## 7 DANDO UMA PARADA: INTERRUPÇÃO NECESSÁRIA

Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia e no final do ano letivo sabiam que se separariam. Cada um iria para um lado. Nos encontros do grupo de filosofia e ciências sociais da secretaria escolhiam as novas escolas e planejavam os trabalhos para o novo ano letivo. Apolo Dionísio continuaria na EMEF Zópiro de Atenas por alguns meses até a sua licença para o doutorado sair. Nesse mesmo período outro colega também se organizava para seu curso de mestrado. Nas novas composições estariam juntos na mesma escola. Vida de professor. Cursos e estudos. Novos encontros se avizinhavam. Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia circulariam pela educação com novas experiências de produção. Sabe aquela separação que permite novas composições na amizade e na profissão? O amigo é produzido por uma relação que se dá a partir do plano dos conceitos. A amizade como marca da filosofia significa que tal relação surge a partir do próprio pensamento. Condição de pensar e aprender, pois é com ele que se segue por zonas de penumbra e de silêncio<sup>62</sup>. Eles se conheciam e conheciam como os três se potencializavam no trabalho. Agora não mais em equipe de trabalho. Ficou a amizade. Amizade sem pressupostos.

Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia assim de repente, numa dessas oportunidades no final do ano letivo foram até o bairro Delfos II. O diretor precisou ir ao bairro por causa da obra, resolver alguns assuntos. Aproveitaram a ocasião para visitar a tal obra e rever algumas pessoas no bairro – Iseu, Diomar e outros. Encontraram Diomar no PA do Adolfo. Abraçaram-se e sentaram. Era uma boa mesa que permitia trabalhar e conversar. Ela estava organizando os seus papéis (relatórios e outros) e já Pítia falando que iria para uma outra escola. Outro bairro. Enquanto isso se aproxima uma senhora vistosa. Era Tereza para uma visitinha a sua prima Diomar, agora com seus cinquenta e quatro anos; ela mora em Vitória, no morro do Macaco e é funcionária e usuária de um posto de saúde e participante do PSF (BONALDI, 2011) e entra alegre; as duas se abraçam com entusiasmo:

Diomar: - prima que alegria; você disse que viria e veio mesmo.

Tereza: - hoje eu tive uma folga lá no PA e algum tempo a gente não se via. Aproveitei!

---

<sup>62</sup> Ver os textos sobre a amizade de Cardoso Jr. (2006, 2007).



Diomar: o nosso PA aqui é modesto. Aquela lá onde você trabalha é todo chique. Tem até médicos (rindo). Que bom você por aqui (Apolo Dionísio – em pé vendo as duas na alegria).

Tereza: - Hoje eu vou curtir Delfos com você. Lá é chique, mas o PA daqui tem você, uma mulher de fibra, barraqueira – dito em outro tom de voz, que trabalha pra caramba. A gente comemora tomando umas cachaças, dançando e colocando o papo em dia. Virando para os professores que assistiam tudo disse: ela é aquela chata que pega no pé das mulheres que engravidam e das que não engravidam – eu ficava enfezada e continuo ficando porque eles não param (risos).<sup>63</sup>

Diomar: - no mesmo tom de Tereza – mas não fui eu quem colocou namorados aos tapas pra fora de casa – as duas riem alto, e logo colocam a mão na boca, porque estavam dentro do posto. Como vão Marina, Dayanna, Ayrton, Jéssica e o caçula? Com certeza curtindo a juventude! O caçula já tem 12 anos! Como o tempo passa!

Tereza: - eles estão bem; meus filhos peraltas e expertos como a mãe; estou enfrentando problemas com eles e com a escola deles, você sabe? Eu não largo do pé.

Diomar: (quando falou escola olhou para os professores). Deixa eu apresentar esses meus colegas. Eles são professores da escola do bairro. Eles são Apolo Dionísio, Eleutherios e Pítia (apertam as mãos e sentam-se).

Eleutherios: - Tereza, Diomar já me falou de você. Se já viu é porque nós aqui temos um fraco por barraqueiras (risos).

Apolo Dionísio: - Tereza, a gente estava falando aqui de escola/saúde/segurança, ensino/professores/alunos, cidade/bairro/escola. E aí tá a fim de comprar uma boa briga (risos).

Tereza: - vamos lá, já estive em enrascadas bem piores.

---

<sup>63</sup> Bonaldi (2011, p. 20).

Pítia: - prazer Tereza. Também sou mãe e tenho uma única filha. Educação de filhos dá trabalho.

Tereza: - a gente dos “morros dos Macacos da vida” tem recebido uma fatura enorme para pagar. Terríveis! Empurram a fatura dos atos brutais derivados da criminalidade; empurram a fatura do [semi]analfabetismo, baixa escolaridade, derivadas de uma escola pública ruim porque os filhos da gente como alunos são considerados indisciplinados, mal educados, de famílias desestruturadas, preguiçosos, com tendências a marginalidade e prostituição, drogados e em situação de risco social. Toda a sorte de estigmas. Mesmo tal acusação sendo infundada e inverídica, muitos engolem. Com máquinas de comunicação poderosas ficou definido que nós moradores de Delfos, os favelados, únicos e exclusivamente, somos os culpados! Como é possível que tenhamos inventado, protagonizado e propagado toda essa desgraça, sem ter posto as mãos no controle do brinquedo?

Apolo Dionísio: - (a cabeça de Apolo começa a girar, ele gosta dessas provocações) - A derrama infundável de sangue que respinga em nossos rostos, não nasceu nos dias atuais, trata-se de histórias, que podemos ler com sentidos e interpretação diferentes. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada. Portanto, essa derrama aponta para dominação que começa com a dizimação de povos nativos. A polícia que abraça as escadarias e vielas em Delfos é o resultado direto de um jeito típico de se fazer política baseado na injustiça e na carnificina de indefesos. Tais práticas são fruto de um longo aprendizado e aprimoramento: colonialismo, monarquismo, coronelismo, ditadura militar e o presidencialismo excludente e cruel das oligarquias regionais. Apolo Dionísio repete (ele é repetitivo) foram aprimorados para garantir que as peças se mantivessem estáticas nos seus “devidos lugares” (TADDEO, 2012, p. 153; CARVALHO, 2004).

Tereza: há alguns anos, eu passeava com minha filha Jéssica. O parque municipal era o nosso destino para um passeio. Avistei uma viatura da polícia. Subia o morro. Peguei Jéssica no colo e desci o mais rápido que pude. Eu já havia ficado presa no meio do fogo cruzado e não queria cruzar com eles, mas não foi suficiente. Eu cruzei com eles. Fiz cara de paisagem. Todos fizeram. A gente sabe o que pode acontecer quando entra numa viatura de polícia no bairro. Podia ser uma ronda de rotina; podia ser indício de que algum enfrentamento ocorreria. Não era sempre, mas acontecia. A viatura passou. A movimentação do morro

parecia normal. Eu continuei descendo rápido. De repente, de costas, eu senti a viatura encostar. Não consegui segurar a curiosidade. Precisava saber o que se passava. Olhou de rabo de olho. Os policiais abordavam uma agente comunitária de saúde uniformizada que se dirigia a uma casa para uma visita domiciliar – lembrei de você Diomar.

Diomar: parou para olhar, Tereza! Sei...

Tereza: Parei para observar. Coloquei Jéssica no chão e a prendi entre as pernas. Vi quando a agente comunitária balançou a cabeça de um lado para outro muitas vezes. A viatura deu meia-volta e desceu o morro. Eu a conhecia e esperei a menina passar por mim. Quando passou parecia transtornada puxei assunto: - o que é que eles queriam? Agente: “Agora é assim, parece que descobriram a gente. Tudo o que acontece vêm pedir informação... Se depender de mim, vão dar com os burros n’água sempre que subirem”. Ela desceu para a unidade de saúde o mais rápido que pôde. Agora de mãos dadas com Jessica seguimos, agora, mais lentamente. Andava e pensava... “Esses caras são espertos mesmo... Descobriram que o agente comunitário mora na comunidade, que conhece todo mundo. Todo mundo mesmo...” (BONALDI, 2011, p. 27-29).

Diomar: Esses três aí também me descobriram e não largam do meu pé. Parecem até “puliça”. Querem saber tudo. Com as reuniões que a escola tem feito aqui no PA nós temos participado mais. Somos tias, mães, alunos e alunas da escola.

Apolo Dionísio: Não é natural que o estado descuide da infraestrutura do bairro, que não objetive o desenvolvimento dos que aqui moram, mas apenas a conservação de pessoas subdesenvolvidas (sobrevida) forçados a exploração trabalhista para aumentar, fortalecer o conluio entre estado/empresas. Não é natural, que esses espaços físicos se resumam a um depósito de mão de obra especializada, que seja invadido pelo braço armado e sanguinário do estado quantas vezes os senhores das guerras desejarem. Uma ação forte que diz: é imprescindível que a imensidão de favelados continue na condição de favelados (TADDEO, 2012, p. 160; 162). Educação é agenciamento<sup>64</sup> coletivo – co-engendramento e de criação. Plano produto de subjetividades. Ampliar a experiência, de todos nós, que produzam formas de constituição dos sujeitos criando algo que não está nem em você nem no outro, mas entre

---

<sup>64</sup> Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos.

os dois, neste espaçotempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela. “... Os processos de subjetivação não têm nada a ver com a vida privada, mas designam a operação pela qual os indivíduos ou as comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, que passam a dar lugar a novos saberes e novos poderes” (DELEUZE, 1991, p. 26).

Tereza: vocês estão aproveitando essas boas relações com as agentes de saúde? (Ela que já tinha sido matéria de aula numa escola que a deixou transtornada, sabia a importância da educação e das misturas dos saberes – “produção de misturas”<sup>65</sup>).

Eleutherios: não tanto como poderíamos. Aqui temos conhecimentos que servem como ferramentas de transformação. Penso que a escola tem tido poucos encontros. A gente pode pensar trabalho em equipe, multiplicidade e invenção. Nós três apostamos nisso no trabalho que fizemos aqui no bairro, nessa escola. Essa aposta política e ética de trabalho será a minha aposta na nova escola para onde eu vou...

Diomar: eu ainda lembro de uma fala sua, Tereza, numa ocasião que você dizia que unidade de saúde também é escola? Eu gostaria de receber estudantes de medicina, de enfermagem, de farmácia por aqui. Somando com esses professores que tenho aqui a escola teria muita intensidade.

Apolo Dionísio: se para você o PA é uma escola; para nós o bairro é uma escola também. A escola é uma escola. Aqui as intensidades foram tantas que os nossos olhos não foram rápidos o suficiente para vê-las. Os choros, os suores, as gargalhadas, a correria das crianças, o café, o pão, as aulas, as reuniões, os intervalos, as obras, as viagens, as visitas, os enfrentamentos. Processos de formação comprometidos com o processo de trabalho. Processos de formação capazes de dar visibilidade ao que é pura intensidade, ao que sussurra, ao que é vulto, ao que arreperia... Processos de formação atentos às políticas públicas, ao financiamento, às negociações que estão a céu aberto - esgotos nas ruas, vielas e escadarias do bairro. Nesse PA num prédio impróprio, sem médicos. Se vocês, de alguma forma, participam da nossa formação, nós, professores queremos ser sensíveis ao que se passa no bairro, ao que se passa com as pessoas para sermos capazes de dialogar, de negociar, de acolher.

---

<sup>65</sup> BONALDI, 2011, p. 116.

Pítia: Apolo, estou lembrando das dificuldades que existem para a realização de trabalho em equipe. Muitas vezes o diretor travava o trabalho no desejo de controlar tudo, muitas vezes buscando formas de assujeitamentos. Abrimos portas sem ter chaves, arrombando algumas e sem arrombar outras, para aquilo que insistentemente se desprende e que dita uma composição possível.

### Fragmento 36

A pergunta de Tereza no meio da conversa trouxe à lembrança de Apolo Dionísio uma pergunta de Iseu, líder do bairro: você ficará aqui quanto tempo? Essa proposta da secretaria de educação que envolve você Eleutherios e Pítia persistirá? Essa proposta terá continuidade? Essa pergunta também foi feita pelos colegas professores, pelo grupo de professores de filosofia e ciências sócias dos quais Apolo Dionísio participava e até mesmo pelos pais e alunos. Apolo Dionísio lembra como as crianças faziam a pergunta com muita graça: professor o que é “fisolofia”?

Ah! O controle! Algo está fugindo às regras, aos costumes. Há legalidade nisso? É a vida escapando aos duros regimes de poder e saber. Saberes libertários. Absolutos. Totalitários, que permeiam as práticas e conceitos de educação e processos pedagógicos. E aí, professor de “fisolofia” isso aí busca escapar das formas de assujeitamento? Apolo tem um certo tesão por regras, pelo pensamento totalitário. Mas a vida o força pensar “todos fragmentados” (GARCIA, 2002). Diomar lembra de um mau encontro que tiveram por essa tentativa de impor regras (fragmento 5, p. 32). É... Apolo “sai fora” dos universais e dos transcendentais absolutos.

É que a vida não é calculável, quantificável, nem verificável. Por mais que Apolo desejasse impor prescrições, trabalhar com pedagogias libertárias e humanísticas, foi necessário desconstruir a ideia de educação como religião, implícita tanto nas esferas marxistas/humanísticas quanto liberal-progressistas, tributárias de uma ética do bem e da transformação programática do indivíduo. “Neste sentido, não confunda ideologia e política: aquela é uma ficção de controle, esta é uma atividade criativa marcada pela variabilidade crítica, contrastiva e analítica. A Política postula uma heterogeneidade e admite um pensamento estranho a sua própria coerência, por isto é infinita, caso contrário não seria

política” (GARCIA, 2002)<sup>66</sup>. A vida, assim como Apolo Dionísio, insiste em desconstruir e transgredir. Por mais que Apolo se esforce em precisar os detalhes, em corrigir as variações, a vida insiste em ficar atrás do prédio da escola namorando, em entrar fora do horário, em perder a medida, em abandonar a sala de aula, em ficar na quadra “sem fazer nada” durante os cinco períodos de aula, em ficar no corredor, em se esconder no banheiro, em atrapalhar a aula. Fuga.

A vida comporta tensões, jogos, flutuações, movimentos, invenções. Não é a vida a capacidade de resistência e força? Estratégias, formas de resistir. A vida, por natureza, não comporta qualquer estado de dominação total. A vida começa a resistir o poder/saber quando o poder/saber torna a vida como objeto. Apolo Dionísio pensa que

Um ser humano pode até admitir a liberdade parcial e as longas jornadas de trabalhos braçais, mas atirárá na cabeça de alguém, se à estes abusos, forem adicionadas a fome, a favela, a brutalidade estatal, a falta de direitos humanos, civis, políticos e sociais, a ausência de educação de qualidade e a carência econômica (TADDEO, 2012, p. 392).

Em relação a aposta de Diomar, Apolo também pensa que “(...) é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência (...). São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro”<sup>67</sup> (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 125-126).

Apolo Dionísio propõe uma composição de novos enredos para os saberes em educação, com o intuito de pulverizar o campo de conhecimento e ampliar o pensar e o quefazer possíveis. A educação, nesse sentido, constitui-se como um paradigma ético e estético de maquinação que

---

<sup>66</sup> Tenho uma aposta ética diferente de Taddeo (2012) que está se lixando para ela. Ele afirma que deseja ser lido pelo morador da favela, seus manos, sua opção ética, como diz o “maior bem de uma nação” (TADDEO, 2012, p. 614). Seu texto se apresenta como simulacro, um [des]escolarizado que escreve com rigor com fortes ideias humanistas, libertárias e críticas.

<sup>67</sup> Essa admirável frase episódica de Deleuze, que bruscamente cria um ponto notável num desenvolvimento de característica mais abstrata, desvela um espaço apaixonado e carnal, descortinando os horizontes da literatura: são varridos, de um só golpe, as pesadas considerações e os penosos protocolos de experiência de uma psicologia da aprendizagem, incluindo-se aí a mais recente e também a mais próxima das noções deleuzianas de ajustamento, de adaptação, de acomodação. É preciso que passemos a um outro domínio, o da própria vida, e não mais o do laboratório, do observatório pedagógico escolar. Deixamos para trás Rousseau e Freinet. A linha de fuga da infância se desenha ou em *O aluno*, de Henry James, ou em *O destino da carne*, de Samuel Butler, ou ainda em *Anton Reiser*, de Karl-Philipp Moritz, ou em *Narciso e Goldmund*, de Hermann Hesse. A aprendizagem segue a via dos encontros e dos amores e não os métodos de uma pedagogia sempre impotente, ultrapassada pelas paixões. “Não existe método para encontrar os tesouros e muito menos para aprender”. E, entretanto, por um paradoxo que se cola a todas as grandes ideias, é possível que essa via, essa escapada altamente transgressiva de toda instituição, esteja, ao mesmo tempo, em descobrir propriedades ainda desconhecidas para uma educação sistematicamente orientada e utilizável para fins sociais (ROMAGNOLI, 2009).

se esboça pretende pensar, imaginar, engendrar, embora de modo sucinto, uma pedagogia dos possíveis, uma pedagogia rizomática, para além de resultados de testes e provas que ranqueiam escolas e bairros. Enquanto uma educação menor (GALLO, 2008, p. 64-65) se compõe enquanto construção de novos territórios, outras linhas do fazer política e de valores coletivos que apostam nas multiplicidades que rizomaticamente se [inter]conectam, gerando novas multiplicidades tanto para a pesquisa e também para os currículos perambulantes escolares. O corpo que intervém tem a possibilidade de questionar as suas lógicas de pensar e os seus modos de agir, a fim de criar novos dispositivos de trabalho. Assim, podemos dilatar as discussões sobre o corpo educacional, a fim de torná-lo mais móvel, estrangeiro de si, ou mais disposto a experimentar a potência do estranho que o acomete. Isso implica uma tentativa de tornar o gesto educacional mais intensivo, mais aberto aos contatos com o bairro e a escola, pois isso traz o gosto pela própria destruição e pela construção de novos limites.

Apolo Dionísio aprendeu o que talvez já soubesse: que não há uma única forma de produzir e fazer a educação, mas várias maneiras de trabalhar, pensar e intervir numa escola, num bairro. Apesar de suas múltiplas facetas, não raras vezes, Apolo ficou grudado a determinados jeitos de intervenção, como se fossem os únicos possíveis. Em outros momentos desgrudava e com mobilidade, leveza, escuta e diálogo de um professor disposto a perambular nas muitas linhas e que apostam em diferentes composições, que possam ser inventadas, aprendidas ao dizer sim à vida e pela aposta no sim, também aposta no aprendizado.

Então, em vez de imitar as formas já existentes de trabalho (disciplinar), podemos diluir a forma atual e transformá-la em outra (borrando os limites), ou, ainda, provocar o derretimento do contorno atual, para que dele nasçam novos desdobramentos e outros jeitos de ensinar e aprender. Sair do prédio convencional, reunir no CRAS, no PA do Adolfo, ir para o meio das árvores próximo à sede da escola, ir ao mangue, fazer um intercâmbio com outra escola, ficar atento aos desdobramentos desses movimentos. Explodir as formas cristalizadas, as homogeneizações, os controles sobre os corpos, para borrar os limites, para fazer girar, bambolear, saltarem, rastejarem com qualquer coisa que impede a potência do corpo e encontrar novas expressões e significações no contexto da produção de conhecimento que dê primazia a educação. Apolo tomado pelo espírito dionisíaco, pensa, mesmo que isso signifique errar no que faz, no que diz, mas um errar e dizer atentos, atento ao companheiro que dança ao lado, que gira com ele buscando novas expressões perambulantes, saltitantes, inúteis, sem sentidos pedagógicos.

Às vezes, Apolo Dionísio é capaz de abrir nossos discursos pelo meio, ou qualquer outra parte, para que dessa rachadura nasçam novos vincos para a intervenção. Não se trata, pois, de uma invenção aleatória, mas rizomática.

Ora, esse não seria, também, o intuito da educação? Isto é, subverter as formas cristalizadas, as homogeneizações, os controles sobre os corpos, para poder ir além, para fazer girar com toda a forma que impede a potência do corpo? Poderia a própria educação resistir às reterritorializações da educação maior (macro), cooptações, reinserções no contexto da máquina de controle, perda do potencial libertário, enfim durezas, impasses? Arriscar-se nas intensidades de novas intervenções, novas posturas, novas relações com o mundo? Máquina de resistência. Então, ativar tal potência significa dar movimento ao quefazer da educação, fazendo-os girarem, bambolearem, saltarem, rastejarem, encontrarem novas expressões e significações no contexto da produção de conhecimento que de primazia a vida. Vida essa que, não raras vezes, parece meio amorfa, parada, quieta, estática. Portanto, é possível resistir mais à padronização das intervenções e das produções do saber em educação, a fim de promover certos giros e reviravoltas nos discursos educacionais – currículo perambulante. É quando Apolo Dionísio se entrega ao perambular entre... entre as certezas e os riscos, que podem ativar resistências e celebrações.

São saberes que acionam os próprios limites, no momento em que se dão conta de que estão rodeados por um *non sense*, um não saber, que envolve aquilo em que tinham segurança. Com isso, tem a chance de aprender a se deliciar com a própria diluição, no sentido da apropriação do desmanche de ações descontextualizadas ou desprovidas de sabor – afinal na festa e na dança há de ter a comida, pois a bebida não falta. Demandas possíveis são procuradas em educação, com um olhar abrangente sobre o sujeito, não apenas ao que ele é, mas àquilo que serão virtualidades, devires, fluxos – que poderão ser acontecimentos acontecidos e interrompidos. A presença de Apolo Dionísio e seus colegas se atualizaram quando estavam juntos com o outro; se atualizará em outros lugares com outros ainda e os que ficam nos lugares que já estiveram se atualizarão com outros quando agenciarão suas enunciações como arranjos nas muitas relações de saber/poder que se atualizam em suas vivências.

Apolo Dionísio é o espírito que implica em educadores que abriram mão de suas certezas, de valorizar – para além das medidas, do quantificável, do verificável – as interações na aprendizagem e foram visualizadas em muitas práticas cotidianas em educação. Apolo



Dionísio também experimentou novas intensidades, ao se deparar com o próprio vazio, instaurou algum tipo de esburacamento em seus saberes. Nesse perambular de Apolo Dionísio, certezas e riscos, a profissionalidade (de Apolo e seus amigos] tem a possibilidade de vagamundear entre o equilíbrio e o desequilíbrio, entre a forma e o amorfo, ao compor novos enredos para o seu quefazer e descobertas. As intervenções podem se arriscar a se lançar no imprevisto dos possíveis<sup>68</sup>, ao experimentarem novos olhares e novas sensibilidades para com os sujeitos. Apolo Dionísio, professor, em êxtase de si, esvaziado de suas certezas, pode se lançar em novos encontros, ao abrir o próprio corpo para o mundo da vida que o afeta e o convida a dançar. Quando percebe que é hora de resistir ao que se configurou e se atualizou nele, então pode acionar outros acessos ao mundo da vida, para fazer, de tal encontro, experiências de novas territorialidades em quefazeres profissionais.

Em Apolo Dionísio dói muito ouvir que uma região metropolitana, que uma cidade dessa região, que um bairro de uma cidade dessa região, que os moradores de um bairro de uma cidade dessa região, que as escolas que os moradores de um bairro de uma cidade dessa região frequentam são vítimas da habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, de um povo ou lugar, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa, daquele povo, daquele lugar. Os estereótipos são incompletos. As histórias daquele lugar, povo ou pessoa podem ser usadas para potencializar; inventar novas formas de luta e resistência; [re]inventar e promover a vida. A questão é como balancear narrativas que são maravilhosas com narrativas que revelam feridas e ódio próprio? Equilibrar a ideia de nossa completa vulnerabilidade com a nossa completa transformação ou o que é possível. O desafio é ir além de retóricas para um lugar de questionamento ético (ADICHIE, 2009).

---

<sup>68</sup> A aposta ética do experimentar: o tensionar; experimentar e depois dizer se funcionou; da prudência necessária que aponta para processos criativos e não precisa de verdades interiores, pré-concebidas, programadas, assujeitadoras; entre a experimentação e a prudência a ética do improviso: sempre partindo para sabe-se lá onde, mesmo que a sensação seja de retorno ao mesmo território.

## 8 INVENTANDO UMA CONTINUIDADE

... É falso. Tudo o que não invento é falso<sup>69</sup>

Quando o novo ano letivo se iniciou, Apolo Dionísio e o seu trabalho na escola estavam como um prato de comida em “banho Maria”. Apolo Dionísio iria para o seu curso e a escola voltaria para a sede no bairro. Sua licença saiu três meses depois do início das aulas e a escola ficou ali ainda por mais oito meses. O que Apolo fez? Nada. Observou, anotou e conversou.

Depois disso continuou a se encontrar com os demais colegas. Se encontram, telefonam, almoçam juntos, vão a casa um do outro e se encontram até em teatros e não falta aquela gargalhada longa e alta:

Aí amigão – como vai o doutorado? Pergunta Eleutherios.

Apolo Dionísio – Muito bom! Estou feliz lá! E você como vai? Como vai o seu trabalho na nova escola?

Apolo Dionísio e seus amigos se constituem em meio às engrenagens da educação no bairro que foi o território. Eles inventam saídas, inventam formas de viver. Formas de viver que extrapolam as normas, as leis, os parâmetros. Apolo Dionísio dança e convida os outros. Seus movimentos vão traçando desenhos, percursos, trajetórias... Eles são matéria-viva.

Começam a falar de relações com pessoas queridas, de recordações, lembranças, amores, paixões, escola, estudos, trabalho, livros/leituras, educação... gracejos, entre histórias engraçadas e risos com uma cerveja bem gelada...

---

<sup>69</sup> SILVA; CORRAZA, 2003, p. 104

## REFERÊNCIAS

### Livros

AGENDA Cariacica. Planejamento sustentável da cidade 2010-2030. Cariacica: PMC, 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/fabiohuterere/docs/cariacica>>. Acesso em 08 jul. 2012.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 131-149.

ALVES, Rubem. **Estórias de bichos**: e das gentes que moram neles... São Paulo: Loyola, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Por uma sociologia crítica**: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BECK, U. A reinvenção da política. In: BECK, U; GIDDENS, A; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Editora UNESP, 1997. p. 11-71.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **A qualidade no ensino na escola pública**. Brasília: Liber, 2005.

\_\_\_\_\_. Celso de Rui. **Relações entre a qualidade e quantidade no ensino comum**. Revista da Ande, São Paulo: Editora Cortez, n. 1, p. 49-56, jul. 1981.

BEZERRA, Omyr Leal. **Cariacica**: resumo histórico. 2. ed. Cariacica: IPEDOC, 2009

BINZER, Ina von. **Os meus romanos**: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BOGUE, Ronald. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Suzana Oliveira (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e vida e fabulação e... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas: ALB, 2011. (p. 17-35).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Vol II

CARIACICA em Dados. Prefeitura Municipal de Cariacica. 1. ed. (ago. 2011). Cariacica: PMC, 2011. Vol. ún. Disponível em: <[http://www.cariacica.es.gov.br/download/cariacica\\_dados\\_web.pdf](http://www.cariacica.es.gov.br/download/cariacica_dados_web.pdf)>. Acesso em 08 jul. 2012.

CARIACICA. **Lei nº 4373 de 10 de janeiro de 2006**. Prefeitura Municipal de Cariacica. Disponível em: <<http://www.legislacaoonline.com.br/cariacica/images/leis/html/L43732006.html>>. Acesso 25 ago. 2013.

CARVALHO, José Murilo de. Fundamentos da política e da sociedade brasileiras. AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio. O. (Orgs.). **Sistema político brasileiro: uma introdução**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação Unesp, 2004. p. 21-32.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, G. 1992. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles. **Cursos de Gilles Deleuze sobre Spinoza**. Vincennes, 1978-1981. Seleção e introdução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Hélio Rebello Cardoso Jr. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2009.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. **Nietzsche a e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. Vol. 1. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. Vol. 3. (Coleção TRANS).

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ESCÓSSIA, Liliana da; TADESCO, Silva. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

EURIPEDES. As Bacantes. In: EURIPEDES. **Ifigênia em Áulis; As Fenícias; As Bacantes**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005. p. 203- 275.

FAUTINI, Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KOHAN, Valter Omar. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. (Coleção Tendências v. nº 7)

\_\_\_\_\_. **A parte do diabo**. Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MALAGUZZI, L. **La educación infantil en Reggio Emilia**. Barcelona: Octaedro; Rosa Sensat, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. W. **Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Curitiba: Hermus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos finais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PATTO, Maria Helena. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

PINEL, Hiran. **Educadores de rua, michês e a prevenção contra as DST/AIDS**: uma compreensão frankliana do ofício no sentido da vida. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000.

QUINTANA, Mario. **Esconderijos do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 1980.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e Escola: uma relação marcada por preconceitos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (Tese de Doutorado), 2000.

SCHAMA, Simon. **O poder da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 145-164.

SILVA, Tomaz Tadeu da; CORAZZA, Sandra Mara. **Composições**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TADDEO, Carlos Eduardo (F.C). **A guerra não declarada na visão de um favelado**. Edição do Autor: São Paulo, 2012.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001. Série Educação em Ação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Biblioteca Central. **Normatização de referências bibliográficas**: NBR 6023. 2. ed. Vitória: A Biblioteca, 2006.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Central. **Normatização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES. 6. ed, rev. e ampl. – Vitória: A Biblioteca, 2006.

VEIGA NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

## Artigos

ALVES, Maria Tereza Gonzaga; SOARES, José Francisco. Contexto escolar e indicadores educacionais: condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional. In: **Educação e pesquisa**. V. 39, n. 1, jan./mar. 2013. São Paulo: FE/USP, 1975. Disponível em: <<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp-content/uploads/2013/03/V.-39-n.01-2013-Livro-1.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2012.

CABRAL, Estela; SAWAYA, Sandra Maria. Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: os psicólogos nos serviços públicos de saúde. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 6, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2001000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2001000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 jul. 2011.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. A amizade de como paisagem conceitual e o amigo como personagem conceitual, segundo Deleuze e Guattari. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, de 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 14 out. 2014.

\_\_\_\_\_. Pensar a pedagogia com Deleuze e Guattari: amizade na perspectiva do aprender. **Educ. Real**. Porto Alegre, v. 31, n. 01, jun. 2006. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-31432006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432006000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 out. 2014.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, pp.15-24, Jan/Jun 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/sarmiento.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2009.

FEITOSA, Fabio Biasotto et al. Suporte social, nível socioeconômico e o ajustamento social e escolar de adolescentes portugueses. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, dez. 2005.

Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 jul. 2011.

FERRACO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 mar. 2013.

FREITAS, Alexander de. Apolo-Prometeu e Dioniso: dois perfis mitológicos do "homem das 24 horas" de Gaston Bachelard. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n.1, abr. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 nov. 2013.

GARCIA, Wladimir. Territórios virtuais e educação. In: **Educação e Realidade**, 27(2): 67-76, julho/dezembro de 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25917>>. Acessado em 22 out. 2013.

LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. **Educação & Sociedade**, 26(93), p. 1229-1256. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000400008&lng=e&tlng=>](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400008&lng=e&tlng=>)>. Acesso em 15 jan. 2014.

LOPES, Antonio Orlando Dourado. Natureza dos deuses e divindade da natureza: reflexões sobre a recepção antiga e moderna do antropomorfismo divino grego. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 51, n. 122, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 13 ago. 2013.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e o renascimento do trágico. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 ago. 2013.

MAURICIO, Eduardo; MANGUEIRA, Mauricio. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 mar. 2013.

OLIVEIRA, Ueber José de. **Relações de poder e políticas educacionais no Município de Cariacica-ES: aspectos históricos e mudanças institucionais (2005/2008)**. In: história e-história. Grupo de pesquisa arqueologia histórica da Unicamp, SP. 24 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=376>>. Acesso em 14 jul. 2011.

PELBART, Peter Pál. Vida nua, vida besta, uma vida. In: HAMBURGER, Esther; LAGNADO, Lisette; LEITE NETO, Alcino (editores). **Trópico: ideias de norte a sul**. 2006. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>>. Acesso em 20 dez. 2013.

PORTO-GONCALVES, Carlos Walter; SILVA, Rodrigo Torquato da. Da lógica do favor à lógica do pavor: um ensaio sobre a geografia da violência na cidade do Rio de Janeiro. **Polis**, Santiago, v. 10, n. 28, abr. 2011. Disponível em

<[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-65682011000100017&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682011000100017&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 18 mar. 2013.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, ago. 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 jan. 2014.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Humanização e atenção primária à saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, set. 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 nov. 2013.

VASCONCELLOS, Jorge. Teatro & filosofia em Gilles Deleuze. In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de (Orgs.). **Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas: ALB, 2011. (p. 205-214).

### CD/DVD - música

BROWN, Mano. Vida Loka parte II. In: BROWN, Mano. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Unimar Music, 2002. 2 CD duplo, Faixas 07 disco 2. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/rationais-mcs/vida-loka-parte-ii.html>>. Acesso em 10 abril. 2014.

TEIXEIRA, Renato. **Vida malvada**. In: TEIXEIRA, Renato. Garapa. São Paulo: RCA Victor, 1980. 1 CD, Faixa 6. Disponível em: <<http://www.kboing.com.br/renato-teixeira/>>. Acesso em 10 jul. 2013.

TOM ZE; ASSIS, Gilberto. **Desafio**. In: TOM ZE. Jogos de Armar, trama. São Paulo: A&R Kid Vinil, 2003. 1 DVD, Faixa 5. Disponível em:

<[http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=65%3Ajogos-de-armar-trama-2000&catid=6%3Adiscografia&Itemid=22#5](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=65%3Ajogos-de-armar-trama-2000&catid=6%3Adiscografia&Itemid=22#5)>. Acesso em 10 jul. 2013.

### Moradores nas redes sociais

ASSOCIAÇÃO de moradores de Flexal II Cariacica-ES. ASMOF II. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Associa%C3%A7%C3%A3o-de-moradores-de-Flexal-2-Cariacica-ES/254553221355831>>. Acesso em 06 nov. 2013.

SILVA, Franciele. **Orkut**. Disponível em:

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=18247654&tid=5378333205887695452>> Acesso em 15 jun. 2012.



## Sites

A GAZETA online. **IBGE aponta que 387 adolescentes tiveram filhos no Estado em 2010.** Disponível em:

<[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2011/12/a\\_gazeta/minuto\\_a\\_minuto/1045561-ibge-aponta-que-387-adolescentes-tiveram-filhos-no-estado-em-2010.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/a_gazeta/minuto_a_minuto/1045561-ibge-aponta-que-387-adolescentes-tiveram-filhos-no-estado-em-2010.html)>. Acesso em 15 jun. 2013.

ALVES, José Claudio de Sousa. Uma guerra pela regeografização do Rio de Janeiro. Entrevista especial José Claudio de Sousa Alves. **Instituto Humanitas Unisinos**, sábado 27 nov. 2010. Entrevista concedida a IHU ON-Line professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e membro do Iser Assessoria. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/38721-uma-guerra-pela-regeografizacao-do-rio-de-janeiro-entrevista-especial-com-jose-claudio-alves>>. Acesso em 17 jul. 2013.

BERNARDES, Flávia, jornalista. Cariacica cria UC de manguezais ainda neste semestre. **Século Diário**. Vitória, ES. 20 mar. 2007.

<[http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2007/maio/02/noticiario/meio\\_ambiente/02\\_05\\_08.asp](http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2007/maio/02/noticiario/meio_ambiente/02_05_08.asp)>. Acessado em 25 maio 2012.

BRASIL. Câmara Federal dos Deputados. **Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o avanço e a impunidade do narcotráfico**. Brasília, Câmara Federal dos Deputados, nov 2002. (relator: deputado Moroni Torgan). Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.camara.gov.br%2FInternet%2Fcomissao%2Findex%2Fcpif%2Frelfimnarco.doc&ei=G9HOUu28EobakQe8yYDgDQ&usq=AFQjCNFvIPccajHw9jJIEghyofpiUHDZOW&sig2=AOThhJrIyAQaWdrO8Jzxcg&cad=rjt>>. Acesso em 09 jan. 2014.

BRESSANHA, Felipe; ALMEIDA, Rodrigo de; INAGAKI, Alexandre; RAFUCKO; DÓRIA, Pedro. **Protestos e redes sociais: a mudança de poder na mídia**. YouPIX RIO 2013. 18 e 19 out. 2013. Entrevista concedida a David Butter. Disponível em:

<<http://youpix.com.br/festival/>>. Acesso em 23 out. 2013.

IBGE. Censo de 2010. Fundação Instituto brasileiro de geografia e estatística, dados referentes ao município de Cariacica. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados\\_dou/ES2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/ES2010.pdf)>. Acesso em 03 jul. 2013.

LISBOA, Vinicius. Pesquisa mostra que moradores das favelas são mais otimistas que brasileiros em geral: radiografia das favelas brasileiras mostra que 93% dos moradores de favela acreditam que a vida vai melhorar em 2014. **Rede Brasil Atual**, Agência Brasil, Cidadania, 04 nov. 2013. Disponível em:

<<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/11/moradores-das-favelas-sao-mais-otimistas-que-brasileiros-em-geral-diz-instituto-9102.html>>. Acesso em 06 nov. 2013.

MUJICA CORDANO, José Alberto. Uruguay: Mujica básico, o cómo conviver con todo aquello que se detesta, por Antoni Traveria. **El Puercoespín**. 30 dez. 2013. Entrevista concedida pelo presidente do Uruguai. Disponível em:

<<http://www.elpuercoespín.com.ar/2013/12/30/uruguay-mujica-basico-o-como-convivir-con-todo-aquello-que-se-detesta-por-antoni-traveria/>>. Acesso em 14 jan. 2014.

PEREIRA Aildo. **Manifestação no contorno**. Disponível em: <<http://www.4shared.com/all-images/Tucxe3uW/online.html>>. Acesso em 02 jul. 2013.

RODRIGUES, Argeu; RAMOS, Pedro de Souza. Redescobrimo o Flexal: uma entrevista sobre nossas origens e histórias. **Comunica Flex**. Jornal da rede juventude de atitude em Flexal, Cariacica/ES, ano 2012, n. 1, p. 3, 1º semestre de 2012. Disponível em: <[http://juventudedeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/07/comunica\\_flex\\_baixa.pdf](http://juventudedeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/07/comunica_flex_baixa.pdf)>. Acesso em 05 jul. 2013.

GAVINI, Rodrigo. **Foto Cariacica**. Foto Manque. Flexal. Cartão Postal. Disponível em: <<http://rodrigogavini.wordpress.com/2010/03/08/cariacica/foto-mangue-cartao-postal/>>. Acesso em 03 07 2013.

SILVA, Maria Amélia Bonfante da, BERNINI, Elaine; CARMO, Tania Mara Simões do. **Características estruturais de bosques de mangue do estuário do rio São Mateus, ES, Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v19n3/27360.pdf>>. Acessado em 25 maio 2012.

SOFFIATI, Arthur. **Dez manguezais no Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.oeco.com.br/convidados/16744-oeco13640>>. Acessado em 25 maio 2012.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Entrevista Eduardo: facção central**. Rap Nacional. 20 out. 2009. Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/portal/eduardo-facciao-central/>>. Acesso em 11 jan. 2014.

ZALUAR, Alba. A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n. 1, June 2002. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252002000100019&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 20 set. 2013.

### Teses e dissertações

ALARCON, Sergio. **O diagrama das drogas**: cartografia das drogas como dispositivo de poder na sociedade brasileira contemporânea. 2008. 331f. Tese (Doutorado em Ciências - Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

AMARAL, Jerônimo. **Qualidade de vida-qualidade ambiental**: elementos indicadores de subintegração na bacia do rio Bubu nos Bairros Flexal I, Flexal II, Nova Canaã e Vila Prudêncio. 2002. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Ana Christina Wigner Gímenes.

BONALDI, Cristina Mara. **Cachaça, suores, amores**: deuses que dançam e processos de formação em saúde. 2011. 146f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

KATZ, Dalia. **Configurações espaciais da interface entre os habitantes e a natureza da cidade**: o caso da favela de Paraisópolis. 2008. 156f. Dissertação (Mestre em Arquitetura e

Urbanismo) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

MACIEL JÚNIOR, Edson. **O que é e como é ser sendo com necessidades educacionais em contextos escolares e não escolares: o sujeito fenomenológico-existencial constituído e/ou inventado na/da educação especial.** 2006. 284 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

PAIVA, Jair Miranda de. **Agenciamentos nômades, pensamento, experiência: fragmentos de um projeto de implantação de filosofia e ciências sociais em uma escola de Cariacica (ES).** 271f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

PAIVA, Jair Miranda de. **Agenciamentos nômades, pensamento, experiência: fragmentos de um projeto de implantação de filosofia e ciências sociais em uma escola de Cariacica (ES).** 271f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown.** 293f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2012.

## Vídeos

ABANI, Chris. Talks: **Chris Abani sobre as histórias da África.** TED: Ideas worth spreading jun 2007. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/chris\\_abani\\_on\\_the\\_stories\\_of\\_africa.html](http://www.ted.com/talks/chris_abani_on_the_stories_of_africa.html)>. Acesso em 1 mar. 2012.

ADICHIE, Chimamanda N. Talks: **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história.** TED: Ideas worth spreading jul. 2009. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)>. Acesso em 1 mar. 2012.

ASAS do desejo. Direção: Wim Wenders. *Produção: Peter Przygodda. Intérpretes: Bruno Ganz (Damiel); Solveig Dommartin (Marion); Otto Sander (Cassiel); Peter Falk (Ele Mesmo); Roterio: Peter Handke (escritor), Richard Reitinger (roteiro), Wim Wenders (escritor). Música: Jürgen Knieper.* Alemanha/França: Road Movies Argos Films, 1987. 127 min. Preto e Branco e Colorido. **Título original:** Der Himmel Über Berlin.

BROWN, Mano. **Mano Brown:** Pedro Paulo Soares Pereira. Rodaviva. 23 set. 2007. Entrevista concedida a Paulo Markun, e os entrevistadores: Renato Lombardi, Paulo Lima, José Nêumanne Filho, Paulo Lins, Maria Rita Kehl, Ricardo Franca Cruz. Charges: Paulo Caruso. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm1081>>. Acesso em 22 jun. 2011.

ENTRE os muros da escola. (Entre les murs). Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo e Carole Scotta. Interpretes: François Bégaudeau; Nassim Amrabt; Laura Baquela;

Hallee Blee; Cherif Bounaïdja Rachedi; Juliette Demaille; Dalla Doucoure; Arthur Fogel; Damien Gomes. Roteiro: Robin Campillo; Laurent Cantet e François Bégaudeau. França: Produtora/Studio: Haut et Court; Canal +; Centre National de la Cinématographie; France 2 Cinéma; Memento Films Production. 2008. 1 DVD (128 min). Colorido.

MWENDA, Andrew. Talks: **Andrew Mwenda provê uma nova visão da África**. TED: Ideas worth spreading jun. 2007. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/andrew\\_mwenda\\_takes\\_a\\_new\\_look\\_at\\_africa.html](http://www.ted.com/talks/andrew_mwenda_takes_a_new_look_at_africa.html)>. Acesso em 1 mar. 2012.

PERFUME de mulher. (Scent of a Woman). Direção: Martin Brest. Produção: Martin Brest, Ronald L. Schwary. Interpretes: Al Pacino, Chris O'Donnell, Gabrielle Anwar, James Rebhorn e outros. Roteiro: Bo Goldman, Ruggero Maccari, Dino Risi. Trilha Sonora: Thomas Newman. EUA: Universal Pictures / City Light Films, 1992. 1 DVD (157 min). Colorido.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Palestra Eduardo ex facção central em Francisco Morato**. Parte 1. 29 set. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PGvVtbY6bD0>>. Acesso em 10 jan. 2014.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Palestra Eduardo ex facção central em Francisco Morato**. Parte 2. 29 set. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=01c3ynOZWkc>>. Acesso em 10 jan. 2014.

**ANEXOS**

**ANEXOS**



Foto 21 – Início da ocupação da área<sup>70</sup>. Bairro morrado.



Foto 22 – Pessoas capinando o terreno para provável construção de casas.

---

<sup>70</sup> Alda Pimenta, Elza Rodrigues e a secretária da escola Rosangela Pinheiro cederam as imagens antigas de Flexal em 2006 para atividades de Sarau realizadas na escola.



Foto 23 – Primeira Missa da Igreja Nossa Senhora de Fátima, realizada pelo Padre Bernardo. E outras dirigidas pelo Padre Gabriel. Esse padre acompanhou desenvolvimento do bairro desde a sua fundação.



Foto 24 – Avenida Nossa Senhora da Penha.



Foto 25 – Templo da Igreja Católica na Rua Principal



Foto 26 – Campo do Apollo. Estrela Futebol Clube





Foto 27 – Construção da residência da Senhora Elza na Rua 23 de agosto.



Foto 28 – Carinho de fruta de Odilon (im memorian); vendia e tornou famosa as “maças do amor” de dona Elza.